

Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Literatura

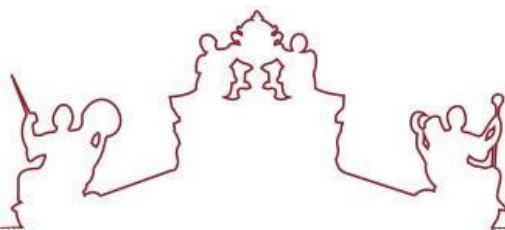
Tese de Doutoramento

Fanfiction - Novas formas de produção e consumo literário

Diana Maria Capela Cabral

Orientador(es) / Carla Ferreira de Castro

Évora 2020



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Literatura

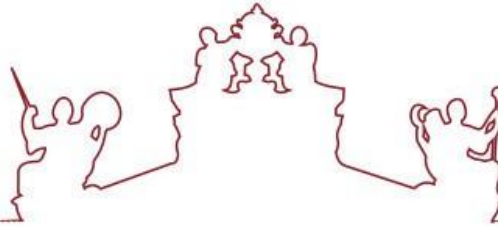
Tese de Doutoramento

Fanfiction - Novas formas de produção e consumo literário

Diana Maria Capela Cabral

Orientador(es) / Carla Ferreira de Castro

Évora 2020



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Instituto de Investigação e Formação Avançada:

- Presidente / Elisa Nunes Esteves (Universidade de Évora)
- Vogal / Jorge M. Martins Rosa (Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas)
- Vogal / Fernando Gomes (Universidade de Évora)
- Vogal / Isabel Maria da Cruz Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
- Vogal / Jeffrey Scott Childs (Universidade Aberta)
- Vogal / Cláudia Sousa Pereira (Universidade de Évora)
- Vogal-orientador / Carla Ferreira de Castro (Universidade de Évora)

Nota prévia

O presente trabalho encontra-se redigido de acordo com as regras do novo acordo ortográfico.

Dedicatória

Dedico este trabalho à *fandom* que me acolheu e deixou crescer desde cedo.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Doutora Carla Castro por aturar a loucura que inevitavelmente segue qualquer fã quando tem hipótese de falar sobre aquilo de que gosta.

Agradeço à minha família pelo apoio.

Agradeço à Academia por ouvir.

Resumo

Fanfiction: Novas formas de Produção e Consumo Literário

A *fanfiction* é uma forma de produção textual paralela que se encontra largamente inexplorada na Academia Portuguesa. O objetivo deste trabalho é apresentar a *fanfiction* e as suas conexões ao campo Académico da Literatura através dos pontos comuns do Leitor, do Escritor e do Autor, legitimando a sua produção, presença e hábitos de leitura.

Abstract

Fanfiction: New Formulas of Literary Production and Consumption

Fanfiction is a parallel textual production that has remained largely unexplored within the Portuguese Academia. The goal of this essay is to present the *fanfiction* and its connections to the Academic field of Literature through their communalities such as the Reader, the Writer and the Author, legitimizing its production, presence and reading habits.

Índice

<i>Nota prévia</i>	iv
<i>Dedicatória</i>	v
<i>Agradecimentos</i>	vi
<i>Resumo</i>	vii
<i>Abstract</i>	viii
<i>Índice</i>	ix
<i>Introdução</i>	10
<i>1 – Conteúdo, Contexto, Cronologia e Conexões</i>	13
<i>2 - O Autor Permanece</i>	66
<i>3 - O Leitor</i>	82
<i>4 - O Escritor</i>	103
<i>5 - Análises Textuais</i>	130
<i>6 - Sites</i>	153
<i>Conclusão</i>	178
<i>Glossário:</i>	186
<i>Bibliografia</i>	193
<i>Anexo 1</i>	207
<i>Anexo 2</i>	210
<i>Anexo 3</i>	213

Introdução

O propósito desta tese encontra-se na apresentação da *fanfiction* à Academia Portuguesa sob a sua vertente literária, demonstrando a sua conexão e pertença ao campo da Literatura.

A *fanfiction* é uma forma de produção textual levada a cabo por fãs a partir do original ou cânone da sua preferência, publicada online para outros que partilham o mesmo interesse. Apesar de o seu lugar como produção de texto literário, potencial de Literatura e lugar enquanto elemento da Academia já se encontrar encaixado e cimentado na Academia Inglesa este estilo de produção encontra-se ainda na obscuridade e marginalidade perante grande parte das realidades Académicas que não pertencem à Língua Inglesa.

A investigação usa os elementos comuns do Leitor, Autor e Escritor para encontrar e explorar os pontos de contacto entre a *Fanfiction* e a Literatura. Colocar estes elementos em maiúscula é uma indicação que as suas definições precisam de ser equacionadas e exploradas dentro de ambos os conceitos pois uma definição pode ter um eco do senso comum e do conhecimento coletivo comum aos participantes de uma área teórica, mas ter uma diferença de interpretação que significativamente altera o contexto e, portanto, o significado desse mesmo conceito.

Aliando a *fandom* e a academia começa com a consulta dos livros centrais para a constituição do campo de *Fan Studies*, sendo os autores Bacon-Smith, Jenkins e Verba centrais para a construção e articulação da teoria. Expandindo a pesquisa a partir dos seus escritos para outros da mesma área e especificamente procurando as conceções ligadas à literatura, mantendo abertas as conceções com outros campos do conhecimento académico, separados ou periféricos das Línguas e Literatura, e estreitando essa pesquisa para o foco mais estrito de *apresentação*, ou seja o primeiro contacto, o definir e enquadrar, o demonstrar o funcionamento da *fanfiction* em si no espaço digital e exemplificar conteúdos textuais de *fandoms*-chave, assim como a adição de um glossário para facilitar compreensão da terminologia da *fandom* usada ao longo do texto.

Os conteúdos foram então divididos da seguinte forma:

O primeiro capítulo foca-se na apresentação do objeto a ser analisado, a *fanfiction*. As suas definições, origens, os contextos e as circunstâncias de áreas que contribuem para a construção do que é a *fanfiction* e da percepção da mesma perante o seu grupo de origem e perante as áreas teóricas com as quais contacta de forma direta ou indireta.

O segundo capítulo dedica-se à exploração do conceito de Autor, a forma como o mesmo se constrói e desconstrói perante os produtores e consumidores de *fanfiction* assim como as teorias literárias que acompanham e espelham essa mesma formulação.

O terceiro capítulo centra-se na exploração do Leitor como a nova figura central da literatura. Como aquele que lê e interpreta e se torna propenso à criação de originais, teorias e de *fanfiction*.

O quarto capítulo transfere a sua atenção para o Escritor, que foi separado da sua equivalência ao Autor, como produtor de texto não publicado e, mais especificamente, o produtor de *fanfiction*.

O quinto capítulo foca-se na análise de três *fanfictions* selecionadas de três diferentes cânones, cada um considerado emblemático devidos às suas contribuições para o crescimento, consolidação e reconhecimento da *fanfiction*.

O sexto capítulo descreve os sites de apoio à criação e pesquisa de *fanfiction* e sites de arquivo e publicação dos textos para oferecer uma visualização do funcionamento técnico e digital da mesma.

Estes dois capítulos (*Análises Textuais* e *Sites*) são redigidos como um reflexo do mundo virtual onde a *fanfiction* se desenvolve, uma forma de oferecer um vislumbre das mecânicas para suplementar a apresentação e mostrar exemplos textuais de *fandoms* chave e *sites* essenciais para a publicação e disseminação de ideias, discussão e possibilidades.

Após a conclusão é agregada a terminologia específica da *fanfiction*, que foi utilizada ao longo do texto, para referência e consulta simplificada.

A *fanfiction* como fórmula de criação é parte de uma infraestrutura maior, criada e mantida pelos fãs que produzem, procuram e consomem os textos criados em paralelo ou derivados do cânone no qual o fã escolhe participar. O seu contributo de produção, participação e sobrevivência, especialmente quando colocado em contraste com a afirmação constante relativa à apatia ou vácuo de

leitura torna-se mais uma validação do seu potencial e pertença à literatura, uma evolução paralela nas margens dos textos sancionados cujo objetivo é apenas consumir, produzir, partilhar, discutir e interagir com texto, personagens e possibilidades, sem limites e sem julgamentos de valor, validade ou qualidade.

É esse objeto, a *fanfiction*, que aqui se apresenta.

1 – Conteúdo, Contexto, Cronologia e Conexões

Perspetiva

Para uma definição de *fanfiction* é necessário explorar diversos pontos de vista mantendo, ainda assim, uma ligação com uma noção pré-existente. *Fanfiction* é uma produção de texto literário escrita por um fã¹ para fãs. É com esta definição pessoal, contruída pela participação, interação e eventual introspeção, que se inicia a investigação do conceito e do seu lugar na Literatura compreendida sob a perspetiva da Academia.

A definição de *fanfiction* forma a base da tese uma vez que a mesma se encontra largamente inexplorada na Academia Portuguesa sob qualquer um dos campos de estudo através dos quais pode ser analisada.

Embora o foco do trabalho seja a relação entre Autor-Leitor-Escritor², omnipresente na criação e consumo da *fanfiction*, a sua presença e criação vista, examinada e dissecada sob os termos da Literatura, por forma a assumi-la como género literário, torna-se parte da análise e, portanto, da estrutura desta mesma investigação: Uma fórmula com potencial de gerar literatura, de gerar teoria

¹ **Fã:** *fan*; o seguidor, o entusiasta.

² O uso do termo Escritor para o produtor de *fanfiction* é uma separação deliberada do Autor e não são utilizados como sinónimos. *Author/Autor*: Quem criou o original/cânone (*canon*). *Writer/Esritor*: Leitor motivado que passou a imaginação provocada para uma página partilhada com outros Leitores do Autor e dos Escritores desse original.

Embora esta terminologia seja disseminada pela *fandom* mais recente, a que partilha a *fanfiction* e as suas discussões na Internet, alguns dos investigadores que se dedicaram ao tema desde que *Star Trek* codificou o fenómeno ainda utilizam o termo *author/autor* mas sem colocar a primeira letra em maiúscula. Em alternativa também se encontram as versões: *fan-author*, *fanfiction creator* ou só *creator*.

Canon: O texto cânone, o original.

Cânone é utilizado na tese de acordo com a definição adotada pela *fanfiction*. Dentro da literatura o significado do termo é algo que tem também os seus pontos de contestação e redefinição, podendo encontrar uma equivalência direta à versão da *fandom*, uma derivação na seleção dos textos em relação ao seu Autor ou a opção do conjunto de obras consideradas essenciais, icónicas ou representativas do seu género.

<https://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/canone/>

Fandom: *Fan domain*. A comunidade de fãs.

literária e formar leitores e escritores, de certa forma refletindo a posição de Terry Eagleton no seu livro de 1983, *Literary Theory: An Introduction*, onde refere que tudo pode ser literatura e o que o é pode deixar de ser. Traduzindo de forma simplificada³.

A contextualização do seu conceito, história, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e influências é necessária para a compreensão do tema e para a construção de uma argumentação fundamentada para uma apresentação do conceito, o iniciar da pesquisa Portuguesa do campo.

Salienta-se que as definições e conceitos não são estanques ou estáticos e que a preferência por um não invalida o outro. Como na própria *fanfiction* as fórmulas, cânones, géneros e conceitos estão aliados ao que se quer fazer do texto e à compreensão de quão fechado se crê o tema, uso ou regras explícitas ou implícitas. Na linha de argumentação de Eco na sua *Obra Aberta*⁴, tanto na interpretação que o autor considerou errónea, na idealização da eliminação dos limites interpretativos, como na ideia que Eco afirmava transmitir com a cooperação interpretativa, interdisciplinar, estética, linguística e semiológica em que o recetor/leitor do texto equilibra as intenções da obra, as intenções do Autor e as suas experiências, noção expandida na obra subsequente, *Os Limites da Interpretação*⁵.

A experiência do fã molda a sua perceção e definição do objeto, das formas que toma e como pode ser criado. A forma geral pode ser clara e, no entanto, quando questionada pode ter uma construção e conteúdos diferentes e, porém, continuar a convergir para a visão coletiva da *fandom*.

Sínteses

Fanfiction:

³ *Anything can be literature, and anything which is regarded as unalterably and unquestionably literature Shakespeare, for example can cease to be literature.* (Eagleton 9)

Eagleton, Terry. 1983. *Literary Theory: An Introduction*. 2ª Edição. Oxford: Blackwell Publishing. St. Catherine's College.

⁴ Eco, Umberto. 1962. *Obra Aberta*. Tradução João Furtado. Edição de 2016. Portugal: Relógio D'Água.

⁵ Eco, Umberto. 1989. *Os Limites da Interpretação*. Tradução José Colaço Barreiros. Edição de 2004. Lisboa: Difel.

Um gênero de produção literária com possibilidade de originar Literatura.
Uma forma de produção e consumo da palavra escrita.
Uma expressão artística homenageando o original.
Uma expressão escrita da frustração com o original.
Uma reinterpretação de como o original deveria ter seguido a sua história.
Literatura derivativa, derivada ou apropriadora.
Contra-literatura de crítica social.
Recriação subversiva da mensagem do patriarcado.
Expressão feminista de correção da opressão ou falta de representação, caracterização ou desenvolvimento da personagem feminina.

Exercício de intertextualidade.

Exemplo do desconstrucionismo literário.

1. Ficção criada fora do mercado literário; 2. Ficção que rescreve e transforma histórias; 3. Ficção que reescreve e transforma histórias que são, de momento, propriedade de outros; 4. Ficção escrita dentro e para os padrões de uma comunidade de fãs específica; 5. Ficção especulativa sobre as personagens ao invés de sobre o mundo; +1 Ficção grátis, mas não “por nada”.⁶

Debelação das hierarquias e preconceitos literários construídos por séculos de exclusão do novo e diferente, partilhado através de um meio em que todos possuem o mesmo nível de acesso.

Uma forma de Literatura Arcôntica.

Interpretação, análise e reformulação do original.

Escrita comunal e comunitária.

Reescrita com argumentação sociopolítica ou exploração de individualidade, identificação e aceitação.

Um espelho dos desejos da audiência/ público/ leitores.

⁶ Tradução livre dos títulos conceituais e de contextualização contidos na Introdução do livro *The Fanfiction Reader: Folk Tales for the Digital Age* de Francesca Coppa. A Introdução intitula-se *Five Things that Fanfiction Is, and One It Isn't*. A Introdução explora a noção que Coppa tem da *fanfiction* usando uma fórmula popular de criação da mesma. Cinco histórias diferentes sobre o mesmo tópico, com os mesmos personagens, na mesma fandom ou sob a égide de um desafio temático ou sazonal.

Coppa, Francesca. 2017. *The Fanfiction Reader: Folk Tales for the Digital Age*. Michigan: The University of Michigan Press. (2, 4, 6, 7, 12, 14)

Ferramenta de ensino de literacia, interpretação, capacidades de redação.

Pornografia escrita por mulheres para mulheres.

Recuperação dos métodos de escrita intertextual comuns na literatura medieval e renascentista, recuperando as fórmulas de pertença coletiva das histórias para interpretação e uso livre das temáticas e personagens desde que acrescentando ou expandindo conceitos ou narrativas.

Uma criação motivada por devoção ou decepção, impulso criativo, desejo de partilha e diálogo entre os que encontram prazer ou traição, interesse e alegria ou raiva num objeto de entretenimento, independentemente do seu meio de distribuição original (livro, filme, banda desenhada, jogos de vídeo, teatro, desporto, *anime*⁷, *manga*⁸, desenhos animados, celebridades, entre outras variações e possibilidades), destilando-o sob a forma escrita.

Um texto criado através da exploração e expansão de um original, subentendendo-se que esse original está, de alguma forma, publicado e atribuído a uma pessoa, coletivo ou pseudónimo reconhecido.

Exploração

A lista sintetiza as opiniões de vários leitores, autores, escritores e investigadores e, de certa forma, cruza-as numa fórmula que sempre termina na reconstrução/recriação/reinterpretação a partir de um texto, ou fonte. As definições são transversais, e, à exceção da tradução dos títulos de Coppa, encontram-se mencionadas de forma semelhante nos textos consultados e são reconhecidas pela *fandom*, refinadas, repetidas e alargadas por necessidade ou entretenimento.

Por sua vez a reconstrução/recriação/reinterpretação dessa fonte é encapsulada num objeto textual publicado de forma gratuita ou por um valor

⁷ Animação japonesa.

⁸ Banda desenhada japonesa.

simbólico apenas para recuperar o custo da impressão da *fanzine*⁹ ou pagar a permanência numa *mailing list*¹⁰.

Dependendo do ponto de vista escolhido pela definição adotada, vários textos originais, estilos e géneros podem encaixar-se na definição e produção de *fanfiction* embora comumente possuam outra definição perante o público e a Academia¹¹.

A *fanfiction* oferece aos seus leitores uma miríade de possibilidades, dos estilos de escrita aos estilos de leitura. Da mesma forma que uma livraria está dividida em secções, a *fanfiction* também subdivide os seus trabalhos sob as convenções dos géneros literários por forma a facilitar a sua localização num dos arquivos digitais¹², podendo estes aderir ou não às normas editoriais do seu género referido. Alguns arquivos são dedicados apenas a um género ou a uma *fandom*. Outros são abertos a todos. Outros requerem subscrição ou aprovação dos fãs que a ele pertencem ou de mediadores designados.

A disseminação da *fanfiction* entre o grupo é regulada pelo desejo dos seus participantes. Dentro dos grupos de discussão aparecem referências aos sites de arquivo, a *fanfictions* específicas ou um comentário de um anseio que leva outro participante a apontar o caminho para os arquivos. A partir do que se quer ler dentro da *fandom* em que se enquadra o Leitor procura nos arquivos o que foi produzido por outros, seleccionando de acordo com o que procura num texto. Ou, em casos de interesses-nicho, quando não encontra exatamente o que procura resigna-se a esperar e a discutir com outros que partilham esse interesse na esperança que um deles se torne o seu Escritor-fornecedor ou entusiasma -se e assume o papel de Escritor produzindo para si e, partilhando, acrescentando ao espólio da sua *fandom*.

⁹ **Fanzine:** *Fan Magazine* ou *Zine*. Na era antes da internet estas publicações de *fanfiction* eram revistas produzidas pelos fãs e vendidas nas convenções.

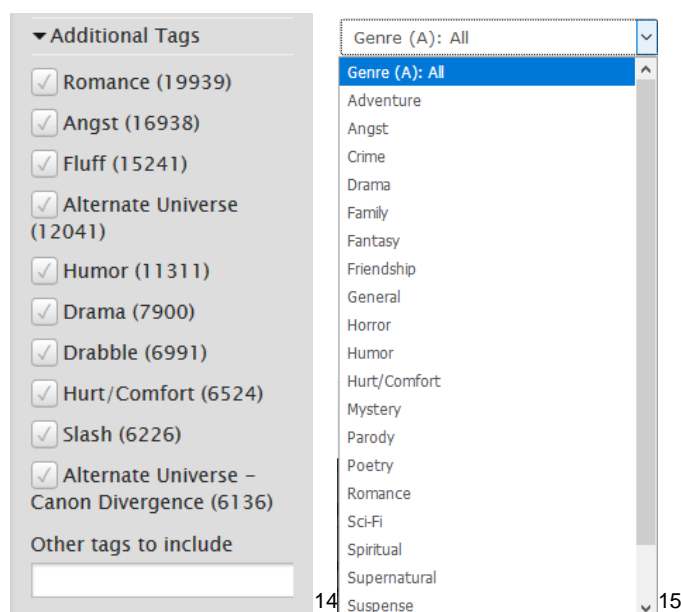
¹⁰ **Mailing Lists:** Listas de endereços, inicialmente por correio e mais tarde por e-mail, em que os subscritores recebiam *fanfiction* da *fandom* respetiva após inscrição com uma periodicidade pré--acordada.

¹¹ **Ex:Pastiche:** Pastiche enquanto publicação sancionada pelo autor ou editor utilizando o estilo e personagens do Autor original.

¹² *Fanfiction.net* ou *archiveofourown.org*.

Encontrar e escrever *fanfiction* é, geralmente um processo tão solitário como encontrar e escrever qualquer livro. Um leitor que caça a sua presa literária com base no que quer encontrar, usando as referências dos seus gostos, de comentários lidos em fóruns, jornais, notícias, ouvidos em rádios, televisões ou *podcasts*. Guiados por interesse pessoal, inicialmente a apreciação solitária do objeto transita em seguida para a partilha e discussão entre grupos que têm interesse nas mesmas ideias, temáticas e problemáticas para em seguida regressar à pesquisa/produção solitária. E mais uma vez para o convívio, num ciclo de interesse e discussão que promove o crescimento do leitor enquanto participante e do escritor enquanto produtor.

A pesquisa nos arquivos de *fanfiction* oferece opções dentro de cada fandom: geral¹³, romance, aventura, teatro, poesia, horror (...), géneros reconhecíveis ao leitor casual, a qualquer um que procura um objeto de entretenimento. Mas para lá desses géneros existem subgéneros específicos, criações feitas com base nouro tipo de necessidades e metodologias.



¹³ **Gen:** *Generic, general; Fanfiction* criada sem conteúdo sexual explícito.

¹⁴ https://archiveofourown.org/tags/Harry%20Potter%20-%20J*d*%20K*d*%20Rowling/works (3/12/2018)

¹⁵ <https://www.fanfiction.net/book/Sherlock-Holmes/> (filters) (3/12/2018)

Fans love the cults, the obscure, the cancelled, the foreign; fans are often motivated to transform the mediocre, the really-nearly almost great, into the marvellous by loving it into being with our brains: we tell it the way it should have happened. (Coppa. 2017. vii, viii.)

A criação da *fanfiction* pelo gosto da criação e da transformação, da satisfação da promessa que o Autor não concretizou, como Coppa procura exemplificar ao enquadrar o processo e o termo, são parte do que é a *fanfiction*, a parte que a *fandom* mais facilmente reconhece e de imediato admite como *fanfiction*.

Um exemplo da elasticidade textual usada na *fanfiction*, mas exemplificada através de algo clássico, aceite, teorizado e estudado seria o uso dos mitos Gregos na criação das peças de teatro Grego, quer nas suas tragédias, quer nas suas comédias.

O reescrever do mito para um público, muitas vezes inserindo uma moral, ação ou agenda politico-filosófica não presente na narrativa oral original. E mesmo dentro da oratura do mito a mesma história já teria sofrido transformações, apropriações, alterações e supressões de acordo com o seu contador e o seu público.

Tradição oral torna-se texto, texto torna-se teatro e da representação fica o texto para mais uma vez reinterpretar, reescrever e reutilizar. Ou, de forma irónica, uma pequena aceitação de que apesar de numa história tudo ter justificação, na vida real nem sempre há uma razão, podemos simplesmente dizer que alguém não gostou do final daquele mito e decidiu que Zeus “não fez isto, decidiu aquilo”.

Anyone who has ever fantasized about an alternate ending to a favourite book or imagined the back story of a minor character in a favourite film has engaged in creating a form of fanfiction. (Busse, Hellekson. 2014. 1.)¹⁶

Para completar e encerrar o ciclo descrito por Busse e Hellekson na introdução do livro *The Fan Fiction Studies Reader* basta passar essa fantasia,

¹⁶ Hellekson, Karen. Busse, Kirstina. 2014. *The Fan Fiction Studies Reader*. Iowa: University of Iowa Press.

o devaneio de um passado subentendido no subtexto ou inexistente no cânone, para uma página em branco, entrelaçando as palavras, registrando a divagação e apresentá-la a outros que partilhem o mesmo interesse no original e na sua reinterpretação.

Shenaugh Pugh, apresentando-se como Autora, poetisa, criadora e defensora da criatividade, constrói o seu trabalho de contextualização literária da *fanfiction* a partir de uma definição já assente na sua mente, complementando a ideia da “origem” de uma *fanfiction*, da fantasia à qual qualquer leitor tem acesso quando a imaginação foge com partes da página, com uma história pessoal, entrelaçando exemplos com a teoria no abstrato sem sentir a "necessidade" de justificar ou exemplificar o suporte, assumindo que o seu leitor ou partilha a sua base de conhecimentos teóricos ou sabe onde encontrar os fragmentos que lhe escapam à medida que explora as questões da *fanfiction* e da *fandom*. De notar que na sua obra, embora se assuma como fã informal de variados tipos de entretenimento, escolhe deliberadamente *fandoms* nas quais não participa ativamente para explorar o tema e a ideia de que o género de produção da *fanfiction* não só é válido como também é uma democratização do sistema de produção e consumo, trazendo Autores, Escritores e Leitores a um plano igualitário.

When my children were young, they had a set of Robin Hood figures. We would set them out on the floor, with plastic trees to represent Sherwood Forest, build Nottingham Castle out of Lego, and I would act out the stories I recalled from my childhood. When I ran out of stories, I and my audience would invent new ones. Sometimes they were simple variations on the formula: Robin goes into town, or the Sheriff comes hunting for him; there's a battle and all ends well for the good guys. Sometimes we explored aspects of the canonical stories didn't touch on – the Sheriff's childhood, (in my versions he was a comically awful brat) or life in the forest when the outlaws were taking a day off. Now and then, we departed from canon altogether to produce a "what if". This tended to happen when the children, or I, didn't like some aspect of the canon. They disliked the sad ending of Robin's betrayal and death and preferred alternatives, while I got bored with the canonical Marian and liked to speculate that she was herself a mean hand with a bow and arrow and joined the battles. And every now and then they would want other toys to take part, and I

would have to find a storyline that could accommodate some space-men or a polar bear. (Pugh. 2005. 11.)¹⁷

Desconstruindo a citação encontramos os elementos base da criação da *fanfiction*: o fã (Pugh e as crianças), o objeto da sua admiração (Robin Hood na sua forma escrita, como Pugh o conhece, e Robin Hood na sua forma comercial, nos brinquedos que motivam as crianças a criar), o texto canónico (Robin Hood nas suas variadas formas: literária, séries televisivas, bandas desenhadas, desenhos animados, filmes, brinquedos), o seu recontar, reinventar e expandir (o foco da citação enquanto exemplo de criação) e a sua partilha dentro do grupo de fãs (variações da fórmula do cânone, o passado de personagens menores, o “e se”, a alteração do final e a introdução de novos elementos).

What we were doing, in essence, was writing fan fiction – i.e. fiction based on a situation and characters originally created by someone else. We had a canon of stories invented by others, but we wanted more, sometimes because the existing stories did not satisfy us in some way, sometimes because there are simply never enough stories and we did not want them to come to an end. So we invented the ones we wanted. (Pugh. 2005. 11.)

Admitindo que o ato era *fanfiction*, de acordo com uma definição própria, enraizada no seu conhecimento do tema, Pugh liga a criatividade e invenção com o desejo de mais. Mais do texto, mais histórias, mais das personagens, mais do cânone, mais daquele mundo, mais concretização de possibilidades deixadas num sussurro pelo texto que não foi ouvido pelo seu Autor.

More of e *More from* é como categoriza esse desejo. *Mais de* e *Mais delà/e*, traduzindo de forma simples. Pugh identifica estas duas fórmulas como os grandes impulsionadores dos escritores de *fanfiction* em aliança ao amor/devoção/frustração e interpretação crítica em relação aos conteúdos sua *fandom*.

More of / Mais de são identificados como *fanfictions* em que se estende/distende/explora o cânone, um trabalho dentro dos termos do original.

¹⁷ Pugh, Sheenagh. 2005. *The Democratic Genre: Fan Fiction in a Literary Context*. País de Gales: Brigend, Seren.

Cenas perdidas e extensões de secções entrecortadas pela narrativa, consideradas sem importância pelo Autor, mas que a experiência do leitor sentiu em falta. *Drabbles*¹⁸, *oneshots*¹⁹ e continuações após o final, que nem sempre são epílogos, por vezes uma continuação da aventura com novas premissas ou o mesmo estilo do original, mas as mesmas personagens, encaixam-se nesta categoria.

More from /Mais dela/e utiliza a mesma fórmula na sua génese, no desejo de mais aliado à extensão/distensão/exploração, mas coloca o foco nas emoções, nos subtextos, nas percepções. Diferentes pontos de vista reescrevem a cena. Altera-se o texto canónico e continua-se em paralelo numa *Alternative Continuity* (AC)²⁰, “corrige-se” o cânone com que se discordava manipulando o texto apenas quando essa correção é desafiada. Cria-se um *Alternative Universe* (AU)²¹ ao fazer um “e se” mais extenso, manipulando premissas base do cânone, mas deixando intactos caracterizações e/ou eventos.

Dentro desta formulação encontra-se o conceito de alteridade postulada por Todorov²², a necessidade humana de preencher o espaço em branco, o que se sente em falta, a criação da narrativa sobre o que não aconteceu, ou sobre a diferença do foco de quem narra, escreve ou assiste. E dentro da génese, do que provoca a criação, encontra-se o simples objetivo da satisfação, do prazer da leitura, propostas por Bourdieu, Riffaterre e Jauss.

Podemos também colocar em diálogo com a *fanfiction* as ideias de Bourdieu em relação à transubstanciação (quem ou o que criou o criador) quando os papéis de Autor Leitor e Escritor se influenciam mutuamente e transitam entre si, conectando com a relação de influências entre os componente textuais e não-textuais (externos).

¹⁸ **Drabble**: mini história de 100 palavras.

¹⁹ **Oneshot**: história publicada de uma só vez e encerrada, autossuficiente dentro do seu cânone.

²⁰ **AC**: *Alternate Continuity*; Quando a *fanfiction* continua a história em paralelo alterando um detalhe.

²¹ **AU**: *Alternative Universe*; A história é escrita com personagens e elementos do cânone, mas diferindo em variados pontos chave.

²² Todorov, Tzvetan. 1983. *Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Podemos equacionar Riffaterre também na forma como explora a comunicação entre Leitor e texto, explorando a intimidade única que se desenvolve nessa interação, enleando a descodificação, a interação e exploração de significados, as mecânicas da construção e desconstrução e a forma como o texto ou oferece as suas cifras ou deixa nas mãos do Leitor encontrar as suas formas de decifrar e explorar o texto ou usar as pistas deixadas pelo Autor ou pelo texto em si.

E podemos acrescentar Jauss e as suas percepções em relação à posição do Leitor e a relação entre história, estética e obras, levando à teoria e estética da receção onde a centralidade muda o foco para o leitor e encontra uma relação entre Autor-Obra-Leitor. Dentro do modelo da *fanfiction* Obra e Autor podem tornar-se indistinguíveis ou um elemento sobrepor-se ao outro. A ideia da relação substituindo a passividade.

Apesar da necessidade de diálogo entre todos os elementos textuais e não-textuais o ponto de partida é o Leitor como participante ativo e capaz de encontrar as ferramentas textuais para a interpretação ou criar as suas próprias técnicas para alcançar os seus objetivos, satisfazendo os seus anseios, fantasias ou invenções.

Estruturação

Fantasized e invented: Palavras chaves do conceito e da criação do produto final e cujos sinónimos são recorrentemente utilizados pelos investigadores e académicos que se dedicam ao estudo da *fanfiction* e daqueles que a criam. *Fanscholars*²³ como são conhecidos e se autointitulam, criando um termo que se encaixa na forma terminológica da *fanfiction*. Outro termo usado na autocaracterização de investigadores iniciais foi *aca-fans* ou *academic fans*, mas este caiu em desuso devido a conotações negativas associadas à noção de fã.

Por outro lado, o foco de um escritor ou leitor de *fanfiction* nem sempre se encontra apenas no texto novo nem no texto canónico. Nem sempre o foco da *fandom* é somente a produção e consumo.

²³ **Fanscholars**: Quem estuda os fãs, a *fandom*, a *fanfiction*. Académicos que pertencem aos dois lados, ao campo da *fandom* e ao campo da academia.

A interação entre fãs é uma parte essencial do processo de criação, interpretações, extrapolações e reinvenções. Não apenas na criação dos textos, mas também na discussão do que é a *fanfiction*, do cânone, na concordância ou discordância do Autor, traições ou fidelidades à promessa do livro.

(...) a lot of the best works of fanfiction are not comprehensible to a general reader, just as a lot of the best poetry depends on you having a fairly deep knowledge of the traditions and history of poetry, and the better you know Homer's Odyssey, the better you'll understand Joyce's Ulysses. (Coppa. 20017. viii.)

A citação de Coppa toma nota dessa intertextualidade e a necessidade do conhecimento das temáticas e referências que constroem o texto numa mistura entre todos os elementos textuais, pessoais e de pesquisa que nos são disponibilizados. Coppa foca-se na *fanfiction* como literatura, oferecendo definições e confiando também que os que se encontram no sistema saibam identificar a estrutura que, dentro da sua apresentação e propósito são irrelevantes, invisíveis ou, simplesmente, subconscientes.

Entre os *fanscholars* apenas Bacon-Smith obedeceu à ideia da distanciação estéril exigida na pesquisa passado, assumindo-se como fã de *Star Trek* mas avaliando a sua *fandom* e os *fan endeavors* produzidos, incluindo a *fanfiction*, numa busca de equilíbrio entre as suas identidades Acadêmica e Fã. Verba e Jenkins declinaram essa separação e ostentaram a sua pertença em ambos os grupos, indicando que apenas aqueles que são parte do grupo detêm as chaves para a sua avaliação e exposição justa, evitando as armadilha da suposição, presunção e preconceito.

A distância ideal para análise não se encontra totalmente resolvida, mas nas discussões entre o grupo e as novas formas de olhar para a Academia e pesquisa afasta-se cada vez mais da esterilidade e olhar desapaixonado. Uma contaminação de entusiasmo que permite o crescimento e o contágio de interesses. A paixão, interesse e integração podem revitalizar qualquer campo de pesquisa. Aqueles que se tornam *Fanscholars* atravessam a linha sem compunções. Não ligam o seu interesse ao seu lado acadêmico por necessitarem de validação de um ou outro campo. Fazem-no simplesmente porque são duas facetas da sua vivência e por vezes o desejo de partilha,

integração e correlação de interesses vence. E era algo que informalmente já levavam a cabo no seu dia a dia enquanto fã. E algo que formalmente faziam enquanto acadêmico forçando-se a manter uma máscara de impassibilidade.

A *fandom* debruça-se tão ardentemente sobre a criação como sobre a interpretação textual, das intenções do Autor, da recolha e preservação do cânone assim como sobre o *meta*²⁴, as definições, terminologias, glossários e discussões: o que fazem, porquê e como surgiu e como se encaixa nas *tropes*²⁵ literárias listadas em sites como *tvtropes.com*.

É dentro deste diálogo, troca e crescimento constante que a interpretação permite a criação e a compreensão e treina um sentido crítico que possibilita a um leitor procurar aquilo que deseja com menos esforço e mais precisão.

Fan writers perform interpretative functions when redefining characters, retelling story lines differently, and changing points of view. They also interpret when they perform any of the other multitudes of transformative processes that make up the world of fan writings. To study the interpretative, analytical aspect of fanfiction, we might compare fan fiction to its literary counterpart: professionally published derivative texts. These resemble fanfiction in modus operandi. They use settings, characters, and scenes from well known texts while telling a fundamentally different story, be it an expansion, subversion, or counternarrative. (Busse, Hellekson. 2014. 22.)

A criação de novas cenas e/ou personagens dentro de um mundo canónico que não destoam do estilo do escritor e se integram de forma tão completa que muitas vezes parecem fazer parte do original.

A recriação de uma saga com uma premissa semelhante e mantendo personalidades e motivos, mas transplantando todo um cânone para servir uma perspectiva, um desafio ou uma necessidade criativa.

²⁴ **Meta:** Pensamentos e discussões críticas sobre o objeto, *fandom* e *fanfiction*.

²⁵ **Tropes:** são um conceito que cruza a ideia de figura de estilo com conceção estilística, truque narrativo, uma forma de cliché menos intrusivo, uma fórmula de atalhar ou evocar familiaridade no leitor/audiência.

Existe a equivalência em Português de tropos, no entanto não será utilizada uma vez que a língua franca da *fanfiction* é o Inglês.

A interpretação de personagens. Porque agiram daquela forma no texto canônico? O que nos disse o Autor? Porquê? Interpretamos o que lemos ou procuramos no subtexto os pensamentos que não foram escritos, mas que deixaram a sua impressão na página.

A extrapolação na *fanfiction* ocorrendo quando o escritor escolhe um detalhe na história ou na caracterização e a partir dele constrói uma narrativa do passado, presente ou futuro em desafio, honra ou previsão do rumo do texto canônico.

A reinvenção no reconto alterando detalhes no original, uma parte intrínseca do processo da *fanfiction*, mantendo consistência do cânone ou alterando quando necessário para interligar a interpretação e a redefinição do conceito ou da criação de possibilidades.

A alteração de percepções, a mudança de *Point of View* (POV)²⁶ quando se trabalha o texto, abrindo possibilidades a novas formulações, hipóteses e significados.

A paródia contida dentro do *Crack Fic*²⁷ quando o escritor leva ao absurdo um pensamento levantado no texto.

A discussão antes e depois entre a *fandom* que por sua vez recomeça o ciclo de ideias e partilhas. E amiúde guerras²⁸ entre perspectivas e preferências que levam à clivagem do grupo.

But whether we see fans as flying or flighty, it's hard to deny that the movement of fanfiction fans across the story worlds has resulted in a series of literary practices and conceits that make perfect sense if you're a part of the culture – and may be incomprehensible to those outside it. (Coppa. 2017. ix.)

Os exemplos de estilo criativo mencionados anteriormente podem não ser estranhos ao leitor ou ao fã, mas a afirmação de Coppa lembra que, como em

²⁶ **Point of View:** *POV*. Ponto de vista, quem narra a cena ou que personagem narra o momento ou é o foco do narrador.

Da mesma forma que *tropes* é mantido em Inglês devido à questão do Inglês como língua-fraca opta-se por manter *POV* em vez da ideia de foco ou perspectiva.

²⁷ **Crack Fic:** *Paródia*. Na *crack fic* muitas vezes leva-se ao extremo da loucura, do cânone reconhecível ao irreconhecível.

²⁸ **Flame wars/Fandom Wars:** As guerras de opiniões e críticas ácidas entre cada campo.

qualquer especificidade disciplinar, antes de se ser parte da cultura as fórmulas e tradições dessa mesma cultura podem ser desconhecidas, pouco compreendidas ou, em extremo, inescrutáveis para aqueles que não são parte da mesma. Porém encontram em Derrida e na ideia de *bricolage*²⁹ um método semelhante de construção textual.

Dentro das questões do *meta* podemos falar da liberdade da *fanfiction* e das suas comunidades. Sem limites de palavras, sem limites criativos, sem interferência editorial, podendo ou não conformar-se ao cânone e com métodos reconhecíveis na forma como organiza a sua mancha gráfica ou como utiliza a linguagem.

A *fanfiction* usa a sua liberdade, capacidade de introspeção e publicação digital para transmitir e partilhar tudo o que o cânone deixou em vácuo nas suas perceções enquanto leitor ou para desafiar aquilo que estamos habituados a ler, para levar para lá do familiar e mostrar que existem mais possibilidades para um texto do que aquelas que foram encerradas pelo publicado.

Quantos livros publicados não foram feitos com base nestas ideias e técnicas?

Quantos produtos aceites como obras-primas, exemplos de um tipo de literatura, paradigmas do seu género, não foram criadas quando um Autor viu, leu, ouviu, pesquisou algo e pensou... *E se...*

Equiparação

Busse e Hellekson regressam ao mundo editorial para expor um método familiar aos Autores, Leitores e Teóricos, especialmente aqueles que se encontram num campo onde intertextualidade e uma variedade de disciplinas se cruzam, interagem e produzem conteúdo.

O exemplo apresentado pelas autoras refere-se aos textos derivados ou derivativos, mencionando *The Penelopiad* (2005) de Margaret Atwood, *Cassandra* (1984) de Christa Wolf, *Lavinia* (2008) de Ursula K. Le Guin. Cada um destes romances é o reconto sob a perspetiva da personagem principal feminina dos clássicos da *Odisseia*, *Ilíada* e *Eneida*, respetivamente.

²⁹ <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/bricolage/> (18/1/2020)

Este recontar, subverter e corrigir vai ao encontro dos fulcros criativos da *fanfiction* ao mesmo tempo que introduz o feminismo tanto na narrativa clássica, no academismo e, de certa forma, no tema, algo referido anteriormente numa das possibilidades de definição e na criação de erótica pela *fanfiction*.

Shenaugh Pugh oferece a mesma ideia do texto derivativo³⁰ ao discutir no seu livro uma *fanfiction* sobre o *Homem da Máscara de Ferro* de Dumas, ligando a *fanfiction* ao seu original e de uma forma orgânica à metodologia de criação do género do romance histórico, produzindo um paralelismo claro:

It treats the canon as Dumas himself treated history, as a good place to start.
(Pugh. 2005. 213.)

A semelhança da fórmula aceite como natural nas publicações referenciadas, mas olhada como derivativa³¹ é separada apenas pelas questões comerciais da edição e publicação e pelo reconhecimento Académico e Literário.

A criação amadora de forma livre, para entretenimento e partilha cria um ângulo cego no seu reconhecimento enquanto objeto de estudo apesar de décadas³² de produção, partilha e de certa forma publicação legítima sob o escudo dos clássicos ou mesmo assumida como pastiche, desde que autorizada, e do discurso de reinterpretação sob o estatuto de um Autor já cimentado na sua posição aceite de criador de conteúdo.

Assim como Busse e Hellekson, Pugh lista exemplos de obras publicadas que não existiriam sem um outro texto canónico ao qual recorrer. Robin Hood, a lenda Arturiana, Shakespeare, a Bíblia, entre outros, formaram a base a milhares de textos aos longo da história sendo os mesmos de alguma forma criados também a partir de lendas, da oratura e de tradições de inúmeras civilizações. Textos que inspiraram Autores ao longo dos séculos, dando azo a recriações e reinterpretações. A história do dilúvio aparece na Epopeia de Gilgamesh, na Bíblia e no texto apócrifo de Enoch. Nomes, deuses e circunstâncias mudaram, mas os três textos estão em diálogo, ainda que implícito.

³⁰ Subentendendo-se que é um texto *a partir de*, uma derivação literal, sem o peso de um julgamento sobre a sua qualidade, conteúdo, origem, leitores e Autor.

³¹ Nesta utilização do termo derivativo é de notar o peso da desaprovação do “não sancionado”.

³² Ou séculos, dependendo da definição.

Abigail Derecho, na sua contribuição em *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of The Internet*, intitulada *Archontic Literature: A Definition, A History, and Several Theories of Fan Fiction*, introduz uma equiparação da *fanfiction* à Literatura Arcôntica. Baseia esta escolha no trabalho de Jacques Derrida, *Archive Fever* (1995) onde se apresenta a fórmula do Arquivo que permanece aberto, absorve e produz conteúdo continuamente numa relação de intertextualidade.

Compara o ímpeto do Princípio Arcôntico apresentado por Derrida ao impulso da *fanfiction* e sugere alterar, ou abandonar, o termo derivativo³³ e expropriativo³⁴ para adotar o Arcôntico³⁵ de forma a retirar da equação as conotações negativas de roubo ou apropriação e começar a discussão sobre a *fanfiction* com uma perspectiva relativamente neutra ou mesmo igualitária, equiparando metodologias, teorias e intertextualidades.

O termo Arcôntico³⁶ foi escolhido intencionalmente numa tradução livre e por forma a aproximar o espírito do termo à forma como Derecho³⁷ o aplica na sua defesa da *fanfiction*. Se se optasse por uma tradução de “Literatura Arquivística” os termos estariam dentro das fórmulas de Derrida e não da variação que Derecho aplica embora ambas não difiram no seu impulso de conservação, produção e reprodução. “Repetir com uma diferença” como Derecho refere, uma frase de certa forma recorrente na teoria sobre a *fanfiction* e nos próprios estatutos legais da mesma.

Archontic texts are not delimited properties with definite borders that can be transgressed. So all texts that build on a previously existing text are not lesser than the source text, and they do not violate the boundaries of the source text; rather, they only add to that text's archive, becoming a part of the archive and expanding it. An archontic text allows, or even invites, writers to enter it, select specific items they

³³ *Derivative.*

³⁴ *Appropriative.*

³⁵ *Archontic.*

³⁶ <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/advanced.php?action=lemma&lemma=156094>
(27/11/2018)

³⁷ Derecho, Abigail. *Archontic Literature, A Definition, a History and several Theories of Fan Fiction*. em Hellekson, Karen. Busse, Kirstina. 2006. *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet: New Essays*. Jefferson, Carolina do Norte: McFarland. 61-78.

find useful, make new artefacts using those found objects, and deposit the newly made work back into the source text's archive. (Busse, Hellekson. 2014. 64, 65.)

A defesa de que todos os textos podem ser considerados ou classificados de Arcônticos, ou seja, geradores de um Arquivo que por sua vez se sujeita ao Princípio Arcôntico, torna a *fanfiction* parte da evolução textual, da apreciação, investigação e manutenção do texto original, do seu arquivo e das suas interpretações e possibilidades.

Se todos os textos vivem e sobrevivem da sua intertextualidade, (Barthes e Kristeva), Derecho considera a *fanfiction* uma intertextualidade honesta, no sentido em que o original é claramente referenciado e o texto produzido é sempre referido como uma variação *de*.

Although no such convention exists in nonfan literary works – that is, readers do not expect a novel to state outright, in its first few sentences, that it is a revision of, a continuation of or an insertion into, a prior narrative – nonfan works do explicitly mark themselves as revisions, continuations, and insertions through replicating titles (...) (Busse, Hellekson. 2014. 66.)

Uma variação *de*, uma intertextualidade, clara e baseada apenas no desejo de ter mais do texto e de expressar aquilo que se sentiu em falta. A sua definição foca-se no método criativo, mais uma vez, procurando a sua fórmula para trazer para um contexto académico-literário o tema marginalizado.

Legislação

A marginalização advém também das questões legais do *Copyright*³⁸. A *fanfiction* está inserida nos termos do *Copyright* enquanto *Fair Use*³⁹, especificamente referida como *Transformative Works*⁴⁰. Não tem fins lucrativos e abertamente assume que é criada a partir de um outro texto.

De acordo como a decisão do Supremo Tribunal dos Estados Unidos a definição de *Transformative Works* refere-se a um trabalho que «acrescenta algo

³⁸ **Copyright**: Direito legal de posse do autor em relação ao seu trabalho.

³⁹ **Fair Use**: Cláusula que permite o uso de conteúdo sob *copyright* dentro de certos limites.

⁴⁰ <http://www.transformativeworks.org/legal/> (24/11/2018)

novo, com um propósito ou uma personagem diferente, alterando-a [a fonte] com uma nova expressão, significado ou mensagem.»⁴¹

Esta definição mais uma vez vem ao encontro do método criativo da *fanfiction* determinando o seu estado enquanto produção criativa legal, um exercício lúdico, transformativo, crítico e sem fins lucrativos.

Porém é de notar que os algoritmos digitais na procura de infrações ao *copyright* são cegos e certas leis e restrições podem focar-se na *fanfiction* de forma aleatória. A questão, de momento, é premente uma vez que a União Europeia aprovou em janeiro de 2018 os artigos 11 e 13 da lei da proteção de dados⁴². Estes dois artigos focam-se em infrações de *copyright*, mas a sua formulação é de tal forma abrangente que afetam de forma direta, mas relativamente acidental, os termos do *fair use* de plataformas como *Youtube*, *Tumblr*, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e a própria *fanfiction*. Porque, reitero, o algoritmo é cego e não consegue distinguir uma citação ou uso de um *clip* ou imagem (*screenshot*) feita dentro dos termos de *Fair Use* de uma infração de *copyright* legítima⁴³.

Contudo a *fanfiction* já lutou contra este tipo de interferência e perseguição no passado. Desenvolveu mecanismos e formas de provar que é parte do *Fair Use* e de um movimento de literacia, interpretação e criatividade.

Determinado texto poderia não passar com sucesso num sistema de deteção de plágio, uma vez que fragmentos ou partes do texto original irão sempre estar presentes⁴⁴, no entanto, não foram utilizados de forma expropriativa uma vez que para localizar uma *fanfiction* esta vai estar arquivada sob o nome do original e qualquer fã tem conhecimento da sua *fandom*, pelo que deteta de imediato onde se encontra o Autor e onde o Escritor ajustou e expandiu.

⁴¹ «adds something new, with a further purpose or different character, altering the [source] with new expression, meaning, or message.» The U.S. Supreme Court ruling came in *Campbell v. Acuff-Rose Music*.

⁴² <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/o-youtube-vai-mesmo-acabar-seis-coisas-que-deve-saber-sobre-a-lei-que-pode-mudar-a-internet-382398> (28/11/2018)

⁴³ <http://opendoors.transformativeworks.org/> (24/11/2018)

⁴⁴ Os diálogos são muitas vezes transcritos na sua totalidade e trabalhados de acordo com o que o escritor pretende transmitir.

Re-citando a citação que a *TransformativeWorks.org* utilizou no final da sua publicação sobre este desenvolvimento legal nos estatutos de *copyright* da União Europeia⁴⁵:

As our friends at FYeahCopyright put it: "Pushing against this Directive doesn't mean you support piracy or counterfeiting of creative works like films, books or photographs. It means, though, that you want creativity, science, communications and education to thrive online, just as they have for almost thirty years."

Confraternização

A convivência entre ficção profissional (*professional fiction* ou *profic*) e ficção produzida por fãs (*fanfiction* ou *fanfic*) não é necessariamente calma embora, de certa forma, seja simbiótica não apenas na produção, mas também na satisfação de desejos do público.

A *fanfiction* tem uma tendência marcada para estar à frente na produção e encontro desses mesmos anseios antes do mundo editorial, cinematográfico ou televisivo, uma vez que público e produtores se encontram em diálogo constante facilitado pela internet e por uma obsessão comum pelo original.

Periodicamente é redescoberta pelo *mainstream* e uma onda de inquéritos, estudos e investigações começa a tornar-se visível e *fanfictions* são utilizadas e publicadas pelo *mainstream*.

Alguns Escritores passaram a ser Autores para as suas séries favoritas escondendo ou exibindo o seu passado na *fanfiction*. Outros foram contactados para publicar as *fanfictions*. Estas podem ser publicadas de duas formas: a primeira é feita a partir dos originais partilhados online em edições temáticas. O livro de Coppia foi construído desta forma, sob o arquétipo dos *Canterbury Tales*, oferecendo uma *fanfiction* de variadas *fandoms* com uma pequena contextualização de cada uma. A segunda constrói-se após o texto da *fanfiction* ser expurgado dos conteúdos do cânone que lhes deu origem, criando um novo original. A esta prática a fandom chama "*filing off the serial numbers*", limar os números de série. Histórias em *Alternative Universe*, (*AU*), são particularmente

⁴⁵ https://archiveofourown.org/admin_posts/11153 (28/11/2018)

suscetíveis a este tratamento especialmente quando a sua popularidade desperta a atenção do público para além da sua *fandom*.⁴⁶

Questões de incompatibilidade e/ou oposição entre Academia e *Fandom* também se encontram envolvidas na discussão. A resposta, porém, é sim e não. Não é apenas convivência e transição. Para a Academia a resposta ao que é exterior é de rejeição ou indiferença até ao momento em que o objeto, conceito ou teoria se encaixe nas suas perceções ou pré-disposições. Na *fanfiction* a validade de algo é decidida pela preferência do Leitor, as suas interpretações e versões, deixando os critérios ao sabor de quem queira participar. Não é incomum que um sim e um não sejam vistos como válidos e verdadeiros ao mesmo tempo, cada um com a sua fundamentação. O mesmo acaba por se aplicar ao debate entre significado e interpretação. O texto pode ter um, vários ou nenhum significado ao mesmo tempo e cabe ao Leitor escolher o que lhe convém ou o que é da sua preferência estética, estilística ou desejo.

Busse e Hellekson demonstram a intertextualidade criativa e os paralelismos da formulação do texto de *fanfiction* e na criação de uma publicação académica que explora esse mesmo tema.

It starts like this. Somewhere in cyberspace, someone complains: "I had a lousy day! I need some cheering up." Soon after, a friend posts a story dedicating the piece: "this is for you, hon – your favourite pairing and lots of shmoopy sex. Hope it'll cheer you up!" A third person chimes in: "I can't believe it! What a great fic! I mean, who would have thought of gay penguin sex? It totally works! I love it" "Gay Penguin sex?" Someone else adds, finding it hilarious and in response, she posts a poem she knocked off in five minutes flat, all about gay penguins having sex. "I'm taking two lines of that to add to my signature," someone informs her in a comment and goes on to write a three paragraph snippet of fiction based on the poem, which in turns results in – well, you get the idea. (Busse, Hellekson. 2006. 5-6.)

⁴⁶ Um exemplo particularmente relevante devido apenas à sua publicação e à resposta que criou é o das *50 Shades of Grey*, originalmente uma *fanfiction* da série *Twilight* intitulada *Masters of the Universe* de *SnowQueensIceDragon*. Um *AU* em que não existem vampiros. As editoras foram atraídas pelo elevado número de cliques e partilhas geradas pela *fandom* do *Twilight* onde a plasticidade de texto e personagens é um ponto de entrada para bastantes Escritores uma vez que a série sofre um o vácuo de personalidade nas personagens e crise no conteúdo da história.

A *fanfiction*, criada pela comunidade em interação entre um pedido de algo que possa providenciar entretenimento, é uma escapatória da realidade, da mesma forma que qualquer outro livro é criado para contar a sua história e levar o leitor às suas realidades e possibilidades. E a partir dessa resposta baseada nas preferências de quem solicitou a peça alguém responde. E a resposta cria mais conteúdo. Texto criado por fãs para fãs.

O Princípio Arcôntico em ação, acrescentando ao arquivo ao qual as personagens favoritas e o texto canônico pertencem, criando um novo arquivo para alimentar o original.

It starts like this. In a private e-mail someone writes: "I want to edit a volume about fan fiction that better describes the current climate, one that takes into account online experience." She checks with her publisher to see if they'd consider it and finds that yes, they will. "Want in?" She asks her friend. "What a great project!" reads the e-mail reply. "I have so many ideas for what we could include." A call for papers appears online, and the responses begin. One author proposes: "I have an idea that fanfiction is more performative than literary." Another inquires: "I heard about this volume from a friend, and I want to talk about role-playing games. Interested?" "I heard a paper on a similar topic at a conference," the coeditors respond; "we love your idea, here are our comments on your draft, and you should also contact this person who is writing on RPG's." And so a book begins. (Busse, Hellekson. 2006. 5-6.)⁴⁷

A investigação acadêmica começa com um interesse e um pedido, uma proposta. Da aprovação editorial é enviado um desafio a alguém próximo e que partilha a afinidade pelo tema. O *prompt*⁴⁸ leva a uma expansão do desafio online, para a comunidade acadêmica de *fanscholars*.

Quem se sente desafiado ou inspirado?

Quem quer contribuir?

E a resposta é quase imediata e de pontos de vista variados.

⁴⁷ Hellekson, Karen. Busse, Kirstina. 2006. *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet: New Essays*. Jefferson, Carolina do Norte: McFarland.

⁴⁸ E aqui o uso do termo da fandom para este tipo de desafio é intencional na afirmação que ambos os métodos utilizam a mesma formulação criativa e de criação, espelhando-se e alimentando a produção de texto de forma simbiótica e semelhante.

Prompt: Desafio de escrita.

São partilhadas, digladiadas, comparadas e expandem-se no diálogo entre si.

Corrigem-se perspectivas ou abrem-se novos caminhos, acrescentando aos estudos existentes e complementam os discursos que já fazem parte dos estudos sobre a *fanfiction*.

Da mesma forma que a análise foi feita Busse e Hellekson terminam o exemplo sublinhando a semelhança do ímpeto de produção, intertextual, interpessoal e de pesquisa, recolha de informações e opiniões que constroem um texto de *fanfiction* e um texto académico.

A metodologia partilhada legitima a possibilidade de análise e acaba por deixar os textos em plano de igualdade como Derecho defende na sua formulação de Literatura Arcôntica.

Equiparação

Até este ponto a articulação da definição de *fanfiction* para sobre ela se construir a argumentação seguiu um fio condutor metodológico, ou seja, as definições ramificaram-se numa base de construção textual e das suas ferramentas de desfragmentação e recriação.

Outra forma de explorar o universo da *fanfiction* vai ao encontro das formas de produção baseadas em pré-existências. Ou seja, olhando para o passado com as definições do presente, colocando a questão acerca do objeto que analisamos e se a categoria em que se encaixa na literatura pode, de alguma forma cruzar a definição e, dessa forma, manifestar a presença de algo que é *fanfiction* sob outro nome.

If we think of it as a form of collective storytelling, then the Iliad and the Odyssey might be tagged as the earliest version of fanfiction. If we think of fanfiction as a response to specific written texts, we can trace fan fiction back to the Middle Ages (Keller 2011; Simonova 2012). If the term is understood to include a legal component, then fanfiction could not have existed before the development of authorial copyright, so the first fanfiction could, for example, be some of the rewrites of Jane Austen by her readers. If the term requires an actual community of fans who share an interest, then Sherlock Holmes would easily qualify as the first fandom, with fan-written Holmes pastiches serving as the beginnings of fan fiction. Finally, if we look at it as a (sometimes purposefully critical) rewriting of shared media, in particular TV texts, then media fan fiction, starting in the 1960's with its base in science fiction

fandom and its consequent zine culture, would start fan fiction proper. (Busse, Hellekson. 2014. 6.)

O contexto faz com que o texto possa ser encarado como *fanfiction* se observado no pressuposto de que é *fanfiction*, se a circunstância criativa, antropológica, social, motivacional ou textual for uma circunstância específica derivada de elementos exteriores à criação.

O exemplo citado lista coletividade, resposta ao texto original, definições legais, a existência da *fandom* e por fim a interação entre a *fandom* e o objeto original de forma mais direta e organizada num culminar e, de certa forma, coalescer dos pontos anteriores.

Porém a definição que se alcança vai, mais uma vez, ao encontro da proposta exemplificada no início do texto, sugerindo a transferência do mito grego a uma peça teatral. Existe sempre um ponto de origem que se considera o cânone ou o original. O que se faz a partir dele é *fanfiction*.

A circunstância sob o qual surgiu pode, por outro lado, atribuir-lhe um nome, um significado e uma significância na Literatura que cria por sua vez uma separação entre o texto criado que se cristalizou num objeto académico e sua expressão enquanto *fanfiction*.

Cristalização

Independentemente de temáticas ou estilos todos os textos são *fanfiction* desde que adiram a um ponto base ao qual todas as definições fazem referência: a partir de um original ou cânone. Qualquer outra particularidade da definição nunca ignora este ponto chave mesmo que possam discordar daquilo em que consiste o termo e conteúdo do texto canónico⁴⁹.

O conceito de *fanfiction*, como acima se evidencia, é extremamente fluído e muitas vezes pessoal, variando de fã para fã, escritor para escritor e entre os observadores, leitores e os que estudam o fenómeno.

⁴⁹ O livro *versus* a sua adaptação cinematográfica, por exemplo. Alguns escolhem o primeiro, outros o segundo e outros decidem juntar os dois, limando arestas, criando *headcanons*, *fanons*, e reconciliando deslizes, erros ou as necessidades técnicas do ecrã.

A imitação e interpretação fazem parte do academismo clássico instituído no século XIX influenciado pelo pensamento aristotélico na ideia da criação da poética, ou seja, regras e teoria próprias para o entendimento do campo, mas também a ideia da arte pela arte. A *fanfiction* acrescenta anotação, crítica, reescrita e reinvenção antes da fragmentação teórica do século XX.

Algum do desdém Autoral, Editorial e Académico perante a mesma, provém amiúde do encontro entre os mesmos e uma definição obscura ou focada num aspeto que retrata o trabalho do fã como roubo e apropriação em vez de transposição, interpretação, homenagem e desejo de mais.

Personalização

O conceito defendido, cimentado pela leitura de *fanfictions*, participação na comunidade e observação da mesma, engloba facetas das várias noções propostas por outros *fanscholars*. No entanto, é de frisar que o mesmo precedia qualquer estudo ou busca ativa de definição.

Qualquer acusação de favoritismo poderia ser admitida pela simples razão de que a *fandom* e a *fanfiction* me ensinaram desde cedo a questionar, explorar, investigar, procurar mais, formular opiniões e argumentações sem ceifar a criatividade ou encarcerar significados. Ao transitar para o sistema essas possibilidades são parcial ou totalmente encerradas. Certo e errado são marcados a vermelho.

Acredito que uma pesquisa sem interesse ou investimento pessoal é um caminho certo para o desapego, estagnação e uma desvalorização do objeto que, noutras mãos, exposto a outras perspetivas, poderia singrar. Ainda que, por vezes, seja necessário seguir esse caminho para uma acumulação e expansão do saber, para criar uma base sólida ou uma sistematização consistente sobre a qual possam assentar futuras investigações, não irá ser o aspeto que fomenta uma procura e atração daqueles que perseguem conhecimento ou aqueles que assistem à sua exploração assim como a sua presença e evolução Académica.

A abertura da internet e a possibilidade de acesso imediato a todo o tipo de conhecimento e à sua contradição deixaram o público menos predisposto a ser contido dentro das limitações e compartimentações que formam o Academismo como tradicionalmente compreendido. O conflito centra-se na estagnação

imposta por regras cristalizadas em tradição e não nos mecanismos que permitem a acumulação de conhecimento e a sua investigação e transmissão.

Como outros *fanscholars* que me precedem assumo um papel duplo e apresento a *fanfiction* como parte de um percurso que apesar de marginal não deixa de ser paralelo.

Fanfiction: Uma produção de texto literário escrita por um fã para fãs. A definição com que iniciei a apresentação do conceito. A maior parte dos *Fanscholars* partilha exatamente esta situação, ou uma história semelhante de como encontrou a sua definição e mais tarde a fundamentou, entre um mundo e outro seja enquanto produtor, consumidor ou investigador de conteúdo.

Para mim, oficialmente, começou em 1998 com videojogos do género *Role Play Games (RPG)*⁵⁰ publicados pela *Bioware*⁵¹. *Baldur's Gate* foi feito baseando-se nas regras da segunda edição de *Dungeons and Dragons* de Gary Gygax e usando o universo expandido do mundo publicado pela *Wizards of the Coast*⁵² chamado de *Forgotten Realms*.

O sistema de jogo do *Dungeons and Dragons* em papel consiste numa mistura de texto, leitura, interpretação, regras, criatividade, dados e matemática. As aventuras são controladas por um *Dungeon Master* que utiliza material oficial ou criou uma aventura com as regras sugeridas por esse material, sendo esse ajuste e criação conhecido com *homebrew* ou *homebrewing*.

Ao ser transferido para entretenimento eletrónico sob a forma de um videojogo o elemento matemático e o *Dungeon Master* passam a ser automáticos embora quando o jogador lê as estatísticas da sua armadura e armas esteja ainda a calcular as suas vantagens em paralelo com a informação oferecida pelo ecrã.

⁵⁰ Os RPG's da minha preferência são centrados na história e nos personagens. Por oposição existem RPG's que se focam apenas na customização da personagem em termos de combate, o subgénero chamado *Hack-and-Slash*, e não na personalidade+história+imersão.

⁵¹ Bioware é uma companhia de videojogos Canadiana. Neste momento encontra-se sob a alçada da *Electronic Arts (EA Games)* mas continua a ser um estúdio relativamente independente.

⁵² Editora de jogos; <http://company.wizards.com/> (27/12/2018)

Alguns *Fanscholars* aliam o *D&D* à *fanfiction* devido à sua sincronicidade temporal e por ser um dos fenómenos da *fandom* e do estereótipo americano do *nerd* (pessoa sem jeito para desportos obcecada por ciência, computadores, *Star Trek* e *D&D*⁵³). Ambos se baseiam num texto original seja o cânone de um livro, utilizando as personagens para mostrar a faceta da história que querem contar dentro da outra história, sejam as regras dos manuais de *D&D* e os seus mundos e aventuras publicados, prontos para o jogador criar o seu personagem e entrar na aventura. Ambos encorajam a criatividade, brincar/criar/manipular as personagens, premissas e contar o que sucedeu.

Baldur's Gate era limitado no seu aspeto visual pela tecnologia. Os jogos ainda eram pouco dados ao *voice-over*/dobragem total tendo apenas algumas linhas faladas, sendo elas de ambiência ou as revelações mais importantes na história. E um *RPG* que se foque na história é sempre pesado em termos de leitura e são detalhes como “examinar” que nos dão um *flavour text* sobre aquilo que estamos a ver que ajudam à imersão. Em contraste com os jogos mais recentes em que o aspeto cinemático foi aperfeiçoado. A *Bioware*, no entanto, mantém a tradição do *flavour text*, os códexes de informação suplementar sobre o mundo, a leitura das premissas das missões, *easter eggs*⁵⁴...

O que isto significa foi que a Diana de dez anos tinha que ler muito Inglês para perceber o que se passava no seu jogo, não só as regras, como usar o interface, os diálogos mas também no combate, na navegação do mundo do jogo e em saber quais eram os objetivos a cumprir assim como saber que tipo de personalidade queria dar à sua personagem⁵⁵ através das escolhas de diálogo e das ações a tomar nas suas missões.

⁵³ Quem tenha contactado com a série televisiva *The Big Bang Theory* pode observar não só o estereotipo como a *fandom* em funcionamento nas intermináveis discussões sobre o *meta* das bandas desenhadas. Do mais sério como sucessão da linha de Batman quando Bruce Wayne ficar velho de mais para andar a saltar pela noite em caça de crime ao mais simples e irónico no exemplo de como é que o Aquaman vai à casa de banho na Atlântida submersa ou, posto de outra forma, como é uma sanita Atlante.

⁵⁴ *Easter eggs* são pequenas brincadeiras escondidas no jogo, referências a outros jogos, séries, livros, *fandoms*, fóruns...

⁵⁵ Afetuosamente chamada de *Charname* entre a *fandom* de *Baldur's Gate*. *Character Name*, como aparecia no código base ou quando não preenchíamos o nome e o *default* era o código.

Foi com *Baldur's Gate II: Shadows of Amn* (2000) e a sua sequela *Throne of Bhaal* (2002), a continuação e o fim da história da minha personagem que os fóruns começaram a mostrar uma faceta da *fanfiction* em jogos, o chamado *Modding*. Os *Mods*, que podiam ser considerados *fanfiction*⁵⁶, eram escritos pelos fãs e inseridos no jogo com um instalador básico. Podiam ser novas aventuras, novas histórias, a expansão de uma *quest* que os criadores haviam deixado pendente ou cortado por falta de tempo, um romance, um aliado, armas com história ou uma piada criada num fórum e inserida no jogo. Alguns deste *mods* foram publicados como *fanfiction* na *fanfiction.net* pelos seus criadores ou reescritos por fãs que estavam ativos tanto na escrita como no *modding*, fixando no site as escolhas da história do *Mod*.

Na mesma altura *Harry Potter* foi traduzido e acabou nas minhas mãos.

E *O Senhor dos Anéis*.

E uma torrente de publicação de trabalhos da literatura fantástica para ler, alinhados com os meus interesses temáticos.

Antes da popularidade incitada pelos filmes as comunidades online eram os únicos locais onde podia partilhar o amor pelos livros, as suas personagens, procurar *mais* e ter uma conversa a discutir esta ou aquela cena, caracterização ou *e se*. Dentro das *fandoms* estas foram aquelas para as quais primeiro contribuí enquanto escritora de *fanfiction*.

Mesmo antes de saber o que fosse sobre o fenómeno já era parte de várias *fandoms* de uma forma relativamente informal, *fandoms* que ainda fazem parte do meu *lurking*⁵⁷. *Dragon Ball*. *Sailor Moon*. *Dartacão*. *One Piece*. *Power Rangers*. *Disney*. A minha obsessão pessoal dentro do vasto espólio da Disney eram *Robin Hood* e *O Rei Leão* em Inglês, quando as dobragens ainda eram do domínio da língua brasileira.

Trocávamos desenhos a preto e branco encontrados na internet por aqueles que tinham acesso a um PC e impressora e depois fotocopiados na escola e contrabandeados na turma. Ao ponto de a escola proibir fotocópias que não

Ainda em uso quando nos jogos podemos dar um nome ao nosso personagem, mas alterado para *Main Character* e abreviado simplesmente para *MC*.

⁵⁶ Escritos a partir do jogo, publicados de forma gratuita entre a *fandom*.

⁵⁷ ***Lurking***: Participação sem deixar marca de presença, consumo sem comentário.

fossem “escolares”. Discutíamos os episódios. Criávamos a história e competíamos por ver quem tinha a teoria certa. Ajustávamos na semana seguinte ou no dia seguinte assim que o episódio era lançado.

Outras *fandoms* onde me inseria eram menos conhecidas dos meus pares.

Star Wars vindo dos interesses do meu pai.

Star Trek por parte da minha mãe.

Contos de fada conhecia bastantes e sabia algumas das variações. Mitos gregos? Especialidade. Quando saiu Hércules da Disney tive um momento de celebridade menor. Bíblia? Eram apenas histórias. Bandas desenhadas, Marvel, DC... Não me importava a origem. Se me interessasse devorava tudo e tentava criar mais. Fechava uma página, desligava a televisão, chegava ao fim do filme e seguia a minha imaginação. Entrava no mundo e reescrevia diálogo. Entrava no mundo e mudava a história. Entrava no mundo e era parte dele. E podia não saber o que estava a fazer em teoria, mas sabia que gostava de o fazer. E entristecia-me não poder partilhar porque mais ninguém parecia querer saber quando me desviava demasiado do que se passava no “oficial”.

Através da *fandom* e da *fanfiction* ganhei literacia, fluência na língua inglesa, capacidade de pesquisa e discernimento. Sabia selecionar os textos que queria ler. Ganhei confiança e capacidade para escrever as histórias que queria escrever para lá da *fandom* ao mesmo tempo que participava nas discussões, fugia às guerras e encontrava mais interesses ao seguir Escritores que migravam para outra *fandom*, ao encontrar menções nos sites que levavam à nova área de interesse.

E neste percurso de participação e metamorfose para *fanscholar* acabei por querer apresentar o meu interesse à Academia, legitimar a *fanfiction* dentro do seu campo de estudo e mostrar, que embora o campo seja multidisciplinar, fluído e em evolução, a sua tradição, construção e modo de funcionamento provam que a leitura e criação continuam vivas e constantes.

As novas gerações continuam a ler. Mas encontram aquilo que desejam online e não nas editoras. Participantes numa *fandom* procuram a *fanfiction* para ter mais do seu interesse. E se não encontram têm tendência a criar porque se eles queriam aquele *mais* específico provavelmente existem outros leitores/fãs que procuravam exatamente esse conteúdo.

Temporalidade

A percepção da *fanfiction* nos termos da sua história, origem e desenvolvimento é fragmentária e na maior parte das perspetivas daqueles que a investigam, independentemente do seu campo Académico, foca-se maioritariamente ou no século XX e *Star Trek* ou na sua presença digital, no crescimento e exposição explosiva no início do século XXI.

Simplesmente a história, a noção da evolução da *fanfiction* e da sua presença literária em paralelo com a literatura, encontra-se oculta pela sua natureza de *fan endeavours*⁵⁸, ignorada, marginalizada ou desconhecida.

O estatuto do fã, e as suas contribuições para a respetiva *fandom*, perante a sociedade é definido pela situação dessa mesma *fandom*, da aceitação, disseminação e publicidade do objeto de foco na perspetiva do público. Sendo parte do *mainstream*⁵⁹ qualquer demonstração de comportamento “fanático” ou de criação de conteúdo em apreciação e suporte é considerada tolerável, ainda que seja relegada para o território do entretenimento e *hobby* se não for acompanhada pela autoridade da Academia ou de uma especialização oficializada.

Se se encontra fora do *mainstream* é uma atividade ignorada, minorizada ou considerada um interesse passageiro, inferior a um *hobby*/passatempo, indigno de atenção e desvalorizada. Esse desdém é particularmente marcado se o passatempo for algo considerado feminino. Numa sociedade contaminada pelo patriarcado, abertamente utilizado ou disfarçado no que é considerado tradição ou cultura, a leitura pelo prazer da leitura ainda se encontra aprisionada nesta rede, especialmente se o género for Romance e o criador for uma Autora. O paradoxo regista-se quando a atenção masculina e a invasão do espaço empurram as mulheres que criaram, construíram e cultivaram o campo para a obscuridade e esquecimento. O fenómeno é apelidado de *mentrification*⁶⁰ e, apesar de a *fandom* em geral padecer desse mal, a *fanfiction* conseguiu manter-se como um domínio predominantemente feminino.

⁵⁸ ***Fan Endeavours***: Atividades levadas a cabo pelos fãs.

⁵⁹ Sendo o *mainstream* o considerado aceitável ou reconhecível.

⁶⁰<https://www.theguardian.com/music/2019/may/29/mentrification-how-men-appropriated-computers-beer-and-the-beatles>

Uma discussão entre a *fandom* que emerge de quando em quando refere-se a qual obra foi a primeira do género da ficção científica. Se ficção científica é categorizada por um trabalho que leva a ciência aos seus limites e extrapola as suas possibilidades nos limites da lógica temos de colocar *Frankenstein* de Mary Shelley como o primeiro exemplo. Ao que um fã masculino vai de imediato afirmar com superioridade e ares condescendentes: Isaac Asimov. E no Tumblr a guerra começa e volta a desenterrar este *post*:

<https://itsnotjustpms.tumblr.com/post/172620516473/id-like-to-title-this-stream-dear-geek-guys> (28/1/2019)

O exemplo mais prevalente em Portugal da situação de diferentes estatutos dados à *fandom* e *fan endeavours* em relação à sua aceitação social e prática ativa e sem levantar objeções por parte do público que não pertence à *fandom* é, obviamente, o exemplo do futebol. E como é um exemplo de imediato reconhecido, quer por fãs, quer por “leigos”, pode ser utilizado para exemplificar a mecânica da *fandom* e da *fanfiction*.

Claques, clubes, discussões, conversas intermináveis na televisão sobre jogadores, estratégias, estatísticas, entrevistas, previsões, análises. Estes *fan endeavours* são visualizados, seguidos, comentados e aceites todos os dias. Fazem parte de uma paisagem de entretenimento que por ser maioritariamente masculina é aceite como norma. A reação de um não-fã será, provavelmente mudar o canal ou desligar a televisão. Não compram as revistas nem assistem aos jogos. A reação de um fã de futebol que não seja fã de literatura ou arte será exatamente a mesma quando confrontado com um programa cultural ou de entrevista a Autores. Ambos partem do mesmo ponto chave: o interesse no objeto e a participação na *fandom* e nas atividades que rodeiam esse mesmo entretenimento.

Visto pelo prisma da *fanfiction* temos em equivalência: a *fandom* (que seria o futebol), as *ships*⁶¹ (claques e clubes encontrar-se-iam nesta categoria devido ao

⁶¹ ***Ship* ou *Shipping***: Quando o fã prefere um par romântico na narrativa e ativamente encoraja ou procura ler *fanfiction* com esse par (*pairing*).

apoio fanático da equipa⁶²), os fóruns, os grupos de *meta* (comparáveis aos comentadores profissionais e casuais), a discussão de eventos da série, da caracterização das personagens (especulação sobre as equipas, sobre o desempenho e personalidades dos jogadores), o *Wild Mass Guessing*⁶³ (quem vai ganhar, por quanto e como).

Anais Terminológicos

A exploração das definições no ponto anterior demonstrou que as balizas temporais da história da *fanfiction* são móveis e subjetivas. Dependem das suas definições para serem enquadradas na literatura. Mas não dependem dessas mesmas definições para criar literatura.

O próprio termo *Fanfiction* também encontra alguma transformação na sua definição para lá das definições sobre o que abrange, como e se essa fórmula depende ou não de um precedente exterior ao cânone cuja exploração incitou a criação.

De acordo com Jeff Prucher em *Brave New Words: The Oxford Dictionary of Science Fiction*⁶⁴ o termo *fanfiction* já existia e era utilizado nos anos 30 (1939 segundo a pesquisa do autor, embora Prucher assuma que o uso do mesmo possa preceder essa data e não ter deixado um registo que possa ser consultado ou seguido). O seu significado original referia-se à escrita de textos de ficção científica por não-profissionais do ramo da escrita desse género.

⁶² De forma memorável na *fandom* e que transpareceu para o *mainstream* devido à popularidade dos livros e filmes do *Twilight*, uma forma da sua *fandom* se referir às principais *ships* do romance que apoiavam era *Team Edward* e *Team Jacob*. *Team* – Equipa num paralelismo e tradução absolutamente diretos.

⁶³ **Wild Mass Guessing: WMG** - tentativas de previsão do rumo da série que podem ou não ser corretas. *Confirmed* ou *Jossed*.

Jossed: quando uma teoria não é correta, negada pelo conteúdo canónico. O termo deriva de Joss Whedon, criador da série *Buffy The Vampire Slayer* que tinha uma propensão para gorar as previsões dos fãs a cada temporada.

⁶⁴ Prucher, Jeff. 2009. *Brave New Words: The Oxford Dictionary of Science Fiction*. Nova Iorque: Oxford University Press Inc.

Por outro lado a *Fancyclopedia*, uma publicação de 1944 de J.B. Speer⁶⁵, referida por Busse e Hellekson como a primeira utilização do termo *fanfiction*, usa-o em referência a ficção sobre os fãs.⁶⁶ Ao questionarem-se sobre o termo, as autoras fazem referência ao pastiche e às extensões, subentenda-se as sequelas não autorizadas, ao mesmo tempo que assumem o impulso criativo como universal considerando-os *fanfiction* sob outra definição e circunstância.

Sendo a Ficção Científica considerada o avô de todas as *fandoms* nos termos de criação das bases, adotando e ajustando terminologias, metodologias e práticas deve ser referida como a primeira manifestação formal de *Fandom Is A Way Of Life, FIAWOL*⁶⁷.

O termo *fandom* foi retirado do seu contexto desportivo e teatral⁶⁸, dos seguidores dessas formas de entretenimento, mantendo o significado, mas associando-se apenas ao grupo dos fãs de Ficção Científica. Adotaram as revistas de Autores e publicaram as suas próprias *fanzines* com cartas, comentários e debate. *Amateur Press Associations* ou *APA's* organizaram-se para lidar com as cartas e com a sua organização em *fanzines*. Organizaram as primeiras convenções para que o grupo pudesse discutir em pessoa. A primeira convenção oficial de Ficção Científica foi em Nova Iorque a 4 de julho de 1939, vindo a tornar-se na convenção anual que hoje é conhecida por *Worldcon*.

Herdou-se também muita da terminologia desta primeira *fandom* onde a *fanfiction* era apenas o trabalho de amadores, mas não de fãs.

(...) *science fiction fandom also invented a fannish jargon that is still in wide use today, often by people who have no idea of its age or lineage. Words and acronyms*

⁶⁵ http://www.fanac.org/Fannish_Reference_Works/Fancyclopedia/Fancyclopedia_I/ (18/12/2018) Reprodução da publicação de 1944.

⁶⁶ **fan fiction** - *Sometimes improperly used to mean fan science fiction, that is, ordinary fantasy published in a fan magazine. Properly, the term means fiction about fans, or something about pros, and occasionally bringing in some famous characters stf stories.* (citação retirada da reprodução. Seguir Link **F** e em seguida **fan fiction**).

⁶⁷ *Fandom Is A Way Of Life, FIAWOL*: Fandom é um modo de vida. Que mais se pode dizer?

⁶⁸ De acordo com o *Oxford English Dictionary*.

like *BNF*⁶⁹ (*Big Name Fan*) (antedating 1950), *con*⁷⁰ (antedating 1945), *egoboo*⁷¹ (antedating 1947), *fanboy*⁷² (antedating 1919), *filk*⁷³ (antedating 1955) *gafiate* (*getting away from it all*)⁷⁴ (antedating 1959) and *mundane*⁷⁵ (as a noun; antedating 1955) have their roots in science fiction fandom but they migrated first into media fandom, then onto the Internet, where they've been comfortably integrated with online argot like *beta reader*⁷⁶, *flame*⁷⁷, and *listmom*⁷⁸. (Coppa em Busse, Hellekson. 2006. 43.)

No entanto existe um ponto de cristalização da *fandom*, dos seus modelos, definição e manifestações iniciadas pela Ficção Científica que se torna de certa forma inescapável, especialmente para a *fanfiction* enquanto parte dos *fan endeavours*.

Star Trek.

O codificador e impulsionador do fenómeno da *fandom* como hoje é reconhecida. Nas análises, discussões e dissertações mesmo que não sejam centradas na *Fandom e Fan Endeavours* dos seus Fãs, *Star Trek* é amiúde referenciado quando se negociam as questões históricas ou da origem e a própria definição do termo *fanfiction* como trabalhos escritos por fãs a partir do original.

⁶⁹ ***BNF***: *Big Name Fan*: Fãs reconhecidos na fandom pela qualidade dos seus trabalhos ou interpretações e cujas opiniões são consideradas como marca de qualidade. É comum que os egos dos BNF comecem a interferir com o seu julgamento e se tornem arrogantes defensores do seu próprio valor.

⁷⁰ ***Con***: *Convention*: Abreviatura de convenção.

⁷¹ ***Egoboo***: *Ego Boost*: O prazer da validação de receber um bom comentário ou ser mencionado na fandom.

⁷² ***Fanboy***: *Fanboy* e *Fangirl* são termos de desdém para fãs que mostram demasiado entusiasmo, como uma criança hiperativa e petulante.

⁷³ ***Filk***: Canções sobre a fandom: A origem do termo teve origem num erro de impressão de *folk* (*song*).

⁷⁴ ***Gafiate***: *getting away from it all*: Afastar-se do mundano ou afastar-se da fandom. Pode ser utilizado em qualquer um dos sentidos.

⁷⁵ ***Mundane***: território dos não fãs, o dia a dia.

⁷⁶ ***Beta reader***: Na fandom é um leitor que se voluntaria para ler as *fanfiction* de outros antes de serem publicadas, num misto do papel do editor e revisor.

⁷⁷ ***Flame***: Crítica deliberadamente provocatória.

⁷⁸ ***Listmom***: Moderador de servidores ou listas de e-mails.

Utilizando este fulcro como referência podemos olhar para o passado e avançar até ao presente e, possivelmente, perspetivar o futuro. Foi neste momento que a *fanfiction* ganhou uma definição relativamente fixa, nos termos que a definem enquanto atividade textual transformativa de expressão criativa por parte dos fãs.

Star Trek

A série original foi apresentada pelo seu criador, Gene Roddenberry, na *Worldcon* de 1966, iniciando a sua emissão no canal da NBC no mesmo ano, transmitida por três temporadas e cancelada em 1969 devido aos baixos níveis de audiência. Porém, esses níveis não estavam relacionados com a adesão dos fãs à série e a mesma ganhou mais público e seguidores quando foi reemitida.

Sobre a *Fandom*:

Os fãs que adotaram o *Star Trek*, assim que foi apresentado na convenção, já faziam parte da *fandom* que seguia o género da ficção científica⁷⁹ e, dessa forma, já se encontravam dentro do sistema e das regras do que eram *fannish endeavours* assim como nas regras e métodos de integração de novos fãs, mas a *fanfiction* existente na *fandom* de ficção científica ainda coincidia com os termos e usos referidos por Prucher e registados por Speer.

Os fãs focavam-se mais na discussão do que acontecia no objeto de culto, comparando teorias, possibilidades, cartas a *zines*, autores e produtores, e discussões dos eventos, do que na produção de conteúdo adicional em relação ao mesmo.

Busse e Hellekson referem-se a esse tipo de atividades do fã como Participação Ativa.

⁷⁹ Existe alguma contestação em relação ao *Star Trek* ser a primeira *media fandom* organizada uma vez que a série televisiva *Men from U.N.C.L.E.* (1964-1968) já tinha capturado o grupo e gerado algum conteúdo paralelo que, no entanto, não era criado por fãs apenas pelo desejo de mais. Sendo conteúdo oficial não se encaixava na definição que a *fanfiction* tomou com a participação da *fandom* de *Star Trek* embora se enquadrasse na definição que Prucher listou.

From the start, Star Trek fans produced not simply the critical discussion typical of science fiction fandom but creative responses to their favorite show. From the first, Star Trek zines included fan art⁸⁰ – poems, songs, stories, drawings, teleplays. (Coppa em Busse, Hellekson. 2006. 45.)

Uma comunidade envolvida, vocal e participativa⁸¹, algo encorajado por Gene Roddenberry⁸², e que propulsionou a série a um estado de série culta e, mais tarde, ao continuar a criar, a participar em convenções e discutir *Star Trek* durante os anos sem novo conteúdo oficial levou ao revival do *franchise*. Em continuidade dos termos de Busse e Hellekson passaram a ter uma Participação Transformativa.

O estatuto de *Star Trek* como *Media Fandom* criou uma cisão na comunidade da ficção científica. Discriminado como “ficção científica para não leitores” (Coppa) sem ter em conta que a *fandom* continuava ativa em ambos os campos, e que os mesmos não eram mutuamente exclusivos.

O elitismo levou a *fandom* do *Star Trek* a abandonar as convenções da *fandom* “principal” e a criar as suas próprias convenções dedicadas apenas ao *Star Trek*. E, à medida que outras *fandoms* se formavam em redor de novas séries e novos *franchises*, incluíam-nos nas suas convenções uma vez que, da mesma forma que *Star Trek* não era bem-vindo nas convenções de ficção científica, as novas *media fandoms* eram também discriminadas.

Desta cisão e inclusão resultou o hábito que ainda permanece de referir a *fandom* pelo seu originador ao invés do género a que pertence. Deixou por isso um espaço e uma infraestrutura renovada para as *fandoms* que se seguiram,

⁸⁰ *Fan art* era usado em equivalência com o termo *fan endeavours*. No entanto *fan art* é utilizado na *fandom*, de momento, apenas em referência a desenhos, ilustrações e artes gráficas.

⁸¹ Coppa, no livro editado por Busse e Hellekson, *Fan Fictions and Fan Communities in the Age of the Internet*, argumenta que esse comportamento também foi influência da ameaça constante de cancelamento devido às fracas audiências registadas pelo sistema Nielsen.

⁸² Segundo Joan Marie Verba no seu livro *Boldly Writing: A Trekker Fan and Zine History, 1967-1987* estando o PDF da 2ª edição do volume disponível online.

<https://web.archive.org/web/20160910042451/http://www.ftlpublications.com/bwebook.pdf>
(20/12/2018)

Coppa indica que a atitude de Roddenberry era mais passiva, no sentido de deixar a comunidade fazer o que queria fazer sem interferir ativamente quer em aprovação ou desaprovação.

uma afirmação das suas validades independentes e fórmulas para o seu crescimento e partilha pelos fãs.

Sobre a *Fanfiction*:

As primeiras *fanfictions* oficialmente produzidas pela *fandom* de *Star Trek* foram publicadas numa *fanzine* em 1967, o primeiro volume de *Spockanalia*⁸³. Uma publicação construída apenas pelos fãs, com conteúdo criado por fãs e entregue aos fãs no ambiente da convenção por um preço simbólico ou em troca de outro trabalho equivalente, como *fan art*.

A *fanfiction*, ao contrário de outros *fan endeavours* era dominada pelas fãs. De acordo com questionários, fóruns e discussões entre fãs, as mulheres continuam a ser as escritoras dominantes da *fanfiction*, para além das construtoras dos sistemas de partilha e mediadoras da *fandom*.

As mulheres da *fandom* do *Star Trek* construíram a estrutura da prática dos *fan endeavours* a partir do estilo das *zines* da ficção científica⁸⁴.

Coppa retrata-as da seguinte forma:

(...) the women who built those fandoms tended to fit the profile of science fiction fans: they were better educated than most, heavy readers, and scientifically literate.
(Coppa em Busse, Hellekson. 2006. 45.)

E, em seguida, utiliza os cálculos de outra Autora para representar essa mesma predominância.

(...) fan historian Mary Ellen Curtin has calculated that 83 percent of Star Trek fan writers were women in 1970, and 90 percent in 1973. However else they were participating in the community, male star trek fans weren't writing fan fiction. (Coppa em Busse, Hellekson. 2006. 47.)

As mulheres escreviam e desenvolviam o universo a partir da série, do texto canónico. Escreviam e desenvolviam as personagens secundárias e principais.

⁸³ Publicada entre 1967-1970.

⁸⁴ Território de homens e dos escritores oficialmente autorizados com uma ou outra carta de um fã publicada entre os textos.

Definiram *tropes* que ainda hoje são utilizadas. Definiram conceitos que a *fanfiction* continua a utilizar, sendo de referir o *slash*⁸⁵ e *pairing*⁸⁶.

A Participação Transformativa das mulheres na *fandom* de *Star Trek* e o seu reescrever das histórias e escrever para lá das linhas do cânone trouxe a *fanfiction* à vida e despoletou um fenómeno mundial.

O que Cristalizou:

Em resumo, *Star Trek* redefiniu a *fandom* e as suas atividades:

- Fãs de Participação Ativa e Participação Transformativa;
- *Fandoms* subdividiram-se pelo seu original e não pelo seu género;
- Completa alteração do significado do termo *fanfiction*;
- Publicação de *zines* por fãs e para fãs;
- Participação Transformativa / criação de *fanfiction* dominada pelas mulheres;
- A educação de novos fãs sobre os modos da *fandom* quando a ela se juntavam;
- Convenções dedicadas apenas à sua *fandom*;
- Criação e identificação de *tropes* e géneros⁸⁷;
- Trabalhos sobre sexualidade, feminismo, inclusão e questões raciais;

E a forma como a sua *fandom* se organizou passou a ser a forma que as *fandoms* que se lhe seguiram (e precediam, tendo em conta *The Men from U.N.C.L.E.*) passaram a agir, produzir e progredir.

⁸⁵ **Slash:** termo utilizado como a referência de um par homossexual numa história. Deriva do uso do símbolo / para separar os nomes das personagens envolvidas na relação: ex: *Kirk/Spock*.

⁸⁶ **Pairing:** Par romântico. Derivações seriam *One True Pairing* ou *OTP* (quando é a relação preferencial do escritor na história) tendo evoluído para *ship*, *shipping*; ex: *that's my pairing* para *I ship them/it*.

⁸⁷ Coppa identifica: (...) *pon farr* (i.e. *Mate or die*), *body – and gender swap*, *alternate universes*, *time travel*, *crossovers*, *rapid aging*, *sex polen*, *AMTDI* (*Aliens Made Them Do It*), *amnesia* (...) (Coppa. 2017. 19.)

Do ponto de vista da consolidação do que é *fanfiction Star Trek* deixa a marca fundamental nas definições dadas como base e exploradas anteriormente. Um ponto comum que permite expansão e exploração.

Um trabalho de fãs para fãs a partir de um original.

Uma fórmula relativamente uniforme para aplicar na pesquisa e encontrar exemplos ocultos sob outros nomes, outros métodos, aceitação, sua sobrevivência, estudo e proteção temporal.

De notas nas margens dos livros, a revistas publicadas pelos próprios, à Internet que nos deu a possibilidade de bases de dados facilmente acessíveis.

A transmissão da história continua.

Passado

A *Writer's University*⁸⁸ criou uma breve história da *fanfiction*, publicada online no seu site, estando o mesmo associado à *fanfiction.net*, onde marcava o primeiro momento da *fanfiction* como a invenção do papel na China.

Esta primeira entrada na lista pode ter começado como um diálogo casual, uma piada entre Escritores e fãs, mas não deixa de ter lógica do ponto de vista funcional e técnico; se a *fanfiction* é concretizada quando escrita e partilhada o papel torna-se o momento em que o processo foi facilitado e legitimado.

Porém o método criativo, ou de criação, encontra equivalências nas fórmulas da oratura, das histórias tradicionais, na dispersão do mito e dos contos regionais, da sabedoria popular⁸⁹. A oratura seria desta forma, devido à sua metodologia, o ponto de origem da *fanfiction* enquanto trabalho de criação literária.

Os *Fanscholars* discutem que a *fanfiction* é, para além de uma manifestação de criatividade literária equivalente a qualquer outro método criativo e usando as fórmulas dessas mesmas criações, uma forma de protesto literário moderno,

⁸⁸ <http://web.archive.org/web/20030423102749/http://writersu.s5.com/history/history01.html> (20/12/2018) A *Writer's University* era um dos recursos da *fandom*, criada por elementos da mesma, ligada a *fanfiction.net*, iniciada em 1999, tornando-se um recurso independente em 2001, a *Fan History Wiki*. O objetivo era a centralização da informação sobre a *fandom* para educar leitores e escritores.

⁸⁹ Quem conta um conto acrescenta um ponto. *A good writer is a good reader.*

uma recuperação das histórias para o público, retirando-as das empresas, das corporações, da exploração monetária dos *mass media*. O poder da palavra escrita abandona o domínio do Autor e dos ganhos monetários para se rever e realizar na imaginação e experiências do Leitor.

Apontam neste processo a reformulação dos mitos, os seus diferentes finais, interpretações e as variações que daí se ergueram. Referem a *Ilíada*, a *Odisseia* a *Eneida*, numa continuidade mitológica, mútua e contínua. Nem a questão autoral dessas mesmas obras se encontra resolvida do ponto de vista da história literária, sob propostas de autoria múltipla sob um pseudónimo ou sob o nome de alguém cuja autoridade seja considerada inquestionável⁹⁰.

Também as múltiplas interpretações, reinterpretações e fábulas que foram inspiradas por temas bíblicos. A reinterpretação dos contos tradicionais pelos Irmãos Grimm de forma a tornar tradição oral e o trabalho de recolha estéril em textos com interesse comercial. Quantas versões orais/tradicionais encontramos do Capuchinho Vermelho antes e depois da sua autoria ser atribuída a Charles Perrault? Todas e muitas adaptações de qualquer tipo de trabalho literário ao cinema, ao teatro, ao musical, à televisão, ou, como amiúde acontece, dos outros media para a escrita.

Portanto onde começa a *fanfiction* como *fanfiction* não reúne um consenso, mas a discussão sobre a história encontra-se pelo espírito/definição não tanto pela forma da partilha e inspirações, uma vez que estes variam de acordo com as fórmulas de transmissão disponíveis⁹¹.

Mitos, lendas e contos com múltiplas versões e adaptações. Epílogos, continuações, alterações de POV e criação ou recuperação de cenas perdidas. Todas estas fórmulas foram usadas para textos que são parte do cânone e muitos dos seus usos são parte do que é considerado literatura clássica.

⁹⁰ Também utilizado na Bíblia. Afirmar que um testamento foi escrito por alguém próximo do objeto de foco (Jesus Cristo) torna o texto mais eficaz na transmissão da sua mensagem do que admitir que a autoria se encontra afastada desse mesmo foco por cem, duzentos anos e por uma pessoa sem reputação ou cuja reputação poderia colocar em causa a mensagem que se deseja transmitir.

⁹¹ Oral - escrito – revistas, notas nas margens, páginas soltas entregues em mão, publicações escondidas entre textos oficiais, *mailing lists*; A Internet, que apesar da sua forma continuar a ser a escrita, facilita a disseminação e permite jogar com as aparências da edição.

Cantebury Tales (1387-1400) de Chaucer foi referido por Coppa pela sua fórmula na criação do seu próprio livro *The Fanfiction Reader Folk Tales for the Digital Age*. Uma coleção de contos enquadrada na narrativa de um concurso de partilha. A mecânica da *fanfiction* em ação. Coppa partilha *fanfictions* de várias *fandoms* com o leitor. E da mesma forma que a fórmula inspirou Coppa, Chaucer foi aparentemente inspirado por um estilo semelhante exibido/publicado no *Decameron* de Giovanni Boccaccio (1348-1353) o que, mais uma vez, vai ao encontro da *fanfiction* com a contextualização “a partir de”. A mesma fórmula pode ser aplicada aos personagens utilizados e à construção dos contos em si. Estereótipos na caracterização dos contadores das histórias dentro da história, as adaptações de contos tradicionais ou regionais, os contos criados a partir de eventos da época e de tensões sociais; portanto a criação foi feita *a partir de*.

Para Pugh a argumentação a favor da presença da *fanfiction* enquanto uma criação pré-existente ao *copyright*, *fandom* e *media* também vai ao encontro de Chaucer, mais especificamente o recontar da lenda grega da guerra de Troia com *Troilus and Criseyde* (1380). O recontar de Chaucer vai inspirar uma outra reinterpretação que Robert Henryson “encontrou”, o *Testament of Cresseid* (século XV).

This second book, of course, does not exist, though it will: he is about to write it.
(Pugh. 2005. 14.)

A sequela ao trabalho de Chaucer que irá ser acrescentada ao Arquivo que, aparentemente, começou na Grécia, nos mitos associados à guerra de Troia⁹².

Benoît de Sainte-Maure compôs uma outra versão do conto, *Le Roman de Troie* (1155-1160) acrescentando a sua interpretação ao arquivo criando a personagem de Briseida. Personagem que sob a reinterpretação de Boccaccio, intitulada *Il Filostrato* (1335 ou 1340), toma o nome de Criseida. Utilizando estas obras disponíveis, sendo que grande parte dos que se dedicam ao estudo da obra de Chaucer indicam que a sua fonte principal foi Boccaccio⁹³, Criseyde é reimaginada. Robert Henryson utiliza a mesma personagem, o nome mais uma

⁹² Os mesmos mitos que dão origem aos clássicos da *Iliada*, *Odisseia* e *Eneida*, já conectados ao arquivo principal se utilizarmos a interpretação de Derecho.

⁹³ Da mesma forma como a fórmula de *Decameron* leva à metodologia de *Cantebury*.

vez ajustado, a percepção da personagem alterada, descreve Cresseid, e constrói o seu poema como um epílogo sob o peso autoral de Chaucer. *Troilus and Cressida* (1602) foi a interpretação teatral de Shakespeare em forma de tragédia. *Troilus and Cressida* (1954) de William Walton trouxe o mito para a ópera a partir de Chaucer.

Utilizando a argumentação sobre a construção e composição da *fanfiction* encontramos pontos de intersecção, onde os métodos são tão semelhantes que se tornam indistintos. A diferença a apontar seria a publicação e o reconhecimento do seu trabalho enquanto Autor. A imitação e interpretação de uma temática é aceite e a metodologia criativa que vigora neste tipo de literatura medieval.

Temos desta forma variadas obras que partilham o mesmo fulcro de origem e aceitam adições posteriores, de outros Autores que cimentam o cânone utilizado. A presença de Briseida/ Criseida/ Criseyde/ Cresseid/ Cressida é *headcanon*⁹⁴ que se tornou *fanon*⁹⁵ e dentro do Arquivo se cimentou como *canon* por repetição e validação pelos escritores que utilizaram o mito nas publicações subsequentes. Sem Autor vivo para validar o *fanon* com uma *Word of God*⁹⁶ cada escritor acrescentou a sua interpretação. Conteúdo e possibilidades expandiram o mito.

Shakespeare continua a ser parte da discussão sobre a história da *fanfiction* devido à sua ficcionalização de pessoas reais, assim como o seu uso criativo de outras fontes de mitos, lendas, histórias e referências históricas, reais, imaginárias ou populares. O método utilizado é equivalente ao da criação do romance histórico, como referido anteriormente por Pugh em relação a Dumas.

Desta forma, antes da identificação formal da distinção entre fã e autor pelo advento do copyright, a mecânica da criação da *fanfiction* era apenas a fórmula da criação de qualquer publicação. A partir de um outro texto, de um Autor, de um mito em intertextualidade e referência direta. Em teoria a metodologia

⁹⁴ **Headcanon:** Ideias sobre as personagens e circunstâncias do texto canónico.

⁹⁵ **Fanon:** *Headcanons* aceites como quase oficiais pelos fãs.

⁹⁶ **Word of God:** Quando o Autor confirma através de uma comunicação (tweet, Instagram, entrevista, painel de convenção, Q&A) uma teoria que a fandom imaginou através de WMG e interpretações que se tornaram amplamente aceites como uma interpretação correta da personagem ou da história.

mantém-se inalterada, quebrada apenas pela publicação e legitimação do trabalho pago.

O conceito do Autor como dono, a noção da propriedade intelectual encerra o diálogo dos textos que se constroem com base noutros. Pelo menos quando o Autor não quer partilhar as “suas” personagens e quer manter os leitores como recetores inertes do conteúdo que pretende transmitir, a presença anulada no que está escrito, sem escapatória de interpretação e recriação de outra perspetiva ou vivência, sem possibilidade de ver para lá do significado sancionado por deus⁹⁷.

A maior parte dos *Fanscholars* concorda que as primeiras *fanfictions* dentro dos limites estipulados pelo copyright e registadas de forma mais metódica pertencem aos fãs de Jane Austen, nomeadamente a sua sobrinha, Fanny Knight, numa carta escrita como se fora pela mão de Elizabeth Darcy para que a sua tia respondesse sob a voz de Georgiana.

A fandom de Jane Austen desde a publicação de *The Younger Sister*, em 1850, por outra das suas sobrinhas, Catherine-Anne Hubback, manteve um crescimento constante e a cada adaptação televisiva ou cinematográfica cresce e renova o interesse nos livros e nos arquivos. A fandom escreve geralmente sob o estilo de Austen e discute o seu estilo e criações em arquivos dedicados apenas à Autora.

Arthur Conan Doyle, disse ao ator William Gillette: *You may marry him, or murder him, or do anything you like to him* quando o ator o contactou em relação aos seus sentimentos sobre o casamento da personagem na peça que representava. Os *Fanscholars* usam amiúde esta citação como um exemplo de *fanfiction*. Porém, nesta *fandom*, o nome de Sherlock Holmes é mais sonante do que o do seu criador, um culto da personagem que quase o levou a ser mais real que o seu Autor. A sua *fandom* chorou a morte do detetive em 1893 e escreveu ficção e cartas para publicar em homenagem e continuar em pastiche.

O estilo de escrita de Doyle levava os fãs a especular e a criar explicações para as discrepâncias nas publicações. Nessa especulação surge *fanwank* numa equivalência à masturbação, no sentido em que a especulação e discussão não tem qualquer outro propósito do que o prazer de o fazer. E nessa busca de prazer

⁹⁷ O Autor.

pelo texto e especulação surgem algumas características chave da *fandom* e das suas formas de operar.

Ronald Knox em 1902 escreveu sobre a questão da interpretação e manipulação do texto, registando pela primeira vez a utilização do termo *cânone/canon*. O seu tom satírico comparava a reverência e investigação do texto original à reverência religiosa pelo texto da Bíblia ao mesmo tempo que o interpretam e usam para os seus propósitos. E dessa forma os fãs moldaram o termo de *cânone*, adotaram-no e utilizaram-no para os seus propósitos.

O ano de 1934 regista a criação dos *Baker Street Irregulars* em Nova Iorque e a *Sherlock Holmes Society* em Londres onde a discussão se baseava no *meta*, nas teorias e não apenas na produção de pastiche. Conceitos como *Genderbender/genderswap*⁹⁸, *slash*⁹⁹, abreviação de títulos para as suas iniciais para referência rápida da *fandom* e/ou de um título em particular¹⁰⁰ vieram dos escritos e discussões destas comunidades.

Os pastiches diferem apenas da *fanfiction* pela aceitação tácita do seu valor derivado da edição e publicação. E Sherlock Holmes gerou bastantes.

A Ficção Científica construiu as suas fundações nestas bases e com os termos acumulados ao longo do tempo. *Star Trek* manteve essa continuidade e cristalizou as práticas.

No entanto, 1966 trouxe duas outras obras na chamada Alta Cultura que alteraram a fórmula da ficção, aproximando-a da metodologia criativa da *fanfiction*. Lev Grossman aponta para *Wide Sargasso Sea* de Jean Rhys e

⁹⁸ **Genderbender/genderswap**: Inversão do género de uma personagem e reescrita da história com essa diferença. Geralmente uma *Alternate Continuity (AC)* ou um *AU* se a inversão ocorre numa reescrita que altera mais do que esse detalhe como por exemplo uma reescrita no presente. A sua origem em *Sherlock Holmes* advém de uma teoria de Rex Stout em 1941 intitulada de *Watson was a Woman*.

http://www.nerowolfe.org/pdf/stout/home_family/BSI/Watson_was_a_woman.pdf

⁹⁹ O subtexto homoerótico entre Sherlock e Watson foi o que levou inicialmente Stout a propor a sua *genderswap*. Outros decidiram simplesmente assumir o subtexto e escrever *Slash*.

¹⁰⁰ Sherlock Holmes: SH

Study In Scarlet: SIS

Harry Potter: HP

Start Trek: ST ou mais especificamente quando se referem às diferentes séries ou filmes *Star Trek: The Original Series*: ST:TOS.

Rosencrantz and Guildenstern Are Dead de Tom Stoppard. Um livro e uma peça, ambos baseados em trabalhos publicados e personagens pré-existentes, de outros Autores - *Jayne Eyre* de Charlotte Brönte e *Hamlet* de Shakespeare.

It's unlikely that Jean Rhys or Tom Stoppard would have been much tempted to contribute to the pages of Spockanalia, had they even known it existed, but in a way they and the Spockanaliens were engaged in very much the same project: the breaking down of a long-standing state of affairs that made stories and characters the exclusive province of their authors, and that locked readers and viewers into a state of mute passivity. (Grossman em Jamison. 2013. xi.)^{101]}

Relativamente Recente

A Internet tornou os movimentos da *fandom* e da *fanfiction* num fenómeno de interatividade e partilha mundial. A facilidade de comunicação, de partilhar comentários e opiniões, deixando um espaço para a discussão. Outras áreas da cultura popular passaram a ser parte do movimento e adotaram as fórmulas da *fanfiction* no seu crescimento.

As *fandoms* ao mesmo tempo que se expandiram pelo espaço digital centralizaram-se, cada uma conseguindo o seu espaço. Um site para partilhar com o mundo. *Usenet, Mailing Lists, Blogs, Livejournal*, sites dedicados, Arquivos. Apesar desta migração, a tradição das convenções continua, mantém e mistura as fórmulas de partilha dos *fan endeavours* e educação dos novos fãs.

Em 1998 *Fanfiction.net* foi colocada online, o primeiro arquivo multi-*fandom*.

A breve história da *fanfiction* da *Writer's University* coloca esse momento como o final da sua linha temporal numa primeira publicação.

O site passou a ser a forma de partilha primária de *fanfiction*.

Porém, a presença digital levou ao alerta e à desaprovação dos grupos que não compreendem o conceito de *fanfiction* como uma expressão criativa, sem objetivo lucrativo e criada apenas pelo prazer e desejo de mais. Questões de *Copyright* (não aplicáveis devido às cláusulas de *fair use*), comerciais (*Warner Brothers* quando atacou variados fan-sites dedicados a Harry Potter), Puritanas

¹⁰¹ Jamison, Anne. 2013. *Fic: Why Fanfiction is Taking Over the World*. Texas, Dallas: Smart Pop, BenBella Books, Inc.

(os ataques a conteúdos de *slash*, LGBTQA+ e explicitamente sexuais/pornográficos mesmo quando devidamente marcados e apenas acessíveis quando ativamente procurados) ou desdém (académico, editorial, autoral)¹⁰².

Destas perseguições e purgas o *Archive of Our Own* surgiu, acompanhado pelos mecanismos que defendem a *fanfiction*, como expressão criativa e literária, *The Organization of Transformative Works*.

Interesse?

A história da *fanfiction* é irrelevante para a grande maioria dos fãs que a produzem. De quando em quando questionam-se sobre um ou outro detalhe e obtêm a sua resposta por parte de fãs que vivenciaram os eventos referidos ou que se interessam pelo registo da sua atividade. A maioria reconhece *Star Trek* como ponto de origem. Outros apenas sabem que o fenómeno de popularidade que foi *Harry Potter* trouxe a *fanfiction* ao escrutínio público. E aqueles que sabem da origem de *50 Shades of Grey* terão ainda outra perspetiva.

O momento em que nos encontramos é aquele em que o capitalismo tomou nota do vasto mundo de produção que é a *fanfiction* e começou a arrancar dela o que acha que mais lucro vai gerar ao mesmo tempo que as leis se preparam para um novo ataque à nossa produção e partilha em nome da defesa dos Direitos de Autor, Propriedade Intelectual e *Copyright*.

Esta é uma visão deprimente, realista e cínica. De uma forma pessoal posso afirmar que continuarei a produzir de forma criativa, de acordo com a frustração e fascínio que o texto gerar. De uma forma académica procuro legitimar a prática e o produto. E enquanto fã uno-me aos outros para protestar e proteger o nosso valor e legitimidade.

¹⁰² Tumblr, enquanto site, oferece recursos em relação à *fanfiction* que ajudam à contextualização. Muito do discurso sobre a transformação e muita das fórmulas de ensino e apresentação das *fandoms* ocorrem em *posts* dos *blogs* dentro destes sites. O link <http://quincette.tumblr.com/post/181616632125/a-history-of-fandom-purges> com a fonte no blog de <http://olderthannetfic.tumblr.com/post/180460944454/a-history-of-fandom-purges> delinea e explicita as principais purgas da era digital.

A humanidade e as suas histórias crescem a partir da partilha. Mais é sempre gerado quando existe liberdade de explorar, pensar e interpretar de acordo com a experiência pessoal, social e coletiva. A história da *fanfiction* encontra-se nas entrelinhas dessa mesma produção e partilha, oculta sob outros nomes, outras práticas e o véu do tempo.

Interdisciplinaridade

A *fanfiction* constrói-se de e na intertextualidade.

O seu estudo ganha forma na, e através da, interdisciplinaridade.

Cada campo Académico estuda a *fanfiction* a partir da sua perspetiva teórica e técnica e trabalha o objeto com as suas ferramentas. No entanto, é apenas através do cruzamento de informação, teorias, perspetivas e de conclusões, que se obtém uma imagem facetada, tridimensional, completa, capaz de mostrar através do diálogo, desafio e complementos o que é a *fanfiction*, seja na definição, na função, formação e ramificação.

Referir as outras disciplinas que contribuem para o estudo da *fanfiction* é parte da contextualização antes de levar o foco às questões literárias que rodeiam o Autor e o Leitor e como estes se ajustam, adaptam e evoluem na *fanfiction*.

O cruzamento entre as mesmas apenas enriquece a produção da teoria e da compreensão muito embora a maioria de quem escreve e quem consome a *fanfiction* não considere este tipo de teoria sistemática e sistematizadora importante e, paradoxalmente, produza informalmente nas discussões de *meta* mais teoria que muitos dos que se dedicam especificamente ao tópico, seja a criação de *fanfiction*, no funcionamento da *fandom* ou na análise de um texto em particular. Outro ponto de interesse a referenciar é o das origens académicas de grande parte dos *fanscholars* que publicam trabalhos em resposta à curiosidade do público e ao crescimento do campo de *Fan Studies*. Provêm maioritariamente da Linguística e da Literatura.

Começando pela Linguística e especificamente a Língua Inglesa existem vários fatores a referenciar: A ocidentalização da sociedade devido ao Imperialismo, a Internet que a utiliza como língua franca, a origem de grande parte dos produtos de entretenimento quer literários, quer *media*. *Proto-fandoms* e o avô de todas as *fandoms* têm a sua origem na Inglaterra¹⁰³ e América¹⁰⁴. E o próprio *Star Trek* foi entendido como codificador. Não é incomum, que quando o texto de origem se constrói noutra língua, se use uma tradução inglesa, publicada ou feita por um fã, como base comum para a produção de fãs e se

¹⁰³ Austen e Holmes como referido anteriormente.

¹⁰⁴ Ficção Científica.

abra uma discussão com quem saiba a língua da fonte para colocar texto e tradução em diálogo.¹⁰⁵

Todas as línguas são, no entanto, permitidas e listadas nos arquivos digitais. Se não existe na lista é possível solicitar aos moderadores que criem essa mesma entrada para que se possa publicar a sua *fanfiction*. Um fã não deixa de ser escritor por escrever na sua língua materna; apesar de poder apenas chegar à parte da comunidade que fala, escreve, lê e compreende essa língua.

Em relação à Literatura a contextualização e conexão será breve uma vez que a exploração da *fanfiction* nesta tese se encontra dentro dos parâmetros de Autor-Leitor do campo. A *fanfiction* é uma produção literária. Cria texto. Texto pode ser analisado, explorado, contextualizado, recontextualizado, redefinido e refinado. Se observada sob o prisma de um movimento literário pode ser equiparada às teorias literárias que quebraram e expandiram os parâmetros ao longo do avançar da história, ou seja, a uma mudança de paradigma de produção e compreensão na forma de consumo, estudo e criação literária.

¹⁰⁵ Um exemplo seria *One Punch Man*. O original é um *Webcomic* japonês, escrito e desenhado por um japonês sob o nome de ONE, o seu diálogo escrito em japonês, traduzido por fãs online. Recentemente a popularidade desse mesmo *webcomic* levou à sua publicação em japonês, redesenhado por Yusuke Murata, a história continuando a ser guiada por ONE, amiúde expandindo o que já tinha online, publicado em volumes de manga pelo *Shonen Jump*. *Shonen Jump* é uma revista de manga publicada mensalmente com os capítulos mais recentes das mangas que tem contratadas. A tradução em Inglês dos volumes foi feita pela *VIZ media*. Porém, antes de ser licenciada para publicação os fãs faziam a tradução dos capítulos mensais e publicavam online. A batalha entre tradução e línguas concentra-se sobretudo na linguagem de um dos personagens, Genos. Tanto em Japonês como na tradução dos fãs ele é rude e usa linguagem mais agressiva. A manga é do estilo *Seinen*, ou seja, para adultos e especificamente para uma audiência masculina. A tradução de *VIZ media* optou por suavizar o praguejar ao ponto de infantilizar a profanidade. O que levou ao *#LetGenosCurse* e *#LetGenosSayFuck* entre a *fandom* mais antiga e a que começou a ver o anime emitido em 2016-2017 e cujas legendas, feitas pelos fãs, publicada online, ecoavam a linguagem usada pelo *Seiyu* (*Voice Actor*, dobrador em Japonês. A *fandom* de anime e manga tende a utilizar no seu discurso a terminologia Japonesa em adição à terminologia comum). Na *fanfiction* desta *fandom* geralmente opta-se por manter a tradução feita pelos fãs como o texto canónico e considera-se a tradução oficial da *VIZ Media* como um caso perdido embora os fãs contactem *VIZ media* numa tentativa de mudar essa mesma falha.

A Antropologia, Sociologia, Etnografia e Psicologia focam-se na *Fandom*, na forma como o grupo se organiza em redor do objeto de culto e a partir dele cria texto, arte, discussões, interpretações, traduções e na sua dinâmica, hierarquias e forma de expansão, no que os une e leva a criar a partilhar.

Os Estudos Femininos também têm observações em relação à *fanfiction*. As mulheres são a grande maioria das escritoras da *fanfiction*. Foram, no início, com a cisão de *Star Trek* e continuam a ser a maior parte das distribuidoras, as construtoras da base de dados, as que ajustaram o sistema às necessidades da produção e partilha. O cliché do escritor de *fanfiction* como a adolescente é uma parte mínima do grupo, iniciados que crescem para se tornar mais, uma parte ativa e madura que continua a aprender e a fazer crescer o fenómeno. O ativismo do feminismo também encontra eco nos temas *LGBTQ+A*, na promessa da representação de *People of Colour (POC)* e no combate contra o sistema.

Os estudos sobre os Media, Cinematografia e Cultura Popular da mesma forma viram a interação entre fãs e as suas séries e tomaram nota dos desejos e tendências expressos, transformando uma indústria estanque, criadores separados do seu público, num diálogo constante, fomentando crescimento e melhoria.

A escrita criativa começou a tomar nota dos métodos e arquivos da *fandom*, disponibilizados no Tumblr adotando as listas, os *prompts* e os estilos de desafio para benefício dos novos escritores, validando a argumentação de *fanfiction* enquanto campo de treino para futuros autores.

A *fanfiction* enquanto produção literária organiza-se de forma peculiar e familiar. A Arquivística tomou nota, tanto numa tentativa de inclusão da *fanfiction* nas suas bibliotecas como no ajuste das suas próprias fórmula de arquivo, em resposta aos estilos de busca dos sites que a disponibilizam.

De forma semelhante a Edição, Revisão e Publicação tomaram notas. Dentro da *fanfiction* existem *Beta Readers* que se oferecem para ler e corrigir os trabalhos antes de serem disponibilizados. Os comentários, por vezes, também indicam erros e comunicam-nos ao escritor para localizar e alterar. A publicação é simplificada e livre, sem se submeter a regras ou a padrões, resultando numa variedade de qualidades, quantidades e estilos dentro do mesmo arquivo, *fandom* e mesmo dentro do mesmo do mesmo *prompt*. Alguns fãs e leitores referem ser mais simples encontrar o que procuram nos arquivos da *fanfiction*

mesmo sem seguirem uma *fandom* em específico do que numa livraria ou site de venda de livros.

A Lei e a Legislação também têm um interesse na *fanfiction*, sobretudo na investigação e correlação com as leis de *copyright*.

As Ciências da Comunicação e Estudos Digitais também têm a sua opinião e meios a acrescentar à exploração uma vez que a *fanfiction* adotou as tecnologias rapidamente e colocou-as ao seu serviço para uma mais fácil difusão, para chegar a um público mais vasto com facilidade e clareza. Da impressão, mimeografia, à internet, a *fanfiction* vê na novidade uma forma de avançar, continuar e crescer, muito provavelmente um incentivo das suas origens na ficção científica e *Star Trek*, em ir para lá do horizonte, fazer mais do que se acha possível, expandir e sonhar.

A Interpretação como fonte de inspiração. A Dramaturgia é uma disciplina teátrico-literária que se baseia exatamente na maleabilidade do texto com vista a produzir um objeto teatral que se encaixa tanto no original como no presente como nas ideias que o dramaturgo, o encenador e o ator possam ter, alimentadas pelo texto, contexto, palavras e a história da própria obra. O processo é semelhante. Um texto, uma palavra, uma ação, lançam a faúlha para uma diferente criação, interpretação, algo único, distinto e, no entanto, encaixado no que é, e sempre será, o original.

E se a interpretação é chave tem de ser referida a semiótica que vai, mais uma vez, conectar-se com a antropologia, a sociologia e a própria dramaturgia.

A interdisciplinaridade da *fanfiction* reflete uma tendência marcada de perda da exclusividade dos campos, um quebrar das barreiras antes consideradas estanques, uma fórmula que apenas enriquece os objetos de estudo ao colocá-los em diálogo com perspectivas não só diferentes dentro mesmo campo, mas também tangenciais de campos paralelos e cujas intersecções podem revelar mais acerca do objeto de estudo do que apenas um foco microscópico e dissecação minuciosa.

E, mais uma vez, toda esta teoria e subdivisão é absolutamente irrelevante para o fã-consumidor e fã-produtor e, no entanto, pode aparecer casualmente misturada num comentário ou num esclarecimento em relação à história que é lida ou escrita.

Fans, it often seemed, were paying more attention and saying smarter things than my Ivy League students (or, for that matter, than their TA). Plus the fans did it for fun. They enjoyed attending closely and making arguments based on their observations. For all I knew, some of these fans were my students, but how could I get students to do this stuff as students? (Jamison. 2013. 6.)

A fórmula que responde à questão de Jamison encontra-se na liberdade. Liberdade para pensar, para criar e para interpretar mesmo que as suas interpretações difiram das que foram cimentadas como “corretas” e liberdade para colocar as opiniões em diálogo.

A construção da *fandom* digital pode ser confusa e dada a guerras entre opiniões e preferências, mas o diálogo e discussão produzem opiniões, possibilidades e um padrão vibrante que mantém o interesse vivo, uma vez que tudo e nada podem ser validados pela perspectiva escolhida e como processo de interpretação, em vez de transmissão inerte e conclusões pré-definidas para as quais os estudantes são guiados.

Intertextualidade, interdisciplinaridade e maleabilidade. O diálogo contínuo dos elementos que levam à criação da *fanfiction* estende-se às suas fórmulas de estudo e compreensão; permitem-lhe ultrapassar os obstáculos colocados pela tendência de fragmentar e isolar que a tradição ditou tornar-se a fórmula como o conhecimento é transmitido. Permitem-lhe crescer, adaptar e singrar como um objeto de estudo multifacetado e tridimensional.

Terminologia

Torna-se necessário referir que a *fanfiction* possui um vocabulário especializado, explicitado, definido e organizado ao longo do texto para garantir uma melhor contextualização, compreensão e conceptualização.

A terminologia utilizada irá ser compilada e incluída num Glossário, sendo de notar que os termos introduzidos podem ter entrado em desuso, aquando do término desta exploração, devido à natureza do objeto em estudo e da sua forma de partilha, disseminação, criação e crescimento. O mundo move-se depressa e a internet facilita esse movimento e fluidez de alteração.

As notas de rodapé explanam os mesmos de forma sucinta e encontram-se também organizadas num glossário no final da tese.

2 - O Autor Permanece

Conceito Mundano

O Autor: a figura do criador com todas as respostas entrelaçadas na sua escrita, tornada imutável e intocável na sua publicação. O conceito do Autor encontra-se enraizado na percepção do público, embora seja uma conceptualização relativamente recente (séculos XVIII e XIX), construída por homens que queriam manter a sua criação associada ao seu nome e dessa forma lucrar com a sua difusão.

Quando se refere “Autor”, “o Autor” ou “um Autor” grande parte das pessoas reconhece e associa o termo a uma imagem específica, construída pelas suas vivências, podendo ser uma percepção mais clara, mais obscura ou relacionada com uma corrente de pensamento teórico. Se se associa a essa imagem conceptual conotações legais, teóricas, filosóficas, linguísticas ou culturais a definição é mais uma vez distorcida e reinterpretada.

Em geral a resposta segue por uma via: O Autor é um escritor que criou, escreveu e publicou um livro. E a imagem pré-definida vem quase sempre associada ao género masculino. E essa mesma predefinição é mantida viva e reforçada pelos esforços dos media, das editoras e da cultura, tanto da forma como é vivida como da forma como é estudada.

Conceito Fanático

Na *fanfiction* o Autor é Deus¹⁰⁶. Esta afirmação pode parecer hiperbólica, porém a comparação encontra-se profundamente envolvida e integrada na linguagem da *fandom*. Contem também os ecos do conceito mundano uma vez que essa é a origem da imagem inicial, partilhada, uma noção independente do caminho a que os interesse individuais possam levar. Esses interesses, por outro lado, irão influenciar as definições disponíveis e ajustá-las à mentalidade do seu produtor.

¹⁰⁶ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/CreatorWorship> (10/02/2019)

Os termos *Canon* e *Sacred Writings*, conceitos vindos da *fandom* Holmesiana, desenvolvidos a partir de uma comparação sarcástica de um dos seus fãs (Knox) em relação à atitude dos outros fãs e à forma como se referiam, liam e discutiam o conjunto de histórias publicadas por Arthur Conan Doyle. São duas ideias derivadas diretamente do uso da Bíblia e dos conteúdos da Bíblia sob a perspectiva de um crente.

*Word of God*¹⁰⁷, *Shrug of God*¹⁰⁸, *Flip-Flop of God*¹⁰⁹, *Lying Creator*¹¹⁰, *Trolling Creator*¹¹¹, *God Never Said That*¹¹², *Ascended Fanon*¹¹³, *Only The Creator Does it Right*¹¹⁴ são conceitos listados na *tvtropes*, todos eles em relação ao Autor e à sua intervenção em relação à *fandom* e acerca da relação da *fandom* com o mesmo, do modo como encaram a figura Autoral e a sua interação no produto que seguem, pós-publicação. Partilham o nome com Deus, com Criador, com a Ascensão. E quando aplicadas ganham legitimidade pela ligação Autoral.

The Powers That Be, vindo da *fandom* de *Buffy, The Vampire Slayer*, usado informalmente para referir os criadores, os produtores¹¹⁵ e a ameaça omnipresente de opressão legal¹¹⁶ e formalmente utilizado no seu *Spin-Off, Angel*, como um aceno à *fandom*, uma vez que se referia poderes “superiores” corruptos, quer mundanos¹¹⁷, quer sobrenaturais.¹¹⁸ E continua com a referenciação à entidade cuja autoridade não é contestada na religião.

¹⁰⁷ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WordOfGod> (10/02/2019)

¹⁰⁸ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ShrugOfGod> (10/02/2019)

¹⁰⁹ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FlipFlopOfGod> (10/02/2019)

¹¹⁰ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/LyingCreator> (10/02/2019)

¹¹¹ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TrollingCreator> (10/02/2019)

¹¹² <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GodNeverSaidThat> (10/02/2019)

¹¹³ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/AscendedFanon> (10/02/2019)

¹¹⁴ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/OnlyTheCreatorDoesItRight> (10/02/2019)

¹¹⁵ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GodDoesNotOwnThisWorld> (10/02/2019)

¹¹⁶ Sob qualquer das paranoias que a ameaça veja como iminente e anteriormente referenciadas ao discutir o conceito de *copyright* e *fair use*.

¹¹⁷ Advogados.

¹¹⁸ Joss Whedon, criador de *Buffy* e *Angel* era uma presença ativa na *fandom* e interagiu com os fãs regularmente, apoiando o esforço de *fanfiction*, considerando-o um crescimento natural do produto: *That's why I made these shows. I didn't make them so that people would enjoy them and*

Toda a terminologia anteriormente mencionada referencia a religião e o estatuto divino de forma jocosa, algo que pouco se alterou desde a dissertação Holmesiana, e situa o Autor como *O Criador*. O que se faz com a sua criação, por outro lado, já faz parte de um outro tipo de atividade que mais uma vez pode ser equiparada à forma como a religião opera, como é criada, como encara os textos e como os interpreta para conseguir os seus desígnios e desejos.

O divino Autor não é infalível e a *fandom* é absolutamente vocal e agressiva quando se sente roubada por quem deveria saber manter a promessa do seu trabalho. E a *fandom* quando sente que tudo está perdido, quando sente que o final falhou à sua história, quando vê o texto ignorar o seu potencial, produz, desafia e publica online gritando para a internet, e para os fãs que sentiram o mesmo abalo, que a *fanfiction* vai salvar o dia.

Presença

O Autor na *fandom* existe e continua a existir, é referenciado diretamente e indiretamente, se vivo pode ser a favor ou contra¹¹⁹ e pode ser, ou não, suscetível a contacto e comentário. Mesmo quando morto, ausente ou negado, continua a ser uma presença no produto final, uma vez que o Autor e a sua criação são parte integral do sistema de produção da *fanfiction*. “A partir de”. Tal não se altera.

A *fandom* enquanto grupo é politeísta. O conceito de *fandom* contém todas as *fandoms*, portanto, todos os Autores, todos os produtos publicados, independentemente de origem e apresentação. Como referenciado no capítulo anterior, a tendência predominante é nomear a *fandom* pelo título do seu objeto de foco e nessa propensão muitas vezes o Autor é uma figura muda, alguém que os fãs sabem existir, mas não entra na negociação e na interpretação que leva à *fanfiction*, uma vez que o texto e personagens tomaram primazia¹²⁰.

forget them; I made them so they would never be able to shake them. It's the way I am as a fan. I create the shows that would make me do that. <http://www.whedon.info/Television-s-afterlife-angel.html>

¹¹⁹ https://fanlore.org/wiki/Professional_Author_Fanfic_Policies (12/2/2019)

¹²⁰ Mais uma vez de referir Sherlock Holmes. Arthur Conan Doyle, o Autor, foi engolido e eclipsado pela sua criação.

A *fandom* é monoteísta quando se refere especificamente ao seu objeto de foco. *Harry Potter fandom*, *LOTR fandom*, *Star Wars fandom*, *Star Trek fandom*. O Autor tem tendência a ser mais presente na discussão do produto/texto quando se especifica qual é a *fandom* referida, especialmente quando o crédito de “criador” tem sido publicitado e exaltado pelos media. J.K. Rowling; J.R.R. Tolkien; George Lucas; Gene Rodenberry. Estes são os Autores. Mas o nome da *fandom* sobrepõe-se para incluir os filmes, os guionistas, os realizadores, os Autores de textos oficiais de expansão do universo, os atores... Porém existem níveis de aceitação das opiniões dessas inclusões secundárias. Autor tem *Word of God*. Outros, associados à esfera oficial, detêm *Word of Saint Paul*¹²¹. E fãs de estatuto cimentado, ou opiniões particularmente pertinentes, oferecem a *Word of Dante*¹²².

O fã pode ser ambos: Monoteísta quando adorando apenas um texto, uma série ou um Autor, mantendo-se nessa *fandom* específica ao longo da sua experiência enquanto fã; politeísta quando o seu interesse incorpora variadas *fandoms*, variados Autores, séries e histórias, seguindo Escritores para novas *fandoms* ou encontrando por si mesmo um novo interesse.

Da mesma forma que se negocia a religião, a *fandom* depara-se e debate-se com as questões de quem é o Autor; o que quer dizer; como interpretar, como utilizar o cânone, como organizar as suas práticas de *fan endeavours*.¹²³

¹²¹ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WordOfSaintPaul>

¹²² <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WordOfDante> . A palavra daquele que escreveu a famosa *fanfiction* da Bíblia, A Divina Comédia, debruçando-se sobre o Inferno aludido no original.

¹²³ Exemplificando com a *fandom* de Harry Potter:

Deus: J.K. Rowling.

Bíblia: Sete volumes. Oito Filmes a partir dos Livros. Material Suplementar. Peça de Teatro. Dois filmes de expansão do universo mágico.

Cânone: A escolha do cânone depende do fã. Apenas o Livro. Apenas os Filmes. Apenas os materiais suplementares. Ambos, todos e mais as muitas *Words of God* que Rowling ofereceu no site *Pottermore*. Os arquivos de *fanfiction* permitem a escolha do cânone quando se executa a pesquisa para encontrar a leitura seguinte.

Adoração, rebelião, interpretação, literalidade, lealdade, expansões, cisões e derivações. Esses são os movimentos executados pelos Escritores em resposta ao desejo dos Leitores.

Nos termos da *fandom* o Autor permanece como a fonte de tudo, mantendo a equivalência desta introdução. Tem autoridade no que quer fazer e tem a palavra final em relação ao produto canônico. Leitor e Escritor concordam porque é o Autor, a fonte, quem lhes proporcionou o objeto que capturou a atenção, mas nunca irão deixar de pensar *e se, ou, talvez, imaginemos que* e provavelmente, se suficientemente acicatados por uma atitude do Autor ou pela sua escrita, afirmar que “tinhas potencial e estragaste tudo” seguido por uma correção, se levado à escrita de uma *fanfiction*, ou uma crítica diretamente ao livro, ou num *post* no Tumblr e, muito provavelmente, dando início a uma guerra entre a *fandom*.

Porém, o que se procura neste capítulo é definir a posição do Autor perante a *fanfiction*, através da teoria literária.

Cruzamentos Conceptuais

A discussão sobre o Autor em termos teóricos não aparece frequentemente nos debates e textos de *Fanscholars* uma vez que o leitor, o escritor, os fãs, os textos e as mecânicas das *fandoms* são os focos principais na exploração da temática. E nesses focos ainda seria de incluir a sempre em expansão intertextualidade e interdisciplinaridade na exploração da *fanfiction*.

O Autor tem o seu lugar cimentado pelo tempo, cultura ocidental e *copyright*. É mencionado nas discussões e uma presença constante, referenciada ou apenas mencionada como a “origem”, relegado para segundo plano perante o sistema da *fanfiction*, pela negociação do conceito, teoria, definição e funcionamento da mesma. E, no entanto, esta aparente ausência do Autor na discussão leva exatamente ao ponto da teoria literária que encaixa, ajusta, adapta e explana a forma como o Autor se define, trabalha e se situa dentro do universo da criação *fanfiction*.¹²⁴

¹²⁴ Ignorando neste momento o funcionamento da *fandom* e das discussões de *meta* em redor do texto, focando apenas na interação das teorias com o conceito.

O Enterro

Os movimentos pós-modernistas ganham proeminência na mesma era em que a *fanfiction* se afirmou enquanto movimento e uma das fórmulas de produção de conteúdo da *fandom*, após a 2ª Guerra Mundial, segunda metade do século XX, especialmente a partir dos anos 60 e 70.

A sobreposição temporal e sincronicidade de variados movimentos culturais, estéticos, académicos, sociais e políticos nem sempre permite uma análise completa das mudanças que os mesmos espoletam entre si. A suspeita de contaminação, porém, permanece aberta para a investigação uma vez que nem sempre se referencia abertamente a origem de uma ideia ou de uma proposta. E muitas vezes nem existe uma percepção de onde veio essa mesma possibilidade.

Estes movimentos vieram, de facto, facilitar as possibilidades de pesquisar e postular, afastando o peso de séculos para permitir repensar as conceptualizações cimentadas e facilitar a entrada no espaço académico das novas possibilidades emergentes.

A interação e a perspetiva, quando se afasta da necessidade de foco que o estudo inicial de cada aspeto pede, leva então à interdisciplinaridade e a uma mentalidade aberta, pronta para ativamente explorar conexões e procurar o que mais existe para além do que é visível, algo chave na compreensão de um todo que engloba facetas diversas e quando se procura explicar sem perder a perspetiva.

A debelação dessas mesmas barreiras e mistura de campos académicos é também parte desse mesmo progresso, de uma nova forma de perspetivar conceitos e disciplinas.

O que a teoria literária explorava na produção de texto e na perspetivação do Autor durante a segunda metade do século XX, a *fandom*, e, portanto, a produção de *fanfiction*, fazia, informalmente, inconscientemente, instintivamente. Com a noção da teoria que era criada na e para a literatura é um *pode ser*, um

ponto de debate, mas uma vez que grande parte das escritoras de *fanfiction*¹²⁵ vinham de ambientes acadêmicos, ainda que predominantemente de ciências exatas, antes da exploração do que viria a ser o campo de *fan-studies*¹²⁶, tenha existido discussão interdisciplinar. Porém é apenas uma suposição. Um e se. Muitas das discussões da *fandom*, da *fanfiction* e teoria feita por fãs foram perdidas antes da internet registrar todas as interações. E, mesmo com a internet, muito do que é produzido pode ser perdido acidental, intencional ou maliciosamente. Também isso é parte do que fãs e *fanscholars* esperam do seu interesse e do seu campo.

Quando Jamison refere o pós-modernismo enquanto teoria estética nota de imediato o padrão familiar. Questionar, reconstruir, repensar textos, contextos e narrativas. A *fanfiction* partilha a interdisciplinaridade do movimento, a aproximação de múltiplos campos acadêmicos para uma perspectiva capaz de maior alcance, influência e impacto. E, possivelmente, algo da indiferença perante barreiras, tabus, preceitos e noções preconcebidas que poderiam ser consideradas protecionismos erigidos para benefício e elevação do Autor.

Postmodernism: Parody and pastiche. Disrupting grand narratives. Rejecting Enlightenment and Romantic genius. William S. Burroughs cutting up novels. Kathy Acker plagiarizing Dickens. And Sade. And everyone else.

Appropriation. It's been avant-garde... for a long time. (Jamison. 2013. 356.)

¹²⁵ De referir, mais uma vez, a questão feminista. Se o Autor do *mainstream* é um homem a figura do Escritor de *fanfiction* é a de uma mulher. Uma vez que se escreve sob *nicknames*, *tags* e pseudônimos poderia existir uma argumentação de que seria impossível saber o gênero do escritor mas, a não ser que o *profile* diga especificamente, o *default* na percepção dos leitores de *fanfiction* será sempre *she/her*. Novatos no campo de estudos ou em busca do seu primeiro texto, deixados insatisfeitos pelo original por qualquer razão, pensarão na escritora adolescente, fã da série, viciada e alimentando o vício em que eles mesmos acabaram de cair. Veteranos e *fanscholars* entendem que grande parte das escritoras mais prolíficas, para além de ser academicamente educadas, sendo que o campo de Humanidades é, hoje em dia, mais predominante, encontravam-se também nas faixas etária de mais de 25 anos.

¹²⁶ Sendo que aqueles que formaram a base do que seriam *fan studies* inicialmente eram parte da Linguística, Literatura, Psicologia e Etnologia.

A apropriação é assim apresentada como método de criação, afastando conotações negativas, usado como uma fórmula da exploração do novo movimento, uma forma de conectar com outros temas, autores, áreas, estilos. Uma fórmula familiar para a *fanfiction* rejeitada e oculta no elitismo do Romantismo e, quando trazida à luz pela fragmentação do rápido progresso da modernidade, pós-modernidade e pós-guerra, elaborada enquanto parte da nova fundamentação da conceptualização de Autor.

Um Autor que admite existir um passado, presente e futuro na forma como escreve, referenciando e usando essas fontes para enriquecer o texto, escrevendo para si e para outros, admitindo que é parte de um todo. A noção do Arquivo para este tipo de Autor que surge no quebrar do pedestal do génio isolado torna-se fonte e fruto. Um Autor que aprendeu a sê-lo sendo primeiro Leitor. Fórmula também aplicada ao Leitor que mais tarde se torna o Escritor de *fanfiction*. Os papéis encontram-se em fluxo constante pelo que se torna difícil voltar a separar os mesmos em tarefas estanques.

Lev Grossman, como referido no capítulo anterior, repensa a *fanfiction* como o regressar da prática do autor coletivo, aquele que usa as histórias comuns, como propriedade de todos e escreve para as fazer dialogar. Se é pastiche, se é plágio ou se é apropriação não entram na sua negociação. A história, o texto, os eventos existem e a natureza humana é para imitar, recriar, reinventar, referenciar. Se existe uma diferença no conteúdo da mesma história, se é utilizada para levar a outra conclusão ou exibir uma outra perspectiva, então a mesma já escapou ao seu Autor, cresceu, quebrou ou ocultou-se para se tornar parte do processo criativo / re-criativo/ de reinvenção de outro Autor (ou Escritor).

Jamison concorda com o preâmbulo que foi oferecido ao seu volume, acrescentando-o ao jogo do autor múltiplo e da comunidade que a *fandom* representa. Quando se escolhe um cânone muitas vezes já não se joga apenas com o Criador/Autor. Como exemplificado pela *fandom* de Harry Potter embora a palavra de Rowling seja lei (recentemente lei louca¹²⁷) essa lei pode ser

¹²⁷ A *fandom* encontra-se numa situação entre *Fallen Creator* e simplesmente o ignorar das novas informações sobre a série. *Potter-less* em referência ao site *Pottermore*. O que fomenta a tentativa de amnesia coletiva e negação é o facto de algumas das novas informações enterrarem

ignorada a favor de um detalhe de outra fonte (filme) ou mesmo de um *fanon* ou *headcanon*.¹²⁸ Essa perspectiva leva-a a referenciar Derrida de forma bastante semelhante a Derecho:

O arquivo em crescimento que tem uma ou múltiplas origens, engloba o Autor e a sua produção, ligando-o a outros que o seu trabalho referencia ou que eventualmente referenciarão na sua presença e obra. As concepções e expansões mantêm-se disponíveis para um diálogo entre os arquivos, utilizadores e obras, o ímpeto vivo e ativo. E esse ímpeto não esconde nem origens, nem influências.

Archontic texts definitely “use quotation marks” by referencing characters and narratives in obvious ways. Fanfics tie themselves overtly to pre-existing texts; this announcement is a convention of the fan fiction genre, performed either in the identifying headers that precede and categorize individual fics, or by the location of each fanfic in fandom-specific zines or web sites. (Derecho em Busse, Hellekson. 2006. 65-66.)

a autora na sua tentativa de permanecer relevante ao acrescentar questões de justiça social, POC e LGBTQA+ que não parecem totalmente conectadas ao que escreveu anteriormente ou que acidentalmente tropeçam na linha da ofensa. Nagini, a serpente de Voldemort, seria um dos exemplos mais polémicos: Não existe grande problema entre a *fandom* com o conceito de uma linhagem amaldiçoada de metamorfos condenados a ficar aprisionados na sua forma animal; a problemática ergueu-se quando a questão foi “porque não existe mais diversidade racial em Harry Potter” e a resposta foi Nagini era uma mulher asiática.

A percepção da *fandom* é a de que teria sido mais simples e inclusivo por parte da Autora usar o seu poder de *Word of God* e usar a percepção generalizada da *fandom* que usa a caracterização de Harry como pouco observante em relação a detalhes que não se relacionem diretamente com a sua sobrevivência, momento presente ou, literalmente, na sua linha de visão.

Dumbledore, enquanto homossexual, é menos polémico quando colocado nesta lógica do *POV* de narração da série e subsequente falta de referência no texto (embora alguns fãs apontem para as tendências dramáticas e de guarda roupa do velho feiticeiro como um sinal óbvio).

¹²⁸ EX: Harry tornou-se um *Auror* no final da série e filmes. Alguns concordam com esse final, construindo uma avaliação do trauma de Harry que o leva a agir, uma vez que tudo na sua vida lhe provou que apenas pode contar consigo. Outros discordam, indicando que esse mesmo trauma o teria levado à escolha de se tornar o novo professor de defesa contra as artes negras em Hogwarts, apontando para o facto de ele ter sentido alegria e satisfação quando ensinava defesa a outros alunos durante o seu tempo no Exército de Dumbledore.

O Autor, entre o Arquivo e o Arcôntico, perde o seu fulgor perante a ascensão do Leitor e o abandono da passividade do mesmo, o admitir que qualquer um pode tornar-se um Autor. O texto, portanto, ganha proeminência, separando-se do criador, e a sua leitura leva, inexoravelmente, à produção de mais. Essa produção leva ao aumentar dos arquivos associados a esse mesmo texto e, no entanto, não esquece nem a origem, nem o originador. E deixará sempre aberto a possibilidade de outras ligações feitas por outros leitores e autores.

Quem é o Autor e o que quer dizer são parte das discussões da fandom, mas não são tudo e não levam a decisões fixas. Especialmente porque para a fandom e fanfiction o conceito do autor já se encontra ajustado à percepção necessária para a leitura e avaliação ainda que de forma instintiva.

Que mais é uma exploração mais interessante do que uma única interpretação entrelaçada nas palavras ou imagens, afirmada e encerrada por aqueles que são os seus donos no sentido legal.¹²⁹

O potencial, as interpretações e possibilidades de leitura, sentido e recriação são marcas da produção de *fanfiction* e são também características de correntes de pensamento pós-modernista, estruturalista e pós-estruturalista e do desconstrucionismo. E esse potencial e multiplicidade leva a discussão a Roland Barthes e à *Morte do Autor*.

A text is not a line of words releasing a single "theological" meaning [...] but a multi-dimensional space in which a variety of writings, none of them original, blend and clash[...] A text is made of multiple writings, drawn from many cultures and entering into mutual relations, dialogue, parody, contestation, but there is one place where this multiplicity is focused and that place is the reader, not, as was hitherto said, the author. The reader is the space on which all the quotations that make up a writing are inscribed without any of them being lost; a text's unity lies not in its origins but in its destination. (Barthes. 1977. 146-148.)

¹²⁹ A discussão de temas LGBTQA na fandom de Star Wars era um tópico popular. Porém era também um tópico que tinha de ser mantido em segredo uma vez que George Lucas proibiu tais teorias e *zines*. Os fãs obviamente não ligaram. Simplesmente esconderam. E produziram. A compra da *Lucas Arts* pela *Disney* libertou muitos do secretismo, incluindo o ator Mark Hamill (Luke Skywalker) que, quando questionado sobre a sexualidade da personagem, encolhe os ombros e pergunta qual a perspectiva de quem lhe dirigiu a pergunta.

A argumentação leva ao Leitor como o fulcro através do qual o texto verdadeiramente se realiza. O texto ganha a sua liberdade e multidimensionalidade. O arquivo em ação que utiliza mais do que o texto registado na publicação.

O Autor, para Barthes, perde o controlo absoluto do significado que até ali fora a sua marca de honra, o seu pedestal, desvanecendo, libertando leitor e texto para a subjetividade da perspectiva e, portanto, para a recriação a partir das palavras e do que as mesmas podem ser quando associadas a uma nova possibilidade ou sensibilidade. O que significa que vai sempre existir mais no texto do que foi planeado.

Este Autor sem pedestal está presente na *fanfiction* e na sua criação embora a sua presença seja mais forte do que a Morte que Barthes lhe propôs, levando ao título desta secção.

O Autor encontra-se enterrado entre as possibilidades que gerou no seu trabalho. Os Escritores de *fanfiction* visitam o seu túmulo e, como numa sessão espírita, usam o seu fantasma para reinventar os sussurros de possibilidades deixados em aberto para lá dos seus desígnios.

Any text is a mosaic of quotations; any text is the absorption and transformation of another (Kristeva. 1980. 66)¹³⁰

O ciclo de criação proposto por Kristeva conecta com a produção de texto e a perceção de *fan endeavours* tanto na metodologia como na perceção autoral. Existe uma origem (o Autor) mas essa origem tem antecessores, sucessores, fragmentos, retalhos e crescimento.

Se observada como uma unidade orgânica poderíamos pensar numa árvore; a sua origem está enterrada no solo; as raízes continuam a crescer e a aprofundar-se e a semente torna-se uma estrutura intrincada e viva. E para lá do que se esconde continua a crescer, a mudar, a ramificar-se, a estender-se em direção a mais.

¹³⁰ Kristeva, Julia. 1980. *Desire in Language: A Semiotic Approach to Literature and Art*. Editado por Leon Roudiez. Tradução de Thomas Gora. Oxford: Blackwell.

Se observada como um processo mecânico e meticuloso podemos observar os fragmentos como uma manta de retalhos (o mosaico da escolha vocabular de Kristeva parece menos flexível perante a ideia de *fanfiction*) onde a origem pode ser cortada, recombinação, cosida, recosida, recortada e reorganizada, criando um novo padrão com padrões familiares e que, no entanto, se reinventam e mudam sob a perspectiva de cada observador.

The study of fans further underlines a process of growing intertextuality, multimediated narrative figures, and multiple authorship that has eroded the concept of the author that Barthes (1977) notes, reached its zenith in the formation of high modernity as the culmination of a rationalist, positivist capitalist system. (Sandvoss em Busse, Hellekson. 2014. 67.)

Sandvoss, na sua análise, regressa a Barthes para perspetivar o Autor, acrescentando a intertextualidade e a multimédia para ancorar a sua perceção e extrapolar a figura do leitor e as suas metodologias de leitura e o que, por fim, leva esses leitores e tornarem-se produtores.

Na sua perspetiva o Autor é parte da metodologia, do material que pode ser utilizado para a produção de mais, ecoando a sua morte. Um fragmento, um retalho, um arquivo, uma parte do todo que não tem primazia sobre os outros elementos que eventualmente formarão mais.

Esta forma de pensamento ecoa também em Foucault e na “função autor”. O autor como mecanismo e não identidade, a entidade que partilha a história e guia o leitor para uma possibilidade de significado. Pode encontrar-se em paralelo com o narrador ou reclamar o seu lugar como personalidade separada que origina o restante.

Fan fiction is philosophically opposed to hierarchy, property, and the dominance of one variant of a series over another variant. Fan fiction is an ethical practice. (Derecho em Busse, Hellekson. 2006. 77.)

A escolha e processo arcôntico de Derecho regressa à discussão e mantém o Autor numa posição neutra, equivalente; ponto de origem, ponto de convergência, ponto de criação, presente sob o texto; um paralelismo

metodológico aos métodos da *fanfiction* que parecem mais estranhos à academia que os originou do que à *fandom* que os usa.

Remetendo para as ideias do estruturalismo existe uma exploração intensa do texto, da sua construção, desconstrução e mecânicas. É assim que alguns replicam perfeitamente o estilo do Autor, seja em sua honra ou de forma a corrigir uma narrativa perdida, mantendo o eco familiar da origem. E dentro do pós-estruturalismo de Derrida, Foucault e Deleuze onde o arquivo se articula como engrenagens encaixando-se mutuamente e influenciando-se infinitamente, onde o autor se torna uma função e não um criador isolado, uma roda dentada em destaque, em movimento pelas suas predecessoras e que cria uma nova camada de influências e peças a si ligadas, levando à conceptualização da repetição e repetição com diferença.

A lógica do Autor destronado e o Leitor em ascensão mantém-se e, no entanto, não cria uma nova hierarquia, não reclama um pedaço do texto como seu, não impõe um significado embora o crie. Acrescenta e reflete.

Ressurreição Parcial

Media fan studies grows out of several theoretical movements starting in the 1970's – most importantly the shifting focus from texts to audiences and a newfound attention to popular cultural texts. Reader-response theory and reception aesthetics shift the focus in literature from text and author to the reader. (Busse. 2017. 5-6.)¹³¹

Busse sublinha a alteração de foco mais uma vez, justificando a tendência dos *fanshcolars* para não incluir uma discussão sobre a Identidade Autoral de acordo com a teoria literária, deixando esse debate, quem é o autor e a posição que ocupa, para as *fandoms* e para uma percepção baseada no senso comum e na construção mediática do Autor. O que por sua vez cria uma amálgama entre teoria e prática que leva ao Autor que foi descrito na primeira parte deste capítulo.

¹³¹ Busse, Kristina. 2017. *Framing Fanfiction, Literary and Social Practices in Fan Fiction Communities*. Iowa: University of Iowa Press.

Authorial identity has become a central focus through which we analyse texts and interpret meaning, both fictional and critical. (...) contemporary readers may dismiss authorial intentions but nevertheless rely on authorial identity in their reading of public utterances. (Busse. 2017. 20.)

Quem é o Autor? Não o que é enquanto definição. Não o que quer dizer com o seu trabalho. A argumentação de que não é possível separar o artista da sua arte; e a reinterpretação do autor e das suas funções e deveres perante o seu trabalho, o seu leitor e as suas circunstâncias implica-se também na questão da reivindicação de um lugar autoral para aqueles que sempre foram parte da produção de literatura segundo o princípio Arcôntico de Derecho. A produção da literatura ignorada pela Literatura; anónimos; as notas nas margens; as mulheres; as pessoas de cor; as pessoas com deficiências; aqueles que apenas receberiam atenção após a validação do Académico clássico (um homem).¹³²

Authorial identity remains a central concern for marginal subjects – that is, those who do not occupy upper-middle-class, white, male, straight, able-bodied, cisgendered, Western positions. In fact, much of literary criticism of the 1980s and 1990s grappled with the question of how to combine identity politics with the theoretical insights of postmodernism and deconstruction. After all, at the very moment when women and other minorities finally began to enter the canon, the concept of canonicity came under attack and the privileged position of the author got dismantled. (Busse. 2017. 26.)

A identidade do Autor pode encontrar-se em convulsão e negociação na Academia, numa reestruturação entre a necessidade de perspetivar o presente, reconciliar o passado e preparar as bases para o futuro, ao mesmo tempo que procura manter a dominância sobre o campo, relevância perante o público e equilíbrio entre a Academia enquanto entidade guardiã e transmissora dos conhecimentos acumulados.

Por contraste, a identidade do Autor perante os fãs e as *fandoms* encontra-se de certa forma cristalizada e otimizada para o seu uso, construída como a

¹³² A mesma razão pela qual J.K. Rowling assinou como J.K. Rowling. A ambiguidade de género nas iniciais permitiam manter a figura do autor necessária para evitar um pré-julgamento moldado pelo género.

própria *fanfiction*. Interpretação, recoleção e adaptação, assim como condenar ao esquecimento partes inúteis¹³³.

De notar que o estatuto autoral, apesar das suas convulsões teóricas pouco se alterou de forma técnica e editorial, ou seja como produtor pago pela produção do seu conteúdo.

E nessa questão a formulação do Autor, para o fã, é mais inclusiva e abrangente. Anula efetivamente a falta de reconhecimento das minorias que Busse referiu como atacadas pelo desmantelar da posição autoral.

Estas minorias podem encontrar a sua voz na *fandom*, na *fanfiction* e no facto de que os leitores que são sensíveis às questões feministas, *POC* e *LGBTQA*, assim como às ideias de Justiça Social, procuram ativamente esses autores e partilham as suas publicações através das redes sociais, discutindo onde os encontrar e reconhecer.

Não é incomum um fã publicar listas de autores que pertencem às comunidades marginais ou que escrevem sobre as temáticas da mesma forma que a *mainstream* lista os romances mais recentes. Publicam essas listas no *Tumblr*, por exemplo, e a *fandom* tratará da sua difusão.

When we look at fans, we get a glimpse at the current state of the author, encompassing the question of ownership of texts; authorial control over ideas; shared world building; and readerly collaboration. More importantly, we get continuous and direct engagement with questions of the overall ethos of the author.
(Busse. 2017. 37.)

O Autor e a sua conceptualização, fragmentada pelo tumulto do século XX e as rápidas mudanças do século XXI, acabam por ser reconstruídas pela sua existência enquanto pessoa, enquanto produtor, pela sua criação e pelo suporte dos leitores. O ponto de separação entre Escritor e Autor encontra-se na remuneração que advém da publicação e da sua colocação como ponto de origem que se justifica pelo facto de receber essa mesma remuneração pelo seu

¹³³ Assim consideradas por não se encaixarem na fórmula de quem teoriza ou por simplesmente desagradarem a quem as lê.

trabalho e o reconhecimento da publicação por uma empresa dedicada a esse propósito, dando ênfase à divisão entre amador e profissional¹³⁴.

O que levou à anterior discussão circular em que o discurso sobre o Autor acaba sempre por levar ao Leitor; o texto é criado. Tem o significado que o Autor quer incutir nas palavras. Mas depois de escrito e publicado torna-se inerte, aguardando pelo Leitor, para mais uma vez ganhar vida e novos significados na sua leitura e reinterpretação através de vivências e perspectivas distintas.

Para a *fandom* a questão do Autor encontra-se relativamente encerrada. É ajustada de quando em quando, assim que uma mudança na atitude do *mainstream* decide explorar o campo e publicar artigos sobre o mesmo. Mas a construção das bases sobre as quais a *fandom* assenta continuam capazes de se ajustar, perspetivar e adaptar.

O Leitor e as suas capacidades subjetivas, interpretativas e criativas na metamorfose que levam ao Escritor ocupam a discussão dos *Fanscholars* com mais frequência.

¹³⁴ De referenciar que, ainda assim, quando uma *fanfiction* é “publicável” quer limando as suas origens quer utilizando o seu texto como expansão do universo do seu cânone existe alguma tensão. A expansão do universo é aligeirada como reconhecimento de qualidade, como transição de fã e produtor de *fanon*, a parte dos originadores e perpetuadores de conteúdo para a *fandom*. Quando publicada apagando apenas as referências e ligações com a sua *fandom* original as questões circulam em redor da qualidade, quão diferente é a perspectiva do Escritor em transição, como as personagens cresceram, diferiram e se separaram na sua interpretação das personagens do Autor, como a história em si progride para se tornar num texto para lá da sua inspiração. E, no entanto, nem sempre são colocadas essas mesmas questões em relação a certas produções feitas em referência a outros textos, eventos e lendas.

3 - O Leitor

Transição

Na exploração do conceito de Autor dentro das formulações da Academia, da sua presença no universo da *fandom* e nas correlações entre o grupo informal, na estruturação das teorias cujas propostas se cruzam com os padrões de criação de *fanfiction* e do seu consumo, o Leitor acaba por ser referido de forma recorrente.

Na verdade, a importância do Leitor nos discursos de *Fanscholars* sobrepõe-se à discussão sobre a posição autoral perante os *fan endeavours*, em especial a *fanfiction*, uma vez que o Leitor encontra-se num estatuto equivalente ao do fã. Pode ser subdividido entre o consumidor do produto¹³⁵ e o leitor da *fanfiction* em si.

A *fandom* não pertence apenas aos originais uma vez que a produção de *fan endeavours* cria a sua própria *fandom*.

O Leitor lê ambos, lê os originais, o texto considerado canónico, e produção dos fãs. A ordem dos fatores, porém, não segue sempre do original à *fanfiction*.

O Leitor é o ponto de recriação e reinterpretação, o fulcro onde todas as possibilidades textuais, intertextuais e intratextuais ganham vida para lá do seu criador, para lá do significado infundido deliberadamente na sua criação ou acidentalmente ligado à mesma pela sua produção, história e circunstâncias.

No passado recente, o papel do Leitor era referido como passivo, algo recusado pelas novas formas de analisar o texto, retirando-o do papel de espelho, do papagaio, da receção sem reflexão. Um recetáculo para o Autor propagar o seu pensamento, difundir o seu texto e afirmar as suas capacidades de escrita, de influência, de construção narrativa e construção conceptual.

Porém, os conceitos existiam antes da sua definição teórica, ou seja, o autor escreve, o leitor lê, sendo essas ações naturais de cada um dos papéis. O que realmente significam e englobam, no entanto, altera-se com o tempo e mentalidades.

¹³⁵ Uma vez que nem todos os objetos que dão origem a *fanfiction* começam com a palavra escrita, mas sempre se dirigem para o texto.

O leitor como recetor de conteúdo nem sempre tinha um papel passivo e nem sempre do Autor foi esperado a originalidade do génio isolado postulado pelo Romantismo. Outras formulações da relação existiram ao longo de tempo¹³⁶.

Como indicado na exploração do Autor, no capítulo anterior, a transição de foco para o Leitor desafiou os papéis estáticos e separados, mantidos estanques pela formulação teórica das suas funções perante o todo, e colocou o peso do texto sobre ele mesmo e as suas possibilidades baseadas na interpretação por parte do seu leitor. Interpretação, que por sua vez, forma toda a fórmula de construção da *fanfiction*. E, em paralelo, a fórmula da construção e da conceptualização da Literatura.

Interpretação

Existe um *meme*¹³⁷ *online*, baseado numa piada recorrente entre estudantes de Literatura passados e presentes. Refere-se à questão da interpretação sancionada e toma variadas formas, escritas, em imagens (BD) e atravessando múltiplas *fandoms* e meios de comunicação digital (*memes* em referência de *memes*, de *fandoms* e de técnicas). O seu autor original é desconhecido¹³⁸ mas a sua presença é recorrente, sobretudo nas secções do Tumblr dedicadas a discussões¹³⁹ sobre Literatura, livros e escrita.

A sua formulação base é a seguinte:

O que o Autor Escreveu: As cortinas eram azuis.

O que o Professor afirma: O Azul das cortinas representa a depressão da personagem.

¹³⁶ Como a partilha de contos na oratura em que o consumidor podia levar o conto com a sua memória e alterá-lo ao sabor da sua audiência.

¹³⁷ Entre milhões de outros *memes*.

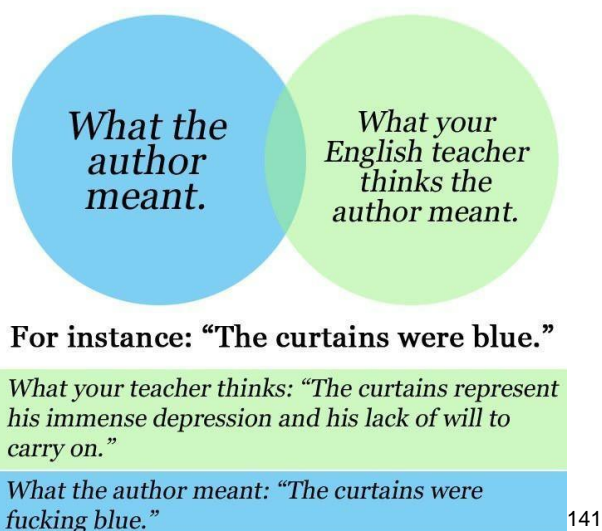
Meme : Um *meme* na linguagem digital é uma imagem, um texto, um GIF ou um vídeo humorístico com uma mensagem fácil de partilhar ou adaptar.

¹³⁸ Embora, como em muitos *memes*, se possam reconhecer fontes e partilhas.

¹³⁹ E oferta de recursos digitais para facilitar a escrita.

O que o Autor afirmou: A *****¹⁴⁰ das cortinas eram azuis.

A sua aparência mais comum é um diagrama de Venn com uma legenda explicativa exemplificado o potencial conteúdo de cada círculo:



O *meme* refere-se à interpretação literária sancionada por uma pessoa numa posição de autoridade em contraste com a verdadeira autoridade do conteúdo¹⁴² do texto. Refere-se à forma de ensino e à rigidez textual deixada pelos métodos que precedem o pós-modernismo.

Existem ainda outras duas variantes recorrentes.

A primeira usa a figura de Edgar Allan Poe.

¹⁴⁰ O ocultar da profanidade foi deliberado.

¹⁴¹ <https://litlangislife.tumblr.com/post/165463917734> (28/3/2019)

¹⁴² Aquele que o escreveu, em princípio.

LITERATURE CLASS IN A NUTSHELL

WHAT THE AUTHOR MEANS



WHAT THE STUDENT BULLSHITS



WHAT THE TEACHER EXPLAINS

Wrong! The raven represents despair, remorse, and the author's conscious and all the regret in his consciousness.



ACCORDING TO DEVIN

Usa a caricatura, o exagero, para oferecer “O SIGNIFICADO”, demonstra a confusão do estudante ao ser confrontado com a questão “o que o Autor quer dizer”, tentando acertar na enigmática interpretação correta, e demonstra a correção e formatação do significado que outros lhe atribuíram e tornaram imutável perante o horror do fantasma de Poe.

Para quem conhece o passado de Poe como crítico literário, um crítico duro, metódico, que acreditava que o texto deveria ser julgado pelos seus próprios méritos e não pelo seu autor e circunstância, a banda desenhada

também oferece um pouco do pensamento *meta* que o leitor pode utilizar nas suas leituras e extrapolações.

O uso do poema *The Raven* pode também ser visto como parte da formulação crítica e interdisciplinar deste *meme* uma vez que o próprio publicou o significado e a construção do poema num texto intitulado *The Philosophy of Composition*¹⁴³.

Nesta filosofia, Poe descreve propósitos e processos que não destoavam das fórmulas autorais da época, da explicação literária do processo do génio Romântico. E, porém, mesmo na altura da sua publicação a interpretação dos seus leitores dividiu-se: Seria *The Philosophy of Composition* uma genuína lição de processo literário ou uma resposta crítica e jocosa à receção pública do seu poema, sublinhando a hipocrisia dos outros criadores e a validação do texto apenas após teoria sobre o processo ser apresentado pelo seu autor? A literatura Inglesa e o conhecimento do carácter de Poe inclina-se para uma leitura/interpretação de carácter crítico e satírico. A literatura Francesa, por outro lado, leva o texto para uma dimensão de aceitação metodológica e crença na palavra autoral.

O que leva à questão da interpretação mais uma vez; a natureza do texto é ambivalente pelo que qualquer interpretação pode e está correta quando definida pelos pontos de vista de quem prefere essa mesma possibilidade, ao mesmo tempo *The Philosophy of Composition* diz o que Autor quer dizer e como criou *The Raven* espelha-se no texto que não indica qual é a intenção do Autor na sua publicação. A validade e propósito do mesmo encontram-se, portanto, nas mãos do Leitor e do sentido que este encontra nas palavras de Poe.

A segunda variante do *meme* é mais recente e muito mais longa, tangencial e, no entanto, circulando de volta ao mesmo ponto de discórdia e entendimento dos consumidores.¹⁴⁴

¹⁴³ <https://www.eapoe.org/works/essays/philcomp.htm> /

<http://xroads.virginia.edu/~HYPER/poe/composition.html> (30/3/2019)

¹⁴⁴ <https://imgur.com/gallery/xiLAX> (1/4/2019)



O início é familiar, a afirmação proferida pela autoridade e, portanto, inatacável. A expressão do “aluno” provém de um outro *meme*, de descrença jocosa, mas impossibilidade de contestação. O *meme* em si é reconhecível aos frequentadores das redes sociais. Um nível secundário de conhecimentos necessários à interpretação das imagens e da ideia que pretendem transmitir. Em seguida é introduzida a Engenharia. Neste momento o *meme* leva o leitor para uma curva desconhecida, retirando o ponto de referência facultado no primeiro painel.

Os seis painéis seguintes narram o progresso na Engenharia. E por fim é anunciada a conexão com a Anime. Podemos usar algumas referências de Física Quântica em relação aos universos paralelos. E quem pertence às *fandoms* da Anime e Manga já encontrou a linha condutora da sequência. Aprendeu, estudou e viajou para obter a técnica da ressurreição. O que refere ao início novamente uma vez que a autoridade sobre o conteúdo e significado do texto estava nas mãos de uma entidade que não o seu autor e não era possível questionar o mesmo sobre os seus escritos ou desígnios. De regresso à realidade o “aluno” vai em busca da fonte do texto, aquele que pode finalmente esclarecer o significado e quebrar a sua cristalização. Revive Shakespeare e leva-o à sua professora de Literatura Inglesa. Assim regressamos à fórmula do original, em que o Autor, frustrado, indica que a cor não era mais do que a descrição visual da cor em si.

Os três memes centram-se na interpretação e na frustração do significado encerrado e entregue como correto e imutável, produto de estudos e autoridade. O estilo passivo da educação com significado fixo, com a dualidade do certo/errado, claramente demarcada e defendida por aqueles que se encontram em posição de autoridade, leva à frustração e chacota que os *memes* sublinham.

A sua presença é parte da forma como *fandom*, entre o jogo e o sério se mobiliza e discute onde ideias são expressadas simplesmente citando fragmentos que o grupo vê com uma concordância universal e leva para o humor ou leva a uma discussão profunda, dependendo da necessidade do momento.

The reader is supposed to serve as the more-or-less passive recipient of authorial meaning while any deviation from meanings clearly marked forth within the

text is viewed negatively, as a failure to successfully understand what the author was trying to say. The teacher's red pen rewards those who "correctly" decipher the text and penalizes those who "get it wrong", while the students' personal feelings and associations are rated "irrelevant" to the task of literary analysis (Jenkins, em Busse, Hellekson. 2014. 19.)

Jenkins sublinha a equivalência da interpretação individual com a questão do amador, irrelevante, desvalorizado perante o profissional e o aprovado ainda que, segundo as teorias da modernidade, o texto se encontre em aberto e qualquer interpretação, desde que justificável, seja igualmente válida. O que coloca também em questão quais foram os critérios interpretativos que levaram à interpretação original que foi então colocada como aquela que seria transmitida na linha de ensino.

Such judgements, in turn, require proper respect for the expertise of specially trained and sanctioned interpreters over the street knowledge of the everyday reader; the teacher's authority becomes vitally linked to the authority which readers grant to textual producers. As popular texts have been adopted into the academy, similar claims about their "authorship" have been constructed to allow them to be studied and taught in essentially similar terms to traditional literary works; the price of being taken seriously as an academic subject has been the acceptance of certain assumptions common to other forms of scholarship, assumptions that link the interests of the academy with the interests of the producers rather than with the interest of consumers. (Jenkins em Busse, Hellekson. 2014. 20.)

A resposta de Jenkins em relação a essa fórmula de transmissão refere-se então ao respeito pela autoridade, equacionando-a com o autor/produtor. Regressando à comparação do Autor-Deus do capítulo anterior a hierarquização de transmissão de significado torna os professores o clero, construindo o sistema e a sistematização da análise que não podem ser questionados porque foi aceite como a norma a seguir.

De forma capitalista, associando a educação à produtividade, é observada uma formatação para que a engrenagem produzida, aquando do final da sua educação, encaixe na maquinaria. Como Adorno sublinha em relação as condições socioeconómicas da originalidade, algo que eleva o Autor mas reduz o Leitor.

Os três *memes* insurgem-se contra o significado fixo e o julgamento por um único padrão algo que se sente como fluído, interpretativo e muitas vezes pessoal. Não questionam a possibilidade de existir um significado que possa ter sido infundido no texto pelo autor, mas as possibilidades contidas no texto em si são mais tentadoras do que apenas afirmar que “com isto o Autor quer dizer”.

O desejo expresso é o de dialogar com o texto e com o autor e através dele extrair mais do que elementos textuais deliberadamente inseridos, interpretados e sistematizados pelo tempo e pesquisa. A reconstrução do texto a partir dos seus componentes inertes, as palavras, para daí o leitor interpretar e obter um objeto novamente vivo e ativo.

Existe também um outro *meme*, recorrente nesta conversa digital, que inverte a direção, crescendo a partir da indiferença.

me in high school: *studying symbolism in literature is dumb, how do you even know what the author meant when they wrote something?*

me now: *the forest symbolizes that the main character is gay and there's no way you can prove me wrong*¹⁴⁵

A rigidez interpretativa e incapacidade de a contrariar ou contestar sem consequências nas notas¹⁴⁶ leva à apatia e desinteresse. Se a pergunta pede para interpretar o texto, a mesma não sugere uma interpretação baseada no texto como o mesmo se apresenta, nas questões pessoais, de experiência teórica e mundana, aprendizagem, percepções e sensibilidade; a questão exige uma resposta que corresponda a uma listagem de pontos chaves.

No contexto da sátira Portuguesa encontra-se ainda um outro exemplo da condicionante interpretativa da Alta Cultura e Academia. Ricardo Araújo Pereira na sua crónica de opinião na revista Visão, intitulada Boca do Inferno, na

¹⁴⁵ <http://sapphicsupergirl.tumblr.com/post/173505190416/me-in-high-school-studying-symbolism-in> (4/4/2019)

¹⁴⁶ Algo referido especificamente porque os *memes* vêm de contextos da escola secundária e da universidade, das aulas de Literatura.

publicação de 26/03/2009, com o título de *Uma Reflexão Acerca do Lixo*¹⁴⁷, reflete sobre uma entrevista que fez a Adília Lopes, poetisa Portuguesa contemporânea, e especificamente sobre a reflexão de um poema do qual gostava.

Chama-se Autobiografia sumária e só tem três versos:

"Os meus gatos / gostam de brincar / com as minhas baratas."

O meu objectivo era impressionar a autora com a minha excelente interpretação do poema. Disse-lhe que aqueles versos eram também o resumo da minha vida. Os meus gatos, isto é, aquilo que em mim é felino, arguto, crítico ("Não é por acaso", disse eu, "que Fialho de Almeida reuniu os seus textos críticos num volume chamado Os Gatos"), aquilo que em mim é perspicaz - e até cruel - gosta de brincar com as minhas baratas, ou seja, com aquilo que em mim é repugnante, negro, rasteiro, vil. E aquela operação poética - que é, igualmente, uma operação humorística - de escarnecer de si próprio era-me tão familiar que podia descrever-me de forma tão competente como à autora do poema.

Os olhos de Adília Lopes humedeceram-se. Fosse qual fosse a noite solitária em que escreveu o poema, estava longe de imaginar que, tanto tempo depois, a sua alma gémea se apresentasse à sua frente, compreendendo-a tão profundamente. Foi então que Adília Lopes falou. Disse o seguinte: "Pois. Bom, comigo, o que se passa é que eu tenho gatos. E tenho também baratas, na cozinha. E os gatos gostam de ir lá brincar com elas." E depois exemplificou, com as mãos, o gesto que os gatos faziam com as patinhas.

Foi naquele dia, amigo leitor, que eu deixei de me armar em esperto. Tinha citado Fialho de Almeida, tinha usado a expressão "operação poética", e tinha-me visto a mim onde só havia gatos e baratas. Os olhos de Adília Lopes estavam húmidos, provavelmente, do esforço que a sua proprietária fazia para não rir.

Condicionado pela necessidade de analisar, citar e extrapolar não só a partir do texto, mas a partir de uma teoria crítica de um outro autor e autoanálise, a interpretação apresentada falha o significado que o Autor colocava no texto, um texto que não queria dizer mais do que o que dizia.

A interpretação é válida no contexto tanto do novo Leitor e da produção de *fanfiction* e *fan endeavours* porque é justificável. Mas seria inválida no contexto

¹⁴⁷ <http://visao.sapo.pt/opiniao/ricardo-araujo-pereira/uma-reflexao-acerca-de-lixo=f501880>
(19/04/2019)

referenciado pelos *memes* anteriores e a experiência escolar em geral porque não era o que o Autor “queria dizer” com o seu texto.

No momento em que o texto passa a valer por si, em que a interpretação livre, desde que justificável pelo mesmo, se torna o mecanismo preferencial para levar a cabo as análises textuais, dá-se ao Leitor o novo padrão de análise textual, um papel ativo cujas fórmulas e uso o aproximam da dramaturgia de forma bastante direta.

*The fundamental assumption that (...) texts are open, open to different interpretations and to different meanings constructed in the process of reading and by different readers (...) (Sandvoss. 2005. 124.)*¹⁴⁸

Ao ser colocado no local central, como aquele que interpreta o texto, o Leitor debela a encapsulação de significado mantida entre a autoridade académica e o autor. Desafia a conceção hierárquica de significado e obriga, mais uma vez, ao debate sobre os mecanismos da literatura, leitura e os elementos que interagem na criação do significado.

Os críticos podem ver apenas anarquia subjetiva, sem uma metodologia que permita validação, mas a argumentação parece apenas subsistir enquanto o crítico permanece deliberadamente ignorante em relação aos processos e às fórmulas aplicadas na configuração do pensamento, no desejo de encontrar ou produzir uma interpretação que não seja apenas uma construção mecânica, autoritária e cimentada pela temporalidade mas que possa ser sempre permeável a uma nova perspetiva, ajustada através de expansões e arquivos, justificada por uma lógica pessoal, de grupo ou cultural.

The interpretative power shifted away from the author and even the text. Instead, it resides in the process of reading and interpretation. (Busse, Hellekson. 2014. 19.)

A Leitura e Interpretação são os pontos fulcrais defendidos por Barthes, Kristeva e Foucault quando as suas teorias trazem o texto, e por consequência o

¹⁴⁸ Sandvoss, Cornel. 2005. *Fans: The Mirror of Consumption*. Polity. Cambridge.

Leitor, para o lugar central. No entanto, não oferecem julgamentos de valor em relação à qualidade produzida pelo processo. Amador ou profissional não entram nas suas negociações. DeCerteau por outro lado mostra um maior ceticismo perante a relação do Leitor com o texto.

[...] readers are travellers; they move across lands belonging to someone else, like nomads poaching their way across fields they did not write, despoiling the wealth of Egypt to enjoy themselves (DeCerteau. 1988. 174.)¹⁴⁹

A forma como DeCerteau encara o Leitor e a sua participação encontra-se ainda contaminada por juízos de valor relacionados com a sua posição de amador, de função muda ou neutra, perante a Academia. Carrega o peso da desconfiança em relação às questões de apropriação, de derivação não sancionada, do roubo e do plágio. Ao usar a comparação ao Egito leva à questão da arqueologia que gera polémica hoje em dia, dos museus que exibem peças roubadas sob a égide da preservação.

Porém, o conceito de Leitor-nómada é-nos útil após ser retirado e apaziguado o contexto de não-participante, de recipiente, de engrenagem, de elemento transiente e inconsequente. Pode ser colocado num estatuto equivalente ao Fã de Participação Ativa devido ao estilo do Leitor defendido pelas novas fórmulas de interpretação literária.

O outro conceito que DeCerteau utiliza em relação ao Leitor é o de *poacher*, o caçador furtivo. Esse mesmo conceito é central para o desenvolvimento da teoria de Jenkins em relação à *fandom* e *fan endeavours*. Jenkins dissecar e separa essa mesma conceptualização, criada sob o peso da desaprovação integrada na experiência de DeCerteau, para o encarar sob a perspectiva da *fandom* e da libertação interpretativa.

The reader's activity is no longer seen simply as the task of recovering the author's meanings but also as reworking borrowed materials to fit them into the context of lived experience. (Jenkins. 2013. 51.)

¹⁴⁹ DeCerteau, Michel. 1988. *The Practice of Everyday Life*. Rendall, Steven F. Tradução. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press.

Recriação, recuperação, recontextualização, reconstrução, comparação, cruzamento; encadear e utilizar experiências pessoais para construir interpretações; não ser mais encarado como um caçador furtivo roubando sem consciência ou um nómada que não deixa registo ou rasto, mas como um caçador-recolector, que encontra e revive os textos e deles leva experiência, unindo-a com informação e treino, para então levar a diálogo com a leitura seguinte. E, se regressar ao mesmo texto mais tarde, o que ganhou de outros vai abrir mais caminhos no que viu no passado.

(...) stories are read comparatively-, they riff on one another, borrow back and forth. Plot threads cross, become confused, create patterns – if not in the individual stories, then often in the reader's minds. (Jamison. 2013. 13.)

Os termos destas funções críticas e interpretativas do Leitor são familiares e paralelos às funções do fã e às metodologias que levam às técnicas de leitura, à teorização livre baseando-se na informação revolvida entre o texto, o autor, o pessoal e o contexto.

Estas fórmulas levam então à criação, não só de *fanfiction*, embora sejam grande parte da técnica, mas às próprias bases da *fandom*. A influência da *fandom* e dos seus métodos, libertam o leitor¹⁵⁰ para uma mentalidade mais flexível para pensar, discutir, analisar e aceitar os textos pelo que são, podem ser e seriam, multifacetada, multidimensional, onde todas as possibilidades são realizáveis.

I have found approaching popular culture as a fan gives me new insights into the media by releasing me from the narrowly circumscribed categories and assumptions of academic criticism and allowing me to play with textual materials. (Jenkins. 2013. 5.)¹⁵¹

Jenkins argumenta que a *fandom* e as suas fórmulas de funcionamento o libertaram. Se o texto, a sua interpretação e a predominância do leitor são as

¹⁵⁰ E o *fanscholar*.

¹⁵¹ Jenkins, Henry. 1992. *Textual Poachers: Television fans and Participatory Culture* (Updated Twentieth Anniversary Edition). Edição de 2013. Nova Iorque e Londres: Routledge, Taylor&Francis Group.

novas fórmulas da Literatura, a *fandom* e os fãs são uma organização onde se demonstra o potencial e flexibilidade do material e dos envolvidos. Embora olhados como amadores usam as técnicas profissionais, sem as encararem como um peso, um dever a ser escrupulosamente executado, sem olharem para a rigidez, descartando o que não gostam a favor do que mais produz e que ressoa com a sua experiência e gostos.

(...) fans are members of an active interpretative community. A large part of the fannish experiences lies in analysing the source texts of fandom. Fans interpret these texts through discussion and formal analysis, but also through the creative act of writing fan fiction. Manifestoes on characterization, reactions to individual moments in the source text, community in-jokes rooted in the source text and the community's reactions to it, and creative fan works such as fan fiction, artwork, and vids all contribute to a shared understanding of the source text. In the interpretative community of fandom, one individual's interpretation in a work of fan fiction can inform another fan's reaction to a later moment in the source text. (Kaplan, Deborah em Busse e Hellekson. 2006. 135-136.)

Kaplan elabora a emancipação de Jenkins em relação às expectativas técnicas e teóricas da Academia, colocando a *fandom* sob a mesma perspectiva de uma disciplina acadêmica. Comunidade interpretativa, de teorização, discussão, reação, produção, cumplicidade, cooperação, compreensão, a interpretação individual partilhada para crescer com a discussão do grupo; formalização convivendo com criação e alimentando-se mutuamente.

Fan texts, be they fan writing, art, song, or video, are shaped through the social norms, aesthetic conventions, interpretative protocols, technological resources, and technical competence of the larger fan community. Fans possess not simply borrowed remnants snatched from mass culture, but their own cultures built from the semiotic raw materials the media provides. (Jenkins em Busse, Hellekson. 2014. 43.)

Tudo o que é oferecido ao fã é material que pode ser usado, reutilizado, reformado e ajustado à sua percepção. O debate é um modo de partilha e de negociação, de chegar ao texto e com a interpretação do mesmo em relação a todos os elementos encontrados pelo Leitor.

A relação entre o acordo e desacordo convive de certa forma pacificamente¹⁵² no sentido em que todas as interpretações são válidas desde que justificáveis. Mesmo que a justificação seja apenas um capricho momentâneo. E são livres para o fazer com pouco ou nenhum julgamento perante aqueles que vivem a *fandom* da mesma forma.

Fans often tend to be critical of their own roles as readers and writers, not in spite of but because they know that they have wrenched authorial control from the original writer. Fans constantly negotiate interpretative power away from authors and from one another, thus subverting and reinforcing authorial authority and continuously shifting the conflicted site of meaning production. In so doing, fans acknowledge, challenge, and renegotiate the role ethos plays for readers and writers in online interactions and the way ethos gets used to establish as well as constantly redefine authorial authority. (Busse. 2017. 37.)

A citação de Busse vai ao encontro da relação Leitor-Autor-Escritor proposta. É um teórico, um intérprete de posição mutável e flexível. É parte da negociação teórica e das novas formas de olhar para o universo da literatura, para as suas formas de produção, de interpretação, de publicação e partilha. Os fãs e a *fandom* reconstruíram um sistema literário e teórico baseado na liberdade interpretativa e criação dos objetos literários da sua preferência a partir das suas percepções do original e do que em redor do cânone pode ser utilizado. Os arquivos de Derecho derivados de Derrida mais uma vez referenciados.

Within fandom, there are continuous negotiation over what actually constitutes the meaning of a text, whether all interpretations are situated in the texts or instead get created in the reading process, and whether authorial intent ought to have

¹⁵² Existem guerras e fações. Existem BNF's que querem que a sua visão e interpretação seja dominante. Existem fãs que desprezam outros fãs por terem uma opinião diferente mas é interessante notar que esses grupos geralmente têm os fãs mais jovens como ativistas, fãs cujas vozes, cujas interpretações nos contextos académicos (e vamos à escola secundária mais uma vez) são ignoradas pelo que se tornam agressivamente protetores da sua opinião, ao ponto de se tornarem templários, impingindo a interpretação da mesma forma que as interpretações sancionadas lhes foram impingidas. Fãs mais "antigos" tendem a partilhar a sua opinião, justificar como a ela chegaram e a ignorar desafios que se destinam apenas a antagonizar;

relevance above and beyond the textual boundaries. All of these debates mirror those within literary theory. (Busse. 2017. 100.)

A *fandom* é uma comunidade onde a liberdade gerou padrões e regras, gerou discussões e teorias, onde os debates precedem ou seguem as questões da teoria literária sem se prenderem a ela ou sem pretenderem inserir-se no espaço da literatura.

Os *fanscholars* chamam a atenção do que acontece na sua área de interesse enquanto fã.

Um fã lê, interpreta, procura, produz, reproduz e reflete.

Um fã produz mais que um estudante ou investigador simplesmente porque pode e porque se encontra investido no seu objeto de devoção.

Sem pressões, sem pressupostos, sem julgamento¹⁵³.

O texto é o que é mas a partir dele conseguimos mais. O texto acaba por ser polissémico, contendo uma miríade de significados propositados, acidentais ou situacionais e, ao mesmo tempo neutrosémico, como proposto por Sandvoss na sua análise textual através da produção dos fãs e as questões do poder tanto autoral como dos produtores oficiais de conteúdo, ou seja vazio de significado mas potenciado uma autorreflexão que permite ao escritor propor e criar dentro e fora dos seus conteúdos.

Participação

Most of us can recall feeling vaguely bereaved by the end of a book, wishing it could go on and continuing the action in our heads – maybe even on paper. Or perhaps we have wished to change something about a book, feeling we actually understood a character better than the author did [...] (Pugh. 2005. 16.)

A participação do Leitor na citação de Pugh parte do papel passivo, da leitura, do entretenimento, para a Participação Ativa do fã nas teorias e interpretação, para crescer em direção à Participação Transformativa da continuação do texto, da história, das mudanças no texto canónico, no contexto

¹⁵³ Idealmente. Mas a capacidade de ignorar e justificar também cria o seu próprio ecossistema de defesa e análise.

e na percepção. O Leitor equivale ao fã e ao Teórico e eventualmente têm uma transição para Escritor se suficientemente inspirado, irritado ou esfomeado.

As some contemporary critics suggest, this style of reading – extrapolation that draws the reader well beyond the information explicitly presented in the text, the intermingling of personal experience and narrative events, the focus on a narrative’s “world” rather than its plot – reflects a gender-specific approach to narrative comprehension. (Jenkins. 2013. 108.)

Como referido em capítulos anteriores as questões do Leitor e da *fandom* encaixam-se nas questões da teoria feminista e da forma como a mulher se relaciona com o texto, como contorna as situações em que a sua opinião, a sua teoria, a sua escrita, seriam relegadas para plano secundário. Essa sensibilidade na relação de género é marcada por Jenkins e explorada pela maneira como abre uma diferente perspetivação na extrapolação da informação presente.

Female readers entered directly into the fictional world focusing less on the extratextualness process of its writing than on the relationships and events. Male reading acknowledged and respected the author’s authority, while women saw themselves as engaged in a “conversation” within which they could participate as active contributors. (Jenkins. 2013. 51.)

A divisão de Jenkins marca a mulher como uma leitora imersiva, participando e dialogando com o texto, explorando eventos e relações entre não só os acontecimentos do mesmo, mas também as personagens. Utiliza uma expressão semelhante à Participação Ativa e com conotações correspondentes. E deixa o homem na sua fixação clássica com as questões metodológicas, com a deferência em relação à posição Autoral e com a fixação das teorias para uso Académico.

Fan fiction, then, is generated first of all by a practice of reading which, rather than expressing its latent meanings, reorients a canonical text, opening its fictional world onto a set of demands determined by the individual reader and her knowledge of the (fictional and nonfictional) word(s). It thus occupies a charged crossing point between a reading organized around the desiring subjectivity of the reader and a reading organized around the reader’s knowledge of what is possible in the world

she lives in (in dialogue with her knowledge of what is possible in the fictional world of the text she is reading. (Willis, Ika, em Busse e Hellekson. 2006. 155.)

A participação do Leitor sob o ponto de vista da *fanfiction* é codificada no feminino de acordo com Jenkins¹⁵⁴. Willis usa o feminino na sua comparação da participação e envolvimento na interpretação textual, clamando pela necessidade de incorporar mais, para além de significado e interpretação, como superfície, profundidade, latência e lógica, cultura, técnicas, levando à ideia de reorientação da percepção.

As questões de Leitura de Género são assim incluídas na fórmula da escrita da *fanfiction* uma vez que uma mulher a ler têm que negociar com o texto, encontrar os seus pontos de interesse em relação a uma narrativa que foi construída para o masculino, retirar o seu prazer da história através de pensamento criativo, compartimentalização e resignação.

Apagando a resignação desse equilíbrio e transitando para a criação encontra-se na génese da *fanfiction*. Ou, como Elizabeth A. Flynn (1986) propõe, recontextualizando e escrevendo entre a resistência e a aceitação. A leitora torna-se a escritora.

A leitora ignora a procura de significados ocultos e academicamente sancionáveis, sob as percepções tradicionais da interpretação teórica e oficial, para absorver e usar o texto de acordo com necessidade e conhecimentos que possui para encontrar a versão do texto canónico¹⁵⁵ que se cruza com as suas sensibilidades pessoais, justificando-as com os seus conhecimentos.

Recriação Intertextual

Fan fiction (...) is a way of taking pleasure in the truth – in the reorientation of the text away from the abusive false logic of the cultural code; a way, moreover, of taking pleasure in scandalous acting as if it were natural to do so, as if all readings (or at least all readings that can themselves become legible for other fans) were equally possible – as if there were not strong cultural prohibitions against (for example) recognizing queerness in children’s fiction. (Willis em Busse e Hellekson. 2006. 168.)

¹⁵⁴ E tendo em conta a predominância feminina no campo da *fanfiction* enquanto *fan endeavours*.

¹⁵⁵ E das suas possibilidades de passado, presente e futuro.

O texto é usado pelo seu Leitor para o seu próprio prazer e propósitos, independentemente de conteúdos deliberadamente inseridos ou interpretados por outros, ao longo do tempo. A flexibilidade interpretativa permite ao Leitor jogar com potenciais perdidos; os potenciais que têm sido silenciados no desmantelar acadêmico do Autor.

O Leitor que participa mantém a possibilidade das vozes e significados de mulheres, LGBTQA+, POC e portadores de deficiência, serem ouvidas nas suas vivências, experiências e particularidades¹⁵⁶.

A *fandom* permite a teorização e o reajuste dos textos para essas vozes.

A *fanfiction* permite o ajuste direto dos textos para consumo de outros leitores que viram e sentiram as mesmas falhas no conteúdo textual explícito e implícito.

O Escritor que daí emerge pode tornar-se um Autor que transmita essas mesmas vivências com o impacto que o título de Autor ainda carrega na mentalidade coletiva.

O Leitor participa na leitura do original, na leitura da sua *fanfiction* e por fim na produção de teoria e de nova escrita sobre o original. Nessa participação o texto é recriado. O debate passa então para as chaves textuais, os elementos que permitem uma nova perspectivação e como os negociar dentro do contexto literário.

At the centre of many theoretical debates on literary interpretations is the question as to how much an interpretation is subtextual versus how much it is a misreading. (Busse, Hellekson. 2014. 76.)

O debate sobre a interpretação é contínuo e mergulhado em ambiguidades e subjetividades técnicas e teóricas. A interpretação pode ser baseada em

¹⁵⁶ Como Pugh indica na primeira citação da secção anterior, em relação à compreensão da personagem, à forma como foi caracterizada pelo Autor e com a qual o leitor não concorda ou vê uma oportunidade perdida. Um exemplo particularmente satirizado é a forma como um homem escreve uma personagem feminina. Exemplos, citações e desdém abundam no Tumblr e Instagram (geralmente *screenshots* captados no Tumblr e Twitter). Outro seria a caracterização de pessoas com deficiências ou doenças, roubando representação e espalhando desinformação.

conteúdo textual, autoral, pessoal e na leitura, seja literal, extrapolação ou um erro de leitura, o *misreading* de Busse, seja esse erro inconsciente ou conscientemente aplicado¹⁵⁷. Mais uma vez a justificação torna a interpretação legível e defensível independentemente da sua origem e lógica.

All texts, of course, depend for their legibility on intertextual and extratextual knowledges (Willis em Busse, Hellekson. 2006. 157.)

A interpretação e o texto estão dependentes da legibilidade, como Willis afirma. O conhecimento do Leitor em relação ao texto e em relação ao mundo contido no texto e o mundo exterior, ocorrem na interpretação do diálogo proposto por Willis entre o intertextual, intratextual e extratextual.

Na *fanfiction* essa legibilidade encontra-se muitas vezes inalcançável para quem não pertence à *fandom*. Piadas entre a *fandom*, teorias e *headcanons* aliados a *prompts*, *memes*, referências cruzadas tornam os produtos *de fan endeavours* ininteligíveis a quem está fora do sistema de consumo e produção.

No entanto, não é invulgar que o texto valha por si mesmo, atraindo novos leitores que vaguearam pelo site ou seguiram referências, *links*, escritores ou comentários de outros leitores ou fãs. O que por sua vez os encoraja a procurar o original, decidindo por si a validade de um em comparação com o outro.

[...] readers were interested in the stories themselves, so that one might read a story for a show one wasn't necessarily fannish about simply because the story was enjoyable or because the reader liked the author. In effect, fan fiction had established its own fandom. (Busse, Hellekson. 2014. 7.)

A construção do Leitor na queda do Autor tem sempre um ponto de referência no texto. Onde começa e acaba a discussão o material que se presta à interpretação, o elemento que se torna cânone e, por fim, a base que irá dar origem ao Escritor.

¹⁵⁷Tanto em dramaturgia como em *fanfiction*, por vezes, um erro na primeira leitura e o encontrar da verdade textual leva a um “re-tratar” do contexto para usar o erro em paródia consciente. Ou o erro nessa leitura alinha-se com um outro significado mais tarde presente no texto.

A transição entre os três não só é instintiva como cíclica e simbiótica. A separação dos temas e capítulos tornou-se um processo de dissecação complexo uma vez que os textos e teorias consultados deixavam os conceitos entrelaçados e fluindo por caminhos semelhantes, paralelos com conexões sólidas.

Na exploração do Autor, no capítulo anterior, o Leitor vinha à superfície, reclamando um lugar e uma voz. O Leitor teve de ser controlado para não transitar de imediato da Participação Ativa para a Participação Transformativa do trabalho do Escritor. O Escritor do capítulo seguinte preenche as áreas indefinidas entre Leitor e Autor ao mesmo tempo que se afirma como uma entidade distinta de ambos.

Dentro da teoria da Literatura neste momento e no contexto da *fanfiction* o Leitor detém o poder da interpretação e produção. E como consumidor obtém também novas formas de participar nos processos de publicação, de crítica e validação. Os sites, toda a internet, permitem crítica imediata por parte do leitor, do consumidor, do fã.

Os padrões de produção e consumo alteraram-se e é de notar que as novas necessidades da edição se aproximam dos conceitos de partilha, busca e disponibilidade construídos pela *fandom*.

4 - O Escritor

O Escritor é o ponto de transição e de transformação entre os papéis do Leitor e do Autor. Como referido anteriormente, o termo nunca, ou muito raramente, é utilizado como um sinónimo de Autor e frequentemente encontra-se deliberadamente associado ao género feminino uma vez que estatisticamente as escritoras de *fanfiction* são mulheres¹⁵⁸. Devido à gramática e inclusão de todos os géneros e sexualidades presentes entre os escritores de *fanfiction* o termo, em Português, regressa ao género masculino.

Entidade Fluída

A origem do Escritor encontra-se no Leitor/Consumidor particularmente ativo e vocacionado para o consumo e produção de conteúdo para e a partir do seu objeto de interesse. Enquanto Leitor, e participante, se a sua *fandom* não se encontrar inicialmente baseada na forma textual, encontra-se envolvido na leitura de outros Escritores.

O termo em equivalência do amador ou de um autor publicado, mas sem grande reconhecimento por parte daqueles que detêm o controlo sobre

¹⁵⁸ O trabalho de Verba iniciou essa pesquisa, debruçando-se especificamente sobre a escritora de *fanfiction* de *Star Trek*. Outras pesquisas, contagens e investigações são feitas pelos próprios fãs, os sites de arquivo e a famosamente falhada SurveyFail 2009 – levada a cabo por não fãs (<https://fanlore.org/wiki/SurveyFail>). *Fanlore* tem uma página onde lista estatísticas ao longo dos anos embora a sua secção do século XXI (2000-presente) seja a mais atualizada e sistematizada.

https://fanlore.org/wiki/Fandom_Statistics

Outros estudos podem ser seguidos através dos links presentes na página listados em seguida:

https://web.archive.org/web/20100912173235/http://www.jae-fiction.com/Study_on_Fanfiction.html

<http://www.alternateuniverses.com/fanficuniv.html>

<http://katiedidnt.net/fandomthennow/index.html>

<https://archiveofourown.org/series/1215111>

<https://toastystats.tumblr.com/>

<http://ffnresearch.blogspot.com/2011/03/fan-fiction-demographics-in-2010-age.html>

<http://lunastationquarterly.com/the-fanfiction-is-female/>

qualidade, validade, presença e visibilidade, foi quebrado e usado pela ficção científica, tendo em conta as duas definições referidas no primeiro capítulo, e em seguida reclamado pela *fandom* de Star Trek.

Eventually the Star Trek fandom became so intense that the canonical fabric of the show itself was no longer enough for it. The fans needed more than the show's creators could give them. / So they staged a revolution – they seized, as revolutionaries do, the means of production. (Grossman em Jamison. 2013. xi.)

Na sua frustração a *fandom* fez o que sentia necessidade de fazer. Produziu conteúdo e partilhou. A partir dos Leitores/consumidores criou Escritores e criou Autores. E criou as estruturas que suportam a produção, edição, partilha, comentários, fóruns, discussões e comunidade. Construiu um sistema suportado pelo grupo e alimentado pelo original e pelos que se reúnem em seu redor.

Whenever a canon closes, someone somewhere will mourn it enough to reopen it. (Pugh. 2005. 47.)

E não foi a primeira vez que tal fenómeno aconteceu. A reação à morte de Sherlock Holmes foi exatamente tão literal como a referência de Pugh. Porém, a perceção do texto canónico como material flexível permite a sua utilização, manipulação e reinvenção ao mesmo tempo que o seu Autor o desenvolve. E é com orgulho que o Escritor por vezes vê a sua suposição confirmada pelo seguimento do cânone ou desafiada com uma alteração narrativa que nem imaginou, mas que vai examinar, perspetivar e negociar em conjunto com outros leitores e escritores.

The line between amateur and professional writing is both sharply defined and frequently crossed in science fiction fandom, because science fiction is a literature itself written by fans of the genre; to be an amateur science fiction writer is therefore merely a step on the way to becoming a professional science fiction writer, and professional writers still go to conventions to hobnob. From this perspective, the professional is superior to the amateur, who is serving a kind of apprenticeship. (Coppa em Busse, Hellekson. 2014. 219.)

Um dos argumentos originais sobre a *fanfiction* enquanto campo de treino deriva exatamente dessa concepção da relação entre Autor e Escritor como hierarquizada pela comunidade, a *fandom* da ficção científica, enquanto uma continuidade do amador para profissional. Não é o único argumento a favor da *fanfiction*, mas é um dos argumentos que se cimentaram em redor de uma prática comprovada.

Ainda assim, o Escritor não deixou de ser uma entidade, um conceito, uma função, separada do Autor. Um Autor não existe sem ser um escritor, mas um Escritor existe sem ser um Autor quando se considera que a posição de Autor depende apenas da edição, publicação e validação. Porém, sem um original publicado um escritor de *fanfiction* é um leitor com potencial. Potencial de criação de originais e potencial de criação, de diálogo com as criações de outros.

(...) the boundary between writer and reader is so flimsy, fanzine editors and writers remain more responsive than commercial producers to the desires and interests of their readership. (Jenkins. 2013. 159.)

E como Leitor, o Escritor sabe exatamente o que desejou do texto. E como o obter através do seu conhecimento do cânone em todas as formas que aprecia, das suas capacidades de interpretação e escrita e dos materiais disponibilizados pela internet, pela *fandom* e pelos blogs de apoio à escrita.

The ever-growing fan text, which every source text can spawn, illustrates the power of readers as writers and the layers of potential meanings all texts can potentially generate and support. (Busse. 2017. 100-101.)

O Escritor sabe também como alimentar o texto canónico com as suas intervenções derivadas dos seus conhecimentos tanto enquanto Leitor e enquanto teórico informal.

A *fandom* oferece também suporte e ramificações. O trabalho de recriação, embora impulsionado por um desejo pessoal de *mais de* ou *mais dele*, acaba por obter *ainda mais* através de todos os materiais e interações disponibilizados.

E relembando a questão arcôntica proposta por Derecho este *mais* vai gerar *mais* e procurar conectar todo o tipo de áreas de interesse e trabalhos

prévios de acordo com a percepção do indivíduo, dos interesses mistos e da comunidade¹⁵⁹.

Fanfic writers all started as readers who were not content simply to consume the fiction put before them on the page or screen; rather they wanted to add to it, to fix what they felt to be wrong with it or missing from it and to extend its range. They expect their readers to take that attitude too (...) (Pugh. 2005. 220.)

A facilidade de transição entre papéis e obtenção de conhecimentos demonstra que embora o Autor seja relativamente inconsequente para a posição do Escritor a pré-existência do Leitor é absolutamente fulcral, um pré-requisito inevitável.

Onde diferem na relação entre Leitor, Escritor e Autor é apenas na produção que o Escritor disponibiliza, se é um texto da sua autoria¹⁶⁰, feito para colmatar algo que sentiu em falta de forma abstrata, a sensação de que existia uma história que gostaria de contar ou escrever para entrar em diálogo com um cânone já cimentado e publicado.

(...) in fan fiction the would-be readers themselves became the producers of what they wanted, at first because that was the only way to get it and later because they found the act of producing it pleased them for its own sake. (Pugh. 2005. 218.)

As expectativas de um Escritor em relação ao seu Leitor são mais elevadas do que as do Autor e as da Academia. O Escritor espera comentário, interação, elogio, desafio e insulto. O Escritor espera que leiam o seu texto e o interpretem e interroguem, da mesma forma que interpretam e interrogam a fonte geradora da *fandom*.

Readers and writers engage in power negotiations in a variety of ways, not only in terms of competing interpretations but also in the actual process of

¹⁵⁹ Nos *Crossovers* este diálogo entre mundos canônicos diferentes pode ser iniciado por um conceito em comum como magia, vampiros, tecnologia (etc.).

¹⁶⁰ Utilizando o termo autoria no sentido da publicação, uma vez que este tipo de trabalho ou acaba na gaveta, sem nunca ver a luz do dia, ou é recusado recorrentemente, ou é publicado por uma editora oficial ou é autopublicado em forma física ou digital.

presenting, reading and providing feedback to stories. Feedback, the reader's comment to the author describing the positive and negative aspects of the story as well as its affective qualities, is often the only currency writers have in fandom. Writers can control feedback to some degree, be it through begging or blackmail as they hold parts of their stories hostage to a certain number of comments. Posting in parts not only may force the readers to enter a dialogue with the writer but also allows the writer to control reading practices. (Busse. 2017. 37.)

Para o Autor as críticas são parte do sancionado, são controladas pelos termos das editoras, dos jornais, do que foi ensinado aos que escrevem para publicar. Até à abertura da internet e à possibilidade de deixar essas mesmas críticas nos sites dos autores, nos sites de compra de livros e em blogs pessoais, a regra manteve-se e as críticas eram impessoais, profissionais, cuidadosamente criadas para manter uma ideia de neutralidade e validade.

Alguns autores não souberam o que fazer quando diretamente confrontados com o seu Leitor¹⁶¹. Uma má crítica por parte de um profissional é distante, parte da estrutura da publicação. Uma crítica por parte de um Leitor traído é emocional e cortante.

Se um Autor, e um texto, depende dos seus leitores para sobreviver, e reviver a perda de interesse é a maior ameaça que pode ser empunhada por aquele que se encontra numa posição menos privilegiada. E, claro, no caso do Autor essa mesma irritação do leitor tem impacto no valor monetário gerado pela publicação.

O Leitor faz parte da *fandom* e a sua opinião vai ser discutida, difundida e observada com maior cuidado. E, tendo em conta o funcionamento da *fandom* e o conhecimento do que o grupo em geral procura e o que cada leitor individual indica como as suas preferências, uma crítica fundamentada partilhada entre a *fandom* pode devastar o Autor/produtor de uma forma que uma crítica sancionada não conseguiria.

¹⁶¹ <https://www.theguardian.com/books/2015/aug/14/anne-rice-hits-out-at-internet-lynch-mobs-attacking-controversial-books> (3/5/2019)

<https://www.nytimes.com/2004/10/11/books/the-people-have-spoken-and-rice-takes-offense.html> (3/5/2019)

<https://www.bbc.com/news/uk-scotland-edinburgh-east-fife-34775814> (3/5/2019)

As críticas com que os Escritores se deparam ao longo da sua leitura e em seguida produção eram predominantemente diretas e nem sempre simpáticas. Mas enquanto Leitor e Escritor o mesmo esperava que os *trolls*¹⁶² se erguessem e sabe a regra: *Do Not Feed the Troll*. Ainda assim, o impulso combativo por vezes ganha.

O Escritor deseja a interação, o *feedback*, os comentários. Algo que diminuiu com o aumento do *lurking*. A falta de comentários afeta a *fanfiction* e os seus Escritores.

Uma tradição entre a *fandom* era comentar em cada um dos novos capítulos o que levou à referência de Busse sobre o controlo, sobre libertar capítulos quando o número de comentários alcançava o valor referenciado¹⁶³.

Através dos sistemas de contagem de leituras dos sites de *fanfiction.net* e *Archive of Our Own* o Escritor consegue ver quantos leitores já viram o seu trabalho, mas espera sempre ansiosamente pelos comentários.

O Leitor com treino, tradição e cortesia sabe que comentar vai produzir mais do conteúdo que deseja. Alguns Leitores conseguiram trazer através de um comentário *fanfiction* que não tinha *updates* por parte do seu escritor há anos.

Um comentário de desejo e encorajamento faz muito pela produção.

Who writes this stuff? Kids. Parents. Teachers. Married couples – together. Professional writers moonlighting, free from market forces. Tweens working out sexual and writerly grammar online, simultaneously: fumbling “first times” stories written, fumblingly by and about middle-schoolers writing for the first time. And, lest we forget them, legions of fan writers horrified by all the sex, fearful that with the publication of Fifty shades, sex is all their work will be known for. The world of fanfiction is a very big, very mixed bag. (Jamison. 2013. 18.)

O Escritor pode ser qualquer Leitor/consumidor.

¹⁶² **Troll:** Um *Troll* é uma pessoa ou grupo que provoca deliberadamente, usando desafios, insultos e provocações, negatividade em geral para obter uma resposta, de preferência negativa, combativa e defensiva. Parte do que é considerado *cyberbullying* quando levado longe demais.

¹⁶³ *10 comments and I'll post ;p* .

Este tipo de referência/comentário com o *emoticon* a marcar um tom entre o jocoso e o desafio era bastante comum.

A *fanfiction* sobre clássicos muitas vezes é encontrada com uma nota indicando que foi escrita para uma aula de Literatura quando proposto um e se ou para recriar com uma interpretação alternativa ou simplesmente um comentário irritado de alguém cuja interpretação foi recusada, mas que na sua frustração sobre a validade da mesma decidiu construir o texto e partilhar, procurando comentários e validação da *fandom*.

Busse novamente refere o treino linguístico e estilístico e a sexualidade. E nessa abordagem questiona a possibilidade de novos Leitores não transitarem para Escritores de *fanfiction* devido à reputação fraturada pela publicação derivada da visibilidade digital de *Fifty Shades of Grey*.

A percepção do trabalho e natureza do Escritor encontra-se ligada às experiências do Leitor, como leitor apenas e como potencial escritor. Se a noção for moldada por uma força exterior à *fandom*, uma opinião que não sabe nem reconhece as suas mecânicas, variedades e possibilidades, o Leitor provavelmente terá menos interesse e oportunidades de se juntar aos produtores de conteúdo até encontrar um caminho, um interesse, que o possa guiar de volta e compreender a *fandom*, a *fanfiction*, os seus produtores e participantes.

A entidade e identidade do Escritor define-se, portanto, na negociação entre os conceitos reconhecidos no senso comum do que é um Leitor e um Autor. É um consumidor, um produtor, um teórico, um crítico, um fã, um aprendiz. E um participante que exige uma voz e presença nas narrativas que segue.

In fandom, the author may be dead, but the writer – that actively scribbling, embodied woman – is very much alive. You can talk to her; you can write to her and ask her questions about her work, and she will probably write back to you and answer them. She might enjoy discussing larger plot, style and characterization points with you if you engage her in critical conversation. You can tell her that her story is bad and hurt her feelings, or you can flame her as someone who shouldn't be writing at all. Moreover, the writer may well have worked with a team of editors or beta readers; the fiction might as well not be only of an author, but written collaboratively by a group, or crafted as a birthday present for a fellow fan – in short, the writer is part of an interactive community, and in this way, the production of fan fiction is closer to the collaborative making of a theatre piece than to the fabled solitary act of writing. (Coppa em Busse, Hellekson. 2014. 236.)

Coppa regressa ao argumento da morte do Autor para exemplificar o funcionamento da Escritora na *fandom*. Referencia também a questão do editor, referindo *beta-readers*. Não se afasta da questão do Escritor como definição fluída, dependente e independente, formada pela percepção de quem escreve, de quem lê e de quem observa embora imbua o seu texto da perspectiva feminista.

Transita depois a sua atenção para a questão da comunidade que se encontra no centro do que é a *fandom*, afastando-a, novamente e em seguimento das teorias literárias mais recentes, do exemplo do autor clássico e para as produções literárias construídas por colaboração e performance¹⁶⁴.

Individual no Plural

In the fan community fiction creates the community. (Bacon-Smith. 1992. 57.)¹⁶⁵

A publicação de Bacon-Smith é um dos textos base do campo de *fan studies*, uma discussão sobre a *fandom* e as suas práticas em geral e a *fandom* de Star Trek em particular. Algumas práticas descritas entraram em desuso ou mudaram e adaptaram-se de acordo com os avanços tecnológicos. Tal não é surpreendente. Outras práticas de *fan endeavours* evoluíram e suplantaram a *fanfiction*¹⁶⁶ em termos de partilha e comentários e ainda assim mantém-se uma fórmula simbiótica e uma discussão acesa sobre o valor de cada tipo de participação na *fandom* em que se acaba por afirmar que todo o tipo de participação (ativa, transformativa ou apenas de consumo) é igualmente válidas e contributivas.

A comunidade é a constante reconhecível que se mantém no centro do consumo e produção de *fan endeavours*. A ideia de comunidade vai ao encontro do texto *Poetic of Reflection* (1990) de Glissant onde se propõe o abandono do individualismo humanista para a construção de igualdade. Uma derivação consciente da intertextualidade deliberadamente procurada e trabalhada nas

¹⁶⁴ Dramaturgia, oratura e teatro.

¹⁶⁵ Bacon-Smith, Camille. 1992. *Enterprising Women*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.

¹⁶⁶ Argumentação construída em relação à *fan art* e ao aspeto visual que a internet facilitou.

suas relações, relações não apenas entre os componentes textual, da criação, da recepção, mas também humanas. O que mais não é uma forma de interpretar a *fandom* que alimenta consumidor e produtor.

While the literary establishment works its way through the myth of originality to an understanding of the interrelatedness of the writer, his world, and his work, women who write fanfiction make not the least pretence of standing apart from their milieu. (Bacon-Smith. 1992. 56.)

Se para o Escritor de *fanfiction* ser um Leitor é essencial, a existência de uma comunidade também tem um papel no seu desenvolvimento, criação e produção. Quanto mais ativa uma comunidade é mais material o Escritor obtém através de teorização e interação em adição às suas capacidades pessoais de escrita, interpretação e imaginação.

There's a writing community – well, many nested or overlapping or strangely parallel communities – based almost entirely on exchange, praise, mutual respect, and critique. The works produced in this community, almost by definition, have no monetary value. In at least some circles of this community, producing work for money is frowned upon, even derided, as selling out. A few may make money from the sale of their works, and these few are the best known to those outside the community, but they are mocked by true believers. / Of course I'm talking about poetry. (Jamison. 2013. 260.)

Jamison encontra um paralelismo de produção na poesia, no aspeto menos comercial da mesma. E toca em todos os pontos da comunidade da *fandom* e a sua forma de produção textual.

O Escritor é forjado na interação, na crítica, na troca de produção e comentário. E, ao contrário do Autor, não mantém a ilusão de génio solitário sem influência exterior enquanto desenvolve a sua arte. Tem uma voz, um estilo, um objetivo, uma visão individual. Ao mesmo tempo demonstra permeabilidade e maleabilidade em relação às discussões do grupo e permite uma interação no processo criativo e em relação ao produto que por fim partilha. E em seguida aguarda os comentários mantendo o diálogo e a continuidade em aberto.

Fandom here becomes a participatory culture which transforms the experience of media consumption into the production of new texts, indeed of a new culture and a new community. (Jenkins em Busse, Hellekson. 2014. 39.)

A cultura de participação da *fandom* alterou o paradigma de consumo passivo. Alterou a experiência e técnica de produção. E deixa todas as possibilidades em todos os potenciais campos de intervenção disponíveis para que os Leitores/consumidores possam entrar e brincar.

It can start (...) when we treat the stories we grow up with not just as texts to be read, or movies or programs to be watched, but as toys with which we can play. In some cases, that process is facilitated by the existence of actual toys; even without physical objects, though, our imaginations can take hold of the story elements and adjust them to our liking – whether it's a simple tweak here and there or the development of an all-new narrative. (Hogan em Jamison. 2013. 109.)¹⁶⁷

Sobrepondo a ideia de libertação e de jogo, ou brincadeira, ecoa a citação de Pugh utilizada na exploração inicial do conceito de *fanfiction* enquanto prática literária com potencial de produção de Literatura. A mistura de elementos sancionados¹⁶⁸ com a imaginação e elementos exteriores liga-se ao consumo ativo e inquisitivo incitado pela participação na *fandom*. A transição transformativa é completada ao dar uma forma a essa mistura. Forma que na *fanfiction* é, invariavelmente e por definição, escrita.

Fan writings builds upon the interpretative practices of the fan community, taking the collective meta-text as the base from which to generate a wide range of media-related stories. (Jenkins. 2013. 156.)

¹⁶⁷ *Literary Playtime* é o título deste texto e encaixa-se perfeitamente na ideia da *fanfiction* enquanto jogo, enquanto liberdade para brincar e explorar sem os limites da realidade, apenas os limites da imaginação aplicados sobre o material.

¹⁶⁸ A menção dos brinquedos liga-se aos anos 60 a 90 em que grande parte das séries, especialmente de animação e direcionadas a rapazes, eram feitas com o objetivo de vender brinquedos porque começavam por ser brinquedos em relação aos quais uma história era criada e emitida. Ex: Transformers. O inverso também era verdade, uma situação em que uma série popular ganhava brinquedos para maximizar lucros. Ex: Star Trek.

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MerchandiseDriven> (5/5/2019)

A construção coletiva do texto e de teoria permite ao individual conceber mais conteúdo enquanto mantém o equilíbrio e a transição entre Escritor, Leitor e fã. A produção é contínua, constante, múltipla e concomitante. O consumo é guiado por preferências. A Internet assim o permite.

Enquanto fã acrescenta-se mais uma perspectiva que para alguns afastaria as questões de objetividade no desenvolvimento da intertextualidade e teoria, mas para outros, categoria em que os *fanshcolars* geralmente se colocam, apenas acrescenta ao fervor com o qual se mergulha no texto, contexto e variados conteúdos. Gostar do objeto com que se trabalha ao mesmo tempo que se “brinca” é uma forma de obter *mais*.

(...) fan culture reflects both the audience's fascination with programs and fans' frustration over the refusal/inability of producers to tell the kinds of stories viewers want to see. Fan writings brings the duality of that response into sharp focus: fan writers do not so much reproduce the primary text as they rework and rewrite it, repairing or dismissing unsatisfying aspects, developing interests not sufficiently explored. (Jenkins. 2013. 162.)

A participação na *fandom* é incitada pelo interesse que leva ao caminho do fã que consome. O consumo leva à produção ativa e transformativa devido à frustração, desejo e fascínio. Neste ponto, o Leitor já se encontra consolidado na sua procura de satisfação de aspetos não canónicos. E ao não encontrar, ou encontrar pouco, pode transitar para Escritor. Esta é a argumentação proposta e a forma como a comunidade a incita.

Procurar *mais* não é uma questão de ganância, consumismo ou obsessão. Encontra-se ligada à necessidade de representação, de comunidade, de curiosidade, de sentir que existe um reflexo de nós nos produtos que nos são colocados à disposição.

Fan fiction is a literary genre based primarily in affect: love for the source, desire to continue it into different contexts, annoyance with the things it does badly, and pleasure in the friendships and shared desires that circulate in fan communities. (Busse. 2017. 76.)

A ligação pessoal e emocional ao texto canônico forja uma conexão não só entre a comunidade, mas também entre o Escritor e o seu trabalho de exploração textual e interpretativa.

Essa conceção iniciada pelo Leitor e pela sua transição para fã encoraja lealdade para com o conteúdo e o seu potencial, especialmente se o Leitor se revê na personagem ou situação, incitando a frustração criativa quando traído pelo Autor¹⁶⁹.

Writing carries with it responsibility, not to the fictional characters but to oneself, to the readers, to the worlds one creates, and to the relationships these stories foster. Fans are often aware of the complex negotiations of identification and desire that feature in their role as viewers, writers and readers, discussing the multiple and changing modes of engagement not only in their paratextual meta conversation but also in their stories themselves. (Busse. 2017. 95.)

A negociação e discussão nas transições de papéis e ideias coalesce o papel do Escritor na comunidade como uma espécie de arquivista, a acrescentar à noção explorada anteriormente, encontrando, organizando e desenvolvendo ideias e produzindo pontos de referência não só em textos como em *prompts* e *headcanons* que podem ser utilizados, referenciados ou reutilizados por outros Escritores.

(...) all authors, creators and show runners for texts that have generated large fandoms have to deal with fan's disappointment, dislike, and animosity. Fan fiction often is a way to challenge this authority: it tells the stories that are not yet (or ever) told but that interest the fan community nonetheless. (Busse. 2017. 99.)

¹⁶⁹ Algo já indicado em relação a minorias quando relacionado com falta de representação ou má representação. Se antes o Leitor desapontado apenas pousava o livro que até aquele momento apreciava e, na sua natureza nómada, evocando aqui DeCerteau, procura um outro terreno para explorar, na *fandom* o Leitor expressa a sua frustração ao grupo. Encontra apoio, suporte, ferramentas. Pode encontrar *fanfiction* que renova o seu interesse nesse livro apesar de manter a sensação de tristeza pela traição. Ou pode ser aquele que vai escrever e oferecer essa salvação a outros que sentiram o mesmo.

A intertextualidade e necessidade de *mais*, especialmente quando a *fandom* é confrontada com as limitações presentes em relação à publicação¹⁷⁰, e a percepção do papel ativo e interventivo do Leitor, em relação à promessa do texto e à reação da *fandom*, provoca uma resposta.

The viewers who became fanfic writers had obviously decided that there was more potential in these characters and situations than met the eye of their original creators, and that given the chance, they could do as well or better. (Pugh. 2005. 21.)

E a resposta foi produzir o que não tinha sido entregue à *fandom*, mas que era desejado. Entre a entidade, a comunidade e a metodologia do Escritor obtêm-se o que se procurava e o que foi deixado inexplorado no cânone.

(...) fanfic writers are usually writing for like-minded people who share some of their genre preferences, they can often rely on this wider knowledge to being shared, but not always, and then it becomes important to construct a story in which, though preferable, this shared knowledge is not actually essential. The feedback most desired from readers in those circumstances is "I'd never heard of [the film, play, poem etc in question], but it didn't stop me from enjoying the story." (Pugh. 2005. 45.)

A comunidade conhece o texto e contexto.

O Escritor sabe como trabalhar e envolver o seu Leitor, tendo em conta que reconhece os desejos da sua *fandom* e como Leitor também reconhece as mecânicas que capturam a atenção dos fãs.

E, ainda assim, mantém a ligação com o Autor, morto, Deus, ténue, enterrado ou Shrödinger¹⁷¹, não reclamando como suas as personagens ou elementos do cânone. Admite-o (ao cânone) como criado por alguém,

¹⁷⁰ Seja por questões comerciais, sociais ou pessoais.

¹⁷¹ <https://kdhart.tumblr.com/post/181116043661/neoflect-rather-than-death-of-the-author-i>
(6/5/2019)

Rather than death of the author I subscribe to a critical framework I like to refer to as Schrodinger's Author where the authors intentions are important except for when I don't like them.

propriedade de alguém, elemento partilhado e maleável. É um elemento de união, um ponto de partida.

The interaction between readers and writers – the dynamic of community itself – is one of the central difference between professional literature and fanfiction (...). Not only are readers and writers emotionally invested in different ways, but their interaction is also always clearly visible and central – from the creating and editing of fan fiction to its reception and review and to the discourses surrounding fannish productions. (Busse, Hellekson. 2006. 28.)

A inexistência do vácuo do pressuposto do génio autoral solitário permite o dinamizar do texto para servir os Leitores e a *fanfiction* vem preencher todas as lacunas percecionadas pelo Leitor/consumidor e fã, sempre ávido.

A interação, a possibilidade de perguntar, de discutir e mesmo de influenciar outros leitores e escritores é preciosa para aqueles que pertencem ao grupo marginalizado que sempre se viu forçado a escrever nas margens dos livros, a ignorar uma descrição de cor da pele, de género, de comportamento para se identificar, quer porque o Autor não se deu ao trabalho de pesquisar ou não foi inclusivo na sua escrita. Se... se o Leitor tivesse dito ao Autor que... E de maneira jocosa a internet já explorou a questão. Especialmente em relação à forma como Autores escrevem sobre personagens e situações femininas.



Dear Men Writers

Lesser known facts when writing women:

- High heeled shoes don't become flats if you break the heels off.
- The posts of earrings aren't sharp.
- Nail polish takes a long time to dry and smudges when wet.
- You can't hold in a period like pee.
- Inserting a tampon is not arousing or sexual in any way, ever.

Feel free to add your own.

172

Produção e Reprodução

A escrita é uma ferramenta. Pode ser aprendida e treinada. Na *fandom* em geral existe uma partilha de experiências e sites feitos tanto por profissionais como por amadores para ajudar escritores a treinar e progredir. A criação e o escritor de *fanfiction* fazem uso das ferramentas da internet para aumentar as suas capacidades e possibilidades. Sites de gramática, dicionários, informações sobre a série, sobre mecânicas da natureza, física, química, mecânica (etc.) estão disponíveis e são regularmente organizados e referenciados¹⁷³.

Os componentes iniciais a nível de construção da *fanfiction* são o cânone e a capacidade de escrita. O que se faz com esses materiais varia de acordo com o Escritor, com a *fandom* e com as intenções com as quais o texto foi arquitetado. Uma correção difere de uma homenagem. Uma continuação é necessariamente distinta de uma inserção. Escritores que gostam de ecoar o estilo do Autor são diferentes daqueles que ativamente encorajam o *Alternative Universe (AU)*.

Fanfiction is an old story. Literally of course: fanfiction takes someone else's old story and, arguably, makes it new, or makes it over, or just simply makes more of it, because the fan writer loves the story so much they want to keep going.
(Jamison. 2013. 17-18.)

O Escritor recolhe e negocia para em seguida produzir em divergência, convergência, continuidade ou preenchimento do texto canónico.

¹⁷³ <http://clevergirlhelps.tumblr.com/> (6/5/2019)
<https://thewritershandbook.tumblr.com/> (6/5/2019)
<http://writersyoga.tumblr.com/> (6/5/2019)
<http://referenceforwriters.tumblr.com/> (6/5/2019)
<http://writersrelief.tumblr.com/> (6/5/2019)
<http://tvtropes.org/> (6/5/2019)
http://fanlore.org/wiki/Main_Page
<http://www.transformativeworks.org/> (7/5/2019)

O processo cria uma cisão em relação à forma como pode ser percebido na sua relação com a Academia. Embora ainda recaia na categoria de Literatura, segundo os *fanscholars* existe uma inclinação para a fórmula da dramaturgia e performance quando observado sob a perspectiva da publicação e da reação quase imediata. E também quando colocado sob a perspectiva da escrita e manipulação do corpo.

(...) by writing fan fiction, for example, a fan may perform by manipulating the character's bodies (that is, causing the characters to perform) and by creating or manipulating a particular milieu that may direct her audience how to react to her (that is engaging in self-performance) (Busse, Hellekson. 2014. 193.)

Pugh refere-se a marionetes e marionetistas. Busse, Hellekson e Coppa recorrem à manipulação do corpo no espaço. Hogan fala de brinquedos. *Dungeons and Dragons* tem mundos pré-definidos e a criação de um *Player Character (PC)* para interagir com esses mundos enquanto o *Dungeon Master (DM)* facilita e traz à vida a ação através da narração.

Ao manipular esses elementos, ajustando-os de acordo com os desejos do seu Escritor, a *fanfiction* é criada. E neste fluxo entre criatividade, repetição, remodelação e cânone as semelhanças ao teatro sobressaem.

Just like theatre productions, where every new performance creates yet another version of familiar characters and story lines, fan fiction iteratively returns to canonical elements. (Busse, Hellekson. 2014. 195.)

Uma produção teatral é uma versão repensada de um texto canônico. Uma *fanfiction* são trabalhos sobre o texto canônico que alteram perspectivas, detalhes e reinterpretações. Usam o familiar para reinventar e improvisar, para entreter e satisfazer.

In theatre, there's a value to revisiting the same text in order to explore different aspects and play out different behavioural strips; similarly, in television, we don't mind turning in week after week to see the same characters in entirely different stories. (Coppa em Busse, Hellekson. 2014. 229.)

Mais do que uma versão da mesma ideia, do mesmo texto, do mesmo espetáculo, é uma realidade recorrente. E também na *fanfiction*, especialmente quando se trata de um desafio específico ou um AU. O Escritor gosta de explorar todas as possíveis implicações das ações das personagens e das situações em que se encontram.

Fic. Fan writers call it “playing in someone else’s sandbox” or “borrowing someone’s toys”. I call it “writing”. Opponents call it “stealing” – and I call that bullshit. Whatever else we call it, though, today we largely understand fanfiction as writing that continues, interrupts, reimagines, or just riffs on stories and characters other people have already written about. Fanfiction means writers getting their feet wet, their hands dirty – and if in their stories other body parts are sometimes getting wet and dirty, too, that doesn’t mean those same stories can’t be smart. If we call a piece of writing fanfiction, we usually (though not always) understand that it wasn’t published for profit. (Jamison. 2013. 17.)

Porém é apenas escrita. O exercício de uma técnica, de uma arte. E o partilhar de uma história apenas pelo desejo de o fazer.

Fanfiction as it works today is not just stories written about other stories (as has always happened). Fanfiction is stories being written about the same other story, all the same time. (Jamison. 2013. 104.)

E a partilha dessa história entre outras histórias da mesma origem, da mesma frustração, ocorre em simultâneo, oferecendo ao Leitor a possibilidade de escolha do estilo de escrita, do estilo de narrativa, da perspetiva que se afasta do cânone. Não fica limitado ao original e ao que a sua imaginação tenta negociar.

Writing and reading fanfiction isn’t just something you do; it’s a way of thinking critically about the media you consume, of being aware of all the implicit assumptions that a canonical work carries with it, and of considering the possibility that those assumptions might not be the only way things have to be. (Grossman em Jamison. 2013. xiii.)

Porém, antes da publicação, o Leitor tem um treino crítico, ainda que autodidata, sobre o material que consome. O Escritor, da mesma forma, sabe o que os seus leitores e a sua *fandom* desejam. E sabe o que quer produzir e como quer ajustar o texto original e as suas intenções de acordo com a sua produção textual e os seus objetivos.

(...) fans, with their often dual role of reader and writer and their particular awareness of their impetrative communities in which their texts are written, read, and interpreted, can demonstrate how our understanding of their author has shifted from a seemingly unified entity to a more complex and shifting entity. (Busse. 2017. 20.)

Essa metodologia circula de volta à posição do Autor e o seu destronar enquanto autoridade. Busse identifica-a como complexa e mutável, termos semelhantes aos utilizados na definição do Escritor.

Uma argumentação a tomar seria a de que o Autor se encontra a regressar ao Escritor, apenas como produtor de texto, original ou arcôntico¹⁷⁴.

The fact is, attitudes and expectations about writing change all the time. The system of value – whether financial or cultural – that apply to different kinds of writing change as well. (Jamison. 2013. 260.)

Outro lado do argumento prende-se com a libertação das expectativas em relação à publicação, edição e à forma de escrita em si. As experiências estilísticas proliferam na publicação por exemplo. Um maior foco no desenvolvimento emocional das personagens, em oposição ao foco apenas na ação. O início da permeabilidade e valorização das vozes até recentemente abafadas¹⁷⁵.

Fanfiction and its media have already changed the way people are writing, reading, finding, and thinking about stories. It won't change back. Fanfiction will be coming to the party and probably saying all kinds of things polite company would leave unsaid. (Jamison. 2013. 362.)

¹⁷⁴ Para evitar o termo derivativo, uma vez que a intenção não se encontra nesse tipo de avaliação, mas sim na questão do uso de algo pré-existente em expansão e alteração.

¹⁷⁵ Novamente referindo mulheres, POC, LGBTQA+.

Os *Fanscholars* defendem a *fanfiction* e a sua libertação das fórmulas que mantinham tudo e todos aqueles que não eram considerados publicáveis como potenciais fontes de Literatura. Não só na *fanfiction* como género de produção legítimo, mas também na publicação de amadores sem afiliação à Academia.

Fan writers use the character, plots, and bodies from their chosen texts as raw material that can be manipulated to explore questions of most interest to them as well as issues and plot points raised by the source: manipulation of gendered embodiment frequently lead to the exploration of feminist concerns. (Busse. 2017. 60.)

A exploração do texto por qualquer ponto de entrada, perspetiva ou objetivo, serve os propósitos do seu Escritor; sejam esses propósitos entretenimento, correção ou contestação. Busse aponta, quase de imediato, o feminismo e questões de género como um dos principais filões a que escritores se dedicaram.¹⁷⁶

Da mesma forma que se explora um mundo imaginário através de brinquedos, os escritores exploravam os mundos disponibilizados com as marionetes das personagens e criavam as suas narrativas a partir do conhecimento pessoal e coletivo.

The extent to which canon controls fanfic writing varies wildly, even within individual fandoms. (Pugh. 2005. 37.)

E, tal como em qualquer jogo, as regras e o cânone são sugestões em vez de correntes ou contratos. O objetivo da *fanfiction* é explorar e nessa investigação o Escritor gosta de unir a sua perceção à do Autor, ou subverter essas mesmas regras pelo objetivo que achou mais interessante ou que sentiu em falta.

¹⁷⁶ Ainda que a predominância de *slash* possa indicar outras questões, existem argumentações por parte de *fanscholars* que ao escrever *m/m* a exploração feminista da relação idealizada e entre iguais era mais fácil de perspetivar devido às noções sociais e patriarcais subconscientes por parte da sua escritora. Ou, por outro lado, usavam simplesmente as personagens com maior presença no ecrã para transmitir a mensagem.

O Escritor explora não só as suas capacidades textuais e narrativas como as suas capacidades de interpretação e subversão ao mesmo tempo que utiliza a sua experiência enquanto Leitor para equilibrar o texto que cria em redor do que o Autor deixou registado, tanto no texto como nas outras fontes disponibilizadas pela internet¹⁷⁷.

O objetivo encontra-se na produção e partilha. A produção pela resolução pessoal da relação com o texto e a relação do grupo com esse mesmo texto. Qualidade e quantidade variam de site para site, de *fandom* para *fandom* e estão associados à idade, experiência e vivência. Não é incomum circularem pedidos para que as críticas sejam construtivas ou comentários de encorajamento porque nunca se sabe quem está por trás de um *username*.

*Work in Progress*¹⁷⁸ is a term used in the fan fiction world to describe a piece of fiction still in the process of being written but not yet complete. This notion intersects with the intertextuality of fannish discourse, with the ultimate erasure of a single author as it combines to create a shared space, fandom, that we might also refer as a community. (Busse, Hellekson. 2006. 6.)

O trabalho de *fanfiction* e a *fandom* em si encontra-se sempre em aberto, mesmo quando uma *fanfiction* se encontra marcada como completa. Um escritor pode sempre regressar ao seu trabalho e alterá-lo de acordo com a necessidade de corrigir erros que lhe escaparam, ajustar aos desenvolvimentos do cânone e às motivações da *fandom*.

A liberdade e fluidez da internet permitem aos textos uma impermanência e maleabilidade que uma publicação acaba por negar. À medida que o Escritor evolui nas suas capacidades, idade e posição em relação ao mundo (real, imaginário, literário e digital) pode escolher como encarar os seus trabalhos mais antigos, seja apagá-los, deixando apenas uma vaga memória na *fandom*, trabalhar no texto mais uma vez para espelhar o seu desenvolvimento, negar a sua existência ao criar um novo *username* e conta para se afastar, sem negar

¹⁷⁷ Entrevistas, blogs, chats, wikias, fóruns, os sites oficiais e *fan-made*.

¹⁷⁸ **WIP**: *Work in Progress: Fanfictions* que ainda não se encontram completas e com *updates* regulares (ou não). Geralmente marcado nas *hashtags* uma vez que os arquivos têm a sua própria marcação automática do estado da *fanfiction*.

acesso à *fandom*, ou deixar uma nota a indicar o orgulho (e/ou embaraço) no seu passado e na forma como progrediu na *fanfiction*.

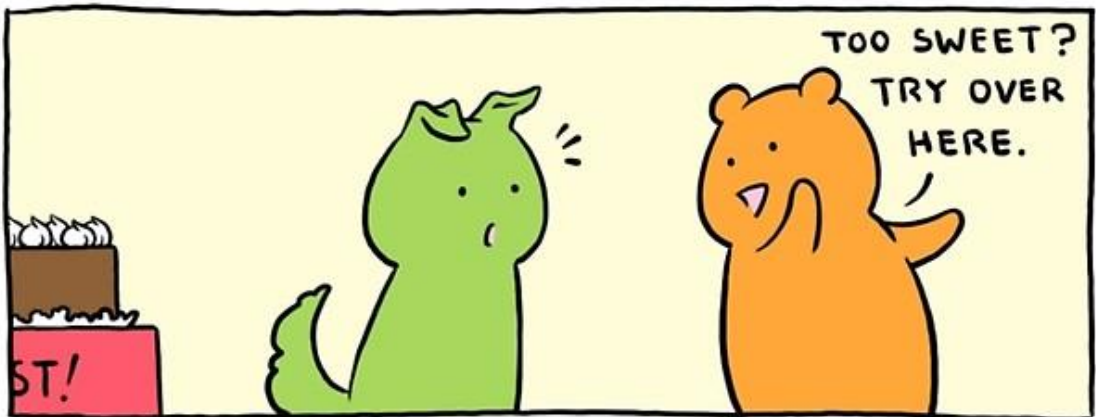
Creativity lies not in how a writer breaks with the tradition of the community's work but in how she uses the language of the group to shed a brighter light on the truth they work to communicate. (Bacon-Smith. 1992. 57.)

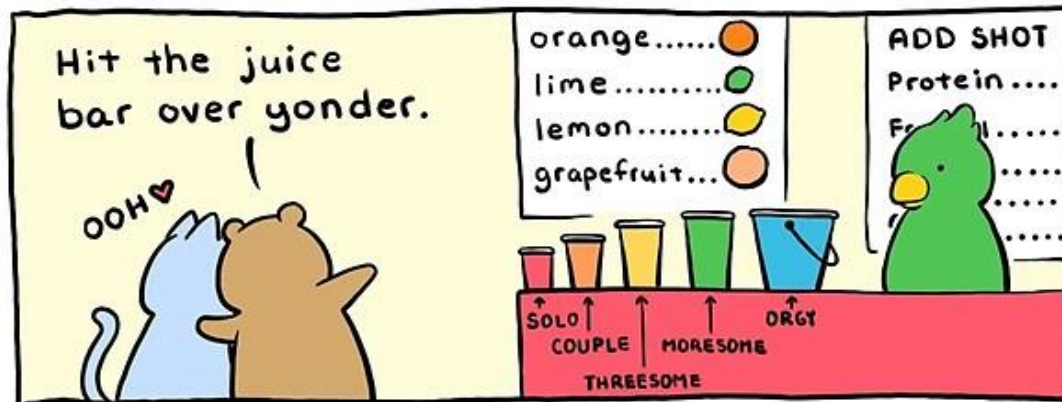
O Escritor é uma entidade fluída, criativa, que usa as ferramentas e materiais à sua disposição para transmitir possibilidades. É um Leitor. Tem potencial para Autor. Mantém-se um Escritor. Um Teórico. Um Participante.

Na *fandom* é o fornecedor de fantasias.

Self-Service







O objetivo da BD nesta secção é a visualização do funcionamento da *fandom* e a sua forma de consumo como se fora um convívio, um lanche, um piquenique. O uso deliberado de comida substitui qualquer tipo de *fan endeavours* que se queira inserir. Porém o tipo de linguagem utilizado pertence à *fanfiction* e às *tropes*.

Primeira página:

O cânone é amargo. Apesar de apreciado torna-se demais.

O grupo oferece opções.

Alternative Ending (AE), provavelmente um final feliz para contrabalançar o que quer que tenha tornado o texto canónico “amargo”. Encontra-se na linha das correções, da *Alternative Continuity*.

Fluff é oferecido como uma outra opção. O termo *fluff* é utilizado na *fanfiction* em referência a algo adorável, romântico e geralmente não-sexual. Pode também indicar que não tem uma trama/*plot*. Outros itens oferecidos pelas personagens são o formato *Oneshot* de conteúdo doce e leve (*fluff*), *Slice of Life* em que uma visão doméstica ou do dia a dia das personagens é revelada seja no mesmo universo, seja num *AU*, *AC* ou *AE*, sendo referidos diretamente dois dos preferidos: o já anteriormente mencionado *Coffee Shop AU*, e *Roommate AU*, em que as personagens partilham um quarto ou uma casa e têm que lidar com os respetivos hábitos e personalidades; romance geralmente incluído. A Universidade referida no *slice of life* é o terreno de preferência no *roommate AU* devido ao sistema de dormitório dos Estados Unidos.

As personagens afastam-se do cânone e interagem e partilham.

Segunda Página:

Uma segunda personagem observa a mesa do *fluff* com alguma apreensão. Não é exatamente o que procura. Não se quer afastar exatamente

¹⁷⁹ <https://silver-kitsuneneko.tumblr.com/post/184488247767>

https://www.redbubble.com/people/kitten-kin?ref=artist_title_name

<https://www.redbubble.com/people/kitten-kin/works/36582633-would-you-like-some-fandom-with-that>

<https://www.redbubble.com/people/kitten-kin/works/36634358-the-fandom-dark-side>

<https://www.redbubble.com/people/kitten-kin/works/37192337-for-those-thirsty-fans>

do cânone e do seu amargor referido na primeira página, mas quer algo mais... *dark*. É-lhe apresentada a mesa do Dark Side onde as criações são mais pesadas e com um aviso para verificar as etiquetas¹⁸⁰.

A segunda mesa do buffet/convívio oferece *Angst*¹⁸¹, *Hurt/Confort (H/C)*¹⁸² e *Pining*¹⁸³, este último apresentado como um trocadilho em forma de bolachas cortadas e decoradas como um pinheiro (*pine tree*).

Visualmente, enquanto consome um *Zombie Apocalypse AU* é sugerido o *Vampire and Thrall AU* e *Angsty Drunk Sex*. Dois universos alternativos e um culminar de *pining* e *angst* com bebida à mistura. A transição para o “campo adulto” da *fanfiction*.

Terceira Página:

A primeira personagem regressa, saciada da doçura, do *fluff fest*, mas ainda não completamente satisfeita. E uma outra personagem repara e sugere que todo o doce a deixou *thirsty*. *Thirsty* é uma mistura entre código e calão para desejo sexual. Ou seja, a vontade de ler “pornografia”¹⁸⁴.

Continuando no jogo da sede a secção adulta da *fanfiction* surge como um *Juice Bar*. E essa ideia também se relaciona com o *Citrus Code* ou o Código dos Citrinos, usado para disfarçar os conteúdos durante a caça às bruxas.¹⁸⁵

¹⁸⁰ As *hashtags* e as categorias pré-definidas nos sites.

¹⁸¹ ***Angst***: Histórias em que o foco é a angústia emocional. Muitas vezes usadas para explorar uma falta de reação percebida nas personagens do texto canónico a situações traumáticas.

¹⁸² ***H/C***: *Hurt/Confort. Fanfictions* em que uma das personagens se encontra ferida, fisicamente, e a outra cuida dela. Exploração da relação, realização de sentimentos, medos de perda.

¹⁸³ ***Pining***: Anseio pelo outro, predominantemente romântico. Existe uma preferência pelo anseio das suas personagens em relação à outra e sem saberem, ou admitirem os seus sentimentos mútuos. Leva a *angst* e frustração sexual.

¹⁸⁴ Usado entre aspas porque nem todos os escritos sexuais na *fanfiction* são explícitos ou focados apenas no sexo. O sexo geralmente é uma ferramenta de conceção e exploração da psique das personagens em relação aos sentimentos e situação entre elas.

¹⁸⁵ Enquanto código é relativamente antigo, provavelmente 15-20 anos quando começou a aparecer online. Com a confiança e expansão da *fanfiction* foi sendo abandonado ao ponto de nas convenções se venderem pins com a piada “*Old Enough to Remember Lemons*”.

<https://timothygurl.tumblr.com/post/181041150965/dingdongyouarewrong-old-enough-to-remember-when> (12/5/2019)

Orange – Não explícito, perto do fluff mas mais intenso.

Lime – Sexo relativamente explícito, mas com um *fade to black* no final, ou seja, uma suavização do conteúdo.

Lemon – Sexo explícito, mas não demasiado descritivo. Erótica em estilo.

Grapefruit – Sexo extremamente explícito. Aqui sim, já pode ser usada a expressão pornografia. Pornografia de mulheres para mulheres e de minorias para minorias.

Os tamanhos disponíveis? *Solo* (masturbação), *Couple* (evidente), *Threesome* (geralmente uma solução muito desejada para os irritantes triângulos amorosos inseridos no texto canônico, sabe deus porquê), *Moresome* e *Orgy* (tendo em conta que estes podem ser realmente uma história sexual de vários participantes ou uma coletânea de várias *fanfictions* com relações entre vários personagens, com ou sem ligações entre cada narrativa).

Sugestões para o insaciável gato azul? *Concentrated Citrus*, *genuine faux relationship* e *Only One Bed*. A primeira oferece um pouco de tudo para o escolhido balde da orgia. O segundo refere-se a uma situação em que as personagens têm sentimentos pela outra, sentimentos que ainda não compreenderam, e se envolvem numa falsa relação por conveniência¹⁸⁶. Inevitavelmente esses sentimentos são encontrados, compreendidos e acabam na cama. A terceira vem de uma situação de comédia que em vez de ser levada para a brincadeira culmina numa explosão de frustração sexual e sentimental.

Uma visualização criada por alguém que participa na *fandom*. Estão presentes os elementos base do cânone, dos Leitores e possivelmente dos Escritores naqueles que sugerem ou que gerem cada uma das mesas.

¹⁸⁶ Por exemplo namorados no Natal para que a família de um deles deixe de fazer perguntas incômodas.

5 - Análises Textuais

Da mesma forma que a Banda Desenhada foi utilizada na secção *Self-Service* para exemplificar o funcionamento da *fandom*, utilizar exemplos de *fanfictions* criadas por e para *fandoms* cruciais para a formação e divulgação da *fanfiction* serve o propósito de clarificar funcionamento e metodologia.

Seguindo o exemplo de Coppa na sua publicação *The Fanfiction Reader, Folk Tales for the Digital Age*, os textos são avaliados através do seu lugar em relação à *fandom* e em seguida examinados como publicações literárias, analisados e referenciados de acordo com suas características e particularidades de escrita e conteúdo. Não é uma análise profunda uma vez que o objetivo é exemplificar a produção de *fanfiction* através de textos de *fandoms* chave. O contexto e foco na apresentação sobrepõe-se à ideia de exploração de méritos literários.

Seguindo o exemplo da *fandom* e, mais especificamente o arquivo de referências que é o site *TVTropes* encontram-se e listam-se as *tropes* que encaixam no texto e enriquecem a compreensão de mecanismos de escrita e estilo.

A escolha das *fandoms* e das *fanfictions* seguiu pelas linhas referenciadas na exploração da história da *fanfiction*:

1. Sherlock Holmes enquanto uma das *proto-fandoms*, a *fandom* original para muitos *fanscholars*, segundo uma definição em que a *fanfiction* (e a própria *fandom*) apenas existe através da interação entre leitores e escritores, uma publicação e partilha, seguidores e escritores interagindo com a história e o autor. O pastiche *sherlockiano* como é reconhecido ganhou o seu lugar simplesmente através do tempo que sobreviveu¹⁸⁷.

¹⁸⁷ Contam-se três séculos neste momento, reconhecendo que os primeiros pastiches/*fanfictions* datam de 1888.

2. Star Trek enquanto codificador da *fandom* e da própria *fanfiction* enquanto definição e produção. Vindo da televisão, levado à escrita e reconhecido como o início da *media fandom*.
3. Harry Potter enquanto representante do fenómeno que começa no livro e se espalha pela internet, pelos *media*, pelos filmes, pela cultura popular e literária.

De Sherlock Holmes foi escolhida uma paródia de 1905. O objetivo foi o de obter um texto o mais recuado possível na linha temporal de produção e, uma vez que o volume de recolha dos pastiches vitorianos não se encontrava disponível, foi escolhido e obtido um outro volume de coletâneas em que a publicação mais recente nele contida é de 1915.

De Star Trek, com o mesmo tipo de critérios, foi escolhido um *skit*, uma peça de cariz teatral representada por *cosplayers* em convenções, presente no primeiro volume da *fanzine Spockanalia*. Esse mesmo *skit* foi apresentado na convenção onde *Spockanalia* foi vendida. A *fanzine* é encarada e registada como a primeira publicação do género na *fandom* de Star Trek e a primeira a conter *fanfiction*, nomeadamente o *skit* e uma canção.

De Harry Potter, e com o apoio de pesquisa no arquivo de *fanlore*, um site mantido por fãs e associado a *Archive of Our Own*, foi selecionada a primeira *fanfiction* de Harry Potter publicada no site *fanfiction.net*, ou seja, a *fanfiction* cuja solicitação de publicação abriu a secção no site. Não foi a primeira publicada *online*, mas foi a primeira no site de arquivo mais utilizado e formatado apenas para consumo de *fanfiction*¹⁸⁸. A primeira publicada num site exclusivamente dedicado à *fanfiction* de variadas *fandoms*.

¹⁸⁸ Até Archive of Our Own ser disponibilizado.

The Adventure of the Diamond Necklace

G.F. Forrest

O texto encontra-se no **Anexo 1**.

Análise:

A análise e a leitura da *fanfiction* implica, em vários casos, um conhecimento prévio da *fandom* à qual a mesma pertence e essa situação é especialmente pronunciada quando se trata de uma paródia ou *crack fic* uma vez que é necessária uma familiaridade com o texto, contexto e caracterização para ter uma noção das características que estão a ser dissecadas e moldadas.

O texto começa com o familiar estilo da narração na primeira pessoa que Doyle atribuía à voz de Watson, uma vez que reclamava a sua história como uma publicação do mesmo, dentro do cânone de Holmes. A maior parte das *fanfictions* de Sherlock Holmes, especialmente aquelas que têm origem nas publicações de Doyle, tem tendência a usar essa fórmula, em homenagem estilística e para uma facilidade de reconhecimento. A música como introdução da personagem é também recorrente e reconhecível.

Porém o nome da personagem principal nesta *fanfiction*, uma rima deliberada de Sherlock Holmes, Warlock Bones, marca-a como paródia de imediato, mantendo paralelos e exacerbando características. O cachimbo, parte da caracterização de Holmes, tão reconhecível como o seu violino, merece uma menção, parte da descrição do detetive tanto pelo fumo como pelo seu estado de falta de limpeza. E, claro, o acordeão por oposição ao violino. O paralelismo podia seguir entre o ar mais educado e sofisticado de Holmes e o contraste de um instrumento de cariz marcadamente popular.

A entrada do duplo de Watson nesta história, portador de um nome tão comum como o do Dr. Watson, mas sem a característica da sonoridade rimada investida em Warlock Bones, um sujeito de nome Goswell, interrompe a melodia para iniciar a ação.

A primeira dedução no clássico estilo do detetive que parodiam é de imediato lançada em relação ao estado da roupa de Goswell levando a um solilóquio de admiração desmedida e à inevitável pergunta de “como?”.

Como pode o génio saber? A justificação é a esperada pelos leitores do original. Bones dedicou-se ao estudo de “inserir um qualquer conhecimento obscuro pertinente para a obtenção da informação”, algo recorrente em Sherlock Holmes, em que variadas deduções tiveram origem nos seus estudos, interesses, experiências ou arquivos. E subverte essa afirmação ilativa, em seguida, na admissão que a obtenção do seu conhecimento teve uma origem muito mais comum, menos dedutiva e derivada de observação direta.

Tal não impede a veneração de Goswell; uma adoração de joelhos e uma narração embevecida; a admiração de Watson levada ao extremo e com os contornos que levaram alguns dos observadores a tirar as suas próprias conclusões sobre a relação entre os dois homens.

Um momento, uma ação, leva a uma referência ao vício das drogas de Holmes, a sua preferência sendo cocaína, mas a injeção de Bone é referida como *prussic acid*, também conhecido por cianeto de hidrogénio, um veneno. A leitura inicial pode indicar a simples recriação do hábito de Holmes para afastar o aborrecimento, o desinteresse pelo mundo levado ao extremo suicida e autodestrutivo. Mas é também uma indicação da duplicidade da narrativa. Bones tem outra razão para injetar veneno, para além do exagero.

E em seguida o detetive revela uma nova dedução que se encontra para lá do impossível, mais perto da clarividência e adivinhação do que uma linha de lógica e investigação. Sherlock Holmes também tinha essa tendência, mas em geral anunciava essa informação enquanto lia os jornais onde se encontravam fragmentos do caso que iria acabar nas suas mãos. Antes de subverter o seu monólogo do futuro caso que iria aparecer dentro de vinte e três a vinte e quatro minutos, segundo as suas expectativas, toma algum tempo para exhibir o desdém condescendente do génio para com o seu adorador ingénuo e impressionável, também um hábito de Holmes em relação a Watson ainda que muito menos pronunciado, tendo em conta a natureza do texto em questão.

A partir deste momento, aproveitando o ímpeto do julgamento de valor e provocado por uma pergunta em relação ao envolvimento da polícia, parte para uma crítica a uma amplificada incompetência policial, do número de suspeitos e presos sempre desproporcional e, mais uma vez, desdém pelos pobres tolos, antes de afirmar a simplicidade do caso, ao mesmo tempo que o caracteriza como um complexo entretenimento, difícil para o comum dos mortais. Nos textos

de Doyle a polícia varia entre a competência e a incompetência, característica que foi capitalizada pelas paródias. Da mesma forma, os suspeitos são sempre muito mais numerosos do que seria de esperar e os motivos multiplicam-se.

O “senso comum” de Goswell não o impressiona. Tal como Holmes lança-se num discurso empolado sobre os méritos da imaginação em contraste com a estupidez policial e a falta de percepção dedutiva do seu amigo, ambas derivadas, segundo ele, de uma visão comum, básica, do mundo.

Para a audiência de uma pessoa capturada, pelo seu brilhante intelecto, anuncia o motivo do ladrão e resolve o caso que ainda nem lhe foi apresentado, recuperando a joia roubada que, durante toda a narração, esteve num cofre ao seu alcance. E revela, por fim, que toda a informação foi obtida da forma mais simples do que como resultado do imenso génio de que se diz possuidor. Warlock Bones perpetrou o crime.

Listagem de Tropes:

Uma análise na *TVTropes* tem outros critérios e outro propósito.

Parte do princípio que quem pesquisa já assistiu ou leu o conteúdo e procura entreter-se com as interpretações de outros e a listagem das *tropes* contidas pelo produto em análise. Uma forma de comparar desejos, comparar possibilidades e saber como ajustar a uma discussão ou futura produção.

Geralmente, começa com uma sinopse do objeto em questão seguida pelas *tropes* em geral e subdivida em páginas individuais com *tropes* dedicadas a detalhes como momentos de comédia, impressionantes, assustadores, *tropes* relacionadas com personagens (etc.).

*Spoilers*¹⁸⁹ podem estar visíveis ou escondidos, tendo sempre um aviso em relação ao estado dos mesmos.

A pesquisa de *tropes* funciona entre a intuição (e conhecimento) do título (e familiaridade com o conteúdo), a correlação da descrição e o seguir do *link* para a página onde a *trope* em si é descrita e mais exemplos da mesma noutros trabalhos de ficção e/ou vida real listados, por forma a consolidar conteúdo e contextualização. Como análise colaborativa as *tropes* listadas têm tendência a crescer e são resultado de variadas interpretações, de variados contribuidores.

O nome das *tropes* são mantidos em Inglês, os *links* das mesmas listados na nota de rodapé. A descrição associada está escrita em português e refere-se à paródia com menções ao cânone Holmesiano.

The Adventure of the Diamond Necklace

G.F. Forrest

Goswell visita o seu amigo, o genial detetive Warlock Bones, e é-lhe apresentando um estranho caso de roubo.

Tropes:

- ***Ambiguous Disorder:*** Sherlock Holmes já era portador de uma quantidade de qualidades e comportamentos que fugiam à norma.

¹⁸⁹ **Spoilers:** Informação que estraga a surpresa da narrativa.

Naturalmente Warlock Bones leva esse padrão para lá do questionável;

- ***Awesome By Analysis:*** A capacidade de análise da personagem é o que a torna impressionante, usando o cérebro para alcançar a melhor solução para o seu problema;
- ***Bunny Ears Lawyer:*** Personagens cujas características, estranhas ou socialmente díspares, não interferem com a sua competência ou contribuem para ela de alguma forma;
- ***Clue Evidence And A Smoking Gun:*** Uma dedução feita de uma observação direta. A observação de Bones sobre o crime em questão não podia ser mais direta;
- ***Clueless Mystery:*** Um mistério sem pistas é crucial para uma história de crime necessitar de um detetive para a sua resolução. A paródia leva-o um pouco mais além, tendo em conta que nem um pedido de ajuda foi iniciado;
- ***Distinguished Gentleman's Pipe:*** Uma pista visual da classe da personagem, da sua superioridade intelectual. Parte da caracterização original de Holmes, usado como elemento de conceção e de disparidade, uma vez que é mencionado que se encontra sujo;
- ***Flanderization:*** Enquanto paródia o trabalho de escrita encontra-se na manipulação de detalhes das características das histórias e personagens e amplifica-os ao ponto de se tornarem toda a personalidade da personagem;
- ***Framing Device:*** A narração de Goswell, assim como a de Watson, é a técnica utilizada para contar a história que já aconteceu;
- ***Functional Addict:*** Holmes era viciado em cocaína, mas apenas consumia quando aborrecido pela banalidade. A introdução da injeção de Bones e a rapidez do processo refere essa mesma característica da personagem e da sua paródia;
- ***Glowing Gem:*** O diamante é descrito como brilhante e luminoso;

- **Ho Yay:** A relação entre Holmes e Watson, para alguns, foi vista como romântica. Na paródia, partes da adoração de Goswell parecem derivadas de um interesse para lá da amizade;
- **Hyper Awareness:** A atenção ao detalhe incrivelmente focada de Bones que lhe permite fazer as suas observações;
- **Inside Job:** A revelação final de como Bones obteve a sua informação sobre o caso que indica que vem a caminho;
- **Insufferable Genius:** Bones e Holmes sofrem deste tipo de personalidade, o primeiro, obviamente com o peso do exagero característico da paródia;
- **Karma Houdini:** Nunca, no texto, é referido qualquer tipo de consequência para o detetive tornado ladrão embora a referência ao veneno possa deixar a questão em aberto;
- **Police Are Useless:** Referido. Mas para todos os casos necessitarem de um detetive privado não cria uma reputação agradável para as capacidades investigativas das forças policiais;
- **Private Detective:** A profissão do protagonista de original e paródia;
- **Sherlock Scan:** Outra *trope* nomeada pelo personagem que inspirou a paródia. Apesar de subvertido na forma como Bones obtém as suas informações as mesmas provieram sempre de observação direta;
- **The Chessmaster:** Como o grande manipulador dos eventos da história Bones tem este papel na paródia, equiparando-se a Holmes enquanto o arquiteto, o estratega da captura dos culpados dos seus casos;
- **The Watson:** A *trope* foi nomeada pelo papel que o Watson original detinha nos contos de Sherlock Holmes enquanto aquele que vocalizava as questões do leitor. No caso desta paródia o papel é subvertido;
- **Uncertified Expert:** Os estudos de Holmes são mencionados indiretamente através do estudo de camas e calças. O conhecimento adquirido não é reconhecido formalmente, mas, ainda assim, a

personagem revela saber mais do que o comum cidadão e mesmo alguns especialistas da área;

- **Unreliable Narrator:** A primeira pessoa na narração joga sempre com o que o esse mesmo narrador sabe acerca do que se passa e acerca do que descreve. No caso de Goswell toda a sua narração é toldada por admiração e devoção;
- **Wham Line:** O estilo de uma *Wham Line* destrói a percepção e força uma mudança da perspetiva sob a qual se pensava o conteúdo. «*I stole them*» certamente recai nesta categoria.
- **With Friends Like These:** quem precisa de inimigos. O tratamento de Bones para com Goswell é certamente de condescendência, roçando o menosprezo. O original não era mais simpático;

190

¹⁹⁰ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/AmbiguousDisorder> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/AwesomenessByAnalysis?from=Main.AwesomeByAnalysis> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BunnyEarsLawyer> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ClueEvidenceAndASmokingGun> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/CluelessMystery> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DistinguishedGentlemansPipe> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/Flanderization> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FramingDevice> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FunctionalAddict> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GlowingGem> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HoYay> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HyperAwareness> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/InsideJob> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/InsufferableGenius> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/KarmaHoudini> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/PoliceAreUseless> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/PrivateDetective> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/SherlockScan> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheChessmaster> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheWatson> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/UncertifiedExpert> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/UnreliableNarrator> (15/5/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WhamLine> (15/5/2019)

Spock Shock

Sherna Conerford¹⁹¹

O texto encontra-se no **Anexo 2**.

Análise

De forma semelhante à análise da paródia de Sherlock Holmes é necessário referir que o conhecimento do cânone, do material de origem, é fundamental para conseguir uma melhor perspetiva e análise da *fanfiction*¹⁹². No caso do *skit* o conhecimento necessário para uma total compreensão do mesmo encontra-se na *ST:TOS, Star Trek: The Original Series*.

Ao iniciar a análise textual, a primeira questão a destacar é a sua forma e a sua função. Um *skit* nos anos 60 era uma pequena representação teatral. Esta explicação contrasta com a noção de *skit* para a *fandom* atual onde é, geralmente, uma curta coreografia, individual ou em grupo, de *cosplayers* com música ou uma narração em *voice-over* que as pessoas em palco imitam ao mesmo tempo que se movimentam.

A forma textual evoca uma peça de teatro ou um guião televisivo/cinematográfico. Tendo em conta a origem televisiva do que a *fandom* considerava o cânone, na altura, é uma homenagem clara aos primórdios do seu objeto de admiração.

A didascália inicial descreve a cena. E é, de imediato, visível que os nomes foram alterados e, ainda assim, mantêm um eco dos seus equivalentes. Ao contrário de Warlock Bones, no pastiche e paródia analisada anteriormente, a razão da alteração encontra-se ligada à cautela da *fandom* inicial em relação às

<https://vtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WithFriendsLikeThese> (15/5/2019)

¹⁹¹ Publicada na *fanzine* Spockanalia, pp:38-42

[https://fanlore.org/wiki/Spock_Shock_\(skit\)](https://fanlore.org/wiki/Spock_Shock_(skit)) (22/5/2019)

¹⁹² Em relação a este trabalho, *Spock Shock*, em particular. Referências anteriores demonstram que tal necessidade pode ser minimizada em casos de AU ou quando a *fanfiction* consegue manter uma coerência e narrativa interna que a distinguem do seu original ao mesmo tempo que o conhecimento do mesmo apenas enriquece a experiência. A leitura encontra-se em correlação com uma variedade de conhecimentos: o de cânones, a intertextualidade e o diálogo entre variadas áreas, experiências e influências. Todos estes aspetos afetam a criação e o consumo.

suas produções de *fan endeavours*, ao refúgio legal do *fair use* ligado também ao uso recreativo e para fins não-lucrativos. Pode assumir-se que ao ser representado, a sonoridade transitou para os nomes das personagens do Star Trek como usados no original.

A fórmula usada ecoa, por sua vez, o estilo da própria série. Começa por referir a ponte da nave espacial e a sua eficiente tripulação. O Capitão Curt (Kirk) pede a Mr. Swock (Spock) as leituras dos sensores. E a paródia entra em ação com a resposta referente aos sensores internos e alusão subtil às atividades sexuais da tripulação. Não sendo esses os sensores que o Capitão tinha em mente, e interrompendo a indicação que o Dr. McA (McCoy) tinha sido o último a visitar a camarata, especifica que a anomalia que queria verificar era outra (nomeadamente os sensores exteriores). Sem uma resposta mais concreta por parte de Mr. Swock inquire pelo paradeiro do Dr. McA. A Lt. Alura (Uhura) que menciona a presença do Dr. na pista de ski da nave, algo encarado pelo capitão como estranho e uma referência à súbita aparição de quartos, salas e áreas especializadas na nave ao sabor da trama de cada episódio¹⁹³. E perante a descrença de Curt, Alura indica que a responsabilidade do guião não é dela, demonstrando uma irónica perceção do que se passa.

Spott (Scott) interrompe e o sotaque escocês do seu personagem é levado ao extremo do ininteligível, deixando a sua dedução para a mente lógica de Swock e as suas sensíveis orelhas de Volcanoan (Vulcan), e indicar que foi encontrada a razão para as tendências da nave para descontinuar as suas funções em momentos inoportunos.

Sendo o diagnóstico térmitas, o capitão conecta com o laboratório de pesticidas. A personagem de *Lieutenant Flint* parece ser uma criação específica para a peça, um *Original Character (OC)*, uma vez que pesquisando nas listagens de personagens principais e recorrentes da série original não se localiza nenhuma personagem (masculina ou feminina) cujo nome se encontre dentro do esquema rimático de equivalência utilizado para os outros.

¹⁹³ *Futurama* de Matt Groening, anos mais tarde, resolveu esta tendência de Star Trek, ainda que continuando a paródia, ao usar uma sala holográfica na nave espacial que podia ser programada de acordo com as necessidades da tripulação.

O pedido do pesticida com a urgência de uma hora é recusado como matematicamente impossível. Mas a impossibilidade encontra-sena criação do químico, questão que o Capitão Curt ignora com uma mudança, apenas, no tempo permitido para completar a tarefa.

Doctor McA (Leonard Horatio "Bones" McCoy) entra na ponte, de forma jovial, desviando a conversa. Curt refere-se a ele como Boney, equivalendo à alcunha de Bones na série original. Na interação subsequente reafirma-se o padrão familiar à audiência: a amizade casual entre Kirk e McCoy e a rivalidade entre McCoy e Spock. E, de forma casual, a eterna pergunta da ficção científica quando apenas um género é apresentado na forma de um extraterrestre: qual o aspeto do género oposto?

A explicação lógica de Swock sobre a reprodução entre espécies extraterrestres é interrompida por uma comunicação que reitera o propósito da missão: *boldly going where no man has gone before* e uma indicação de que quem gravou a mensagem não é responsável por resultados ou consequências.

Vindo do nada e entre as ações confusas da tripulação Swock queixa-se da falta de lógica na sequência de eventos e é confrontado pela queixa de Solo (Sulu), irritado pela repetição constante da falta de lógica percebida por Swock em tudo e todos, uma característica de Mr. Spock levada ao extremo, a sua *catchphrase*: *Illogical*. Mas no decorrer da sequência Solo, de facto começa a demonstrar um comportamento estranho, notado por todos os presentes.

O jogo de trocadilhos que se segue, envolvendo o Dr., Capitão, Solo e Alura leva à medicação de Solo e a uma jocosidade exausta por parte de Swock. Gracejo que não passa despercebido ao Dr. que, usando o desdém de Swock perante o que é ilógico, faz o reparo e captura o Volcanoan (Vulcan) na falácia da humanidade.

A confusão instala-se para Swock: Ilógico, agitado, confuso e a tempestade interna começa a manifestar-se (de acordo com as didascálias) numa tempestade na ponte que punitivamente pontua a admissão de erro de Mr. Swock.

A peça, o *skit*, encerra com uma risada maníaca, sinal certo de que um vilão aí vem.

Spock Shock

Sherna Conerford

Em *Spock Shock* algumas anomalias foram detetadas pelo computador. E cabe aos heróis identificarem e corrigirem esses problemas.

Tropes:

- **Affectionate Parody:** Uma paródia por parte de fãs geralmente brinca de forma mais gentil com as questões em jogo. A própria série fazia esse jogo em relação a gêneros como o Western. No caso de *Spock Shock* a paródia é em relação a uma fórmula comum dos episódios: algo está mal com a nave ou a sua tripulação;
- **AI Is A Crapshoot:** Os sensores detetam o que não devem detetar;
- **Beeping Computers:** O barulho de fundo da Enterprise é icônico o suficiente para estar presente;
- **Berserk Button:** A irritação de Spock perante a falta de lógica;
- **Blunt Metaphors Trauma:** Metáforas e trocadilhos apenas confundem Spock;
- **Boldly Coming:** A referência às atividades sexuais na nave. O título da própria *trope* foi criada como uma referência a *Boldly Going* (o lema da Federação) e às conquistas amorosas de Kirk;
- **Bolt Of Divine Retribution:** O relâmpago que recai sobre Mr. Spock após a sua queda no erro e confusão;
- **Brainwashed And Crazy:** Um acontecimento frequente à tripulação;
- **Breakout Character:** A popularidade de Mr. Spock justifica a existência desta *fanfiction* e *skit*;
- **Deadpan Snarker:** O estilo de Spock, McCoy que se transmite a Spock e McA;
- **Fantastic Racism:** McCoy geralmente tinha essa atitude em relação a Spock. Referenciado pelo comentário *The jolly green giant*;

- **Freudian Trio:** Id, Ego e Super Ego representados por McCoy, Kirk e Spock, respetivamente, o que, naturalmente, transita para a *fanfiction*;
- **Getting Crap Past The Radar:** A menção ao sexo entre a tripulação passa despercebida a uma leitura distraída;
- **Go Mad From The Revelation:** Swock fica tão emocional e ilógico perante o seu erro que a raiva divina do relâmpago é invocada sobre ele;
- **Hurricane Of Puns:** Mr. Solo - O Solo mio -Sallow- no soul – Swallow. Os trocadilhos entre as personagens alimentam-se mutuamente;
- **Leaning On The Fourth Wall:** A referência de Alura ao guião;
- **Military Science Fiction:** A Federação é aparentemente militar no uso de títulos;
- **Multinational Team:** Escoceses, Afro-americanos, Japoneses, extraterrestres (...);
- **My Sensors Indicate You Want To Tap That:** O que é descrito pelo primeiro sensor;
- **Power Trio:** Kirk, McCoy e Spock;
- **Sarcastic Devotee:** A fluência em sarcasmo corre pela tripulação apesar das suas lealdades ao Capitão;
- **Techno Babble:** A forma como Swock descreve as leituras;
- **The Kirk:** A personagem tornou-se um arquétipo e uma *trope*: O capitão, o líder, prático e flexível, capaz de equilibrar instinto e lógica;
- **The McCoy:** A personagem tornou-se um arquétipo e uma *trope*: A humanidade, o impulso e a emoção, a moralidade, o que está certo, o que é bom, sem o equilíbrio entre a lógica (Spock) e a flexibilidade (Kirk);
- **The Spock:** A personagem tornou-se um arquétipo e uma *trope*: Calma, lógica, razão e regras. Pensar antes de agir.

Harry Potter and the Man of Unknown

by Gypsy Silverleaf¹⁹⁵

O texto encontra-se no **Anexo 3**.

Análise:

Dentro dos critérios definidos na escolha dos textos para análise como exemplos de *fanfiction*, como uma visualização mais direta da temática explorada ao longo do trabalho, o presente exemplo, intitulado *Harry Potter and the Man of Unknown* encontra-se num estado mais puro, em bruto, contendo até os erros

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/AllsACrapshoot> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BeepingComputers> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BerserkButton> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BluntMetaphorsTrauma> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BoldlyComing> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BoltOfDivineRetribution> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BrainwashedAndCrazy> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BreakoutCharacter> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DeadpanSnarker> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FantasticRacism> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FreudianTrio> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GettingCrapPastTheRadar> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GoMadFromTheRevelation> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HurricaneOfPuns> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/LeaningOnTheFourthWall> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MilitaryScienceFiction> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MultinationalTeam> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MySensorsIndicateYouWantToTapThat>
(22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/PowerTrio> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/SarcasticDevotee> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TechnoBabble> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheKirk> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheMcCoy> (22/05/2019)

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheSpock> (22/05/2019)

¹⁹⁵ <https://www.fanfiction.net/s/3803/1/Harry-Potter-and-the-Man-of-Unknown> (22/5/2019)

de gramática, de continuidade e de caracterização, algo que a sua escritora admite e explica na sua *Author's Note*.

Embora a *fanfiction* sempre tenha contado com *beta readers* para limpar o texto e ajudar na sua execução, nem todos os escritores a eles recorriam sobretudo porque não havia forma de os solicitar no próprio site, na altura, e o instinto era de escrever e partilhar imediatamente. O site *fanfiction.net* acabou por acrescentar uma secção de *betas* que podem ser solicitados e respondem prontamente. A própria escritora reviu o texto em 2001 e voltou a disponibilizá-lo online¹⁹⁶, deixando, ainda assim, o original, publicado em 1999, sem qualquer correção adicional.

No sentido de preservar a experiência de leitura original, foram mantidos esses mesmos erros, aqueles que não foram automaticamente corrigidos pelo sistema de escrita aquando da cópia e formatação do texto.

A referir antes da análise textual em si, devido à existência da *Author's Note*:

- Foi a sua primeira *fanfiction*, escrita em cinco dias;
- Foi escrita antes da sua leitura de *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* com apenas alguns conhecimentos/rumores sobre a trama do mesmo;
- Tem noção que as caracterizações de algumas personagens cometem o crime de *Out of Character (OOC)* e por isso pede desculpa;
- Indica que o impulso de escrita veio de uma desconfiança para com Dumbledore, as suas ações e a relação com a suspeita de que poderiam existir outros parentes vivos de Harry Potter para além dos Dursleys¹⁹⁷;

¹⁹⁶ http://www.harrypotterrealm.com/web_webmistress.html (24/5/2019)

<http://www.harrypotterrealm.com/webmistress/unknowna.html> (24/5/2019)

http://www.fictionalley.org/authors/gypsy_silverleaf/HPATMOU.html (24/5/2019)

¹⁹⁷ Essa mesma possibilidade é ainda popular, especialmente quando Remus Lupin e Sirius Black se juntam enquanto casal e raptam Harry antes que Hagrid o possa ir entregar aos Dursleys, com Dumbledore e McGonagall, deixando uma carta a indicar que a escolha do velho feiticeiro é estúpida e eles iriam tratar do futuro do afilhado.

Outro detalhe a indicar em relação à *fanfiction* é o facto que a sua data de publicação (1999) precede a explosão de popularidade de Harry Potter e antecipa também algumas escolhas estilísticas da *fandom* que se cristalizaram na produção de *headcanons* e outras *fanfictions* após a publicação de *Harry Potter e o Cálice de Fogo* e também a estreia do primeiro filme, uma adaptação do primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

A *fanfiction* de Gypsy Silverleaf difere das outras duas avaliadas. Não é uma paródia, nem deliberada, nem afetuosa. Não oculta o nome das personagens, a sua contagem de palavras é maior e detém uma trama, um drama para contar. Não foi feita para publicar sob a égide do pastiche nem para consumo através de uma *zine*. Não foi submetida a cuidados editoriais. Foi feita para publicar pelo entusiasmo da partilha e do *feedback* imediato, da produção por si mesma.

A personagem principal é um OC, um *Original Character*, Thomas Erwin, criado pela escritora com uma ligação de sangue, oculta, ao personagem principal do texto canónico.

A maior parte da ação decorre numa escola de magia criada com paralelos a Hogwarts ainda que, inicialmente apenas para jovens feiticeiras e mais tarde na trama tornada mista, onde são referidos os característicos fantasmas e armaduras animadas. Outra parte da ação passa-se em Hogwarts, descrita sob a perspetiva do OC e da escritora em traços gerais, facilmente reconhecíveis pelos Leitores. A floresta, Hagrid, os gémeos e Peeves, o *poltergeist* cuja ausência nos filmes muito irritou os fãs.

Em paralelo com a forma com que a série de Harry Potter começa a sua história, *Harry Potter and the Man of Unknown* tem início dez anos antes, aquando da “morte” de Voldemort. O ano escolar da academia criada para o propósito da história está a começar.

A Professora McGonagall traz notícias da morte dos Potter e destino do filho que famosamente sobreviveu. O destinatário dessa notícia, o Professor Thomas Erwin, reage com angústia, raiva e tristeza, seguindo-se uma marcada mudança de personalidade que desencadeia rumores que apenas alimentam a disposição

amarga do Professor e um gradual definhar físico e mental ao longo da passagem do tempo.

A reação passa pela proibição. Nada de falar de Harry Potter. Calados sobre Voldemort. Dumbledore também não deve ser mencionado. Ano após ano a animosidade cresce e alimenta os rumores sobre alianças às forças do mal e ao próprio Voldemort.

Alunos avisam alunos sobre a raiva e intensidade do professor e as ameaças de expulsão. Professores questionam-se sobre o porquê daquela criatura enraivecida e agressiva manter o seu posto na escola; aqueles que sabem as razões não sabem como ajudar; cada vez que tentam apenas pioraram a disposição

Anna Winterbourne, um outro OC, é então apresentada na narrativa. Representada com a coragem de confrontar o Professor e fazer a pergunta que todos evitaram até ao momento; o motivo pelo qual ele é que ele odeia Harry Potter. A pergunta direta e a recusa em se afastar quando confrontada com a ameaça de castigo, suspensão e expulsão cria uma catálise. A raiva criada pelo evitar da questão, pela recusa de introspeção, leva a uma doença prolongada, uma depressão profunda que até ao momento tinha sido mantida à distância pela negação e raiva.

Dumbledore, por sua vez, não desiste das suas tentativas de contacto, empurrando a situação mental e emocional do Professor Erwin para uma situação instável e a uma decisão explosiva.

Viajando até Hogwarts¹⁹⁸, através de magia, o professor Erwin procura Dumbledore para o confronto e ao não o encontrar e em seguida lhe ser negado o acesso tanto a Dumbledore como a Harry Potter ataca, petrifica e suspende¹⁹⁹ Snape²⁰⁰ e McGonagall e atravessa o castelo, procurando Harry.

A busca é gorada pela chegada de Dumbledore e o conflito leva à revelação de que o Professor Thomas Erwin, um fantástico feiticeiro de grande reputação,

¹⁹⁸ Algo que o texto canónico mais tarde mostrou ser impossível.

¹⁹⁹ Literalmente, fazendo-os flutuar até ao teto para ocultar as suas ações e ganhar tempo para a sua investigação.

²⁰⁰ Ecoando a ideia de conflito de James Potter com Severus Snape é também mencionado que Erwin mantinha um antagonismo ativo com a mesma pessoa. Tendo em conta a personalidade de Snape não seria uma proposta estranha à *fandom*.

é meio-irmão de James Potter, partilhando o mesmo pai. O que significa que é o tio de Harry Potter. E que toda a sua raiva e doença derivava de uma sensação de impotência e frustração em relação ao que acontecera à sua família, à sua inação, à decisão de entregar Harry a Muggles, às cartas sobre o crescimento e vida do rapaz que Dumbledore lhe enviava constantemente.

Entre esses sentimentos e a sua própria confusão em relação ao que fazer e como resolver as suas emoções Thomas Erwin muda o seu objetivo. Parte da decisão de se revelar como família ao seu sobrinho e a tentativa de remendar os danos de anos de depressão e angústia, para a decisão de impedir que seja revelada essa conexão. Ameaça tudo e todos. Cria caos e em seguida regressa à escola de magia onde ensina para, mais uma vez, evitar tudo o que sente e desaparecer. Ao chegar pretende partir, usando a vassoura para voar para longe.

Anna Winterbourne interfere, mais uma vez, chamando-o, confrontando-o, quebrando o instinto de fuga. Sente-se culpada por ter pressionado a situação, mas, ainda assim, quer saber o porquê, quer ajudar. E como a pessoa cuja questão derrubou as defesas do Professor é aquela a quem ele revela a situação e o que fez. Com os seus sentimentos e situação explicada é através das perguntas de Anna Winterbourne que Erwin consegue organizar, de forma coerente, o que se tem passado na sua mente e chegar a uma conclusão. Embora compreenda, Anna Winterbourne sente-se confusa sobre o porquê. Porque consegue o Professor revelar as questões a uma aluna, a uma desconhecida, mas não à sua família?

Independentemente da razão o Ministério da Magia chega no dia seguinte para apreender o Professor devido às suas ações em Hogwarts, interpretadas mais uma vez sob a sombra das suas reações perante tudo o que envolvia Harry Potter. A presumível tentativa de homicídio ao rapaz e a Dumbledore parece, a observadores exteriores, o culminar de todas as suas ações nos últimos catorze anos, desde a notícia da morte dos Potter e Voldemort.

Colocando-se em fuga o Professor Erwin decide exilar-se com a sua angústia e morrer no esquecimento de todos. Os pensamentos suicidas dados ao longo da história não são concretizados de forma direta, mas a narração implica que escolheu morrer sob o peso da sua tristeza/depressão/culpa.

Anna Winterbourne contacta Harry Potter anos mais tarde, para lhe facultar a informação que detinha sobre a sua família, encerrando o ciclo para Erwin, mas abrindo uma nova ferida em Harry.

Harry Potter and the Man of Unknown

by Gypsy Silverleaf

O site TVTropes.org como ferramenta da *fandom* não se limita a registrar e a explorar originais, cânones e *fandoms*. É também utilizado na exploração da *fanfiction*. Devido à sua situação de sobrevivente da era pré-fama e como a primeira do seu estilo e *fandom* na *fanfiction.net* *Harry Potter and the Man of Unknown* tem uma página na *TV Tropes* que explora as *tropes* presentes no texto e na sua criação.

O *link*²⁰¹ leva a essa mesma página, mas tal não impede o uso do estilo da análise das *TV Tropes* reutilizado nesta secção como foi feito para os textos anteriores. O trabalho de recolha e negociação das *tropes* é coletivo e encontra-se sempre num estado em que mais pode ser acrescentado e defendido.

De forma a distinguir *tropes* já listadas daquelas que a análise vai acrescentar as que já estavam presentes na página do site são mantidas em Inglês, tanto no seu título como na sua descrição e as restantes, as referenciadas neste trabalho em exemplo e em continuidade com as anteriores análises, são listadas em Português.

Harry Potter and the Man of Unknown conta a história de um homem, o Professor Thomas Erwin, consumido por uma inexplicável raiva em relação a Harry Potter e a tudo o que rodeia o rapaz que viveu.

Tropes:

- **Angst**: A angústia emocional extrema por parte de Erwin;
- **Armor Piercing Question**: A questão que Anna Winterbourne coloca a Erwin e derrota a sua fachada;
- **Bearer Of Bad News**: O papel de McGonagall no início da *fanfiction*;
- **Berserk Button**: Qualquer sussurro do nome de Harry Potter é suficiente para invocar a ira de Erwin;

²⁰¹

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Fanfic/HarryPotterAndTheManOfUnknown>

(25/05/2019)

- **Byronic Hero**: Erwin. The same author would later become the first to cast Snape as one;
- **Death By Despair**: O final da *fanfiction*;
- **Downer Ending**: Termina com a morte de Erwin e o re-traumatizar de Harry;
- **Early Installment Weirdness**: One of the few pre-Azkaban Harry Potter fanfiction works, and so it lacks a lot of things that became more commonplace after the glut of Harry Potter fanfic that cropped up after *Goblet of Fire*;
- **Elsewhere Fic**: Grande parte da história passa-se no espaço da escola de Sharadine;
- **Epiphanic Prison**: A prisão metafórica formada pela depressão;
- **Fatal Flaw**: Erwin's jerkiness, which is ultimately his undoing;
- **Freudian Excuse**: A maior parte da trama advém da situação emocional/psicológica de Erwin;
- **Half Sibling Angst**: É mencionada por Erwin;
- **His Own Worst Enemy**: A situação apenas piora devido à forma como a falta de confronto com as emoções modelou a personalidade e a capacidade de reagir de Erwin;
- **My God, What Have I Done?**: A reação de Erwin ao ser confrontado pelo impacto das suas ações tanto em relação a Harry Potter como em relação ao mundo da feitiçaria e a si mesmo;
- **Re-Cut**: Gypsy reworked the story in mid 2001, mainly to Retcon the bits contradicted by the third and fourth books. This version can be seen on her website and FictionAlley, but the original version remains on Fanfiction.net.;
- **Tragic Hero**: Erwin, very much so;
- **Ultimate Job Security**: Madam Tatooli, the headmistress of Sharadine School, hasn't fired Erwin because he's just that good a teacher;
- **Villain with Good Publicity**: Dumbledore in Erwin's opinion. The story somewhat agrees with him;

- **Wizarding School**: Sharadine School. Hogwarts also shows up;²⁰²

²⁰² <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/Angst> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ArmorPiercingQuestion> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BearerOfBadNews> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BerserkButton> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ByronicHero> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DeathByDespair> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DownerEnding> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DracolnLeatherPants> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/EarlyInstallmentWeirdness> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ElsewhereFic> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/EpiphanicPrison> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FatalFlaw> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FreudianExcuse> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HalfSiblingAngst> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HisOwnWorstEnemy> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MyGodWhatHaveIDone> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ReCut> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/RetCon> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TragicHero> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/UltimateJobSecurity> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/VillainWithGoodPublicity> (25/05/2019)
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WizardingSchool> (25/05/2019)

6 - Sites

Entre a *fandom* e os *fanscholars* existe um elo instintivo com a tecnologia. Foi a tecnologia que nos permitiu expandir, comunicar e produzir com maior facilidade. Existem argumentos que a afinidade parte das origens da *fandom* na ficção científica. Independentemente dessa questão *fanscholars* têm os seus sites de referência quando discutem a *fandom* e a *fanfiction* e esses sites estão relacionados com a data em que começaram a participar na comunidade.²⁰³

Ao longo do texto foram mencionados os sites do *Tumblr*, *TV Tropes*, *Fanfiction.net* e *Archive of Our Own*. Estes são as referências digitais, sites de apoio, de arquivo e de discussão. Da mesma forma que textos de *fanfiction* de *fandoms* chave foram colocados no capítulo anterior para análise e exemplo, apresentar e explorar os sites que suportam a produção apenas acrescenta à sistematização e exploração do tema, ainda que a sua perspectiva não seja puramente Literária.

Ainda assim, tendo em conta não só a subjetividade da perspectiva e a multidisciplinaridade do campo de *fan studies*, existe também uma necessidade de admitir que a Leitura mudou mais uma vez a sua forma. Se o importante num texto é o seu conteúdo a mudança de suporte a que tantos resistem²⁰⁴ não afeta de qualquer forma essa essência. A hiperligação por sua vez alimenta a intertextualidade e o crescimento do texto e das suas possibilidades. Essa é a forma como a *fanfiction* opera.

Dividindo por funcionalidade temos os sites de suporte, *Tumblr* e *TV Tropes*, e os sites de arquivo, *Archive of Our Own* e *Fanfiction.net*. Todos eles são *multi-fandom*.

²⁰³ Tendo em conta o funcionamento da internet e a velocidade da mesma outros sites, chats, fóruns, blogs e arquivos vão aparecendo e mudando. O foco encontra-se naqueles que foram usados de forma recorrente e que são parte da experiência pessoal na *fanfiction*.

²⁰⁴ Por razões puristas, consumistas, pedantes, ou por qualquer argumento que defendam devido a hábito ou educação.

Tumblr

O *Tumblr* é um site de partilha de imagens, textos, filmes e opiniões. É possível encontrar todo o género de conteúdo²⁰⁵ adicional. Algumas *fanfictions* encontram-se também publicadas no site de uma forma que evoca o *Livejournal*, outro site de blogs pessoais usados pelos escritores e leitores de *fanfiction* antes do arquivo *fanfiction.net* centralizar o consumo.

No *tumblr* encontra-se uma mistura de todo o mundo da *fandom* em todos os campos e sentidos, o melhor e o pior. Para a *fanfiction*, no entanto, os blogs que se procuram são aqueles que oferecem apoio à escrita, apoio aos detalhes do cânone e os que emitem desafios de escrita, seja independente ou temático. A pesquisa é feita por palavras-chave e *hashtags*.

Uma vez que cada página é customizada de acordo com os gostos individuais de cada pessoa que têm o seu blog é difícil criar um padrão descritivo uniforme. O próprio site permite uma flexibilidade de apresentação e variedade de conteúdos que também facilita a troca de ideias e informações.

Os blogues de apoio à escrita são aqueles sobre os quais a análise desta secção se debruça. Especificamente escolhido foi o blog *clevergirlhelps*^{206, 207}. Comparativamente entre outros cujos *links* foram mencionados ao longo do texto é aquele que se encontra organizado de forma mais simples, intuitiva e sistemática.

Para aqueles que não fizeram o *Login* no site do *Tumblr* o blogue encontra-se em estado público, visível após a aceitação dos *cookies*.

²⁰⁵ À exceção de *NSFW* (*Not Safe for Work*) devido a uma alteração recente nos termos e condições numa tentativa (falhada) de controlar a epidemia de *pornbots* (programas automáticos que criam blogs de pornografia). A proibição resultou de certa forma, mas afastou muitos produtores de conteúdo adulto (sobretudo artistas gráficos) que usavam o Tumblr como plataforma de autopromoção. Argumenta-se, por outro lado, que o principal problema são os blogs que promovem a supremacia branca, nazismo e pedofilia e que continuam intocados pelo *staff* ainda que sob ataque constante daqueles que protestam.

NSFW (*Not Safe for Work*): A *tag* usada para indicar um trabalho com conteúdo adulto, geralmente em conjugação com filtros que bloqueiam acesso que não seja autorizado pelo consumidor.

²⁰⁶ <https://clevergirlhelps.tumblr.com/> (27/05/2019)

²⁰⁷ Por razões e uso pessoais e por menções nas *fandoms* em que participo.

Home

A página principal, *Home*, contém a *banner* com a apresentação *Let Me Explain to You a Thing* e sob a imagem os *links* para *Home* (de forma a regressar a essa mesma página), *Ask* (para pedidos de informação ou ajuda), *Archive* (para encontrar *posts* antigos), *My Posts* (para *posts* colocados diretamente no *blog*, criados pelos que trabalham nele²⁰⁸, por oposição a *reblogs* ou a *posts* que colocam outros links disponíveis), *Tags* (ligação levando onde os tópicos e a navegação estão organizados por ordem alfabética), *Recent posts* (onde se pode verificar quais os recursos foram atualizados recentemente), *Reference* (listagem dos recursos usados na construção, organização e acumulação de informação).

Do lado esquerdo da página o *blog* apresenta o seu propósito, a sua data de início de atividade, a *blog-runner*, as suas especializações, algo útil quando se considera a informação que pode ser solicitada através dos *Ask(s)* e o estado dessa mesma função²⁰⁹.

Popular tags, sob a apresentação lista os campos de pesquisa mais solicitados recentemente. O algoritmo de cliques do próprio site atualiza essa secção automaticamente.

A secção sob as *Popular Tags* contém um *Disclaimer*, com uma pequena nota sobre o funcionamento de *clevergirlhelps* e das opiniões nele contidas.

Uma última secção oferece três opções de visualização para a secção das *Tags* sendo essas: a tradicional, todas as ligações e temas visíveis, os menus com movimento, ou seja, *drop down*, a forma visível através da *hiperligação* de *Tags*, e a forma da *Cloud* ou seja localizada digitalmente fora do site e ligada diretamente a M.

Do lado direito os posts alinham-se verticalmente com a possibilidade de visualização da totalidade dos posts colocados online. Visualizar os *posts* individualmente implica seguir os links no final de cada *post* ou localiza-lo através dos *Archives* ou *Tags*.

²⁰⁸ *M*, the *blog runner*, de acordo com a apresentação.

²⁰⁹ **Open** – aberta a pedidos / **Closed** – quando se encontra a trabalhar na informação solicitada ou demasiado ocupada para cuidar do blog.

Ask

A página de Ask é relativamente simples. Uma caixa de texto que pode ser preenchida e submetida com um pedido com um máximo de quinhentos caracteres.

Archive

O *Link* para esta secção leva a uma página do *Tumblr* que não pode ser alterada, detendo o mesmo aspeto em todos os blogs. O topo contém o nome do *blog* e uma seta, apontando para a esquerda, que permite regressar ao mesmo, à *homepage (Home)*. Em seguida aparecem as opções de pesquisa: *Month, Post Type* e *Tag*. A primeira permite escolher ano e mês. A segunda permite encontrar o tipo de publicação (*Text, Photo, Quote, Link, Chat, Audio, Video* e *Ask*). A terceira permite a pesquisa por *tag*²¹⁰.

My Posts

A secção *my posts* encontra-se organizada e subdivida de forma alfabética com um resumo de palavras chave sob o *link* de cada secção²¹¹. Ao seguir o *link* essas palavras chave são os temas sob os quais os *links* para a informação desejada se organizam.

Seguindo o link por secção e clicando sempre na primeira hiperligação: *Topics A-D* leva à listagem cuja primeira entrada é *Animals* e o primeiro link sob ela é *Animal Becomes Human* o que abre a resposta a um *ask*²¹² sobre essa mesma situação com um link secundário no final para mais investigação sobre o tema²¹³ que, por sua vez, contém dois outros *links*²¹⁴ que contribuem para a questão.

²¹⁰ Não listadas devido à sua grande variedade.

²¹¹ *Topics A-D. Topics E-L. Topics M-P. Topics R-W.*

²¹² <https://clevergirlhelps.tumblr.com/post/94953980944/if-a-dog-or-a-cat-were-to-turn-human-with-the> (27/5/2019)

²¹³ <https://clevergirlhelps.tumblr.com/post/92351453054/do-you-have-any-tips-on-writing-animal-characters> (27/5/2019)

²¹⁴ <https://clevergirlhelps.tumblr.com/post/75313472858/hi-there-i-love-you-blog-and-its-really> (27/5/2019)

Tags

Como grande parte do site as *Tags* estão organizadas de forma alfabética. A navegação da área é feita numa tabela que indica qual a área de conhecimento à qual os seus tópicos se relacionam e em seguida lista o tema e os links que abrem, por sua vez, uma visualização de todos os *posts* que contêm a *tag* listada.

As secções de *Recent Posts* e *Reference* foram descritas na introdução pelo que a repetição das suas funções não acrescentaria mais informação ao texto.

Outros recursos seriam blogs de criatividade com *prompts* de escrita criativa²¹⁵ ou blogs de gramática ou conselhos de publicação²¹⁶. E como parte da *fandom* vivem e sobrevivem do diálogo e da troca de informação e conteúdo.

Toda a informação encontra-se em Inglês porque é a língua da internet, a forma mais simples de a transmitir. Porém, nada impede que outras línguas usem e adaptem os recursos disponibilizados.

<https://clevergirlhelps.tumblr.com/post/73487876572/how-do-you-right-an-animal-character-who-is> (27/5/2019)

²¹⁵ <https://unblockingwritersblock.tumblr.com/> (27/5/2019)

²¹⁶ <https://its-a-writer-thing.tumblr.com/post/120877019579/four-ways-to-improve-your-grammar-and-punctuation> (27/5/2019)

TV Tropes

O propósito de *TV Tropes* na *fandom* foi aludido no capítulo anterior ao ser utilizado como fórmula de análise dos textos escolhidos como exemplos de produção de *fanfiction* de *fandoms* chave. O site em si apresenta-se como uma *wiki*²¹⁷ um repositório do conhecimento da *pop culture*²¹⁸.

Na *homepage* no topo, aparece o logotipo seguido por *Tropes*, *Media*, *Browse*, *Indexes*, *Foruns* e *Videos* como opções. A primeira, *Tropes*, leva à página onde se explica o que é uma *trope* e a uma listagem breve dos campos de pesquisa disponíveis. A secção seguinte, *media*, liga-se a uma página onde a pesquisa se subdivide pela origem do produto que se pretende procurar²¹⁹. A página de *browse* mostra uma visualização de páginas aleatórias de *tropes*, permitindo uma exploração sem ordem ou palavras-chave. O *Index* lista por ordem alfabética outros indexes, links que levam a listas de *tropes* relacionadas com o título da hiperligação. Os fóruns têm a mesma função que sempre detiveram, permitindo à comunidade comunicar. A secção de vídeos deixa visualizar cenas que exemplificam as *tropes*, listando quais foram acrescentadas recentemente e ligadas à página da sua *trope* correspondente.

Ao lado das opções, numa referência aos comprimidos da *Matrix*²²⁰, uma referência da própria da *pop culture*, encontra-se um par de botões, um azul e um vermelho, um para mostrar uma *trope* ao acaso e outro para mostrar um elemento *media* ao acaso.²²¹

Em seguida aparece a barra de busca, permitindo ao utilizador pesquisar pelas palavras chave que precisa para localizar a *trope* ou o objeto que procura.

A secção de *Join* e *Login* são familiares a grande parte dos sites. Para alterar páginas, participar nos fóruns ou acrescentar conteúdos é necessário

²¹⁷ *Wiki* são derivados da *wikipedia* dedicados a uma área de conhecimento.

²¹⁸ *Welcome to TV Tropes THE ALL DEVOURING POP-CULTURE WIKI* .

²¹⁹ Televisão, livros, cinema, áudio, arte, jogos (etc...)

²²⁰ Vermelho para o conhecimento, azul para o esquecimento.

²²¹ Ao clicar para esta sistematização o primeiro link levou à *trope Mouth Stitched Shut* <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MouthStitchedShut> (28/5/2019) e à *media Creator / Hanna-Barbera* <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Creator/HannaBarbera> (28/5/2019). Com este sistema qualquer artigo contido dentro do site *tvtropes.org* pode aparecer.

juntar-se ao site. Ao contrário do *Tumblr*²²² todas as páginas estão disponíveis à visualização pública sem necessidade de *login*.

Sob a *banner* principal, o logotipo e o seu propósito resumido numa única frase encontram-se hiperligações do lado esquerdo, específicas ao site e à *fandom* e do lado direito que permitem fazer o *Join* e *Login* através de outras redes sociais²²³. A interconexão de redes sociais é comum a grande parte dos sites em uso.

Os ícones da esquerda são uma subdivisão de conteúdos da *TV tropes*:

Sugar Wiki leva a uma lista de *tropes*, reações e interações positivas entre a *fandom*.

*Darth Wik*²²⁴ leva a um jogo de mentiras, cinismo e niilismo²²⁵. A interação é precisamente baseada no pesado e obscuro.

YMMV - Your Mileage May Vary - é um acrónimo utilizado na *fandom* na admissão que os pontos de vista dos fãs são variados e justificáveis. A perspectiva de um pode ser dominante, mas uma diferente perspectiva desde que justificável também vai ser registada. A página lista *tropes* que são geralmente alvo deste tipo de situação.

A expressão *Wild Mass Guessing* e o seu acrónimo *WMG* já foi referido anteriormente como uma tentativa coletiva da *fandom* de tentar discernir o que vai acontecer com a sua série. A página lista primeiro os tipos de media disponível cujos links levam a uma lista alfabetizada das páginas de cada cânone e com a data do último rumor adicionado pela *fandom*. Clicar no nome do cânone leva à página onde esse mesmo cânone é explorado.

A página de *Trivia* lista *tropes* relacionadas com pequenos factos que se encontram para lá do objeto canónico. O que atores disseram sobre os

²²² Uma vez que no Tumblr se tratam de blogs individuais que podem ser ocultos pelo seu criador, visíveis apenas a membros do próprio site em oposição a um repositório de referências comunitário.

²²³ Nomeadamente Facebook, Twitter e Reddit, como perceptível através dos ícones.

²²⁴ E para a *fandom* de *Star Wars* onde este *link* leva não podia ser mais óbvio, desde o uso do capacete de Darth Vader como o ícone ao próprio nome *Darth*, o título dos mestres *Sith*.

²²⁵ E ainda assim os administradores de *TV tropes* combatem e destroem racismo, xenofobia e qualquer tipo de insultos a religiões.

personagens, coincidências entre a ação e o mundo real, eventos em redor de detalhes²²⁶.

Today's Featured Trope e *Newest trope* mostram uma diferente *trope* a cada dia, um elemento que encoraja à exploração. Ao lado dessa secção encontra-se uma lista de opções:

Ask the Tropers para submeter questões em relação a *tropes* para discussão entre fãs;

Trope Finder leva a uma caixa de diálogo onde se podem colocar palavras chave para encontrar uma lista de *tropes* que possam servir aquele que as procura;

You know that show... para quando nos lembramos de tudo sobre uma série menos o seu nome esta secção serve como motor de busca;

Trope Launch Pad abre uma secção de discussão para encontrar nomes chamativos para as *tropes*;

Reviews, *live blogs* e *go add free* são opções de funcionalidade. Deixar comentários, ir para blogs que estejam com atividade no momento e tirar os anúncios que aparecem entre as secções da página, seguidos pelas opções de visualização.

Sob esta área encontram-se as listas de atualização, mostrando o quê e quando cada área do site foi atualizada e os anúncios que ajudam a manter o site na internet. Os anúncios pagam a presença do site, o que acontece em grande parte da internet.

A forma de utilização do site *TV tropes* para a *fandom* foi já discutida e utilizada na secção anterior. Localiza-se a *fandom* ou a *trope* que se pretende pesquisar, lê-se o conteúdo e utilizam-se os *links* para ajustar perceções e conseguir mais informação em relação ao que se procura.

²²⁶ Um exemplo de *trivia* em relação a *Star Trek* seria por exemplo indicar que Dr. Martin Luther King Jr. era fã da série.

Fanfiction.net

O site *fanfiction.net* é o primeiro arquivo centralizado de *fanfiction multi-fandom* em oposição aos sites/arquivos dedicados apenas a uma *fandom* ou os blogs e *livejournals* que publicavam as *fanfictions* das *fandoms* de preferência dos seus escritores. De acordo com *Writer's University* e a sua linha temporal sobre *fanfiction* o site entra na internet a 15 de outubro de 1998²²⁷.

Como qualquer site mudou e adaptou-se às necessidades dos seus utilizadores. Algumas adaptações derivaram da pressão exterior de grupos que não compreendiam a *fanfiction* e se sentiam ofendidos por qualquer tipo de razão²²⁸ ou a adição de funções de pesquisa e funcionalidades²²⁹. As atualizações são listadas através da rede social *Twitter* em *@FictionPress*²³⁰ e refletidas na homepage de *fanfiction.net*.

Começando na *homepage* o topo, a faixa azul, mostra o nome do site e o lema *unleash your imagination* seguido pelas opções de visualização adaptada a telemóvel ou tablet e um A maiúsculo que permite a alteração do tipo de letra para se ajustar à experiência do utilizador. Abre uma página de opções de fontes e uma pré-visualização para maior conforto visual. Do lado oposto existem as opções de *Login* e *Sign up* para entrar no site com uma conta já existente ou criar uma conta para poder publicar, comentar e participar. Sob essa faixa encontra-se uma secção de publicidade, a fonte de rendimento que mantém o site online.

Sob a publicidade encontram-se as opções de pesquisa: *Browse*, *Just In*, *Community*, *Forum* e *Betas*. São menus *dropdown*, abrindo uma secção retangular sob o seu espaço, mostrando outras opções de pesquisa. A opção *Search* tem o seu próprio menu. A secção de *Browse* no menu que aparece quando solicitado é refletida nas duas secções que se encontram sob a barra de pesquisa.

²²⁷ Numa nota pessoal, e tendo em conta a sincronicidade de datas, enquanto *fanscholar*, a minha referência de publicação de *fanfiction* tem as suas raízes neste site, *fanfiction.net*, enquanto primeiro contacto fora dos fóruns.

²²⁸ Autores possessivos e guardiões morais, por exemplo.

²²⁹ A secção dos *beta-readers* sendo uma das maiores.

²³⁰ <https://twitter.com/FictionPress> (29/05/2019)

Fanfiction e *Crossovers*, tanto no *Browse* como nas suas secções sob o menu, possuem as mesmas opções temáticas: *Anime/Manga*, *Books*, *Cartoons*, *Comics*, *Games*, *Misc*²³¹, *Movies*, *Plays* e *TV*. A diferença entre uma *fanfiction* e uma *fanfiction* de *crossover* é o número de *fandoms* presentes no conteúdo.

Just In abre um menu com as opções: *All*, *Stories: New*, *Stories: Udated*, *Crossovers New* e *Crossovers Updated*. Cada *link* leva às listas solicitadas com as opções adicionais de *Category*²³² e *Language*;

Community lista as mesmas opções que *Browse* com a adição da categoria *General* para temáticas não específicas à divisão em categorias de *Fanfiction.net*. A opção *Community* cria listas de *fanfictions* sob temáticas e *fandoms*. Por exemplo *The Archive for Self Inserts and Original Characters*²³³ lista *fanfiction* com *Original Characters* (OC) ou *fanfictions* escritas sob a primeira pessoa para imersão total do Leitor ou do próprio Escritor. Como qualquer fórum disponibiliza a opção de *Follow*, para que o subscritor seja avisado de adições e atualizações (*updates*) à lista. O filtro de pesquisa permite refinar a busca em seguida com os *Ratings*²³⁴, *Sort*²³⁵, *Time Range*²³⁶, *Genre*²³⁷, *Words*²³⁸ e *Status*²³⁹.

Os fóruns disponibilizam as mesmas opções de escolha inicial que *Community*. Da mesma forma que *Community* foi explorado seguir pela

²³¹ Diminutivo de *Miscellaneous*.

²³² Subentenda-se *fandom*.

²³³ <https://www.fanfiction.net/community/The-Archive-for-Self-Inserts-and-Original-Characters/117072/> (29/05/2019)

²³⁴ K-T (*Kid to Teen*) sendo o *default* com a possibilidade de pesquisar cada *rating* até M (*Mature*) individualmente ou todos, sem ocultar as *fanfictions* de conteúdo adulto.

²³⁵ Para organizar a pesquisa com critérios que se dividem em *Archive Date*, *Update Date*, *Publish Date*, *Reviews*, *Favourites* e *Follows*.

²³⁶ Subdividido por *All*, *Published* e *Updated* com escolha entre 24 horas a um ano.

²³⁷ Esta categoria familiar à organização de qualquer livreria de Aventura a *Western*.

²³⁸ Para a pesquisa pelo número de palavras. A opção *All* não cria limites. A amplitude disponibilizada nas restantes opções parte de <1000 (menos de mil palavras) a >100000 (mais de cem mil).

²³⁹ Completo ou em progresso.

hiperligação da opção *General* leva a uma listagem dos fóruns disponíveis. As opções de pesquisa são *Sort*²⁴⁰, *Language* e *Type*²⁴¹.

A secção *Betas* oferece uma lista de utilizadores, com os links para as suas respectivas páginas de apresentação, que se registaram como *beta-readers*, divididos pelas categorias da *fandom* e permitindo uma pesquisa mais específica com solicitações de *Language*, *Genre* e *Rating*.

Nesta secção a última opção é a barra de pesquisa em que as opções são *Story*, *Writer*, *Forum* e *Community*. A pesquisa pode ser feita pelo nome da história, pelo nome do seu escritor, os fóruns e comunidades também têm título. Este tipo de pesquisa implica um conhecimento prévio desses mesmos elementos, algo que pode ter sido adquirido em qualquer outra rede social ou “site de suporte”.

Após a listagem de tweets espelhados no site encontra-se, no fundo da página questões técnicas como *Help*, *Cookies*, *Privacy*, *Terms of Service* e a opção para regressar ao topo da página.

Utilizando a função *Browse* para entrar na secção *Books* encontra-se uma lista ordenada pelo número de *fanfictions* contida na *fandom*. Harry Potter ainda continua em primeiro lugar com 806000 entradas. O filtro permite a procura alfabética das *fandoms* que têm a sua origem em livros.

Entrando na secção de Harry Potter através da listagem das *fandoms* aparecem todas as *fanfictions* publicadas no site *fanfiction.net* dentro da *fandom* de Harry Potter. Encontram-se organizadas temporalmente, primeiro as que foram publicadas ou atualizadas recentemente com todos os géneros disponíveis para visualização dentro do *rating*, da categoria de K-T. Do lado oposto à indicação da secção (*Books* - Harry Potter) encontram-se os *links* para *Crossover*, *Communities* e *Foruns*. Estes *links* estão especificamente conectados às secções de Harry Potter em cada um desses campos.

A opção dos *Filters* foi, para além da adição dos *beta-readers*, uma das secções que sofreu mais alterações no site de *fanfiction.net* ao ponto de se tornar

²⁴⁰ Dividindo-se entre *Relevance*, *Post Count* e *Topics Count*.

²⁴¹ *General* para discussões gerais, *Roleplay* para fóruns onde se encarna uma personagem e se interage sob esse disfarce e *Contest* quando os fóruns desafiam os seus utilizadores.

uma caixa independente, ao invés de variados menus colocados antes da listagem do material disponibilizado pelos Escritores.

Os *Filters* dividem-se em duas secções: *Plus* e *Without*. Essas possibilidades permitem ao Leitor escolher e rejeitar partes marcadas na história. *Pairing* pode ser também marcado nas duas áreas, na secção de *Plus* para procurar preferencialmente por esse par romântico e *Without* para evitar completamente essa possibilidade.

Na secção *Plus* encontram-se menus para *Sort*, *Time Range*, duas secções (A e B) para *Genre*, *Rated*, *Language*, *Length* e *Status*. Estes são iguais nas suas opções às utilizações nas secções anteriores. Especificamente para as *fanfictions* encontram-se as opções de *World* e *All Characters* (quatro secções de A a D). Nas escolhas disponíveis para Harry Potter as opções listadas são *Books*, *Founders*, *Hogwarts*, *Marauders*, *Movies*, *Next Generation*, *Post-Hogwarts* e *Pre-Hogwarts*, marcando as tendências de temáticas dos Escritores. As personagens na secção de *Characters* listam por ordem alfabética todas as personagens que aparecem no cânone.

Na área de *Without* são oferecidas para exclusão da pesquisa as opções de *Genre*, dois menus *Characters* e *World*.

A apresentação das *fanfictions* para escolha segue um padrão:

Título, seguido de Escritor com as *Reviews*, ou seja, os comentários, marcados a laranja. Os três são *hiperlinks*. O primeiro para o corpo do texto, o segundo para a página de apresentação do Escritor e o terceiro para os comentários em relação à *fanfiction* em si, todos com a indicação a que capítulo se referem.

Sob esses três elementos encontra-se um sumário. Pode ser o resumo da *fanfiction* ou um comentário jocoso por parte do seu Escritor para captar a atenção e atrair leitores.

Na última linha, a cinzento, encontram-se as informações técnicas que refletem, em grande parte os filtros de pesquisa. *Rating*²⁴², *Language*²⁴³,

²⁴² De K a M.

²⁴³ A língua sob a qual a *fanfiction* foi escrita.

*Genre*²⁴⁴, *Chapters*²⁴⁵, *Words*²⁴⁶, *Reviews*²⁴⁷, *Favourites (Fav)*²⁴⁸, *Follows*²⁴⁹, *Updated*²⁵⁰, *Published*²⁵¹, *Characters*²⁵², *Status*²⁵³. O preenchimento dos campos de *Genre* e *Characters* são opcionais assim como a apresentação do seu estado. Algumas das opções em *fanfictions* mais antigas não estão presentes por serem parte de atualizações recentes à secção dos filtros de pesquisa.

Como exemplo segue-se a apresentação da *fanfiction* analisada na secção de Harry Potter:

Harry Potter and the Man of Unknown By: Gypsy Silverleaf Reviews

First fanfic of HP here, 'tis about an unknown man in Harry's life & that's all I'll give out! :-)

Rated: Fiction K+ - English - Chapters: 4 - Words: 13,605 - Reviews: 609 - Favs: 176

- Follows: 50 - Published: Sep 4, 1999

Continuando a utilização dessa mesma *fanfiction* como padrão passamos à área de leitura. A transição é feita seguindo o link do título após encontrar a *fanfiction* desejada na listagem. O topo da página reflete a apresentação acima demonstrada. Acrescenta-se do lado esquerdo o botão que permite *Follow / Fav*, para seguir a história ou acrescentá-la à sua lista de favoritos.

Antes do corpo do texto, antes da *fanfiction* em si, encontram-se as opções de visualização. Aumentar e diminuir a letra, alterar o tipo de letra com a pré-

²⁴⁴ Mais uma vez de *Adventura a Western*.

²⁴⁵ O número de capítulos publicados.

²⁴⁶ O número de palavras escritas.

²⁴⁷ O número de críticas e comentários deixados por leitores registados ou anónimos.

²⁴⁸ O número de utilizadores registados que juntaram a história à sua lista de favoritos.

²⁴⁹ O número de utilizadores registados que seguem a *fanfiction* e desta forma recebem avisos quando algo muda no seu estado.

²⁵⁰ Quando a história foi atualizada pela última vez. *Fanfictions* de um único capítulo, ou quando os vários capítulos são colocados no mesmo dia, não têm esta marca a não ser que esse mesmo capítulo tenha sido atualizado.

²⁵¹ Data em que a *fanfiction* foi disponibilizada no site.

²⁵² As personagens principais que interagem na *fanfiction*. Quando colocadas entre parênteses retos indica um *pairing*.

²⁵³ *In Progress* ou *Complete*.

visualização da sua leitura, assim como a textura para um contraste de branco-cinza para realce, a largura do texto em relação ao ecrã, o espaçamento entre as linhas e a opção de contraste²⁵⁴. Antes e depois do texto, do lado esquerdo do ecrã encontra-se o menu dos capítulos.

Depois do texto encontra-se uma caixa de diálogo que permite criar um comentário, uma *review*. Seguem-se opções de juntar o texto a comunidades, reportar por conteúdo inapropriado, partilhar em redes sociais e novamente a opção de *Follow/Favourite*.

E por fim, assim como na *homepage*, as opções técnicas.

Por fim na exploração de *fanfiction.net* temos a página do Escritor/Leitor. Nem todas as páginas pertencem a Escritores ativos, mas todas pertencem a Leitores que querem participar na *fandom*, na comunidade, na interação.

A página contém o nome escolhido para participar no site, a opção de *Follow* e *Favourite*, neste caso para seguir a pessoa, para ver toda a sua produção. O escritor pode seguir na sua jornada para *fandoms* às quais quem o segue não pertença, necessariamente, mas quem segue o seu trabalho, poderá ser influenciado e vir a pertencer.

A biografia é opcional, depende sempre de quanto se quer revelar.

Fixos em separadores encontram-se *My Stories*, *Favourite Stories* e *Favourite Authors*. Sob eles estão os filtros de pesquisa padronizados por *fanfiction.net*. já referidos anteriormente. De notar, também, que *Authors* se refere a Escritores. Como site feito por fãs no início da digitalização da *fanfiction* é difícil precisar se a perceção enquanto autor se deve à publicação no site ou se é apenas uma definição que facilita a compreensão do consumidor, sem entrar na discussão da fracturação das entidades e identidades²⁵⁵.

²⁵⁴ Texto negro em página branca ou texto branco em página escura.

²⁵⁵ *Archive of Our Own* usa também *Author/Artist* na pesquisa. É provável que seja uma forma de simplificar para quem participa na Leitura, mas não deseja o confronto com a questão mais teórica da identidade autoral, um atalho, usando autor como um termo que cobre todo o tipo de possibilidades. Pode ser também uma atualização que nunca foi feita na vastidão dos elementos do site, uma vez que a pesquisa da *homepage* de *fanfiction.net* oferece a possibilidade de pesquisa por *Writers*.

Esta é a face pública de *fanfiction.net.*, acessível a todos os que visitam. Para aqueles que se registaram sob um pseudónimo, sob um *username* as opções de gestão referem-se à biografia, à gestão de comentários, de fóruns, de comunidades, de publicação com um processador de texto básico e uma forma de visualização de tráfico (quem lê, quem comenta, quem estava registado, quem era apenas um visitante).

Archive of Our Own

Em contraste com a cor azul da *fanfiction.net* Archive of Our Own²⁵⁶ apresenta-se em vermelho. Criado como um refúgio onde a *fanfiction* é não só arquivada, mas também defendida. Foi para onde grande parte dos escritores de conteúdo adulto migraram aquando da perseguição dos seus trabalhos na *fanfiction.net*. É para este arquivo *multi-fandom* que trabalhos de sites defuntos ou inativos migraram e migram.

O *Archive of Our Own* foi criado por fãs e para fãs. *Fanscholars* como Coppa estiveram envolvidos na sua criação assim como *The Organization for Transformative Works*²⁵⁷. A sua formulação e funcionamento foi criada para fãs por fãs, como a própria *fanfiction* foi descrita no início. Entrou em *beta* aberto ao público a 15 de novembro de 2009. Até este momento ainda se encontra em estado *beta*, mas inteiramente funcional.

A *homepage* contém o logotipo do lado superior direito e a área de login do lado superior esquerdo. Uma faixa vermelha sob os dois elementos contém os menus de *Fandoms*, *Browse*, *Search* e *About* do lado direito e do lado esquerdo a caixa de texto para inserir qualquer tipo de pesquisa, marcada com *Search*.

No menu das *Fandoms* encontram-se as opções *All fandoms*²⁵⁸, *Anime&Manga*, *Books&Literature*, *Cartoon&Comics&Graphic Novels*, *Celebrities&Real People*, *Movies*, *Music&Bands*, *Other Media*, *Theatre*, *TV Shows*, *Video Games* e *Uncategorized Fandoms*²⁵⁹. Cada link leva à sua secção e à listagem alfabética das *fandoms* sob o nome do seu cânone.

²⁵⁶ Referido como AO3.

²⁵⁷ <http://www.transformativeworks.org/> (31/5/2019)

²⁵⁸ Para uma listagem alfabética de todos os conteúdos (áreas *media* de origem de *fandoms*) do menu para uma visualização em página própria. As *fandoms* sob o nome da sua origem canónica encontram-se organizadas pelo número de *fanfictions* arquivadas sob a sua alçada (sendo que as duas que encabeçam a secção de *Books&Literature* são Harry Potter e Sherlock Holmes).

²⁵⁹ *Fandoms* que ainda não obtiveram a sua página própria.

Os menus de *Browse* e *Search* partilham opções de pesquisa embora difiram nos seus propósitos de utilização. *Works*²⁶⁰, *Bookmarks*²⁶¹, *Tags*²⁶², *Collections*²⁶³ e *People*²⁶⁴.

Browse é uma opção de navegação casual que lista os trabalhos mais recentes.

Search abre a opção de procura avançada. Cada um dos campos tem a sua página e diferentes critérios para refinar a pesquisa. *Work Search*, *People Search*, *Bookmark Search* e *Tag Search* têm do lado esquerdo do ecrã, sob a *banner* principal já descrita, botões que permitem transitar para cada uma dessas páginas sem ser necessário ir ao menu contido na opção *Search* da *banner*.

Work Search tem quatro secções principais: *Work Info*, *Work Tags*, *Work Stats* e *Search*.

Work Info contém *Any Field*²⁶⁵, *Title*²⁶⁶, *Author/Artist*²⁶⁷, *Date*²⁶⁸, *Completion Status*²⁶⁹, *Crossovers*²⁷⁰, *Single Chapter*²⁷¹, *Word Count*, *Language*²⁷². Esta primeira área refina as pesquisas pela forma da *fanfiction*, as opções gerais e técnicas.

²⁶⁰ A listagem é feita por *fanfictions*.

²⁶¹ A listagem é criada pela marcação de utilizadores de *fanfictions* para as suas listas pessoais.

²⁶² A listagem é feita pelas *hashtags*.

²⁶³ A listagem é feita pelas coleções criadas pelos utilizadores, feita para *Browse*.

²⁶⁴ Disponível apenas em *Search*.

²⁶⁵ Para uma pesquisa equivalente à opção *Search* presente na *banner*, geral, rápida.

²⁶⁶ Para aqueles que sabem o título da *fanfiction* que procuram.

²⁶⁷ Para aqueles que conhecem o pseudónimo do Escritor. A presença da opção por Autor já foi referenciada anteriormente, mas a sua repetição parece, de facto, uma forma de facilitar o reconhecimento da função do escritor que utiliza o site para publicar a sua *fanfiction*.

²⁶⁸ Para aqueles que sabem quando foi publicada ou atualizada.

²⁶⁹ Oferecendo as opções *All works*, *Complete Works Only*, *Works in Progress Only*.

²⁷⁰ Oferecendo as opções *Include Crossovers*, *Exclude Crossovers*, *Only crossovers*.

²⁷¹ Para marcar uma caixa para aqueles que procuram apenas *oneshots*.

²⁷² *Language* oferece um menu que lista todas a línguas presentes nas *fanfictions* publicadas.

Work Tags contem *Fandoms*²⁷³, *Rating*²⁷⁴, *Warnings*²⁷⁵, *Categories*²⁷⁶, *Characters*²⁷⁷, *Relationships*²⁷⁸ e *Aditonal Tags*²⁷⁹. As opções dentro desta área servem para encontrar o conteúdo desejado de forma mais precisa e específica. O leitor pode não estar à procura de uma *fanfiction* específica, mas sim da sua próxima leitura dentro dos parâmetros da sua preferência e, desta forma, a secção de *Work Tags* permite a pesquisa livre de todo o conteúdo relacionado com os dados inseridos.

Work stats contem *Hits*²⁸⁰, *Kudos*²⁸¹, *Comments* e *Bookmarks*. A secção pesquisa através das reações dos Leitores ao trabalho publicado. Certos Leitores têm tendência a consultar os comentários e críticas antes de começarem a sua leitura de uma *fanfiction*.

Search organiza a forma de visualização da pesquisa com *Sort By*²⁸² e *Sort Direction*²⁸³.

People Search tem apenas uma secção. *Search All Fields, Name e Fandom*. Uma vez que quem usa esta secção sabe qual o pseudónimo que procura a utilização de *People Search* envolve a *fandom* e a partilha de nomes e *fanfictions* entre o grupo.

²⁷³ Para procurar pela *fandom*.

²⁷⁴ Not Rated, General Audiences, Teen and Up Audiences, Mature e Explicit. Os ratings demonstram de imediato que Archive é mais inclusive no seu conteúdo de *fanfiction.net*.

²⁷⁵ *Archive of Our Own* possui um conjunto de avisos de conteúdo sobre violência, menores de idade e violação, que podem ser seleccionados na pesquisa e na publicação.

²⁷⁶ Refere-se ao tipo de relação romântica ou sexual incluída na *fanfiction*.

²⁷⁷ Para uma pesquisa ainda mais específica do conteúdo que se deseja encontrar.

²⁷⁸ Para *pairings* específicos.

²⁷⁹ Para encontrar *fanfictions* que os seus escritores marcaram com *hashtags/tags* específicos que descrevem secções do seu conteúdo.

²⁸⁰ A contagem de leituras de uma *fanfiction*.

²⁸¹ *Kudos* são elogios sem comentário, o equivalente de deixar um *like* no Facebook.

²⁸² *Best Match, Author, Title, Date Posted, Date Updated, Word Count, Hits, Kudos, Comments e Bookmarks*.

²⁸³ *Ascending e Descending*.

Bookmark Search tem três secções de pesquisa. Uma referente à *fanfiction* em si, outra para quem fez o *Bookmark* e em os critérios da coleção em que a *fanfiction* foi inserida e, por fim, o *Sort By*.

Tag Search é apenas uma secção de pesquisa para procurar *hashtags* e encontrar todo o tipo de material em relação a *Fandom*, *Character*, *Relationship* e *Freeform*.

Regressando à homepage na barra sob a *banner* resta indicar o menu *About* contendo *About Us*²⁸⁴, *News*²⁸⁵, *FAQ*²⁸⁶, *Wrangling Guidelines*²⁸⁷, *Donate or Volunteer*²⁸⁸. Ao contrário de grande parte dos sites que depende dos anúncios, da publicidade, *Archive of Our Own* é financiado por doações

Sob a *banner* encontra-se uma repetição das *fandoms* gerais disponíveis. À esquerda dessa secção encontra-se uma síntese do que é o *Archive of Our Own* um número de *fandoms*, de utilizadores e *fanfictions* disponíveis assim como a indicação de que é um projeto da *Organization of Transformative Works*. Numa caixa cinzenta encontram-se as possibilidades de utilização de *Archive Of Our Own* após a criação de uma conta. Enquanto *Beta* a inscrição é feita através de convite, solicitado nesta área.

News mostra uma lista das notícias mais recentes em relação à *fandom* e ao *Archive* enquanto *Tweets* liga à página de *Twitter* da *Organization of Transformative Works*²⁸⁹ e lista os *posts* mais recentes de tudo relacionado com as *fandoms*.

²⁸⁴ Levando à página sobre *The Organization of Transformative Works*.

²⁸⁵ Lista as novidades das *fandoms*.

²⁸⁶ O acrónimo de Frequently Asked Questions.

²⁸⁷ As formas de organizar as *tags*, para aqueles que trabalham para o site, que trabalham para manter a organização do conteúdo.

²⁸⁸ Para doar tempo e dinheiro para a manutenção do *Arquive of Our Own*.

²⁸⁹ https://twitter.com/otw_status (1/06/2019)

No fundo da página, assim como em *fanfiction.net* encontram-se os links para as áreas técnicas de *About Archive*²⁹⁰, *Contact Us*²⁹¹ e *Development*²⁹².

Seguindo pelo *Link* da *Fandom* e selecionando a área de Books&Literature encontra-se uma secção onde todas as *fandoms* com essa denominação estão listadas por ordem numérica e alfabética, um conjunto de números²⁹³ e letras²⁹⁴. Usando novamente Harry Potter como a *fandom* de referência na pesquisa clica-se no *link* de **H** para progredir na lista para a secção das *fandoms* cujos nomes dos textos canónicos começam por **H**.

Harry Potter – JK Rowling (202840), indicando que à data desta pesquisa duzentas e duas mil oitocentas e quarenta *fanfictions* individuais se encontravam disponibilizadas na secção de Harry Potter do site *Archive of Our Own*²⁹⁵.

A página aparece com a indicação de quantas *fanfictions* estão na página apresentada²⁹⁶ e quantas estão disponíveis de acordo com os filtros escolhidos. A escolha da visualização pode ser selecionada entre Works e Bookmarks, ou seja, trabalhos individuais ou listas de *fanfictions* selecionadas por outros Leitores e Escritores. O *RSS Feed* ao lado dessas duas opções é uma ferramenta de feedback digital em tempo real para controlo por parte dos administradores do uso da página.

O número de páginas em que se subdividem o número de *fanfictions* disponibilizadas encontra-se no topo. Neste momento de análise, vão de um a cinco mil com os filtros ainda inalterados e com o aviso de que apenas cem mil das duzentas e duas mil quinhentas e noventa e seis estão a ser visualizadas.²⁹⁷ Para ajustar a situação sugerem a utilização dos filtros de pesquisa.

²⁹⁰ *Site Map, Diversity Statement, Terms of Service, DMCA Policy.*

²⁹¹ *Report Abuse, Technical Support and Feedback.*

²⁹² Número da versão, *Known Issues, GPL by the OTW.*

²⁹³ 1, 2, 3, 4, 5 e 8, respetivamente.

²⁹⁴ O alfabeto completo e algumas letras com acentuação (Å, É, È, Ž).

²⁹⁵ https://archiveofourown.org/tags/Harry%20Potter%20-%20J*d*%20K*d*%20Rowling/works?page=1 (1/6/2019)

²⁹⁶ Geralmente vinte entradas por cada página.

²⁹⁷ Um outro trabalho foi acrescentado no momento em que se regressava à página um para transitar para a análise dos filtros. Portanto estão disponibilizadas a 1/6/2019, 202597 *fanfictions*

Os filtros encontram-se contidos numa barra vertical à esquerda da listagem de *fanfictions* disponíveis. *Sort By* contem as mesmas opções presentes na secção do mesmo nome em *Work Search*.

Include, Exclude, Other Tags to Include, Other Tags to Exclude contêm as mesmas opções. *Ratings, Warnings, Categories, Fandoms, Relationships, Additional Tags* e a secção onde se pode escrever na caixa de diálogo outras *tags* para a pesquisa. As possibilidades são semelhantes às formas de pesquisa de *Search Works*, mas as secções de *fandoms* subdividem-se com a especificidade de Harry Potter entre livro e filme e *Characters* listando aqueles que são recorrentemente utilizados. *Additional tags*, da mesma forma, coloca por ordem de preferência dos Leitores e Escritores as *tags* mais utilizadas na secção de Harry Potter.

More Options abre a pesquisa à possibilidade de inclusão de *crossovers*, o estado da *fanfiction*²⁹⁸, número de palavras e data de *update*.

Search Within Results permite refinar o resultado com palavras chave por parte do utilizador, algo que o sistema possa não ter ainda registado como associado à história ou uma *tag* própria.

Language mais uma vez permite a visualização e seleção de todas as línguas em que *fanfictions* foram escritas.²⁹⁹ Sem esta seleção a lista contém todas as *fanfictions* inventariadas pela ordem de data de *update*.

A seleção do texto para refletir a pesquisa e a forma de organização do Archive of Our Own foi, de certa forma, aleatória, selecionando uma história recentemente atualizada cuja forma de visualização primária na listagem refletisse a fórmula da utilização dos filtros no site.

The Extra Weasley por Triscribe³⁰⁰ apresenta-se da seguinte forma:

aquando da entrada na página principal da listagem de *fanfictions* de Harry Potter em *Archive of Our Own*, sem alteração de filtros predefinidos.

²⁹⁸ Completo ou em progresso.

²⁹⁹ Em Português Europeu foram publicadas um total de dezoito; em Português Brasileiro foram publicadas setecentas e trinta e cinco; em Coreano foram publicadas oito; apenas como exemplo de que, embora preferencial por questões de audiência, a língua Inglesa não é obrigatória para produzir e partilhar *fanfiction*.

³⁰⁰ <https://archiveofourown.org/works/18890965/chapters/44840728> (1/6/2019)

The Extra Weasley by Triscribe 01 Jun 2019
 Harry Potter - J. K. Rowling
 Creator Chose Not To Use Archive Warnings, Harry Potter, Arthur Weasley, Molly Weasley, Albus Dumbledore, Bill Weasley, Charlie Weasley, Percy Weasley, Fred Weasley, George Weasley, Ron Weasley, Ginny Weasley, Neville Longbottom, Hermione Granger, various other characters - Freeform, Alternate Universe - Canon Divergence, Harry is a Weasley and HAPPY, Found Family, Still the same number of problems though..., This boy can't keep out of trouble NO MATTER who raises him
 In which Albus Dumbledore keeps a bit closer eye on young Harry, and finds the Dursley family to be Most Unsatisfactory. That does, however, leave the problem of where to stash the lad - only temporarily, of course, until he can find someplace more suitable.
 The inhabitants of the Burrow have other ideas about that...
 Part 6 of Alternate Living Arrangements
 Language: English Words: 7,091 Chapters: 3/7 Comments: 14 Kudos: 48 Bookmarks: 10 Hits: 352

O quadrado composto por outros quatro quadrados antes de título, Escritor e *fandom* é uma referência rápida dos conteúdos. A verde, o G, refere-se ao *rating* como *General Audiences*, ou seja, conteúdo apropriado a todos os Leitores. Em branco, sem preenchimento, indica a ausência de *pairing* de qualquer categoria/tipo³⁰¹. Sob o G encontra-se a indicação que não foram escolhidos os avisos padrão do Archive of Our Own. O último, a vermelho, com o sinal de proibição indica que o trabalho ainda se encontra em progresso.

Antes da sinopse encontram-se as *tags*, facultando informação extra sobre o trabalho, como as personagens que nele participam, o estilo da *fanfiction*, alguns comentários extra por parte da sua escritora. Mais direto e informal que a sinopse e em alguns casos uma pista sobre o estilo de escrita.

A sinopse mantém o seu lugar. Em contraste com Gypsy Silverleaf, Triscribe oferece de imediato uma visão mais detalhada da sua trama temática. De notar, também, que este texto é parte de uma série intitulada *Alternate Living Arrangements*³⁰². *Series* é uma opção de arquivo disponível a quem publica através de Archive of Our Own, em que aglomera textos com a mesma temática, universo ou propósito numa secção de fácil acesso listada na sua página de apresentação, a qual será discutida após a exploração da visualização textual. A descrição desta série reflete o anteriormente referido *e se Harry não tivesse sido criado pelos Dursleys*.

³⁰¹ Sendo que os filtros permitem F/M, F/F, M/M, *Multi* e *Others*. Trocando por sexualidades: Heterossexual, Homossexual (Lésbicas e Gays), Bissexual, Pansexual ou Polígamo ou para histórias em que múltiplos *pairings* de todos os estilos aparecem e *Others* como Asexualidade, Aromanticismo.

³⁰² <https://archiveofourown.org/series/1040795> (1/6/2918)

In which I find as many excuses as possible to give Harry Potter a change of address - because I have a tendency to believe in Nurture over Nature, and it's fun to see all the ways I can spin his fate differently than canon.

A última linha da secção de apresentação expõe os detalhes técnicos como a língua, a contagem de palavras, o número de capítulos, o número de comentários, de *kudos* e visitas.

Ao passar para a leitura, clicando mais uma vez no título da *fanfiction*, aparece a informação organizada de forma mais sistematizada.

Rating:	General Audiences
Archive Warning:	Creator Chose Not To Use Archive Warnings
Fandom:	Harry Potter - J. K. Rowling
Characters:	Harry Potter, Arthur Weasley, Molly Weasley, Albus Dumbledore, Bill Weasley, Charlie Weasley, Percy Weasley, Fred Weasley, George Weasley, Ron Weasley, Ginny Weasley, Neville Longbottom, Hermione Granger
Additional Tags:	various other characters - Freeform, Alternate Universe - Canon Divergence, Harry is a Weasley and HAPPY, Found Family, Still the same number of problems though..., This boy can't keep out of trouble NO MATTER who raises him
Language:	English
Series:	— Previous Work • Part 6 of the Alternate Living Arrangements series
Stats:	Published: 2019-05-20 Updated: 2019-06-01 Words: 7091 Chapters: 3/? Comments: 14 Kudos: 48 Bookmarks: 10 Hits: 356

As opções de visualização de *Archive of Our Own* permitem a leitura da *fanfiction* capítulo a capítulo ou, clicando em *Entire Work*, colocar o texto em *scroll* contínuo até o mesmo terminar. *Next Chapter* e *Previous Chapter* apenas se encontram disponíveis quando existe um capítulo antes e/ou depois do texto que está a ser visualizado. O menu de *Chapter Index* permite ver o número de capítulos e selecionar que capítulo se deseja ler sem ser necessário seguir um a um com o botão de *Next Chapter*.

Os comentários podem estar visíveis ou ser ocultos. Encontram-se no fundo da página, após o texto e o link leva diretamente a essa área.

Share mais uma vez permite a partilha direta com as redes sociais Tumblr e Twitter. Disponibiliza também o link para utilizar em qualquer outro tipo de posts.

Download permite preservar a história como ficheiro digital para ler *offline*. Tem vários formatos disponíveis para esse propósito de acordo com os aparelhos eletrónicos da preferência do Leitor.

Título. Escritor. Sinopse. E uma indicação que notas se encontram após o corpo do texto. Indicação do capítulo ou título de capítulo. Ao chegar ao fim do primeiro capítulo encontram-se mais botões com as opções de regressar ao topo da página, passar ao capítulo seguinte, deixar *Kudos*³⁰³, cuja listagem de anteriores cliques se encontra sob estas opções, e novamente o botão dos comentários, indicando o número de comentários especificamente deixados em relação ao capítulo presente na página. Os comentários encontram-se sob a caixa de diálogo onde se disponibiliza a opção de deixar mais um comentário.

A visualização de utilizadores difere bastante da visualização do site *fanfiction.net*. *Archive of Our Own* tem uma página de utilizador onde as opções estão divididas atrás de categorias. Ao clicar no nome do utilizador a página muda para refletir esse utilizador.

A primeira secção é intitulada de *Dashboard*. Sob a possibilidade de colocação de uma imagem³⁰⁴ e o pseudónimo escolhido do lado esquerdo encontram-se listadas as *fandoms* em que o utilizador está ativo e as suas publicações mais recentes.

A segunda secção é o *Profile* para que o utilizador preencha com os dados que quer partilhar.

A terceira secção, *Works*, lista todos os trabalhos publicados, utilizando o mesmo filtro de pesquisa da listagem de *fanfictions* após entrar no campo da *fandom*.

A quarta secção, *Series*, divide os trabalhos em coleções de ideias e temas que facilitam a leitura da série sem ser necessário regressar à página de *Works* ou “caçar” os textos através de filtros e indicações de relação.

A quinta secção, *Bookmarks*, arquiva todas as *fanfictions* que o utilizador selecionou e guardou para referência rápida ou leitura futura. É o sistema que

³⁰³ Elogio sem palavras anónimo como *guest* se não registado no site e com o pseudónimo se o *login* estiver ativo.

³⁰⁴ Se deixado por preencher é o logotipo do AO3 em cinzento claro.

permite que alertas sejam enviados para indicar que houve uma atualização da *fanfiction* ou uma qualquer alteração do seu estado³⁰⁵.

A sexta secção, *Collections*, lista e mantém o acesso a coleções de *fanfictions* temáticas, recolhidas e geridas por um grupo de utilizadores.

A sétima secção, *Gifts*, são *fanfictions* de outros escritores, escritas e oferecidas a outros utilizadores por variadas razões. A organização que demarca este tipo de situação tem a seguinte fórmula: **Título by Escritor for Utilizador**.

Todas as áreas descritas anteriormente estão abertas ao público, a qualquer utilizador que queira ler. Para aqueles cujo pedido de associação, o convite solicitado através da homepage, seja aceite o site disponibiliza as habituais opções de gestão das informações e publicações, a possibilidade de publicar e guardar trabalhos nas suas listas de *Bookmarks*, um processador de texto cujo *software* é *open source* e pode ser utilizado para a formação de outros arquivos textuais.

O propósito desta exploração foi mostrar exemplos da sistematização e infraestrutura disponível a quem consome e produz *fanfiction*. Os sites foram selecionados pela familiaridade e frequência de utilização.

³⁰⁵ Equivale ao *follow* de *fanfiction.net*.

Conclusão

A consolidação entre título, conteúdo e intenção segue pelas linhas da definição do objeto, dos seus métodos de produção e transmissão e os seus intervenientes. O título de tese *Fanfiction – Novas Formas de Produção e Consumo Literário* pretende transmitir de imediato a ideia subjacente à génese do trabalho através da exploração textual e teórica, transmitindo também a ideia de que o que é contido neste trabalho é uma apresentação desse mesmo tema e o início de um processo de pesquisa e aclimatização do tema dentro da Academia Portuguesa, uma vez que dentro do campo de Fan Studies da Academia Inglesa já é um campo de estudo com publicações, teorias e participantes.

O objeto de estudo: *Fanfiction*;

O seu lugar e a perspetiva pela qual a análise a encara: Literatura;

O seu legado: Produção e Consumo.

Reinvenção da Autoria

O sistema da *fanfiction*, dos seus arquivos³⁰⁶ e da sua produção, construiu uma nova forma de encarar a Leitura para aqueles que participam. A Leitura e o Leitor libertaram-se da passividade, da aceitação do que era oferecido, do seu lugar exterior e secundário. Começaram a pensar no conteúdo, a interpretar, a postular, a discutir e a teorizar, reclamando mais uma parte da estrutura que isolava a análise e a produção. Começaram a exigir mais do seu entretenimento e como não o conseguiram obter, quer por inabilidade ou falta de vontade de autores, editores e produtores, produziram, e continuam a produzir, para si e para os outros que se encontram na mesma posição.

O Leitor e o Escritor reconstruíram a fórmula e, em conjunto, destronaram a hegemonia do Autor como autoridade suprema sobre a produção e o significado textual, assim como aqueles que partilhavam e consolidavam a

³⁰⁶ Em especial o modelo do *Archive of Our Own*, devido sobretudo ao facto de que variados dos seus criadores e contribuidores serem *fanscholars*.

estrutura tradicional. Apesar da assimetria de poder entre o Autor e o Leitor a *fanfiction* reclamou para o seu Leitor e o seu Escritor o poder de ignorar, aceitar ou manipular o texto, de ter a última palavra em relação à forma como encara e consome as suas leituras.

A *fandom* reclamou uma fórmula de produção textual que a ascensão do conceito de Autor do Romantismo havia marcado com o pecado da falta de génio, falta de originalidade, renovou-a para os seus propósitos de exploração, curiosidade e prazer. Renomeou essa mesma configuração, sob a égide de *fanfiction*, como produção de fãs para fãs.

Os Leitores, encarados como passivos, nómadas e inconstantes na verdade recolham, consolidavam e construía a partir dos fragmentos da sua preferência.

A partir da afeição e respeito³⁰⁷ e do conhecimento dos sistemas que suportavam os trabalhos que consideravam o cânone, do qual criavam a *fandom*, construiu um sistema para suportar a sua produção. Para criação, publicação, crítica, publicidade, pesquisa, análise e teoria retiraram do familiar, apagaram o que viam como desnecessário³⁰⁸, democratizando todo o sistema. Todos têm o mesmo acesso e a mesma possibilidade de interação inicial. Como crescem ou interagem depende do próprio e da forma como interage com a *fandom*. Porém sendo o objetivo puramente hedonista poucos procuram dominar o discurso da sua *fandom* e quando tal acontece e o grupo entra em conflito o Leitor, Escritor, participante tem a opção de ignorar e continuar a fazer o que quer³⁰⁹.

Para Pugh e Jamison esta democratização e nova formulação de sistema de produção podem levar a uma remodelação positiva e à revitalização da Leitura e Edição. Pugh intitula a sua publicação com essa certeza, utilizando a sua perspetiva pessoal enquanto poetisa, para encaixar a sua exploração da *fanfiction* enquanto mundo de produção literária. Jamison, enquanto *fanscholar*

³⁰⁷ Um respeito tendencialmente focado no texto e para com as personagens.

³⁰⁸ Réstias do sistema que apenas permanecem porque o sistema ainda as sustenta. O exemplo seria o do crítico literário cuja perspetiva é cuidada e estruturada de acordo com parâmetros que podem não corresponder às necessidades ou questões que o Leitor considera, antes de se envolver com um texto.

³⁰⁹ Subentendendo-se que não tem intensões malignas ou agressivas para com os outros na sua *fandom*.

com origens no campo de Literatura e Linguística, encontra na continuidade da produção, tendo em consideração o estilo de histórias que ecoam outras histórias em reflexão, expansão e crescimento, a inclusão de grupos que são marginalizados pelo domínio masculino, branco e codificado dentro da heteronormatividade e a criação de arquivos próprios com estruturas que facilitam a pesquisa e localização precisa do material que se deseja ler, como contribuições que devem ser observadas, e mesmo seguidas, pela publicação.

Em paralelo, a flexibilidade e permeabilidade de ideias na exploração temática e teórica entre a *fandom* produzem de forma mais metódica e explosiva do que aqueles cuja responsabilidade é a investigação, apenas porque não se cingem ao que é considerado parte da Academia³¹⁰, mas perseguem possibilidades em tudo o que lhes captura o interesse. O desafio da perspectiva é o desafio de provar que no objeto observado existem fragmentos que podem ser vistos por e com outros padrões; que todas essas fórmulas se entrelaçam e contribuem para uma visão completa dos objetos que se encontram em foco.

Um tema particularmente apreciado pela *fandom* é Schrödinger e o seu gato, o paradoxo onde sim e não são verdadeiros se não se tomar uma ação direta para confirmar. O Autor de Schrödinger, como é chamada a fórmula jocosa que a *fandom* em geral adotou, quando aceitamos e não aceitamos o cânone e temos teorias, justificações e histórias para o sim, o não, o *nim* e o *são*. Todas as possibilidades são potencialmente aceites.

Os padrões usados não se cingem apenas a gostos, perspectivas e possibilidades. Envolvem interdisciplinaridade e intertextualidade, normas de outros campos de estudo e ampliando os horizontes. A prática da *fandom* não observa as barreiras colocadas pela compartimentalização dos conhecimentos e como tal, a informação facilmente encontra os seus pontos de interceção e segue-os sem pudor ou hesitação produzindo mais apenas pelo prazer de produzir. Não teme referenciar fontes, inspirações e origens.

³¹⁰ Os já referidos compartimentos. Dentro deste trabalho por essas mesmas razões e por forma a manter a pesquisa no campo de Literatura foi necessário dissecar, afastar ou apenas mencionar muitas das práticas que são parte da *fandom* por não serem *fanfiction* ou por serem fórmulas dentro da *fanfiction* que são mais permeáveis ao estudo da Linguística ou Antropologia, por exemplo.

A *fandom* construiu uma estrutura de suporte à partilha, consumo e produção. Essa estrutura, apesar das suas constantes que transitaram desde as primeiras *fanzines* até à internet, é fluída, constantemente em crescimento, em mudança e em busca de sistemas que possam ser absorvidos e adaptados aos propósitos da *fandom*. Esta estrutura depende da existência de leitores, ou seja, do consumo. E a voracidade da *fandom* em relação aos seus objetos de adoração é subestimada por todos, mesmo aqueles que tentam lucrar com a sua obsessão. A experiência da *fanfiction* é uma prova de leitura, uma democratização da escrita e um reformular dos papéis intervenientes.

Marginais

A marginalidade permite a quem detém o controlo sobre a legitimação do que é considerado Academia, do que vai ser chamado Literatura, neste caso específico, descartar temas, sistemas e produtores que não se encaixem no padrão que desejam apresentar.

Cabe a esses grupos de produção textual/literária, aos que se encontram fora do sistema, provar o seu valor, conexões e pertença. O que muitas vezes não se cruza com o interesse do grupo em geral, preferindo ignorar quem os ignora e continuar com o que estão a fazer, debatendo-se apenas contra aqueles que diretamente os confrontam, mantendo sistemas, história e estruturas internas. Por vezes, com anos, décadas e séculos de distância alguém dessa outra esfera, do mesmo grupo que os marcou como indigentes, como lixo, como irrelevantes, declara que existe valor na produção que o grupo marginal levava a cabo e recolhe, resgata e descarna os elementos dos *outros* para os afirmar como parte da Academia, uma ascensão por obra e graça do estudioso.

A *fanfiction*, porém, é parte de uma estrutura mais abrangente do que simplesmente a produção de texto. A *fandom*, na sua diversidade de origens e interesses e com os seus antecedentes de discussão, teorização e produção paralela, produziu e refletiu sobre si mesma. Intitularam-se de *Aca-fans* inicialmente e *Fanscholars* foi o termo que acabou por singrar, assumindo-se como parte dos dois mundos e colocando-os em diálogo.

A variedade de abordagens e temáticas moldou um novo campo de estudos na Academia Inglesa, intitulado de *Fan Studies*. Nesta área a

interdisciplinaridade e invisibilidade de barreiras permitem um diálogo muito semelhante ao da própria *fandom* embora ancorado nas teorias validadas³¹¹ e áreas de influência e investigação que cada *fanscholar* traz consigo.

A *fandom* explorou as definições de *fanfiction* entre a multiplicidade das experiências do grupo. A *fandom* tomou nota da evolução do termo e do crescimento de um vocabulário próprio. A *fandom* educou os seus participantes sobre as formas de produção e participação, abrindo possibilidades a mais temas e técnicas. A *fandom* encontrou exemplo de produções semelhantes ao longo da história que no presente são consideradas, se não paradigmáticas, no mínimo exemplares. A *fandom* discursou sobre a sua própria marginalidade como uma libertação. A *fandom* produziu independentemente e os *fanscholars* que haviam participado nesse movimento enquanto fãs transitaram essas mesmas reflexões para os padrões discursivos, técnicos e teóricos da Academia e publicaram oficialmente para apresentar o seu campo, opinião e posição ao mundo Académico através da única perspectiva que este aceita.

Fan Studies é um campo Académico legítimo na sua multidisciplinaridade e perspectivas. A *fanfiction*, dentro desta aceitação, é considerada uma forma de publicação e literatura digital cujo potencial de gerar Literatura é inerente ao ato da escrita e partilha. Nem todos os textos têm potencial, mas muitos discutem assuntos e temáticas ainda mantidas longe das discussões do *mainstream*, nomeadamente a experiência feminina, *POC*, *LGBTQA*, portadores de deficiência (etc.)³¹² ou seja, todos aqueles que são silenciados ou relegados a uma hiper-compartimentalização temática das suas vozes que dificultam a sua difusão pelo público comum, aquele que a publicação tradicional, ancorada na questão do lucro, procura capturar.

Da mesma forma que essa defesa foi feita na Academia Inglesa o propósito desta tese é proceder à apresentação e defesa da *fanfiction* perante a Academia Portuguesa sob a perspectiva da Literatura.

³¹¹ Por tempo, estudos e referências de outros.

³¹² Geralmente resumido com: todos os que não sejam Homem, Branco e Heterossexual. Ocasionalmente Homossexual pode ser considerado válido desde que Homem e Branco.

Primeiro Contacto

Seguindo o exemplo de outros *fanscholars* a defesa da *fanfiction* perante uma posição Académica começou pela apresentação dos conceitos, dos termos, da história e da produção. Da forma como os textos crescem a partir de um ponto central, o que se considera o cânone da *fandom* a que pertencem e como os textos, influências e teorias da *fandom* se expandem, alimentando-se mutuamente e produzindo em cadeia, numa rede de arquivos que ecoa Derrida.

As conexões entre a *fanfiction* e a Literatura foram interligadas e exploradas, tendo em conta os métodos de criação textual, para em seguida se focar nas questões especificamente literárias, escolhendo os elementos familiares do Autor, do Leitor e do Escritor como pontos de contacto e transição entre *fandom*, *fanfiction* e Literatura.

A identidade do Autor foi questionada durante a segunda metade do século XX dentro da Literatura por teóricos como Barthes, Foucault e Kristeva. Essa mesma convulsão ocorre em concomitância com as primeiras produções de *fanfiction* como entendida sob a definição de trabalho de fãs para fãs. A perspectiva de quem é o Autor perante a *fandom* e como negocia essa identidade dentro das suas fórmulas de produção e como essas conexões instintivas e oportunistas se alinham com as funcionalidades teóricas postuladas pelo pós-modernismo e pós-estruturalismo exigiram atenção.

A *fandom* e a *fanfiction* perspetivam o Autor como uma entidade criadora que possui controlo sobre a sua criação, mas cujos desígnios podem ser ignorados a favor do livre arbítrio e criatividade dos seus seguidores. Como Leitores reclamam, ativamente, o poder que foi colocado nas suas mãos pelas teorias Literárias.

A definição de Leitor é reajustada entre a sua ascensão derivada da teoria literária e a sua participação na *fandom*. Para a literatura é o novo fulcro de produção de significado. Para a *fandom* sempre o foi. O fã é um consumidor o que significa que se o cânone tiver a sua origem num texto é, de imediato, um leitor. Como a *fanfiction* se encontra sempre sob a forma escrita um consumidor de *fanfiction* é automaticamente um leitor. E de acordo com as definições da *fandom* é um fã de Participação Ativa³¹³ ou seja um fã que consome, teoriza,

³¹³ Os termos de Participação Ativa e Transformativa são usados por Busse e Hellekson.

pensa e discute. E essa participação ativa equivale ao papel que o leitor neste momento detém sob os padrões do pós-modernismo, pós-estruturalismo e desconstrução do papel Autoral na Academia.

Em relação ao Escritor o termo foi separado do Autor deixando um no espaço do não sancionado e o outro mantendo a sua conexão Acadêmica e Editorial. Um fã de Participação Transformativa produz *fanfiction* e partilha, tornando-se um escritor, um produtor de texto. A separação deliberada é ecoada pela *fandom* quando teoriza sobre o cânone e partilha técnicas de escrita.

Entre os três existe sinergia e uma fluidez de identidade em que o Autor alimenta o Leitor que por sua vez sustenta o Escritor que, por sua vez, regressa ao Leitor. O Escritor equilibra-se entre os dois, derivando experiência de ambos para produzir.

A repetição de temáticas e conceitos ao longo do texto serve o propósito da consolidação dos conhecimentos e intenções a transmitir. A apresentação de um tema, aparentemente exterior ao contexto da Literatura enquanto disciplina Acadêmica, exige um encadeamento metódico dos pensamentos e das conexões encontradas para solidificar e ancorar qualquer tipo de novo tópico introduzido a um campo em relação ao qual o mesmo era um elemento marginal, mantendo o foco nesse elemento ao mesmo tempo que se referenciam as conexões reconhecíveis ao campo literário.

Fanfiction

O trabalho sobre a *fanfiction* é um trabalho que não se centra na teoria literária, mas sim em literatura e, mais especificamente, nas fórmulas da literatura digital, quer da produção quer da distribuição. Ou seja, enquanto apresentação, a primeira interação entre campos. Descrição, definição e enquadramento. A apresentação do objeto cria os contornos que o tornam reconhecível aos olhos daqueles que desconheciam a sua forma, propósito e funcionamento. E a partir desses contornos o foco transita para as principais características que têm em comum, para além do formato escrito, e como são encaradas e podem ser equilibradas e avaliadas. Não aprofunda ainda as conexões teóricas com movimentos do pós-modernismo, do estruturalismo, pós-estruturalismo, pós-modernismo, teoria da receção, escrita conceptual,

formalismo e estruturalismo russos, mas coloca desde logo o Leitor e as suas possibilidades como centrais.

Foca-se numa forma de produção textual que tem as suas origens noutros textos e se expande através de arquivos e interação. Foca-se num tipo de produtor de texto³¹⁴ cujas origens³¹⁵ não são formais apesar de, nos termos da teoria literária corrente, lhe ter sido concedido um lugar de destaque.

A partir do Leitor, especificamente o fã, o Escritor emerge em frustração ou homenagem e produz texto a partir dos textos do Autor, adotando, assumindo ou ignorando os significados afirmados pelo mesmo, crescendo os arquivos através de criatividade e interpretação.

A *fandom* cuida da estrutura de distribuição e produção.

Os *Fanscholars* ocupam-se das incursões teóricas por forma a validar perante a Academia todos os tipos de *fan endeavours* nos seus campos de interesse teórico ou nos seus campos Académicos de origem.

A existência continuada da *fanfiction* enquanto produção literária partindo das fanzines até aos arquivos digitais multi-fandom demonstra não só a expressão produtiva do Escritor, mas também o interesse continuado do Leitor, uma vez que grande parte de tudo o que são *fan endeavours* cresce na interação e no comentário.

A *fanfiction* não precisa, necessariamente, do reconhecimento ou respeito de outros, sejam mundanos sejam académicos. Sobreviveu sem ele durante séculos sob variadas formas. Cresceu e adaptou-se, reclamou todas as ferramentas que poderiam facilitar a sua expansão e transmissão. Tem os seus leitores e escritores. Encontra-se sempre em crescimento, ajudada em grande parte pela facilidade de comunicação e publicação proporcionada pela internet, sempre em busca do que ver, ler, apreciar, discutir e reformular.

Porém enquanto *fanscholar* existe um instinto de partilha e discussão forjado por ambos os lados dos interesses que instiga à tentativa de construir pontes e demonstrar onde os padrões se cruzam quase sempre guiado por um instinto ligado ao súbito pensamento de e se...

³¹⁴ Nomeado de Escritor como forma pura de produtor, como aquele que apenas cria pelo prazer.

³¹⁵ O Leitor.

Glossário

AC: *Alternate Continuity*: Quando a *fanfiction* continua a história em paralelo alterando um detalhe com o qual o escritor não concorda. Muitas vezes acontece em relação à morte de um personagem.

Angst: Histórias em que o foco é a angústia emocional. Muitas vezes usadas para explorar uma falta de reação percebida nas personagens do texto canônico a situações traumáticas.

AU: *Alternative Universe*: A história é escrita com personagens e elementos do cânone, mas diferindo em variados pontos. A caracterização e a reação das personagens são o enfoque uma vez que são retiradas do seu “mundo”. Uma das mais prolíferas é o chamado *Coffee Shop AU* onde a interação dos personagens é feita num café.³¹⁶

Beta reader: Na *fandom* é um leitor que se voluntaria para ler as *fanfiction* de outros antes de serem publicadas, num misto do papel do editor e revisor e crítico, ajudando na construção e publicação do produto final.

BNF: *Big Name Fan*: Fãs reconhecidos na *fandom* pela qualidade dos seus trabalhos ou interpretações e cujas opiniões são consideradas como marca de qualidade. É comum que os egos dos BNF comecem a interferir com o seu julgamento e se tornem arrogantes defensores do seu próprio valor.

Canon: O cânone, o original.

Con: *Convention*: Abreviatura de convenção.

Copyright: Direito legal de posse do autor em relação ao seu trabalho.

Cosplay: *Costume Play*: nas convenções ou para criações de fotografias de *fanart* muitos fãs vestem-se dos seus personagens favoritos.

Crack Fic: Paródia: Como se as personagens tivessem fumado *crack*. O termo *crack fic* perdeu o seu lugar na seleção dos géneros do *site*, mas continua a surgir em diálogos entre a *fandom* e nas *hashtags*. Puxar os limites do lógico para o ridículo sempre foi um passatempo de muitos. Na *crack fic* muitas vezes leva-se ao extremo da loucura, do cânone reconhecível ao irreconhecível.

³¹⁶https://archiveofourown.org/tags/Alternate%20Universe%20-%20Coffee%20Shops%20*a%20Caf%C3%A9s/works (6/11/2018)

Crossover: Misturar dois ou mais universos canônicos numa história coesa, sendo este subgênero de *Alternate Universe (AU)*³¹⁷.

Drabble: mini história de 100 palavras. Também aplicável a pequenas notas ou ideias por terminar. Comumente usado em conjunto com *headcanons*: alguém lança uma ideia e outro alguém responde com uma pequena *snippet/drabble*.

Egoboo: *Ego Boost*: O prazer da validação de receber um bom comentário ou ser mencionado na *fandom*.

Fã: *Fan*, abreviação de *fanatic*. Neste contexto são os consumidores de originais e da *fanfiction* assim como os seus seguidores estando estes relacionados ou não com a *fandom* original. É frequente um leitor seguir um escritor para *fandoms* desconhecidas e, a partir do trabalho do escritor, encontrar uma conexão com o Autor, o original e o cânone. Recentemente (2018) o termo começou a ser abandonado a favor de *Stan*³¹⁸, aglutinação dos termos *Stalker* e de *Fan*, intensificando a devoção e uma tendência de se assumir como apoiante e participante do movimento, derivada também da grande parte de escritores que são elementos LGBTQA+ que produzem conteúdo que não encontram nas edições comerciais. A *fandom* evolui o significado de obsessão do termo original para um significado de apoio incondicional, amor e suporte ao objeto de admiração. De forma semelhante, a apresentação dos conteúdos da *fanfiction* também se foi tornando mais explícita aos leitores. À medida que o grupo emergia da clandestinidade com o holofote que foi *Harry Potter* e o fenómeno deixou a semiobscuridade das comunidades de fãs em convenções para se afirmar nos espaços comuns da internet, feitos pelas respetivas *fandoms* para continuar a sua partilha. *Out loud and proud* de certa forma.

Fair Use: Cláusula que permite o uso de conteúdo sob *copyright* dentro de certos limites.

Fan Endeavours: Atividades realizadas por fãs: *fanart*, *fanfiction*, *cosplay*, fóruns, convenções.

³¹⁷ Um exemplo simples: X vai para Hogwarts; Mary Poppins seria uma contemporânea de Dumbledore nos Gryffindor que após a graduação passou a entregar as cartas aos novos alunos Muggles para os acompanhar nas primeiras visitas ao mundo mágico.

³¹⁸ <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Stan> (30/10/2018)

Fanart: Arte feita por fãs a partir de um original.

Fanboy: *Fanboy* e *Fangirl* são termos de desdém para fãs que mostram demasiado entusiasmo, como uma criança hiperativa e petulante.

Fandom: *Fan domain*: A comunidade de fãs onde partilha, discussão e criação acontecem. Por vezes recebem ou autodenominam-se por alcunhas derivadas das suas séries e preferências³¹⁹. Do pessoal, face a face nas convenções, às revistas que publicavam pequenas histórias escritas pelos fãs entre as *short stories* de profissionais, as *mailing lists* ainda em correio comum, passando em seguida para os *e-mails*, *fóruns*, *Livejournal*, *Blogs*, *DeviantArt.com*, *Fanficion.net*, *ArchiveOurOwn.com*, *Tumblr...*

Fandom: *Fan domain*: A comunidade de fãs.

Fanfiction: Ficção de/para fãs. Tradução simples da palavra uma vez que esta parte do texto se dedica à exploração do termo. Quando na comunidade, na *fandom*, alguém se refere a *fanfiction* a outro fã este facilmente reconhece o conceito geral e a forma como opera mesmo a sua perceção do conceito contenha ligeiras diferenças de definição³²⁰. Abreviado para *fic* ou *fanfic*.

Fanon: *Fan Canon*: *Fanon* acontece quando uma interpretação, um *Headcanon*, se espalha pela *fandom* e se torna tão aceite como o cânone ao ponto de ser quase indistinguível.

Fanscholars: Quem estuda os fãs, a *fandom*, a *fanfiction* e *fan endeavours* sob a perspetiva académica. Académicos que pertencem aos dois lados, ao campo da *fandom* e ao campo da academia.

Fanzine: *Fan Magazine* ou *Zine*: Na era antes da internet estas publicações de *fanfiction* eram revistas produzidas pelos fãs e vendidas nas convenções.

FIAWOL: *Fandom Is A Way Of Life*: *Fandom* é um modo de vida. Que mais se pode dizer?

³¹⁹ Alguns exemplos: *Potterheads* (*Harry Potter*); *Trekkies* (*Star Trek*); *Whosians* (*Dr. Who*); *Sherlokians* (*Sherlock Holmes*).

³²⁰ Uma das maiores diferenças que se pode encontrar entre as gerações de escritores é a questão da *fanfiction* sobre pessoas reais. Era um tabu, uma proibição tácita, aceite entre a comunidade inicial. No entanto os *reality shows*, a internet e o conceito de celebridade (*VIP*) erodiram essas linhas ao longo de duas décadas, abrindo espaço para esse tipo de *fanfiction* na era digital.

Filk: Canções sobre a *fandom*. A origem do termo teve origem num erro de impressão de *folk* (*song*).

Flame Wars/Fandom Wars: As guerras de opiniões e críticas ácidas entre cada campo.

Flame: Crítica deliberadamente provocatória.

Fluff: O termo é utilizado para referenciar algo adorável, romântico e geralmente não-sexual. Pode também indicar que não tem uma trama/ *plot*. Entre a ideia de *fluffy* enquanto adorável, *marshmallow fluff* enquanto doce.

Gafiate: *getting away from it all*: Afastar-se do mundano ou afastar-se da *fandom*. Pode ser utilizado em qualquer um dos sentidos.

Gen: *Generic, general*: *Fanfiction* criada sem conteúdo sexual explícito.

Genderbender/genderswap: Inversão do género de uma personagem e reescrita da história com essa diferença.

H/C: *Hurt/Confort*: *Fanfictions* em que uma das personagens se encontra ferida, fisicamente, e a outra cuida dela. Exploração da relação, realização de sentimentos, medos de perda.

Headcanons: Coleção de ideias e interpretações das personagens sem suporte do Autor; pequenas frases, pequenos textos, descrições. Alguns são de tal forma populares que se tornam parte aceite da *Fanon*.

Jossed: Quando uma teoria não é correta, negada pelo cânone. O termo deriva de Joss Whedon, criador da série *Buffy The Vampire Slayer* que tinha uma propensão para gorar as previsões dos fãs a cada temporada.

Lemon / Lime / Slash / Yaoi / Yuri / Smash / Citrus/ Sin/ Erotica/ Smut / Porn Witout (PWP) (...): Se a erótica publicada não fosse tão má. A reputação da *fanfiction* foi construída, desconstruída e difamada pelo género da erótica. Enquanto a faceta mais reconhecível da perceção pública da *fanfiction* a criação de textos de natureza sexual encaixa no desejo de mais. Seja a correção de uma cena escrita como um manual de montagem de mobília, conhecida na *fandom* como pela *trope* nomeada de *IKEA Erotica*³²¹; uma cena de *fade-to-black* onde o desejo de saber o que se passou se transformou em criação, num exemplo de mais de; um *oneshot* sexual onde se explora o subtexto entre as personagens, em busca de *mais dele* (do texto), predominantemente de natureza homoerótica.

³²¹ <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/IKEAErotica> (8/11/2018)

uma reescrita sob a perspectiva do feminismo quando o Autor não desenvolve a perspectiva da personagem feminina, utilizando-a como adereço do seu herói (*The Sexy Lamp Test*³²²). A idealização de relações, a exploração de sexualidades, dinâmicas e desejos, uma idealização negada e poucas vezes entregue pelo mundo editorial e pelo mundo real.

Listmom: Moderador de servidores ou listas de e-mails.

Lurker: Um fã que apenas consome conteúdo sem deixar comentários. chama-se *Lurker*. Produtor de conteúdo não se limita a *fanfiction*. No entanto quando na comunidade, na *fandom* alguém se refere a *fanfiction*, mesmo com ligeiras diferenças na definição o outro fã facilmente reconhece o conceito geral e a forma como opera.

Lurking: Participação sem deixar marca de presença, consumo sem comentário.

Mailing Lists: Listas de endereços inicialmente por correio e mais tarde por e-mail em que os subscritores recebiam *fanfiction* da *fandom* respetiva após inscrição com uma periodicidade pré-acordada.

Meme: Um *meme* na linguagem digital é uma imagem, um texto, um GIF ou um vídeo humorístico com uma mensagem fácil de partilhar ou adaptar.

Meta: Pensamentos e discussões críticas sobre o objeto, *fandom* e *fanfiction*.

Mundane: território dos não fãs, o dia a dia.

NSFW (Not Safe for Work): A *tag* usada para indicar um trabalho com conteúdo adulto, geralmente em conjunção com filtros que bloqueiam acesso que não seja autorizado pelo consumidor.

OC: *Original Character*. Personagem original criada pelo escritor da *fanfiction* para se inserir no mundo do Autor.

³²² *Sexy Lamp Test*. Quando é possível colocar um candeeiro sexy no lugar da personagem feminina e tal não tem impacto na história. Personagens sem profundidade, existindo apenas para servir de decoração, interesse amoroso e para morrerem pelo desenvolvimento do herói. Conclusões das discussões *meta* entre fãs afirma: Se quisermos fazer crescer um personagem masculino magoamos uma personagem feminina. Se quisermos fazer crescer uma personagem feminina magoamo-la. / Uma heroína quando encontra o Amor este torna-se a sua força. Quando um herói encontra o Amor este torna-se a sua fraqueza.

Oneshot: O número de palavras é variável, mas a história é publicada de uma só vez e encerrada, autossuficiente dentro do seu cânone.

OOC: *Out of character*: referido originalmente como *character rape* ou *character assassination*. Apenas aceitável na *fandom* dentro do contexto de *Crack Fic*.

Pairing: Par romântico. Derivações seriam *One True Pairing* ou *OTP* (quando é a relação preferencial do escritor na história) tendo evoluído para *ship*, *shipping*; ex: *that's my pairing* para *I ship them/it*.

Pastiche: Pastiche enquanto publicação sancionada pelo autor ou editor utilizando o estilo e personagens do Autor original.

Pining: Anseio pelo outro, predominantemente romântico. Existe uma preferência pelo anseio das suas personagens em relação à outra e sem saberem ou admitirem os seus sentimentos mútuos. Leva a *angst* e frustração sexual.

Plot Bunnies: *Ideas demanding to be written*: O termo em si caiu em desuso, mas continua a ser parte o conceito base. Ideias de continuações, inserções, derivações ou interpretações que provocam leitor e a sua imaginação e o levam à página em branco para criar e partilhar. O que o Autor diz, o que o leitor vê e os espaços em que a sua percepção vê possibilidades.

Point of View: *POV*: Ponto de vista, quem narra a cena ou que personagem narra o momento ou é o foco do narrador.

Prompt: Desafio de escrita lançado entre a comunidade (*fandom*). “Imagina que...” Alguns são dirigidos especificamente a uma cena ou personagens. Outros são desafios de escrita livre que são adaptados à *fandom* da escolha do escritor.

Ship ou Shipping : Quando o fã prefere um par romântico na narrativa e ativamente encoraja ou procura ler *fanfiction* com esse par (*pairing*).

Slash: termo utilizado como a referência de um par homossexual numa história. Deriva do uso do símbolo / para separar os nomes das personagens envolvidas na relação: ex: *Kirk/Spock*.

Snippet: Equivalente aos *drabbles* e por regra um *oneshot*. *Snippets* comumente jogam com as cenas em falta, as omissões deliberadas da história.

Spoilers: Informação que estraga a surpresa da narrativa.

Thirsty: Uma mistura entre código e calão para desejo sexual. Correlaciona-se com a sede enquanto essencial e inegável.

Troll: Um Troll é uma pessoa ou grupo que provoca deliberadamente, usando desafios, insultos e provocações, negatividade em geral para obter uma resposta, de preferência negativa, combativa e defensiva. Parte do que é considerado *cyberbullying* quando levado longe demais.

Trope³²³: Tropes são um conceito que cruza a ideia de figura de estilo com conceção estilística, truque narrativo, uma forma de cliché menos intrusivo, uma fórmula de atalhar ou evocar familiaridade no leitor/audiência. No site <https://tvtropes.org/> a *fandom* organiza, aumenta, cataloga e recria as tropes para referência rápida a todas as *fandoms*.

Wild Mass Guessing: WMG: tentativas de previsão do rumo da série que podem ou não ser corretas. *Confirmed* ou *Jossed*.

WIP: *Work in Progress*: *Fanfictions* que ainda não se encontram completas e com *updates* regulares (ou não). Geralmente marcado nas *hashtags* uma vez que os arquivos têm a sua própria marcação automática do estado da *fanfiction*.

Word of God: Quando o Autor confirma através de uma comunicação (tweet, Instagram, entrevista, painel de convenção, Q&A) uma teoria que a *fandom* imaginou através de WMG e interpretações que se tornaram amplamente aceites como uma interpretação correta da personagem ou da história.

YMMV: *Your Mileage May Vary*: Um acrónimo utilizado na *fandom* na admissão que os pontos de vista dos fãs são variados e justificáveis.

³²³ <https://tvtropes.org/> (21/12/2018)

Bibliografia

- Adorno, Theodor W.. 1991. "The Position of the Narrator in the Contemporary Novel" em *Notes on Literature*. Editada por Rolf Tiedemann. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Bacon-Smith, Camille. 1992. *Enterprising Women*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- Barthes, Roland. 1977. "The Death of the Author" 142-48 em *Image/Music/Text*. Tradução Stephen Heath. Nova Iorque: Hill&Wang.
- Busse, Kristina. 2017. *Framing Fanfiction, Literary and Social Practices in Fan Fiction Communities*. Iowa: University of Iowa Press.
- Coppa, Francesca. 2017. *The Fanfiction Reader: Folk Tales for the Digital Age*. Michigan: The University of Michigan Press.
- DeCerteau, Michel. 1988. *The Practice of Everyday Life*. Tradução de Rendall, Steven F.. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press.
- Dingle, Captain A.E.. Forrest, G.F.. Harte, Bret. Henry O.. Bangs, John Kendrick. 2009. *"Watson" And Other Unauthorized Sherlock Holmes Pastiches, Parodies, and Sequels*. Reino Unido: Wildside Press.
- Eagleton, Terry. 1983. *Literary Theory: An Introduction*. 2ª Edição. Oxford: Blackwell Publishing. St. Catherine's College.
- Eco, Umberto. 1962. *Obra Aberta*. Tradução João Furtado. Edição de 2016 Portugal: Relógio D'Água.
- Eco, Umberto. 1989. *Os Limites da Interpretação*. Tradução José Colaço Barreiros. Edição de 2004. Lisboa: Difel.
- Hellekson, Karen. Busse, Kirstina. 2006. *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet: New Essays*. Jefferson, Carolina do Norte: McFarland.
- Hellekson, Karen. Busse, Kirstina. 2014. *The Fan Fiction Studies Reader*. Iowa: University of Iowa Press.

- Jamison, Anne. 2013. *Fic: Why Fanfiction is Taking Over the World*. Dallas, Texas: Smart Pop, BenBella Books, Inc..
- Jenkins, Henry. 1992. *Textual Poachers: Television fans and Participatory Culture (Updated Twentieth Anniversary Edition)*. Edição de 2013. Nova Iorque e Londres: Routledge, Taylor&Francis Group.
- Kristeva, Julia. 1980. *Desire in Language: A Semiotic Approach to Literature and Art*. Editado por Leon Roudiez. Tradução de Thomas Gora. Reino Unido, Oxford: Blackwell.
- Prucher, Jeff. 2007. *Brave New Words: The Oxford Dictionary of Science Fiction*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Pugh, Sheenagh. 2005. *The Democratic Genre: Fan Fiction in a Literary Context*. País de Gales: Brigend. Seren.
- Sandvoss, Cornel. 2005. *Fans: The Mirror of Consumption*. Cambridge: Polity.
- Todorov, Tzvetan. 1983 *Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Referências Bibliográficas Eletrônicas

- AceRothstein1. 2018. “*The door is red*”. Pequena história cómica em fotomanipulação. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:
<https://imgur.com/gallery/xiLAX>
- AO3 News. 2018. Artigo sobre os Artigos 11 e 13 das novas leis de Copyright Europeias. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:
https://archiveofourown.org/admin_posts/11153
- Archive of Our Own. Arquivo de publicação de *fanfiction*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:
<https://archiveofourown.org/>

<https://archiveofourown.org/series/1040795>

https://archiveofourown.org/tags/Harry%20Potter%20-%20J*d*%20K*d*%20Rowling/works?page=1

https://archiveofourown.org/tags/Harry%20Potter%20-%20J*d*%20K*d*%20Rowling/works

<https://archiveofourown.org/works/18890965/chapters/44840728>

Arpe, Malene. 2004, 22 de maio. *Television's afterlife (angel mention)*. Whedon Info. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://www.whedon.info/Television-s-afterlife-angel.html>

Author Richard Brittain attacked reviewer with bottle. 2015, 10 de novembro. BBC. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.bbc.com/news/uk-scotland-edinburgh-east-fife-34775814>

Badhan, Van. 2019. *'Mentification': how men appropriated computers, beer and the Beatles*. The Guardian. Acedido em: 24 de janeiro de 2020:

<https://www.theguardian.com/music/2019/may/29/mentification-how-men-appropriated-computers-beer-and-the-beatles>

Bristol, John. 1944. *Fancylopedia*. Fantasy Foundation. [Versão Eletrónica]. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

http://www.fanac.org/Fannish_Reference_Works/Fancylopedia/Fancylopedia_I/

Ceia, Carlos. 2009 *Bricolage*. E-Dicionário de Termos Literários. Acedido em: 24 de janeiro de 2020:

<https://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/bricolage/>

Clevergirlhelps. Blog de apoio à escrita. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://clevergirlhelps.tumblr.com/>

<https://clevergirlhelps.tumblr.com/post/73487876572/how-do-you-right-an-animal-character-who-is>

<https://clevergirlhelps.tumblr.com/post/75313472858/hi-there-i-love-you-blog-and-its-really>

<https://clevergirlhelps.tumblr.com/post/92351453054/do-you-have-any-tips-on-writing-animal-characters>

<https://clevergirlhelps.tumblr.com/post/94953980944/if-a-dog-or-a-cat-were-to-turn-human-with-the>

Comerford, Shena. 1969. *Spock Shock*. Digitalização do *skit* publicado no programa da convenção e na *fanzine Spockanalia* disponibilizado pela *fanlore*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

[https://fanlore.org/wiki/Spock_Shock_\(skit\)](https://fanlore.org/wiki/Spock_Shock_(skit))

Creative Writing Prompts. Blog de apoio à escrita. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://unblockingwritersblock.tumblr.com/>

Deleuze, Gilles. 1994. *Difference and Repetition*. Tradução de Paul Patton. Columbia University Press. Nova Iorque. [Versão Eletrónica]. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://topologicalmedialab.net/xinwei/classes/readings/Deleuze/Difference-and-Repetition/English/DifferenceRepetition01.pdf>

Derrida, Jacques. 1995. *Archive Fever*. [Versão Eletrónica]. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

http://artsites.ucsc.edu/sdaniel/230/derrida_archivefever.pdf

Duarte, João Ferreira. 2009. Cãnone. E-Dicionário de Termos Literários. Acedido em: 24 de janeiro de 2020:

<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone/>

Fanfiction.net._Arquivo de publicação de *fanfiction*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.fanfiction.net/>

Fanfiction.net._Arquivo de publicação de *fanfiction*, secção Livros, subsecção Sherlock Holmes. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.fanfiction.net/book/Sherlock-Holmes/>

*Fanfiction.net.*_Arquivo de publicação de *fanfiction*, Secção de Comunidade e fóruns, discussão. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.fanfiction.net/community/The-Archive-for-Self-Inserts-and-Original-Characters/117072/>

Fanlore. Site de apoio à *fandom*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

http://fanlore.org/wiki/Main_Page

https://fanlore.org/wiki/List_of_Star_Trek:_The_Original_Series_Fanzines

https://fanlore.org/wiki/Professional_Author_Fanfic_Policies

Fiction Press. Conta do Twitter associada a *fanfiction.net.*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://twitter.com/FictionPress>

Flood, Alison. 2015. *Anne Rice hits out at 'internet lynch mobs' attacking controversial books.* The Guardian. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.theguardian.com/books/2015/aug/14/anne-rice-hits-out-at-internet-lynch-mobs-attacking-controversial-books>

Formally Informal. Fan-blog do Tumblr – Piadas sobre Línguas e Literatura. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://litlangislife.tumblr.com/post/165463917734>

Gypsy Silverleaf. Página de Autor no site *fictionalley*, *harrypotterrealm* e *fanfiction.net.*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

http://www.fictionalley.org/authors/gypsy_silverleaf/HPATMOU.html

http://www.harrypotterrealm.com/web_webmistress.html

<https://www.fanfiction.net/u/5402/Gypsy-Silverleaf>

Harry Potter and the Man of Unknown. *Fanfiction* publicada nos sites *fanfiction.net* e *harrypotterrealm*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.fanfiction.net/s/3803/1/Harry-Potter-and-the-Man-of-Unknown>

<http://www.harrypotterrealm.com/webmistress/unknowna.html>

Hart, Kate. Fan-blog do Tumblr – O Autor de Shrödinger (opinião) Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://kdhart.tumblr.com/post/181116043661/neoflect-rather-than-death-of-the-author-i>

I Like Dogs. Fan-blog do Tumblr – pensamentos sobre a fandom. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://timothygurl.tumblr.com/post/181041150965/dingdongyouarewrong-old-enough-to-remember-when>

It's a Writer Thing. Blog de apoio à escrita. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://its-a-writer-thing.tumblr.com/post/120877019579/four-ways-to-improve-your-grammar-and-punctuation>

It's Not Just PMs. Fan-blog do Tumblr – Ficção científica no feminino (*geek girls*). Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://itsnotjustpms.tumblr.com/post/172620516473/id-like-to-title-this-stream-dear-geek-guys>

Jose, Maria e Tenuto, John. 2014. *Spockanalia – The First Star Trek fanzine*. *Star Trek*, site oficial. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://www.startrek.com/article/spockanalia-the-first-star-trek-fanzine>

Journal of Transformative Works. Publicação digital da Organization for Transformative Works. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc>

Kitten-Kin. Originais da Banda Desenhada usada por Silver Kitsune. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.redbubble.com/people/kitten-kin/works/36582633-would-you-like-some-fandom-with-that>

<https://www.redbubble.com/people/kitten-kin/works/36634358-the-fandom-dark-side>

<https://www.redbubble.com/people/kitten-kin/works/37192337-for-those-thirsty-fans>

https://www.redbubble.com/people/kitten-kin?ref=artist_title_name

Klink, Flourish. 2017. *Towards a Definition of “Fanfiction”*. Acedido em: 10 de junho de 2019 nos *Web sites Medium e Fansplaining*:

<https://medium.com/fansplaining/towards-a-definition-of-fanfiction-178d4c681289>

<https://www.fansplaining.com/articles/towards-a-definition-of-fanfiction>

Lyall, Sarah. 2004. *The People Have Spoken, and Rice Takes Offense*. The New York Times. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.nytimes.com/2004/10/11/books/the-people-have-spoken-and-rice-takes-offense.html>

Olderhannetfic. Fan-blog do Tumblr – Purgas da fandom. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://olderhannetfic.tumblr.com/post/180460944454/a-history-of-fandom-purges>

Open Doors. Projeto de proteção e conservação de conteúdo (*fanworks*). Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://opendoors.transformativeworks.org/>

Organization for Transformative Works. Conta do Twitter associada à Organization for Transformative Works. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

https://twitter.com/otw_status

Organization for Transformative Works. Organização sem fins lucrativos para proteção e investigação da *fandom*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://www.transformativeworks.org/>

<http://www.transformativeworks.org/twac/twc-citation/>

Pereira, Ricardo Araújo. 2009. *Uma reflexão acerca de lixo*. [Versão Eletrónica]. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://visao.sapo.pt/opiniao/ricardo-araujo-pereira/uma-reflexao-acerca-de-lixo=f501880>

Poe, Edgar Allan 1846 *The Philosophy of Composition*. Graham's Magazine, vol. XXVIII, no. 4 [Versão Eletrónica]. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.eapoe.org/works/essays/philcomp.htm>

Rationallyparanoid. Fan-blog do Tumblr – Purgas da fandom. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://rationallyparanoid.tumblr.com/post/160656494583/samallcapswilson-bookish-but-corruptible>

Referenceforwriters. Blog de apoio à escrita. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://referenceforwriters.tumblr.com/>

Sapphicsupergirl. Fan-blog do Tumblr – Opinião sobre simbolismo. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://sapphicsupergirl.tumblr.com/post/173505190416/me-in-high-school-studying-symbolism-in>

Scotpress. Arquivo de histórias/*fanfiction* de *Star Trek* publicadas entre 1975 e 1996. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://www.scotpress.co.uk/>

Silver Kitsune. Fan-blog do Tumblr – Banda desenhada sobre o funcionamento da fandom. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://silver-kitsuneneko.tumblr.com/post/184488247767>

Sousa, Jéssica e Paz, Rita. 2018. *O Youtube vai mesmo acabar? Seis coisas que deve saber sobre a lei que pode mudar a Internet*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em no *Web site d' O Jornal Económico*:

<https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/o-youtube-vai-mesmo-acabar-seis-coisas-que-deve-saber-sobre-a-lei-que-pode-mudar-a-internet-382398>

Stout, Rex. 1941 *Watson was a Woman*. [Versão Eletrónica]. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

http://www.nerowolfe.org/pdf/stout/home_family/BSI/Watson_was_a_woman.pdf

The Los Angeles Science Fantasy Club. Site de uma *fandom*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

http://www.lasfs.org/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=357

The New Yorker. Artigos sobre a Fanfiction.

Burt, Stephanie. 2017. *The Promise and Potential of Fan Fiction*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.newyorker.com/books/page-turner/the-promise-and-potential-of-fan-fiction>

Grann, David. 2004. *Mysterious Circumstances The strange death of a Sherlock Holmes fanatic*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.newyorker.com/magazine/2004/12/13/mysterious-circumstances>

Rothman, Joshua. 2015. *The History of "Loving" to Read*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/history-loving-read>

The Writer's Handbook. Blog de apoio à escrita. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://thewritershandbook.tumblr.com/>

Tvtropes. Site de apoio à *fandom* em relação a *tropes*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://tvtropes.org/>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Creator/HannaBarbera>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Fanfic/HarryPotterAndTheManOfUnknown>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/AffectionateParody>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/AllsACrapshoot>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/Angst>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ArmorPiercingQuestion>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/AscendedFanon>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/AwesomenessByAnalysis?from=Main.AwesomeByAnalysis>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BearerOfBadNews>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BeepingComputers>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BerserkButton>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BerserkButton>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BluntMetaphorsTrauma>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BoldlyComing>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BoltOfDivineRetribution>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BrainwashedAndCrazy>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BreakoutCharacter>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BunnyEarsLawyer>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ByronicHero>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ClueEvidenceAndASmokingGun>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/CluelessMystery>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/CreatorWorship>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DeadpanSnarker>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DeathByDespair>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DistinguishedGentlemansPipe>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DownerEnding>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/DracoInLeatherPants>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/EarlyInstallmentWeirdness>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ElsewhereFic>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/EpiphanicPrison>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FantasticRacism>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FatalFlaw>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/Flanderization>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FlipFlopOfGod>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FramingDevice>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FreudianExcuse>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FreudianTrio>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/FunctionalAddict>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GettingCrapPastTheRadar>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GlowingGem>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GodDoesNotOwnThisWorld>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GodNeverSaidThat>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/GoMadFromTheRevelation>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HalfSiblingAngst>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HisOwnWorstEnemy>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HoYay>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HurricaneOfPuns>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/HyperAwareness>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/InsideJob>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/InsufferableGenius>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/KarmaHoudini>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/LeaningOnTheFourthWall>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/LyingCreator>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MerchandiseDriven>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MilitaryScienceFiction>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MouthStitchedShut>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MultinationalTeam>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MyGodWhatHaveIDone>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MySensorsIndicateYouWantToTapThat>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/OnlyTheCreatorDoesItRight>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/PoliceAreUseless>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/PowerTrio>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/PrivateDetective>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ReCut>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/RetCon>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/SarcasticDevotee>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/SherlockScan>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ShrugOfGod>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TechnoBabble>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheChessmaster>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheKirk>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheMcCoy>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheSpock>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheWatson>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TragicHero>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TrollingCreator>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/UltimateJobSecurity>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/UncertifiedExpert>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/UnreliableNarrator>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/VillainWithGoodPublicity>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WhamLine>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WithFriendsLikeThese><https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/AmbiguousDisorder>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WizardingSchool>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WordOfDante>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WordOfGod>

<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WordOfSaintPaul>

Vaičiulaitytė, Giedrė. 2018. *Women On Tumblr Point Out The Most Common Mistakes In Female Characters Created By Male Writers*. Bored Panda. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

https://www.boredpanda.com/dear-men-writers-women-tumblr-post/?utm_source=google&utm_medium=organic&utm_campaign=organic

Verba, Joan Marie. 1996. *Boldly Writing. A Trekker Fan and Zine History 1967-1987*. 2ª Edição 2003. [Versão Eletrónica]. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<https://web.archive.org/web/20160910042451/http://www.ftlpublications.com/bwebook.pdf>

Wayback Machine. Acesso ao site *Writer's University* e à história da *fanfiction* criada pela *fandom* através do *Internet Archive*. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://web.archive.org/web/20030423102749/http://writersu.s5.com/history/history01.html>

Wizards of the Coast. Editora de Jogos. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://company.wizards.com/>

Writersrelief. Blog de apoio à escrita. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://writersrelief.tumblr.com/>

Writersyoga. Blog de apoio à escrita. Acedido em: 10 de junho de 2019 em:

<http://writersyoga.tumblr.com/>

Anexo 1

The Adventure of the Diamond Necklace por G.F. Forrest originalmente publicada em *Misfits: A Book of Parodies* (1905)³²⁴

As I pushed open the door, I was greeted by the strains of a ravishing melody. Warlock Bones was playing dreamily on the accordion, and his keen, clear cut face was almost hidden from view by the dense smoke-wreaths, which curled upwards from an exceedingly filthy briarwood pipe. As soon as he saw me, he drew a final choking sob from the instrument, and rose to his feet with a smile of welcome.

“Ah, good morning, Goswell,” he said cheerily. “But why do you press your trousers under the bed?”

It was true – quite true. This extraordinary observer, the terror of every cowering criminal, the greatest thinker that the world has ever known, had ruthlessly laid bare the secret of my life. Ah, it was true.

“But how did you know?” I asked in a stupor of amazement.

He smiled at my discomfiture.

“I have made a special study of trousers,” he answered, “And of beds. I am rarely deceived. But, setting that knowledge, for the moment, on the side, have you forgotten the few days I spent with you three months ago? I saw you do it then.”

He could never cease to astound me, this lynx-eyed sleuth of crime. I could never master the marvellous simplicity of his methods. I could only wonder and admire – a privilege, for which I can never be sufficiently grateful. I seated myself on the floor, and, embracing his left knee with both my arms in an ecstasy of passionate adoration, gazed up inquiringly into his intellectual countenance.

³²⁴ Dingle, Captain A.E.. Forrest, G.F.. Harte, Bret; Henry O.. Bangs, John Kendrick. “Watson” *And Other Unauthorized Sherlock Holmes Pastiches, Parodies, and Sequels*. Wildside Press, 2009. 25-27.

He rolled up his sleeves, and, exposing his thin nervous arm, injected half a pint of prussic acid with incredible rapidity. This operation finished, he glanced at the clock.

“In twenty-three or twenty-four minutes” he observed, “a man will probably call to see me. He has a wife, two children, and three false teeth, one of which will very shortly have to be renewed. He is a successful stockbroker of about forty-seven, wears Jaegers, and is an enthusiastic patron of the Missing Word Competitions.”

“How do you know all this?” I interrupted breathlessly, tapping his tibia with fond impatience.

Bones smiled his inscrutable smile.

“He will come,” he continued, “to ask my advice about some jewels which were stolen from his house at Richmond last Thursday week. Among them was a diamond necklace of quite exceptional value.”

“Explain,” I cried in rapturous admiration. “Please explain.”

“My dear Goswell,” he laughed, “you are really very dense. Will you never learn my methods? The man is a personal friend of mine. I met him yesterday in the City, and he asked to come and talk over his loss with me this morning. Voila tout. Deduction Goswell, mere deduction.”

“But the jewels? Are the police on the track?”

“Very much off it. Really our police are the veriest bunglers. They have already arrested twenty-seven perfectly harmless and unoffending persons, including a dowager duchess, who is still prostrate with the shock; and, unless I am very much mistaken, they will arrest my friend’s wife this afternoon. She was in Moscow at the time of the robbery, but that, of course, is of little consequence to these amiable dolts.”

“And have you any clue as to the whereabouts of the jewels?”

“A fairly good one,” he answered. “So good, in fact, that I can at this present moment lay my hands upon them. It is a very simple case, one of the simplest I have ever had to deal with, and yet in its way a strange one, presenting several difficulties to the average observer. The motive of the robbery is a little puzzling. The thief appears to have been actuated not by the ordinary deed of gain so much as by an intense love of self-advertisement.”

"I can hardly imagine," I said with some surprise, "a burglar, qua burglar, wishing to advertise his exploits to the world."

"True, Goswell. You show your usual common sense. But you have not the imagination, without which a detective can do nothing. Your position is that of those energetic, if somewhat beef-witted enthusiasts, the police. They are frankly puzzled by the whole affair. To me, personally, the case is clear as daylight."

"That I can understand," I murmured with a reverent pat of his shin.

"The actual thief," he continued, "for various reasons I am unwilling to produce. But upon the jewels, as I said just now, I can lay my hand at any moment. Look here!"

He disentangled himself from my embrace, and walked to a patent safe in a corner of the room. From this he extracted a large jewel case, and, opening it, disclosed a set of the most superb diamonds. In the midst a magnificent necklace winked and flashed in the wintry sunlight. The sight took my breath away, and for a time I grovelled in speechless admiration before him.

"But – but how" – I stammered at last, and stopped, for he was regarding my confusion with evident amusement.

"I stole them," said Warlock Bones.

Anexo 2

Spock Shock por Sherna Conerford, publicada na *fanzine* Spockkanalia, pp:38-42³²⁵

(The scene opens on the spacious bridge of the USS Undersize. Captain Curt is in his control chair. At the helm is Lieutenant Solo; the navigator is Lt. Sailey. Also on duty are First Officer Swock, Lt. Alura, and several others who are busily looking efficient.)

CAPTAIN: Sensor reading, Mr. Swock.

SWOCK: Affirmative, Captain. Sensors report a series of protoplasmic bodies, ranging around 61 kilos each, at a mean temperature of 37 degrees Centigrade. They appear to be moving actively.

CAPTAIN: In space, Mr. Swock? Can you account for this?

SWOCK: (fiddles with dials) Affirmative, Captain. The sensors were focused on the female yeomen's quarters. I believe Doctor McA. was the last one to...

CAPTAIN: Er... yes, that will do, Mr. Swock. Are there any signs of those anomalous readings we've been getting recently?

SWOCK: Negative, Captain.

CAPTAIN: Where's Dr. McA.?

ALURA: I believe he's on the ski slope, sir.

CAPTAIN: Just a moment, Lieutenant.

CHORUS (everyone except Captain and Swock): Yes, sir!

CAPTAIN: Lieutenant Alura, we have a dozen recreation rooms on board this vessel. We have a theatre, and we even have a bowling alley. But I refuse to believe that we have a ski slope.

ALURA: I didn't write the script, sir.

(COMMUNICATOR): Spott to bridge.

CAPTAIN: Curt Here, Mr. Spott.

SPOTT: Ach MacFain weare wot i'hight nicht daft wee mear.

³²⁵ [https://fanlore.org/wiki/Spock_Shock_\(skit\)_\(22/5/2019\)](https://fanlore.org/wiki/Spock_Shock_(skit)_(22/5/2019))

CAPTAIN: Mr. Swock, did you understand that?

SWOCK: Affirmative, Captain. With my Volcanoan hearing, I was able to distinguish one word and two prefixes, which lead me to the logical conclusion that he said, "Captain, I've just discovered the reason why our equipment is always breaking down at the critical moment."

CAPTAIN: Why, Mr Spott? Is it sabotage? Do we have a traitor on board?

SPOTT: Dinnae frish ye ken o'gennel, faith.

SWOCK: He said, sir, that we have termites.

CAPTAIN: Curt to pesticide lab.

(COMMUNICATOR) Lieutenant Flint here, sir.

CAPTAIN: Lieutenant...

CHORUS: Yes, sir.

CAPTAIN: Lieutenant Flint. I want a pesticide that will free that ship of termites. You have one hour.

FLINT: Captain, such a chemical has been mathematically proven to be impossible.

CAPTAIN: All right, two hours. Curt out.

DOCTOR McA: (entering the bridge) you wanted me, James.

CAPTAIN: Yes, Boney. What do...

DOCTOR McA: (interrupting) Well, look who's here! The jolly green giant!

SWOCK: Dr. McA., you are behaving like a human.

DR. McA.: And don't you forget it! I've been wondering about something, Swocky, old boy. What are Volcanoan women like?

SWOCK: In what respect?

DR. McA: Posterioventrally. By the way, Mr. Swock, considering the impossible genetic situation, how is it you were born?

SWOCK: Dr. McA., logically...

ALURA: Captain! I'm getting a signal.

CAPTAIN: Let's hear it, Lieutenant.

CHORUS: Yes, Sir!!

(COMMUNICATOR) You are boldly going where no man has gone before. We will not be responsible for the consequences. This is a recording.

SWOCK: That is totally illogical.

SOLO: If he says that word once more, I'll lose my mind.

SWOCK: Mr. Solo, you are not behaving logically.

(Solo stands up straight, a beautiful (albeit foolish) smile lighting his face. One hand is at his side, the other across his chest.)

DR McA.: I believe Mr. Solo thinks he's Napoleon.

SWOCK: Mr. Solo is alone in his opinion.

SOLO: (sings) O Solo Mio...

ALURA: He's doing a solo.

CAPTAIN: He looks sallow.

SOLO: You have no soul.

DR. McA.: (hands him a pill) Swallow!

SOLO: (struggles with the pill, finally gets it down) That's pretty hard to take.

SWOCK: Likewise these runs.

DR. McA.: Why Mr. Swock, are you making a joke?

SWOCK: Affirmative Dr. McA.

DR. McA.: But jokes are illogical!

(Swock's eyes widen slightly. His chin rises half an inch. It is clear that he is extremely agitated.)

SWOCK: Doctor, it was not my intention...

(From beyond the hull of the ship there is heard a roll of thunder.)

...I was not actually...

(on the bridge, above the heads of the crew, gather black angry thunder clouds.)

...I appear to have made an error.

(swiftly and cleanly comes the stroke of lightning which cuts down the hapless Volcanoan. Maniacal laughter sounds in the distance. Blackout.)

Anexo 3

Harry Potter and the Man of Unknown

by Gypsy Silverleaf³²⁶

Chapter 1:

Written b4 Azkaban!

It was the castle in the sky. If you looked at it, though, you would most likely think it was a castle in the mountains, but it was the castle in the sky, atop of the white, never moving clouds. But, yes, if you had to be logical, it was on a mountain top, far and high from the normal people and normal castles.

It was the day of opening for the Sharadine School of Witchcraft For Girls - the only magic school to begin in August - headed by the renowned headmistress, Madam Juane Tatooli.

All the teachers and staff bustled about, making sure everything was perfect, the enchanted brooms sweeping the dusted floors. Some of the brooms became comical and tried to sweep the dirt and dust under rugs, but the school caretaker, Arana Filch, put them in order by threatening to break them in half with her bare hands.

Feather dusters dusted the coats of armor that had been covered in dust for three months who swiped at the dusters, attempting to rip out their feathers, but Professor Samantha Gooding kicked them angrily as she swooped by like a bat, making them stop.

"Professor Erwin!" a voice called, magically echoing throughout the whole castle.

The professor sighed and picked himself up from his desk in his classroom for Transfiguration. His black robes swooped across the floor and he hurried through the corridors to the front hall.

When Professor Erwin emerged in the front hall, he stopped dead.

³²⁶ <https://www.fanfiction.net/s/3803/1/Harry-Potter-and-the-Man-of-Unknown> (22/5/2019)

A black-haired woman wearing long, emerald robes, looking very grave and somber, stood at the front door to the castle. Madam Tatooli stood next to the woman, the same look on her face.

"Professor?" Erwin asked with a touch of shrillness to his voice. He touched his throat nervously, a habit of his whenever he thought there was something wrong. "Madam?"

Professor McGonagall was silent for a moment in hesitation that Professor Erwin did not like at all. "Thomas, I . . . I have terrible news . . ." Professor McGonagall was suddenly at a loss for words and looked down.

"W - what is it, M - Minerva?" Professor Erwin stammered, knowing immediately that something was wrong. He touched his throat again and stroked it, as he was starting to feel very sick.

Professor McGonagall wouldn't look up, seeming both distressed and abashed.

Madam Tatooli took a step forward and gulped. "James and Lily Potter are . . ."

"What?" Professor Erwin croaked; his throat suddenly hoarse.

". . . are dead, Thomas . . ."

"What?" Erwin cried, having to steady himself against the old, wooden wall. His knees shook violently. "Is - is this a joke?" he demanded McGonagall and Tatooli sharply, his voice very high.

McGonagall looked at him and shook her head. "No, Thomas," she said softly.

"W - who? H - h - how?" Erwin stammered, forcing back tears.

McGonagall hesitated again. "V - Voldemort, Thomas. It was Voldemort."

There was a pregnant pause, before Professor Erwin spoke.

"W - what happened to H - Harry?" Professor Erwin wasn't very sure he wanted to know, but he knew that he must know, no matter what. They're dead! Voldemort! he shrieked in his head with malice and grief. All of them! Even poor Harry! He thought, that is, until McGonagall told him otherwise.

"T - that's just it, Thomas. Harry - Harry . . . Harry survived."

Professor Erwin stared at McGonagall, shaking harder than ever. "H - he survived?" He sank into a chair against the wall and buried his face in his hands. "How could a child survive Voldemort?"

"We . . . we don't know, Thomas. But when he tried to kill Harry, his powers . . . they . . . they just vanished!" said McGonagall with shrillness. "He just disappeared. No one knows why."

"When did this happen?" Professor Erwin demanded.

"Two nights past."

"Why wasn't I told this sooner?" cried Professor Erwin shrilly.

"Ev . . . everyone assumed you knew, except . . . except for Dumbledore."

Professor Erwin's eyes flashed with anger. "Of course, not Dumbledore!" he shouted with a sneer, jumping to his feet angrily. "Why wouldn't Dumbledore know that I didn't know?"

McGonagall looked down.

"Where has he been taken?" McGonagall didn't answer. "Where has he been taken, Minerva?" Professor Erwin demanded through gritted teeth, his hands in fists, clenched at his side.

"To his only living relatives," McGonagall said delicately, watching the professor carefully. "Dumbledore left him on their front step himself. I saw him, and so did our games keeper."

"Them?" Professor Erwin nearly shrieked at McGonagall. "Damn Dumbledore and you, Minerva! Damn you both!" he shouted angrily. The professor gathered his cloaks and hurried down the corridor angrily, deliberately slamming his fist into the castle phantom, who doubled up in surprise. Professor Erwin disappeared into his chambers and wasn't seen until later that night, when the students arrived.

He looked very withdrawn and white that night. He didn't even look Madam Tatooli in the face, nor any student or other teacher. He merely watched the ceremony of the first years, who were sorted into the three groups of the school by the school fortune teller, who sat in the middle of the stage of the Great Hall, reading the first years' minds and deciding which group they belonged in, then get up and leave.

After that, Professor Erwin stared down at his plate, not eating. He collected stares from the school prefects and the teachers and staff who didn't know what the news of Voldemort's disappearance was doing to him; the other students were all too busy talking to take notice - that night. He didn't look up, but he could

feel their stares. Most of all, though, he felt Madam Tutooli's hawk - like yellow eyes burning into his back like the fires of Hell.

The next day, the whole school was talking about already famous Harry Potter, whispering that he was the one who stopped You - Know - Who. It was an uproar, since everything had finally been confirmed by the Daily Prophet. Harry Potter - a little boy - had gotten rid of the cruel, infamous You - Know - Who! Amazing, impossible, outstanding!

There was one person, though, at Sharadine, that did not look happy at the news:

Professor Erwin.

He slammed through the door to his class, startling a group of fifth years who were excitedly talking about the incredible news.

"Shut up, all of you," Erwin snapped angrily, making them run to their seats. "This is a classroom for Transfiguration, and you know it. Not for gossiping about Voldemort - " the class gasped - "nor his hiatus from society. If I hear the name Harry Potter in this classroom ever again, the person who said it will be expelled - I will see to it myself - do you understand?"

The class stared at their professor in horror. Professor Erwin was usually a nice, caring, though strict, of course, person. A teacher never threatens students! What happened to him? they all wondered, but didn't speak. They knew that he was dead serious in what he said and they were all afraid to speak.

Professor Erwin glared at his students until they all nodded dumbly, still taken aback at his harsh threats. "Get out your books!" he yelled sharply. "Page one. You're back in the real world now, ladies. Deal with it and get on with your lives."

Ten years later . . .

After five more years of being an all girls' school, Shardine School of Witchcraft for Girls became Sharadine School of Witchcraft Merged, a school for all students, as most were coed at that time and still would be, even years and years later.

Every year, students had filtered through, always talking about the elusive Harry Potter, who had met him on the street, the next book published with his

name in it, who had had the best celebration for him that year, and more, but never, ever in Professor Erwin's distance of hearing, which had seemed to grow sharper and farther every year.

Each first-year student was immediately told by the older students to never speak about the subject in Professor Erwin's presence. Older brothers and sisters told their younger siblings tales that Professor Erwin had tried to expel quite a few students in the first few years after You - Know - Who had disappeared when they said "Harry Potter," but Madam Tatooli had forbidden it just in time to catch Erwin trying to boot the students out the front door of the school.

Nobody liked Professor Erwin anymore; he was too hard, snide, and seemingly evil to like. Even his favorite and best students hated him. The teachers all tried to figure out what was wrong, but Erwin wouldn't say a word, nor would Madam Tatooli.

Rumors flew through the corridors for years saying that Professor Erwin had been on You - Know - Who's side and was upset and angry that he had lost You - Know - Who and any time now, he'd fly to where Harry Potter was and kill him off on the spot - for revenge. Yet there were many who had to say - even to their dislike of Erwin - that Erwin couldn't have. He was a Gryffindor from Hogwarts and no Gryffindor anyone knew of had crossed over.

About ten years after Harry had made You - Know - Who disappear, there was another uproar: Harry Potter was at Hogwarts, a Gryffindor, at that. If anyone had been around Professor Erwin and watched him carefully, they would have seen him go white and would have seen his hands begin to shake, but only few did, and they brought up the rumor of Erwin being on the Dark side again, but it was pushed away by all the excitement over Harry Potter.

"Shush your mouths," Erwin had snapped at his students after he had calmed himself. "What have I told you? Never ever speak that name in my classroom - ever! Do you hear me? It is none of our business! Back to work! Dennison, turn Ms. Fletcher back to human this once or I'll drag you Madam Tatooli's office and have her turn you into a pig!"

Suddenly, there was word of Harry being the youngest and best Quidditch player and Seeker at Hogwarts in over a century, which had caught everyone off guard - most notably when they heard that he had nearly fallen off his broom; he

could have injured himself very badly. Erwin had gone extremely pale once more and snapped at his students to shut up again.

But Erwin couldn't stop the uproar when it happened again.

Harry Potter had defeated You - Know - Who again!

Professor Erwin had locked himself in his chambers after that. He couldn't have shut his students up if he'd body bound them. The teachers wouldn't shut up, either. Their faces glowed with pride in the wizard who had once again defeated You - Know -Who, which disgusted Professor Erwin.

When he finally came out of his chambers, he'd yelled at his classes: "I will expel all of you if you speak that name and you all know I will, by what rumors fly around here! So, he has defeated Voldemort once more! I have told you it is none of our business, so be quiet, all of you! And I don't really care if he is your role model, Mac Fly, I forbid that name spoken in this classroom!"

Everyone knew then suddenly that there was something really wrong with Harry Potter to Professor Erwin, yet they had no true idea of what. The older students could do nothing but stare at their professor and whisper as the school year drew to a close. The first years were dreadfully scared of Professor Erwin, except for one girl, who surprised everyone, especially Professor Erwin, in that same year.

Professor Erwin was busy writing a nasty letter in reply to a letter he had just received, when there was a light knock on his office door and a soft said, "Professor Erwin?"

"What is it?" Professor Erwin snarled, not looking up.

"It's Anna Winterbourne, Professor Erwin . . ." came a soft called. The door pushed open.

"Ms. Winterbourne," said Professor Erwin, not looking up from his letter, "I didn't say you could come in, did I? Leave before I look up and you won't be punished." He thought she would leave and didn't look up.

"Professor Erwin . . ."

He didn't reply, his lips curling in anger, but he refused to look up.

"Professor Erwin!" Anna Winterbourne nearly shouted.

Professor Erwin jumped, blotting the word, "you." He stared at Anna in surprise.

Anna Winterbourne took a deep breath and stepped up to her professor. "Professor Erwin, I am a half blood and I have had a few brothers and sisters come through here, and they have told me stories . . . stories about you."

Professor Erwin narrowed his eyes to where they were slits, a normal habit of his when he was angry or annoyed. "Aye, I have heard them all. Delight me with one, Ms. Winterbourne. Go ahead, but realize, you'll be punished now."

Anna glared back at him, shocking him. "And the stories I heard were horrible. You suddenly turning cruel, right after Voldemort - to most people's surprise, sir, I can say the name - disappeared, shouting at your students. I heard from my brother James - " she didn't notice Erwin flinch - "that you actually tried to literally through students out the front door when they said - "

"Indeed, I did and what is your point, Ms. Winterbourne?" Erwin asked sharply.

"You must know everyone hates you, Professor Erwin. You are not that dumb, I can tell. And you must hate everyone else, but I have to ask . . ." Anna let her words trail off.

"What?" Professor Erwin demanded angrily.

Anna leaned in so she could whisper in his ear. "Why do you hate Harry Potter?"

Professor Erwin turned white and stared at the wall in front of him.

Anna Winterbourne turned and left, not looking back at him.

Rumors ran rampant through the school, everyone whispering about what Anna Winterbourne - a first year! - had done to Professor Erwin. He wouldn't leave his chambers and it was a good thing that classes were over, to say the least.

Anna refused to say a word to anyone on what she had said and left school with everyone else, still refusing to say a word. She wouldn't even tell her parents who had heard tell of it through owls from parents of other students, nor would she tell her older sister, the person she was closest to in the world.

All she would say was, "It's between the professor and me, and none of you have any right in knowing," though, that is, to say the least, she had no real idea herself why Professor Erwin had been so shaken by her words. She had expected him to say he didn't, but he had gone into a sort of shock, and that scared Anna more than anyone knew.

Professor Erwin cursed softly as he read the letter. "Dumbledore," he mumbled, "again! I should just go down to that cursed place and put Dumbledore in his place on this matter!" But his psyche put him in his place. Thomas, the boy is at Hogwarts . . . Dumbledore will do something, you know it . . . Professor Erwin cursed himself. Of course, he would, he snapped to himself, why wouldn't he, the

"Professor?"

Professor Erwin looked up, startled. "Y - yes, Anna?"

The class stared at Anna Winterbourne. It was still shocking that Professor Erwin actually talked kindly - if you will - to a student; they did not know why he was doing it, either. They thought, though, it probably had something to do with what Anna had said to him three years before, and being right as they were, if they had known what even Anna didn't know . . .

Professor Erwin had been shaken so terribly by what Anna had said to him, that he was fearful if she pried around enough, she would find something out, so he had decided to be less sharp with her. She was quite bright, he had figured out quickly, top of all her classes; he'd never noticed before, not that he paid much attention to anything like that before.

"I think most of us our done with our test, sir," Anna replied, eyeing him closely.

Professor Erwin jolted into a straight sitting position. "Ah," he cleared his throat and stroked it nervously, "yes, you are right. Pass in your papers class. When the bell rings, you may leave."

A short boy timidly approached the desk and nearly threw the test papers onto the desk and did nothing but run back to his desk. Professor Erwin didn't even look at him; he was rereading the letter that had actually come in the middle of class, carried by a large barn owl, who dropped the letter on Professor Erwin's head, surprising everyone.

When Professor Erwin suddenly realized everyone was watching him, he jumped up, rolled the parchments, and hurried out of the classroom. Just as he strode out of the door, the class exploded into whispers and he caught someone say, "What has he got there? D'you think it's from You - Know - Who?"

Professor Erwin ran to his chambers, slamming the door behind him with such force it made the castle echo with its sound. The castle suddenly grew quiet, as if preparing for more slamming from him, as they were very used to.

Suddenly, this made the professor very weary. A headache roared in his head like a hammer bashing against metal and he fell on to his bed, shaking from head to toe, white as a sheet.

The professor woke to the sound of loud, continuous rapping on his door.

"Professor?" The rapping that had stopped momentarily started up again. "Professor Erwin?"

"What?" Professor Erwin croaked in a low, hoarse voice.

There was a pause, then a sharp crack, and the recently unlocked door swung open.

"Professor Erwin!" a voice shrieked. It was Madam Geoffrey, head of the infirmary, looking very shocked and worried at the sight of the professor, who knew he looked as worse as he felt.

"Madam Tatoonli!" Madam Geoffrey nearly screamed, making Professor Erwin's head pound even louder. "Madam Tatoonli! I need your help, now! To Professor Erwin's chambers and hurry!"

The bustling castle stopped dead. Professor Erwin?

"What is it, Lorraine?" Madam Tatoonli asked in a forced sort of normal voice a few minutes later; Professor Erwin couldn't see her; his eyes only saw blurred objects and he was staring at the ceiling.

"It's Professor Erwin, Juane, look."

There was an audible gasp from Madam Tatoonli. "What happened?"

"I don't know," Madam Geoffrey admitted in a soft voice. "He wasn't sick yesterday."

Yesterday? Professor Erwin wondered groggily. Have I been asleep long?

"Let's get him to the infirmary."

"NO!" Professor Erwin shouted suddenly, sitting up, making the two women jump back in surprise. "If you do - even try - I'll put a hex on all of you!" Any strength he had left disappeared from his body and he slumped back down on the bed.

"Do you think he's serious?" Madam Geoffrey whispered.

Madam Tatooli didn't answer, just stared at the sick professor. After a moment she said, "I don't know, Lorraine . . . I just don't know . . ."

Rumors flew through the castle like a hurricane about Professor Erwin: Did the letter have a curse in it? Did You - Know - Who visit him? Have you heard what he looks like? He's grown scales! No, he's grown feathers! I heard he threatened to turn Madam Tatooli into a frog with whiskers! No! A dog with feathers!

Indeed, Professor was sickly, but he hadn't grown anything but more weary. He refused to eat and threatened to hex anyone who came near him, but never to turn anyone into anything, although he certainly could, that was not an issue. People did stay away, but staff members always watched him around the clock, just in case . . .

Transfiguration was taken over by Madam Tatooli, who would answer no questions concerning Professor Erwin, except that he was sick, and no, he could not have visitors, nor did he want visitors, to answer Anna Winterbourne's question.

One day, late at night, Madam Tatooli was sitting in a chair across the room from the sleeping Professor Erwin, watching him. He even shakes in his sleep, she marveled sadly. Professor Erwin was on his side, facing the wall, curled a bit, and shook as if he was living in the Arctic with no blanket or fire to warm him.

Professor Erwin had always been complained about; many teachers had demanded her why she hadn't fired him, and she would say he was a good teacher, just bad with people. She also loved him as a sister loves a brother and knew in her heart, she could never fire him, even if her life depended on it.

He was a good teacher, the other teachers couldn't argue that, for everyone he ever taught had, at least, good Transfiguration skills, but . . . bad with people? That was an understatement. He hated people. From Harry Potter to Madam Tatooli to Dumbledore himself, the most renowned wizard of the world, next to You - Know - Who, who was not renowned, obviously, for goodness.

"Professor Erwin," Madam Tatooli said softly, trying to blink away her tear-stricken eyes, "I know you won't like this, but I will have to contact Dumbledore . . ."

Professor Erwin squeezed his eyes shut and did not reply; she didn't know he was awake. He slept so much during the day it was nearly impossible for him to sleep at night.

After Madam Tatooli left to get Professor Yuri for the next watch patrol, Professor Erwin let himself go and began to cry. When he started, he felt he never want to quit.

The professor cried himself to sleep and woke up the next morning to his chambers bright with light. He blinked and closed his eyes slightly to see. A man stood over him, his sparking blue eyes looking at the professor carefully with concern and worry, yet a twinkle of amusement was clearly there.

"You are up now, I see," the man said softly, stroking his long beard.

Professor Erwin looked away from the man. "I knew you would come. Madam Tatooli said it last night . . . but I did not know when, though I should have known . . . immediately, I daresay . . ."

"You are sick, Thomas, you should not speak."

"NOT - SPEAKING - BROUGHT - YOU - HERE!" Professor Erwin shouted suddenly, sitting up, and pointing an accusing finger at the man.

Professor Dumbledore sighed.

"Also, your constant letters for fourteen damned years, students whispering his name, rumors about me being on the Dark Side - ha - the boy arriving at Hogwarts, his being sickly, his defeating Voldemort again and again - what do you think this did to me, Albus?" Professor Erwin yelled.

Dumbledore sighed again, but it was quite obvious he didn't have an answer.

"Stop sighing!" Professor Erwin shouted. "I know what you are thinking and I am not pathetic! No matter what you or Minerva or Juane or anyone thinks!" He slumped back suddenly, exhausted.

"Of course you are not pathetic," said Dumbledore with surprise, raising his eyebrows. "I was not thinking that . . ."

"What were you thinking, then?" Professor Erwin snarled with malice, glaring at Dumbledore angrily. He didn't wait for an answer. "Get out. I thought maybe your coming here would be good, but this conversation has turned that around. Get out!"

"No!" Dumbledore yelled, surprising Professor Erwin. "No, Thomas," he said in a softer voice. "You can't ruin your life like you are doing now, Thomas."

"And why not?" Professor Erwin sneered. "And I am not ruining my life, thank you very much! My life is fine. It would be great if you and everyone else would shut up!"

"About Voldemort, Thomas?" asked Dumbledore. "About Harry Potter?" The professor flinched, but Dumbledore ignored it. "Not likely, Thomas. Not likely at all and you know it."

"And so what if I do? I've managed at least a little serenity in my life!"

"Doing what, exactly, Thomas?" Dumbledore asked fiercely. "Terrorizing your students to the point where they are afraid to speak in your presence? Afraid, that if they speak the name you have dared not utter in fourteen years, they will be expelled? Am I missing something here, Thomas? Tell me, what have you managed? Serenity? That's not serenity! That is neglect and fear!"

Professor Erwin glared at Dumbledore, his eyes turning to slits. "Leave me alone, Albus," he said quietly and coldly. "Just leave me alone."

Dumbledore lifted his spectacles to eye Professor Erwin, then left the room, closing the door behind him.

Chapter 2:

Out in the hall, waited Madam Tatooli. "I will bet the whole school felt that argument, Albus," she said with an edge to her voice.

"Juane, you know he must do it."

Madam Tatooli glared at Dumbledore and nodded coldly. "Do you somehow not think I know that, Dumbledore?" she demanded. "But I will not blackmail him to do that, do you understand? I cannot without a guilty, nor torn heart tell him I will fire him because of what he must do. Neither will I force him, though both my brain and my heart say I should, but I shall not and will not."

Dumbledore sighed and looked down. "Of course not, but Juane, believe me, he will become more withdrawn and hateful if this is not done, and then . . ." He let it sink in to Madam Tatooli. "Then, you will have to fire him."

Madam Tatooli shut her eyes for a moment, then nodded. "Yes, I know, Albus. What if . . ."

Dumbledore sighed and shook his head. "I do not know. He has had so much happening to him, both of them, that I am not even sure any of this will work out. But to here? He'd lock himself away and never come out. He needs to be in a place where he can't lock himself away."

"Give him some time, Albus. For the sake of both of them."

"All right, but if too much time passes . . ."

"Yes," said Madam Tatooli sharply, glaring at him again. "Fine."

Professor Dumbledore left her in the hall and went out the front door, smiling half-heartedly at the students and staff who stared at him as he walked by. He went back to Hogwarts, but not telling even Professor McGonagall of the circumstances.

Madam Tatooli looked through the grate that was in the door to Professor Erwin's chambers. He was sitting up, his face buried in his hands.

The next day, Professor Erwin gathered himself and walked to class, though rather carefully, as his knees still shook. It was the middle of the first class, so the halls were empty, with only the ghosts about, along with Arana Filch, but unlike everyone else, the professor knew how to stay away from her, and even her dog, Cornelia, who sniffed the halls, catching students in the act, nearly identical to Arana's brother, Argus, and his cat, except for the fact all four of them hated each other.

Professor Erwin entered his classroom and the class silenced. Madam Tatooli dropped her book, landing with a thud on the floor. "P - professor Erwin?" she asked, blinking in surprise.

"Madam," said the professor, giving her a slight nod, and a look that meant that he wanted her out. She understood immediately, and, with giving him a look that he knew meant see me later, she strode out of the room.

The students' eyes went from her to Professor Erwin who walked to the front and picked up the book the madam had dropped. He glanced at the page on the nearest student's desk and flicked his wand, making the book suspend in air, the pages turning until it was on the right page.

"Really," he sneered, glancing at the page number again, "I'd have thought the madam would have gotten you farther." He sighed irritably. "Mark my words, you'll forget whatever she taught you. When you are taught by me, you never forget."

The class stared at him in amazement and confusion as he sat down at his desk with another, irritable sigh.

Professor Erwin glanced at them. "What is it? Am I growing werewolf fur? One of the many rumors I have heard, I have heard a lot more. Smith!" he snapped. "Delight me with a new one."

The boy, Jackson Smith, trembled as he spoke. "Sir, I - I - "

"You have not heard any? Well, my absence must have been boring for you all, then?" Professor Erwin sneered, narrowing his eyes. "So, since this is nearly just the beginning of the year, is there anything I should know that everyone else knows and I don't?"

The class exchanged looks, then a small boy in the middle row raised a trembling hand. The class stared at him, as if knowing exactly what he was going to say.

Professor Erwin raised an eyebrow at this. "McCullin, isn't it?"

"Y - yes, sir."

"What news do you have?" the professor asked in a menacing voice.

"Er, sir, I am not sure - "

"Whatever is it, tell me," Professor Erwin snapped, making the suspended book snap close and fall to the floor.

"Harry Potter went to Azkaban," the boy said quickly and shrilly, burying his head in his arms, as if preparing to ward off the professor from biting his head off and expelling him.

"W - what?" the professor sputtered, nearly falling out of his chair and turning white as a sheet - for at least the tenth time in the last few days. His hands began to shake and he grasp the edge of the desk to steady them.

"He - uh - saved Sirius Black, sir," someone said softly.

The class hushed and Professor Erwin jumped to his feet. "I, uh, had not heard that. T - thank you, McCullin and you, Ms. Jorganson, but as I have always said, it is none of our business and we should get on with our lives." He cleared his throat nervously, stroking it once. "Now that we have covered the daily news," the professor coughed, "on with your work. Whippet! Tell me exactly what Madam Tatooli has been teaching you. I hope it has not been blasphemy, or I will have to teach you the lesson over . . ."

After the day was out, Professor Erwin hurried to his chambers, slammed the door behind him, locking behind him. He sat down on his bed and put his hands on his head. A - azkaban? Sirius Black? Is the boy insane?

There was a sharp tap on his door and he looked up. An owl was at the grate, flapping hard, as it pushed in a large envelope. In green lettering it read:

Professor Thomas Patrick Erwin Sharadine School of Witchcraft Mountain
Top Cloud Castle Dungeon Chambers Alone

Professor Erwin stared at the envelope in hatred. "Damn you, Dumbledore!" he shouted angrily, clenching his fists and gritting his teeth. He didn't move from his bed and narrowed his eyes at the letter.

The letter stayed in its place on the floor that night; Professor Erwin did not bother to see Madam Tatooli, she would have probably lectured him and he didn't want nor need a lecture, in his opinion.

At breakfast, Professor Erwin scrawled a note to Dumbledore, saying: It is asinine of you to keep writing me letters, Professor Dumbledore. It would be prudent and wise of you not to do this. Leave me alone. Signed, Professor Thomas P. Erwin.

He folded the letter and gave it to his owl, who flew away, with the whole school watching it until it disappeared from sight. Then, with quick looks at Professor Erwin, they returned to a partially normal talk.

After a few days, everything turned back to normal. The students lost whatever pity they might have had for Professor Erwin during his sick days and were back to hating him.

Professor Erwin, indeed, was acting normally, or it seemed that way to everyone else, snapping at everyone, yelling and bellowing, glaring at his students, and threatening. When he was alone, though, the professor would stare at a wall for hours, ignoring the letter that he had since picked up and put on his chamber desk.

About five days after he returned on the job, he was eating a small, quiet breakfast at the head table, when the morning mail arrived.

There seemed to be a lot more owls than usual, but that often happened, especially on the day of someone's birthday or something like that; Professor Erwin rarely cared for such formalities.

All of a sudden, though, the professor realized the owls were headed toward him.

"NO!" he shouted angrily at the birds, jumping to his feet, and shaking a fist at the owls. "LEAVE - ME - ALONE!" Professor Erwin pushed back his chair and it slammed into the wall behind the curtains. He ran from the room, nearly tripping down the stairs of the stage, covering his head, as letters were being dropped on his head by the wretched creatures and sliding all over the Great Hall.

The students stared after him in bewilderment. The teachers and staff shared the same looks, except for Madam Tatooli who cursed under her breath and stood up to the school.

"None of you move. Do not touch the letters. Do not speak. Professor Gooding, if you would - ?" Professor Gooding raced out of her chair and began to gather up the letters, snatching some out of the hands of confused students. "Everyone," Madam Tatooli continued, "you will not speak of this matter to Professor Erwin, nor any other matter but Transfiguration. You will also not spread rumors of the professor, either. He is under a lot of pressure and he does not need any more of it. Mark my words, if you do any of this, I will suspend you, which will seem like the royal jewels to you when I'm done."

The students nodded dimly, sharing looks of fear and shock.

After breakfast was over, Anna Winterbourne was the center of attention, though she tried desperately to run from her accusers: "What did you say to him?"- "What did you do to him?" - "You know what's going on. Tell us or we're going to Tatooli!" - "Tell us, Anna!"

Someone actually pointed a finger at her and called her You - Know - Who which made Anna blow up, scaring people half to death: "If you ever dare call me Voldemort again I will see to it that you burn in - "

"All of you!" snapped Professor Williams, looking very angry and grave, as he appeared in front of them. "You will leave this corridor this instant. Go to class. And you will shush your mouths. What I heard will get you suspended - go on, before I tell Madam Tatooli!"

The students ran to their classrooms, but the fourth years moved more slowly, staring at each other and Anna, who walked far behind everyone, her head bowed in conflicted thought.

Professor Erwin was already in his classroom, the letters strewn all over the desk. The class stared, but dared not utter a noise. Their professor suddenly jumped to his feet, scooped up all the letters, threw them into the trashcan, and with a flick of his wand, lit them on fire with a boom, to the shock of the class.

"Transfiguration does not use fire, but I felt this was a time for a change of . . . atmosphere," Professor Erwin told his class coldly, glaring at them with malice gleaming in his dark eyes. "Take out your books and begin reading chapter thirteen. I am particularly disgusted with your lack of effort." He spit in the trashcan, making the fire rise in the air at least six feet with a sharp crack.

At the end of the day, Madam Tatooli's voice called through the school. "Staff meeting for all teachers. Please meet in the staff room for a discussion." The school hushed. "Classes are dismissed early for this meeting."

Professor Erwin walked out behind his students and hurried to the staff room, however, being the last one there. The teachers all watched him with looks of anger, fear, and confusion.

"Oh, no, Juane," Professor Erwin said in a shrill, angry voice. "No."

"Don't you dare leave here, Thomas," Professor Williams said in a cold voice.

"What are you going to do about it, Orloff?" Professor Erwin sneered.

"You aren't like some teachers, Thomas," Professor Gooding said slowly, ignoring Professor Erwin's last comment. "You are one of the best, we know that, and one of the best wizards in the world, but it's just . . ."

"It's just what?" Professor Erwin snapped angrily. "That I'm mean? That I'm sharp? That I'm strict? That I produce some of the best students ever?" He narrowed his eyes. "Or is it that I'm me?"

"You aren't you!" Professor Gooding shrieked angrily, jumping up, disgusted and angry. "Look at yourself! Compare yourself to fifteen years ago! You look thirty years older now! You never eat, you are always angry - and forbid, I have no idea why - and -"

"It's none of your business! I don't care if you're concerned or angry! Don't you realize at all that none of it hits? It bounces off like a balloon!" Professor Erwin shouted fiercely.

"All balloons come down sometime, Thomas!" Professor Larr yelled back.

"Shut up, Allan!"

"Don't tell him to shut up - you shut up," screamed Professor Gooding, pointing a finger at Professor Erwin angrily. "You are a fool and a crackpot, do you hear me, Thomas? You are crazy!" Professor Erwin whipped out his wand and pointed it at his colleagues who leaned back in their chairs and stances, staring in horror and surprise. "I am not about to take much more of this." He glared at Madam Tatooli who had been staying out of the fight, in a corner near the back of the room alone on a rickety old chair. "And if you feel the need to fire me, Madam, by all means, do it, but realize, that won't change anything."

The other teachers looked back and forth at Madam Tatooli and Professor Erwin, searching for some clue in the matter.

Madam Tatooli looked away and hugged herself, not daring to even look in the direction of Professor Erwin who spat on the floor angrily.

"You think that you will get this out of me, but you won't. You know it. It cannot be done. You are the fool, Madam Tatooli, no matter what Samantha or any of them say," Professor Erwin said softly and coldly. "You stop this now, Madam. I will not change my mind on this matter, and you know it."

"This isn't about the students or us anymore," Professor Williams whispered.

Professor Erwin glanced at him. "I doubt it ever was, Orloff."

"Then what was it about?" Madam Tatooli shrieked suddenly, jumping to her feet. "I told Dumbledore that I was not - not - going to blackmail you or force you, but - but - for the sake of yourself, look in the mirror for once, Thomas! You age everyday, you have no friends, you have no life! Except, of course, to terrorize your students. And I agree many of the ones you have taught are some of the best, but you bully them! That's how they learn and that is not righteous teaching!"

"And what are you doing now, Juane? Terrorizing, threatening, bullying! But you do not have the strength to get through me. I have my shell - no point in denying it, I daresay - and it helps me. It protects me from people like you and Minerva, and Dumbledore! Who all of you seem to think is the knight in shining armor who you must all worship and listen to with the greatest respect or

Voldemort will get you. In the real world, you idiots, you must realize that you should not obey his every caprice and go on with your own lives that should not be worshipping him!

"And you will all stop terrorizing me this instant or I swear - on my dead brother's grave! - that I will kill myself so I will not have to listen to your protests, mockeries, and blackmail!"

Madam Tatooli and all the other teachers stared in shock (and confusion in everyone's case but the Madam's) at Professor Erwin and Madam Tatooli whispered, "This has gone way too far, Thomas . . . All of it . . . Please stop, now . . ."

Professor Erwin turned on his heel and stormed out of the room and ran to his chambers. He snatched up the beige envelope, ripped it open, and read the letter enclosed in it:

Professor Erwin, Thomas,

I knew you would not destroy this letter. I know you. Included in this package is exactly what was in the letters you received by owls, that I will bet you probably destroyed. No matter at all, I say, but please, I beg of you, read at least a portion of what is enclosed. It will do you good, perhaps, whatever your decision.

Sincerely yours,

Albus Dumbledore.

The professor threw the letter to the side angrily and ripped open the rest of the envelope. Papers flew out and Professor Erwin picked them up, reading everything carefully, his eyes widening in surprise.

It was a timeline, well, in a way. There were detailed to sketchy accounts of what Harry had been through for fourteen years. His birth, his parents' death, a summary of the letter given to the Dursleys - curse them, Professor Erwin thought angrily - to detailed accounts of Harry's encounters with Voldemort, etceteras. To grades, fights, detentions, and so much more, Professor Erwin was overwhelmed.

He jumped to his feet and flung open the door of his chambers, making it crash against the wall with a large boom that made windows shake and clatter.

He hurried out the front door, grabbing his broom on the way out, and mounted his broom on the front step. He flew off as fast as he could, oblivious to the yells and screams from his colleagues and students out windows, the front door, and the grounds, staring after him in shock and confusion and fear.

The air was deadly cold, but Professor Erwin didn't feel it. All he felt was determination and anger as he flew onward and onward until he had reached his destination.

Professor Erwin landed on at the front door of the castle on one foot and knocked on the door three times. He looked out at the grounds. The Forbidden Forest was right on the edge of the grounds and he could see two red headed boys being dragged away from it by a giant and smiled a bit, remembering old times.

The door opened slowly and Professor Erwin slowly turned his head, his eyes looking very evil and piercing, and his black robes flapping slightly in the wind. He would have been considered Voldemort himself, if he hadn't a noble history.

"Pr - Professor Erwin?" Professor McGonagall faltered, staring at him.

Professor Erwin nodded, but didn't take his eyes off her, giving her a hard, cold stare back. "I have come to see Professor Dumbledore," he said softly, yet still with the hardness of determination.

"He is not here at the moment," McGonagall replied crisply, seeming reluctant to let him in the castle. "What did you wish to speak to him about?"

"Isn't it obvious?"

"No, it isn't, Thomas. You have many reasons to come here - some of which endanger the students and staff here," McGonagall replied in a cold voice, glaring at him menacingly.

A girl that had come up behind McGonagall stopped dead to listen.

"What could my reason be then?"

"For - Thomas, I have no idea!" McGonagall said sharply. "But stories told -"

"The stories are nothing like the rumors, Minerva!" Professor Erwin cried shrilly.

"Thomas, Professor Erwin, I swear to you, when Dumbledore gets back -"

"Do you really think he wouldn't let me pass? Let me see my brother's boy!"

"You have not spoken his name in fourteen years, you ingrate!" McGonagall shouted angrily. "Of all the lowest - I thought - "

"Well, you thought wrong, professor," Professor Erwin snapped.

Suddenly, a loud group of students came around a corner and stopped at the sight of Professor Erwin and McGonagall. McGonagall turned to them and said sharply, "Get out of here! This is a private conversation. You, too, Ms. Granger. Off with you all, now!" Everyone hurried away, not daring to look back.

The blood drained from Professor Erwin's face. "Hermione Granger?" he croaked, staring after the girl in amazement.

"Of course, you know that," McGonagall snapped, turning to him. "Dumbledore sent you those packages, which I personally thought was foolish, because who knew and knows what you'll do."

"Oh, do shut up, Minerva, and let me pass!"

"When Dumbledore gets - "

"Like hell, Minerva! You were the one to bring the news to me of my dead brother's child's fate and now - now - I am not allowed to see him?" Professor Erwin shouted angrily, glaring at McGonagall with malice.

"You've never seen him!"

"Liar," Professor Erwin spat. "I saw him when he was born!"

"Do you think he'll remember you?" McGonagall demanded shrilly. "He doesn't even remember his dead parents and you think he'll remember you? You are a foolish man, Thomas."

"I have had enough insults today, thank you very much, Minerva, and I don't appreciate any of it." Professor Erwin cut McGonagall off from speaking. "And further more, I never said I thought he'd remember me! I said I had seen him!"

"Fourteen years ago!" McGonagall cried angrily.

"Does that matter?" Professor Erwin shouted. "He's my blood!"

"I don't care if he has the blood of Godric Gryffindor himself in him - I will not let you pass!" McGonagall yelled fiercely.

Professor Erwin narrowed his eyes angrily until they were slits.

"What is going on here?" asked a sudden, sharp voice. A man appeared out of the shadows and approached Professor Erwin and McGonagall. When he could see Professor Erwin clearly, his eyes flashed with hatred.

"Severus Snape," Professor Erwin said coldly, glaring at him.

"Thomas Erwin," came the reply with a mirror of coldness.

"Hackled any good students lately?"

"Thomas," Professor McGonagall warned.

"Why, yes, in fact," Snape sneered. "His name is - "

"Severus! Both of you!" McGonagall said angrily, pushing them away from each other. "I have had it with both of you. The feud ends here." She cut Snape off. "Look, Severus, as long as Thomas is here, the feud ends here. I cannot stand here and listen to you compare notes!"

"Does that mean I can pass finally?" Professor Erwin demanded sharply.

"When Dumbledore gets back, Thomas!" McGonagall cried. "I must have said it ten times now! What is wrong with you?"

Professor Erwin narrowed his eyes. "Everything, Minerva." He whipped out his wand and yelled "Petrificus Totalus!" Professor McGonagall's arms snapped to her side and she fell onto the floor. Professor Erwin whirled around to Snape who was reaching for his wand and pointed his own wand in Snape's face. "Ah, ah, Severus. I'll turn you into a toad before you can touch your wand, do you hear me?"

Snape stared at him in shock, then a smirk grew on his face. "What will the Ministry say?" he sneered, looking suddenly triumphant.

"If they ever met you, I'd bet they'd say terrific," Professor Erwin replied snidely.

Snape's smile faded and he began reaching for his wand again.

Chapter 3:

"Petrificus Totalus, Wingardium Leviosa!" Professor Erwin yelled.

Snape's body froze and he and McGonagall lifted off the ground, their eyes wide in fear and surprise. They floated to the ceiling, staring at each other, then back at Professor Erwin who was sliding his wand back into his robes.

"I am sorry for doing this to you, you know - well, maybe not sorry for you, Severus - but you'll be down whenever Dumbledore or another teacher comes around here. I seriously doubt a student will risk your deaths, just by taking off the spell. It would be a very stupid student who would do that," Professor Erwin said with a soft chuckle, setting his broom against the wall.

"And Severus, the reason I have not made you invisible is that I would forget and no one would see you . . . honestly, I thought you would have known that! Smart as you are." Professor Erwin glanced up at Snape who's eyes were wide with hatred and surprise.

Professor Erwin swooped away down a hall, then turned down another. He passed several coats of armor and paintings before a figure jumped out in front of him: Argus Filch, his cat at his ankles.

"Professor Erwin?" he asked blankly, expecting a student.

Professor Erwin brushed past him. "Your sister hopes you are well, Argus," he called over his shoulder. Filch sized up in anger, but didn't move or say anything, because as much as he disliked the professor, he respected and feared him, for Professor was nearly next in line to Dumbledore as best wizard in the world - and most powerful.

As he swept through the halls, he came across a flying man. "Ah, Peeves."

Peeves sneered at Professor Erwin. "'Fessor Tommy's back at Hoggy's?" he asked sickly sweetly, leaning in to look at Professor Erwin, a mischievous grin spreading across his face.

Professor Erwin smiled coyly. "The Bloody Baron's been telling me that he's been quite angry with you, Peeves," he said, acting as if he had been at the school for a while that day and was very pleased about this.

Peeves looked at the professor in shock. "Er, uh, angry at Peevsie?"

"Says you displeased him and he's very angry with you. I expect he'll be coming 'round soon. You'll be hiding, then, I suppose? He seemed very angry, but he might cool off, I suppose . . . Do his eyes pop out normally when he's extra angry, or just when he's angry?"

Peeves let out a shriek and flew away, disappearing down a corridor. Professor Erwin chuckled to himself as he hurried to the Gryffindor tower, stopping outside the picture of the fat lady.

"Is that you, Thomas?" the fat lady squawked, squinting at him.

Professor Erwin smiled and nodded. "Yes, it is. How have you been, my lady?"

The fat lady smiled and blushed. "Same old, same old, I guess. No new people, except the first years, but they have nothing really to do with me, nor do

the older students. Same old, same old." She sighed. "It hasn't been the same without you."

"Was I the only one that actually stopped to have a conversation, then?"

"The nicest one and most handsome, I'll say," the fat lady replied, blushing again.

Professor Erwin chortled, stroking his throat. "My lady, you flatter me, although my colleagues have complained about my current appearance. Say, how many people do you have behind this beautiful picture now?" he asked smoothly, dripping with flattery, though, if you'd asked him, he would have wanted to say he hated doing this to the poor lady.

The fat lady swelled up with pride, a smile on her face. "About everyone. I think a few prefects are out, and Fred and George Weasley, of course," she said with a sigh, "and I think Harry Potter - " she didn't see the professor wince " - is still out, but I don't know where. Maybe the library." The fat lady smiled again. "Why do you ask?"

Professor Erwin shrugged. "Conversation. I'd better be off now - I have a meeting. Have a good day, now." He flashed her a winning smile and hurried away, toward the library, his smile fading as soon as he had turned his back.

The library was nearly empty. The librarian had her back to the professor, stacking books in a cart. There were a few students, but, alas, no Harry Potter, as no one was old or young enough, and Professor Erwin hurried out, unseen by anyone.

It was quiet in the halls, until soft footsteps began to echo in the hall. A small boy with mousy brown hair appeared at the end of a corridor, fidgeting with his camera. He didn't see Professor Erwin until he was five feet away from him.

"Oh! Sorry, sir, I didn't see you," the boy said.

"Quite all right, of course. I am looking for someone - are you a Gryffindor?"

"Yes! A third year," the boy said with pride. "Who are y'looking for?"

"Someone by the name - er - Patter, I think it was," the professor replied delicately.

"Patter? Oh! You're talking about - "

"All students return to their house common rooms immediately," Professor McGonagall's voice called through the house, magically magnified.

"I'd better go!" the boy chirped cheerfully, yet still with a tinge of worry. He hurried down the corridor to the Gryffindor tower.

Professor Erwin cursed angrily, shaking a fist. Someone had come and seen Snape and McGonagall - already! He mumbled a few words, disappeared from sight, and hurried to the staff room, following a small man in quickly.

"What is going on, Professor McGonagall?" a man asked.

"Professor Lupin, everyone, there is something going on that - "

"What, Minerva?" Snape demanded angrily, jumping up from the table, clenching his fists. "Besides Erwin showing up and body binding us, then suspending us in air, leaving us to be found by Binns and Flitwick? What, besides that, is going on?"

"I will tell you, Severus," said a grave voice.

Everyone looked to the door. Dumbledore stood in the doorway. He closed the door behind him and sat down at the table. Snape looked around at everyone, then sat back down.

"As you all very well know, James and Lily Potter died, survived only by Lily's sister and the Potter's son." Snape's face twitched. "But what you didn't know is this: The Potter's are survived by another."

The blood from Snape's face drained away. "You don't mean - Thomas Erwin?"

All the teachers stared at each other in amazement.

"Impossible," Snape continued. "Who is he related to, Dumbledore? That Muggle family? Hardly!" His angry face became a sneer of disgust, like he didn't believe Dumbledore at all.

"Severus, Thomas Erwin is the half - brother of James Potter," Dumbledore said.

Snape faltered, nearly falling out of his chair. "W - what? How?"

Dumbledore sighed. "Dear me, how?" he said with a bit of amusement. "Well, they had different mothers; Thomas is the older of them."

"You are telling me that I feu - that I went to school with two men I didn't even know were related? And you're telling me - you are, aren't you? - that Potter is related to one of the most powerful wizards in the world?" Snape yelled.

Professor Erwin leaned in next to Snape. "That's right, Severus," he whispered in a hoarse voice, making Snape straighten in his chair like a board.

"My flesh and blood. And he already has a bit of Voldemort in him, too, but you knew that, didn't you? Jealous, are you?"

Snape jumped to his feet. "No, I am not, you lunatic!" He looked around wildly as if to see where Professor Erwin was, but it was impossible. The other teachers stared at him, until he hissed, "He's here."

"Thomas," Dumbledore said suddenly in a loud voice, "show yourself."

Professor Erwin chuckled mockingly from across the room, making the teachers swivel around in their seats. "Not likely, Albus. I may have been taught by you - but I am not your slave anymore."

Dumbledore's eyes narrowed slightly and he sighed. "Thomas - "

"You really think you can convince me, don't you?" Professor Erwin sneered. "I mean, come off it, old man, you can't convince everyone anymore. There was bound to be someone who didn't listen to your every whim."

"Thomas Erwin, if I could see you, I would slap you," McGonagall snapped.

"But I can see you and I can turn you into a snail, so I advise you hold your tongue, Minerva," Professor Erwin said calmly.

"Hold my tongue - "

Dumbledore gave her a look and she fell silent. "Thomas," Dumbledore began, "for ages I have been trying to convince you to come to Hogwarts to meet Harry, but you have refused every time. Why now?"

"Other matters first, Albus, the Dursleys are the boy's only living relatives?"

Dumbledore looked at the table. "I thought you would be too distraught - "

"So you handed him over to them?" Professor Erwin snapped angrily, snapping into view, and pointed a finger at Dumbledore accusingly. "He would have been better off with Severus! I have only read things they have done to him and I was furious! How dare you even think you have the right - "

There was a sudden knock on the door and it was pushed open. Professor Erwin recognized her slightly.

"Madam Pomfrey?" McGonagall asked with a slight edge to her voice.

"All this yelling is going through the castle and it's giving Potter a headache and that's the least of his problems," the woman snapped in Dumbledore's direction, narrowing her eyes at Dumbledore, as if blaming him.

"What is wrong with him?" Professor Erwin asked, his voice suddenly shrill, touching his throat.

Madam Pomfrey glared at him. "He's sick and I doubt it's any of your business, anyway. What is your name?" she demanded sharply.

"Thomas Erwin."

Madam Pomfrey stared at him.

"Thomas Erwin, half-brother to James Potter, uncle of . . ."

Madam Pomfrey just stared at him.

"Thomas . . ."

Professor Erwin swung his head around. "Albus," he said coldly in response.

"To finish our conversation - "

"The conversation has barely begun, you twit!" Professor Erwin yelled. He snapped his head to McGonagall. "Don't even try anything, Minerva. You may not know it, but I am a lot faster than you," he said coldly, turning back to Dumbledore.

"Thomas, please, if you will listen to me - "

"Listening to you is pointless, Dumbledore. And furthermore, back to the original conversation, what gives you the right to ship my brother's boy to people you knew would hate him? Who you knew wouldn't give him a life other than near slavery? Who would break his leg to stop him from being a wizard? Who would lock him up to stop him. Minerva warned you about them - you should have known anyway, since you seem to know everything," Professor Erwin sneered angrily.

"YOU - ARE - SICK - THOMAS!" Dumbledore suddenly yelled, making everyone jump in surprise. His eyes burned with blue fire. "I know it - you know it - everyone knows it. How many people have told you to look in the mirror? How many have to? While I was in London, I got a flock of owls from Madam Tatooli - scared out her mind - that you're going to kill yourself so you do not have to undergo all this - when you know you have to! You have not even spoken the boy's name in fourteen years - "

"Personally, this subject bores me. I have heard it dozens of times - "

"And that doesn't seem to be enough, does it?" McGonagall yelled angrily. "For fourteen years, you have not spoken Harry's name, you forbid your own students to say it in your presence - everyone knows, Thomas. It's not like nobody doesn't know! How daft are you? Suspicions of you being on Voldemort's side have run rampant through the Ministry for years - and they didn't connect you with being related to Harry at all!"

"Because no one ever thought to! They all thought James Potter was an only child and they were wrong! And come off it, Minerva, you would like to know why these people are so stupid, too!" Professor Erwin yelled. "They still don't know they're wrong! They all thought we were in now way related, maybe because we never had time to actually be together after we left Hogwarts - and even then, people didn't know we were brothers, except for Lily and you, Dumbledore, of course. And me being connected with Voldemort? Ha! That's a laugh! The only thing I see being is connected is that we all looked alike! If you lined up pictures of the three of us, you probably couldn't tell the difference!"

"What does that matter?" Snape shouted suddenly. "Look, Thomas, you, James, and I feuded for years and I could tell the difference between you both! It was easy! And even if I had known, despite your looking identical to each other, I still would have been able to tell the difference! You were hard, James was brave. That's the difference between you and your brother that made you so apart, don't you understand at all?"

"So what about comparing the difference between Voldemort, my brother, and I?" Professor Erwin sneered, though he was penetrated by Snape's words. "One's brave, one's hard, one's evil? If you had that kind of philosophy when we were kids, Severus, why, you might have been Head Boy!"

Dumbledore cut Snape off from snapping back. "The thing is, Thomas, you never wanted to see Harry. I have pelted you with letters for years, you always had a snide comment to make, you sent that Howler on me few years back - "

"That scared the bats out of the rafters, all right," McGonagall muttered dryly.

" - you terrorized your students, colleagues, and friends. And never once did you ever write or say the name - "

"HARRY POTTER!" Professor Erwin bellowed, shaking the room. "Is that it? It that what you wanted me to say? Harry Potter! There - I said it again! Or do you want me to parade down Diagon Alley or the middle of London screaming, Harry Potter! Harry Potter!" he demanded coldly. "Because if you do, I'll do it, Albus. I'll do it! I'll follow your every whim, dear old Dumbledore - the bumblebee - sir!

"And what do you think all your letters, a little girl asking why I hated him so, his name, his injuries, his triumphs, and his history did to me, Albus?" Professor

Erwin demanded, tears suddenly forming in his eyes. "I have asked you this before and that is something you obviously don't know!"

Chapter 4:

The teachers and staff in the room stared at him. He snapped his fingers and he disappeared. "Maybe it would be better to die than to go through this," he said softly before he disappeared out of the room entirely.

Professor Erwin reappeared in a dark hall and fell into a chair next to the wall, exhausted, emotionally and physically. He set his back against the wall and closed his eyes.

Maybe they are right, he said to himself miserably. I haven't spoken or written his name in nearly fifteen years, I have forbidden his name spoken in front of me, look what I have done to myself! What would the boy say if saw me? If he learned everything about me? What would he do? He would hate you, that's what, Thomas, he snarled to himself, making himself feel like an entity of failure.

The professor, the man, the entity - whatever who wish to call him - picked himself up, and, knees shaking, dragged himself to the infirmary, invisible as the air around him on the outside, and on the inside, as well.

When he reached the infirmary, Madam Pomfrey was guarding the door, barring Dumbledore from passing through it. "This is foolish, professor. He's in here for mild illness - not major heartbreak."

"Madam Pomfrey, this is important. He will have to find out sooner or later," Dumbledore replied with a sigh. "Madam . . ."

"Oh, all right," Madam Pomfrey said, moving away from the door and opening it.

"Give us some privacy, will you?" Dumbledore asked her as he walked through the door, neither one knowing that Professor Erwin had slipped through the door behind Dumbledore.

Professor Erwin had to sit down on the chair next to the door when he saw Harry. He was lying in bed, rubbing his throat, drinking water. He only looked up when Dumbledore cleared his throat.

"Professor Dumbledore?" Harry asked, surprised.

Dumbledore smiled. "Hello, Harry. Not well, are we?"

Harry coughed loudly. "I'm okay. Madam Pomfrey says I just need rest."

"Harry, I've come to talk to you about something . . ."

Professor Erwin suddenly felt a shock of strength, jumped to his feet, and stuck his wand in Dumbledore's back. "Don't you even dare, Dumbledore. If I have to, I will kill you," Professor Erwin whispered into Dumbledore's ear. "Believe me, I will."

"What is it, sir?" Harry asked, a look of concern on his face.

Dumbledore hesitated and Professor Erwin dug his wand harder into Dumbledore's back. "Nevermind, Harry. You have your rest." He moved carefully away and Professor Erwin took away his wand.

"If you dare ever tell him, Albus," Professor Erwin whispered to Dumbledore, "or let anyone else, I'll kill you, and whoever said it, if not you. Do I make myself perfectly clear?"

Dumbledore walked out the door, leaving it open on purpose, and Professor Erwin heard him whispering to Madam Pomfrey who let out a muffled gasp as Dumbledore advised her not to breathe a word, for her own safety.

Professor Erwin took one last look at the bewildered boy on the bed and disappeared. He reappeared in the front hall, took his broom, and flew out the front door, bound back to Sharadine.

When he arrived, the school was empty, or, rather, as quiet as empty. The students had deserted the hallways, meaning they were probably in their group lounges, being talked to by a teacher or whispering amongst themselves about Professor Erwin.

Professor Erwin walked in the staff room, finding the entire staff in there, looking extremely grave. "Well," he said, raising a sardonic eyebrow. "What brings this warm welcoming?"

The staff turned their stares to Madam Tatooli.

"You - you told them?" Professor Erwin sputtered, dropping his broom.

"No, Thomas, I didn't, but I nearly did," Madam Tatooli said coldly.

"Well, even if you had, it would probably had been no matter, as Dumbledore took it upon liberty of himself to tell his staff. Gave them quite a nasty shock, I will say, especially Severus," Professor Erwin said, smiling a bit.

"So, you were at Hogwarts," Madam Tatooli said, folding her arms. "Did you?"

"No," Professor Erwin snapped. "Of course not, Juane. Not with Dumbledore and Minerva and Severus ramming it down my throat. And personally, Juane, I don't think this is any of your business anymore - not that it ever was."

Madam Tatooli pressed her lips together, but did not say a word. Professor Erwin nodded at her and left the room, snapping his fingers sharply so his broom would follow him.

"Professor Erwin," called a desperate voice.

The professor whirled around in surprise. Anna Winterbourne came running down the corridor toward him. "Ms. Winterbourne?" he asked.

Anna grabbed the sleeve of his robes, as if to make sure he didn't run. "Professor Erwin, I know something is wrong. I don't deny it. Something has been wrong and I feel as if I've caused some of it."

"No! No, no, Anna," Professor Erwin said softly. "It's not your fault. It's - it's mine." He sat down on the floor, suddenly tired, and he buried his face in his hands, suddenly overcome with suppressed grief.

Anna crouched in front of him. "Professor Erwin?"

"What have I done?" he wailed in anguish, not really talking to Anna. "What will he think when he learns?" Professor Erwin yanked at his hair.

"What?" Anna asked, her eyes widening. "Who?"

"Harry!" Professor Erwin yelled mostly to himself. "What will he t - think when he learns that - that his uncle, who he has never known - is a sick, crackpot old fool? That he did not speak his name for years! That he shunned thinking about his brother and sister - in - law, bullied his students, scared his colleagues, terrified any friends he had left all over him?"

Anna stared at her professor in shock. "Harry Potter?"

"My half - brother's boy! I never saw him! I never spoke of him as my blood! I always spoke of him as being impotent! Almost as a monster! Oh, what will he think?" Professor Erwin cried in sheer panic.

"Professor! Professor!" Anna yelled in his face, grabbing his wrists, and shaking him.

Professor Erwin stared at Anna.

Anna breathed harshly as she looked at him. "You are telling me that James Potter is your half - brother?" Her professor nodded silently. "And that you have

not spoken Harry's name for years? You have been like you are now, because . . . because of some sort of grief?" Again, he nodded, realizing that Anna understood his pain, at least, a small part. "Professor," Anna said softly, "then, I must ask, why? Why have you never spoken his name? I understand that you are angry - perhaps at Voldemort, perhaps at your brother, perhaps yourself - but why you never spoke his name, why you terrorized us, your students - and everyone else - why you shunned him - Harry - out of your life, is a mystery to me."

Professor Erwin gulped and shut his eyes for a moment, in thought. "You are the only one who understands at least a little of my pain, Anna, and that amazes me," he began. "Not even the wretched person people call Albus Dumbledore knows any of my grief, of why I act the way I do, or of the pain he has caused me.

"In my younger years, around your age, my dear, my brother - James - and I were at Hogwarts together. I was a year older than him, so I was there first, of course. I knew everyone, but I stuck to my studies a lot, preferring to not speak of my family history. My real mother was dead and when I was old enough, our father told me that she was killed by Voldemort, which caused to me to hate and respect Voldemort maybe more than anyone at the time and at the time, everyone was scared of Voldemort - they didn't hate him or respect him, their fear kept them from any of that!

"In any case, when James arrived at Hogwarts, I had little time for him, which made us grow apart, as I was driven to my studies, and he to other things, making us have little in common. No one really knew we were related - not even Severus Snape, who we both loathed and feuded with for years. And soon, I was overshadowed by my brother, as he saved Severus's life, then I left Hogwarts, and was soon forgotten there, until I rose in our world as being one of the youngest and best wizards around - and the Ministry itself never connected James and I together! Our father and James' mother were dead, so no one was there to say anything and James and I rarely spoke, so who was there to?

"The last time I saw James and Lily was when I heard Harry had been born, through an old acquaintance - Dumbledore, of course," Professor Erwin said, clenching his fists. "I went to their home in Godric's Hollow. I was surprised - no, amazed - they were so kind.

"I have always laid a grudge against James for never setting the record straight about us - although, I should have done it myself - but it was amazing how welcoming they were. Lily was as beautiful as I had remembered her and James happy as ever - the match of a lifetime, they were, those two - and their boy . . . Harry . . . he looked amazingly like James and I, but he did not have James' eyes or my dark bluish green - he had Lily's amazing bright green.

"When . . . when they died, my heart broke. I felt as if any life I had was crashing down around me. My friends didn't matter, my students, my colleagues, or my magical history. Nothing. I was so angry when Professor McGonagall came two days after they died and told me, especially when I was told where Harry was.

"I have seen those Muggles! Bloody, ruthless characters, they are, indeed. And then, everyone talking excitedly about Harry, bore into my heart like a nail into wood. These students had no feelings for Lily and James - and they had produced this boy, their savior! They didn't even care about them! Nor did anyone ever at least show the slightest mercy or benevolence for their deaths! No one ever has.

"Then, a few days after I was told, the letters started. All from Dumbledore, who always knew everything, so of course he knew James had been my brother. There was always the letter on Harry's birthday, or James' or Lily's, and on mine. A fine present for me. I burned them all. They all said Thomas, you must stop this. Tell everyone. Have a good day.

"Have a good day my foot! Dumbledore has always provoked me since I was at Hogwarts. I don't even care now that he is the best - I hate him. I think I always will. And, of course, letters came when Harry came to Hogwarts."

Professor Erwin sighed. "It said: Harry has now arrived at Hogwarts, Thomas. It is time. Time? Time? Time for Dumbledore to think he was right again, yes! Well, he was not! He thought I'd come and I didn't, the fool.

"Then, of course, there was the uproar of Quidditch, then his injuries, then his defeating Voldemort twice, and so much more. And among all that, the rumors of me being connected with Voldemort and hating Harry, which made me nearly die, Anna . . ." he said softly.

Anna gulped. "Sir, I - I didn't know . . ."

Professor Erwin shook his head. "No, of course not . . . nobody did. Of course, then, I got sick, I guess, after reading a letter from Dumbledore, saying

Harry is doing well. He has many friends, his grades are up, but I will bet he would like to know that his father had a brother . . . And then, everything seemed to hit me and the world spun for days."

"Then, you came back and had an argument with Professor Dumbledore and then the other teachers . . ." Anna said slowly and carefully.

Professor Erwin smiled weakly. "I assume you heard it, then?"

"We all felt it, sir. Every argument is usually felt, and your slamming around, yelling. It's normal to everyone, Professor Erwin. I shan't say you don't know that?" said Anna.

"Well, of course, I know," Professor Erwin said. "It's normal, eh? That's another thing that got to me and I suddenly raced to Hogwarts the other day, determined to meet Harry face to face.

"Wasn't McGonagall surprised when I showed up," mused the professor with a small smile. "Severus Snape, too. And I rather surprised them I think when I body bound them and made them float in the air."

Anna stared at him and Professor Erwin chuckled softly. "I did not injure them, if that's what you're thinking, but they wouldn't let me in the castle and I was determined to get through. I went to the Gryffindor tower to find out where Harry was from the fat lady - a picture that would know. She wasn't much help, though.

"Suddenly, while I was talking to a student trying to find him, there was a call for all students to return to their common rooms and I knew that Minerva and Severus had been found, so I hurried to the staff room." Professor Erwin sighed. "I know this is a long story, Anna, so I will just say there was a fight and I headed home, or rather, here."

Anna looked at her professor in astonishment, then chose her words carefully. "Professor Erwin, sir, you can tell me this, but you cannot tell your own flesh and blood?"

The next day was a rather quiet one, to the shock of the students. The teachers tried to act normally and pulled it off on the students; Professor Erwin being reserved and silent, though this was a normal behavior of his. Everything seemingly back to normal. Normal, that is, until lunch.

Professor Erwin was walking to lunch, through the front hall, when the front door opened and a man walked through. The professor stopped dead in his

tracks, causing students behind him to crash into one another. Cornelius Fudge and two others.

"Professor Thomas Patrick Erwin!" Fudge called, spotting the professor, making the students all stare at their professor, including Anna who had no idea what was going on, along with the rest of them. "I have come to put you under arrest for the threat of the murder of Albus Dumbledore." The crowd gasped. "Come quietly and - "

"Like hell you will arrest me!" Professor Erwin shouted, running back the way he came, shouts of alarm echoing after him. The professor ran to his room, snatched up his broom, and disappeared with a loud crack just as Fudge and his officers scrambled into the room.

The professor appeared on the far edge of the Sharadine grounds. He mounted his broom and flew away, not even taking a look behind him. Sharadine was suddenly merely a dream to him, a spectacle of his imagination.

Everything was a dream now, except for Harry Potter, who stuck out in Professor Erwin's mind like a nail stuck in his hand. It hurt and he could not pull it out without leaving some sort of guilt in him, that would injure him more than leaving the nail in its place. As he flew and flew, he began to cry and feared he'd never stop.

Professor Thomas Erwin flew to a forest far from anyone's prying eyes and lived there as a hermit for five years until he died of what some people would call heartbreak and misery. It was years and years before someone hunting would find his body and an unnamed gravestone would stay beside the shack he lived in for a while before the forest burned.

When Harry turned twenty-five, a woman his age with better knowledge would appear at his doorstep, and hand him a letter, then walk away, disappearing at the end of the walk.

What Harry would find in the letter would make him bury his face in his hands and cry, blurring the ink of the letter, but he would remember the words for the rest of his life, knowing he would never forgive his uncle, but still have a love for him, as he was his flesh and blood.

Author's note: I know this story was a little weird and the characters a little off, but I am a person who likes dramatic sequences in stories. I wrote most of this

story in about five days, totaling a little over thirty-four pages in all. It was originally going to be something totally different and unrelated to Harry Potter, but it obviously didn't turn out that way.

I had always wondered about another relative that Harry might have, just being either hidden or unbeknownst to most. Also, I slipped in slight notes of propriety (suitability) - in my opinion - of how Dumbledore seems to deal with things, like he thinks he is right most of the time or everyone will listen to him. That's something that started bugging me a while ago.

For a note, I wrote this before I read Prisoner of Azkaban (as of September fourth, I still have not) and this is dated after that book, so if I messed up a little and you think Professor Lupin would have been more into the conversation, well, I didn't know his personality or anything besides his name, Remus, I think (which, by the way, I think is derived from the brothers Romulus and Remus).

Oh, and as of September ninth (AKA 9/9/99) I read Harry Potter and the Prisoner of Azkaban. Hmm. I actually wish Harry had gone to Azkaban. ::sigh:: I didn't like the book too well, to admit to you all who read this.

Also, the first paragraph of this story was referring to a picture of this very interesting castle. You can visit my site where you can actually see the picture. (A link to my page is in my bio area. Visit it, please! ::whines a bit, then shuts up::)

In any case, I hoped you enjoyed the story; it's my first fan fiction ever.

~Gypsy³²⁷

³²⁷ Quaisquer erros que tenham escapado à correção automática neste texto foram mantidos deliberadamente uma vez que foi feita uma na transcrição digital a partir do *app* da *fanfiction.net*.